



384

100m

14986

Fallum as  
pag. 55-56

LOS ALUMNOS  
DO  
vul Industrial e Comercial  
de Lisboa  
EM MEMORIA DE  
C. Góes



OBRAS

DE

*Antonio Feliciano de Castilho.*

Constando-me ter havido quem reimprimirisse  
em França, sem licença minha, dois volumes de  
minhas Obras, e sendo isto sobre iniquidade,  
manifesto roubo, declaro que perseguirei em ju-  
izo com acção de furto, em quanto a nossa Lei  
sobre imprensa não estabelecer outra propria  
para tales casos, a quem quer que, sem minha  
expressa licença, reimprimir esta ou outra qual-  
quer Obra minha, ou impressas sóra as intro-  
duzir e vender neste reino.

A. F. de Castilho.

*L*A PRIMAVERA  
POR  
*Antonio Feliciano de Castilho,*

Bacharel Formado em Direito, Socio da Academia das Sciencias de Lisbona, da Sociedade Juridica e da dos Amigos das Letras da mesma Cidade, da Sociedade Literaria Portuguesa, do Instituto Historico de Paris, da Academia Real das Sciencias e Belas Letras de Roão.



SEGUNDA EDIÇÃO,

Mais corrigida, emendada, e esplosissimamente acrescentada.

Lisboa.

~~NA TYPOGRAFIA DE A. L. S. DE REINHOS.~~  
Rua do Socorro de Cima N.<sup>o</sup> 39. 1.<sup>o</sup> andar.

1837.

BIBLIOTHECA RICHAUDO

N.<sup>o</sup> 49

Act. tamis a  
Stet quicunque volet potens  
*Aulae* culmine lubrico :  
Me dulcis natura quales ;  
Obscurus positus loco  
Leni perfruar otio ;  
Nullis nota Quiridibus  
Ætas per tacitum stupit.  
Sic cum transierint mei  
Nullo cum strepitu dies,  
Plebeius moriar senex.  
Illi mors gravis inebat,  
Qui notus nimis omnibus,  
Ignotus morilur sibi. -

Sen. Troy. Act. II.

OBITUARIA MEMORIALIS

## ANTE-PROLOGO.

**B**em será para alguns motivo de maravilha, e de riso para muitos, a declaração por onde me agrada comêçare este Ante-Prologo; e he, que o estou principiando, e querendo Deos o levarei ao cabo, antes de conhecer a Obra para que vai feito. Quatorze annos, e não poucos d'elles bem estirados, são hoje discorridos depois da impresa, e por tanto segundo meu costume aposentada e esquecida, a multa Primacera. N'estes quatorze annos, começados a contar aos vinte e dois da minha vida, não só se encontrou, e desvaneceu aquella melhor, mais florida e derrimada parte d'ella, que tanto distinguiu, e afasta o periodo seguinte do anterior, senão que ali se desatou tão desfeito temporal de successos estranhos, de terrores e calamidades publicas; tantas certezas saíram, realizando-se tantos impossíveis; por tal arte se transformou e renovou ora em bem ora em mal a face do nosso Portugal; tão frágeis e tenues reliquias de um passado, que ainda nós os biogos alcançámos, subsistem já agora quer nas pessoas, quer nas coisas e costumes, e enfim por todo isto nos perdessemos, e envelheçemos em tanta inanéza, que por mim digo, n'estes quatorze annos me parece ter a Portu-  
na desbaratado cabedal de séculos, e o Tempo

uma larga idade do mundo. Tantos e tais  
anos que da minha Obra me separão, não  
casioná muito a crer na tembao tornado ao  
cabo tão alheia, como se d'ella só mui por  
longe me houvera susurrado uma leve noticia.  
Esta idea confusa, mas suave e suavissima  
como apagado retrato de antigos amores, como  
lha de estio contemplada em fundo de qrmo,  
ou como vista de remotas velas ao coração do  
que além-nhar desinfa desterrado entre aspe-  
rezas, esta idea toda mansa, toda rosada, toda  
primavera, mais tempo perde-la do que todas as  
minhas outras illusões se por ventura já hoje  
algumha tenho. Talvez receie, e se receio tal-  
vez me não falte gafão, que ao reler esjes Poe-  
mettos, nem achie n'elles as cores que os lon-  
ges me figuravão, nem os gostos com que  
os lia não compondo, mas para assim dizer  
colhendo e entanhaheizando pelas varzeas e val-  
leis do Mondego: tanta foi a metamorphose  
que de mim fizerão os livros, os tóuxas, e a  
idade! Como que tenho uma dolente certeza  
de que me acontecerá com isto o que ja me  
sucedeu visitando, depois de espaçorissima ap-  
sencia, as casas opde a minha primeira infan-  
cia lôga brincado, errada e perdida: tudo  
achei mesquinho, solitario e quasi mudo, tudo  
me dizia muita saudade e nenhun prazer; cada  
pedra tinha sua historia, mas todos me clá-  
mavão outros tantos desenganos. Grande dif-  
ferença esta entre as nossas proprias antigalhas  
e as do mundo! as dq mundo polo seu mesmo  
misterio nos deleitão, rão a primeirâ pagina

de um roçar-se para a imaginação; as nozes pela sua certeza nos contrôlo, e tão a pagina ultima de uma historiá que usavaz nos corría surmoçissimo.

Apraz-me por tanto boiar ainda por algumas horas ao de cima d'estas fabulas, e antes de se me apagarem, se já he que isso tem de ser, alegrar com o seu reflexo estas paginas, que mal poderão ser muitas; sempre he cedo para largar pelas janellas sóra os brinquedos de nossa puericia; e mal haja quem o faz sem que todo o coração se lhe aperce desse no peito.

Por isto que digo, entenderão meus leitores o porque, exausta logo no primeiro anno a primeira impressão da *Primavera*, tantos se tem devolvidos sem que jamais me deliberasse a reimprimi-la. Pelos fins de todos os invernos e começos da melhor estação, me era ella de todos meus livrarios requerida; por mais de uma vez me senti abalado, mas a lembrança do meu desencontrole me era sempre esquiva, e repugnava-me, como uma certa simonia, o reciscar-aia e por alguns cruzados malbaratar uma delicia do sanctuário de meu animo. N'esta parte não me entenderão todos, mas os meus intimos confirmarião com juramento o que digo. Agora parem que até a minha pobre bibliotheca já se ahí vai rareando e desfazendo veudida, e me importa pôr entre mim e a terra do meu nascimento muita outra

terra de pernício, e Deus sabe para quanto tempo, abedegão aos desejos de muitos dos que ainda lem, no conselho dos amigos, e à lei da necessidade. Reverei para a impressão, e perderei para mim este livro de saudades, livro que só fechado eu poderia ler como me convinha. E por quanto, depois de sua leitura talvez me desamparasse a vontade de aventurar algumas reflexões sobre este gênero de poemas, fa-las-hei antes, e já aqui; deixando para o Prologo as que ácerca da Obra me forem por ella mesma sugeridas.

A Poesia campesina, ou segundo vulgarmente lhe dão nome, pastoril, com ser de todas a mais antiga, nunca em nenhumna parte se perdeu, dado em muitas decaisse não raro do seu credito e lustre; e segundo todas as mostras, deixará ainda ate ao fin das idades literarias. Sempre moça como a terra sua mãe, manha como os arroios sens irinhas, fornida como as flores que lhe guarnecem o chapeo de palha, livre e leve como os zefiros pela assonada dos montes, alegria, nainorada e innocente como as aves da madrugada do anno, he de ver qual se vai sozinha e vivissima por entre tantas couras mais fortes que morrem; com o seu cajado de pastora, segura entre tantos inimigos; gritando tudo o arbe, e por todo elle bem vinda; vingando e vencendo todos os seculos; dando a alguns d'elles de mais amavel indole a sua propria forma; e relevando-lhe, ainda os mais ferozes e guer-

reiros, que lhes ella misture cain a sua fraude  
do serão os biunos da guerra, lhes entreteça  
inamicosa violetas com os louros, e os campos  
que elles a ferto e fogó derastião os reparos  
ella de imoginadas verdura, flores e felicidade.

Hum curioso reparo poderão ter feito os que  
os fazeim no ler poetas, e he, que apenas haverá  
algum dos chamados Epios, para quem o  
campo e sua vivenda não fosse deleitoso as-  
sumpto. Compraz-se Ilomero de travar com  
as suganhias dos heróes toques e pinturas do  
viver natural e primitivo; Virgilio, que ja pri-  
meiro que se abalangasse as armas e guerras  
tinha contado os pastores, e doutinado os la-  
vradoures, particularmente se receria quando no  
meio das batalhas podes o uns e outros man-  
dar algumas saudades; nos dois Orlandoes e  
em todos os livros de cavallaria, vai igual mis-  
tura; o mesmo na Jerusalém, cujo autor ba-  
via escrito o Amintas: e d'entre os nossos;  
para portados eitor um, mas nun que portodos  
valha, Camões, nō só afaimou os Portugue-  
zes sujeitadores de elementos e homens, mas  
todo se deleita em conversar os pegucios e  
campos da nossa graciosa Lusitania, terra cujos  
filhos, se me não enganno, são por indole dia-  
tados destes dois extremos, de brandura e de  
valor, de amor ao obscuro suscitar e ao glo-  
rioso correr de aventuras e perigos: por onde  
entendo que para muito mais do que são os  
sizera Deos, assim como fizera para muito  
mais do que he o grandioso toriduzinho que  
habilão.

Disse engenho subtil, e bons juízos o crérão,  
que o desejo, a cia e esperança de bem que  
todos temos innatamente, era claro argumento  
de uma vida futura, ja que nestas se nos não  
deparava contentamento: assim também dissera  
eu, que este natural e universal gosto à  
poesia amena he um indicio de que, se jamais  
o homem foi homem e díoso, ja nos cumpriu  
o foi; que as plantas d'onde nos brolão su-  
tenho e recerção, exhalão secretamente  
umor para os seus vizinhos, e que pelos esudos  
dos velhos das idades patriarchaes, em quanto  
os bosques não em vão para em sua vez se le-  
vantarem as muralhas, as beaçãos do ceo or-  
vallavão muito mais bondade. Alguma conta  
farão para aqui palavras da meu Flodio, que  
porque d'elles são as vestes de muito boa men-  
te = “ Oh se nós podessemos ler em seu ori-  
“ ginal texto os bons autores d'esse Alpenas-  
“ nha, enlevar-nos-lia a tanta singeleza, a  
“ tanta docura por onde de todas as outras  
“ se estendão suas obras ! Era conhecer a  
“ natureza, e especialmente a arte poe-  
“ tica, leção-nos elles uma infinita san-  
“ gem: não-na mais doveras, retralhão-na  
“ com tintas mais beis. Todos nossos poe-  
“ mas pastores nada tem que ver com as me-  
“ ras traduções de Gesner. Ninguem jamais  
“ fechou a Morte de Abel, os Idyllios ou Da-  
“ phnis, senz ja se sentir mais soltrido, mais  
“ letmo, mais mavioso, e porque tudo diga,  
“ mais virtuoso que antes da ligão. Não res-  
“ pira sendo mortal pura e facil, e virtude

" d'aquelle que logo rem trazendo bemaven-  
 " tutanças. Fosse eu parochio de Aldea ,  
 " que sempre á estação da missa havia de ler  
 " e solei Gessner aos meus freguezes : e por  
 " certissimo ligo que todos meus aldeões se  
 " fariam probos , todas minhas parochianas  
 " casas , e ninguem me haria de ao sermão  
 " adormecer . , —

Isto dizia de Gessner Florian , digno de o louvar pelo mal bem que o sabia comprehender e seguir. Isto não escrevia eu nem o dizia , mas amplamente o sentia n'esse bom tempo que ja la vai. Gessner não era para mim um nome , senão um individuo presente , um suauissimo conterrâneo ; nem ja suas obras me eram livros , mas realidade , vida e mundo . — Sei que se não leva a hein o muito falar um individuo de si proprio , mormente em publico , e mormente ainda quando esse individuo he tão mesquinho sujeito como eu : mas de que outra couza posso eu escrever ? dos outros ? não os conheço ; erudito , não sou ; descubrimentos não os fiz , nem ja agora os falei : folgo de espraiar conversa com os meus patrícios , na falta de melhor assunto , fallo-lhes de mim e de meus gostos . — O mais selecto de todos elles era pois Gessner , no qual e nauscolha de Poesias Allemãs por Huber , andou por alguns annos cifrada toda minha leitura , porque de quantos autores patrios meus conhecidos haviaão escrito e poetado de couzas rasticas , nenhum havia que ou pur sobrejida de

engenho e argúcia, ou por mal calida estúrdade, ou pelo trivial do pensamento e disção, ou pelo desageitado do metro, ou pelo urbano artifício do que lhes parecia singeleza, ou enfim por um não sei que de mais ou de menos, me não lançasse lodo e areia no jardim que bem ao meio da alma me havia sido por Gessner plantado. (s) Muito aproveitei em tão boa escola: como poeta não, que bem o amava meus leitores; como homem sim, que disso tive mini cabal e experimentada certeza. Minhas nativas propensões belicosas se arrancaram; minha inferior esperteza, que todos de si a tem, se amolheceu; sentia-me palpitar no peito um coração da idade de ouro; esvoçava-me na cabeça uma alma intelecto de Arcade; compunha todo o meu económico futuro de uma roupana, um pormarinho, e penibus mui brancas e cordeitos mui nadios; em summa, se Floriati fosse meu parocho, propor-me-

(s) Alguma vez publicarei o que acerca d'istu disputaramos por Cartas, de Lisboa para Coimbra, o Padre José Agostinho de Macedo e eu. Negava aquelle escritor, de inconcessivel talento, que a Poesia Alentejana e Suiça mais fosse do que a nova rica das graças naturaes, e amena frescura, antes affirmava que a nossa a excedia grandemente. On não escrevia elle devers, ou se convenceu do erro, como setá de ter das Cartas, quando elhas apparcerem. O motivo porque até hoje as tenho dos publicos olhos resguardadas, outros não fui senão fecdu de que se mie attribuisse a vaga gloria a publicação de uma disputa em que tamacho anjello me cedeo, principalmente sendo notorio que o favor que em tens escrito den as minhas primeiras tentativas poeticas a infantis, jazendo a denegou com o andar do tempo, antes o referçou com mui graciosos louvures.

via nos suas humilhas como um santo da sua bemaventurança. Assim, e por esse tempo, foi a minha Primavera improvisada, e como elle as *Flores* e as *Quatro Partes do Dia*, Poemas que brevemente sairão estampados, e integrão com o presente volume o fragil innumerantinho dos annos, em que fui tal, qual devia permanecer todo a vida.

Passe ainda adeante a sinceridade: com vergonha não só minha, mas do tempo em que vivo, confesso que d'essa ingenua honestade, pela qual eu me ignoro a mim me comprazia, o de mais (como espirito que era subtilissimo) se evaporou; parte se azedou no vaso com as mísseis de odio que de fôtu lhe largavão; o resto se recorco e estragou ao logo das civis dissensões: procuro-me e não me acho, ou se me acho não me amo. Ainda a minha antiga choupana, os cordeiros nedios e as pombas alvissimas se me fizeram lembrados por um noite de estio, mas ríem menos, e não me accião senão fracamente. Tanto vi e vejo de alhás maldades, tanto tem procurado os entes mais abjetos e vis a inorguear-me, que nem quasi na virtude acredo, nem na possibilidade de ser feliz: e este estado, se não he de todos o mais antipoetico, se na escola romantica pode alé lograr os fatos do *bella ideal* e ultima sublime, pelo menos he o mais avesso á filosofia e mansidão Geissnerica. Oh quando poderão os dois monstros, em cujas garras inexperadamente caí, quando poderá a Política o

Romantismo dar-me um longe, uma sombra dos interiores comandados que me lá ficarão com a poesia natural e singela: N igual pergunta dolorosa poderia fazer o mundo, a ter um coração e uma voz. Já quanto à Política me ego, que esse voto fiz eu; mas quando verá que o Romantismo exclusivo é tiranno qual se presenta, se gabe de persuadir entendimentos para o maior, de reclinar o amor como filho nos braços da virtude, e de transformar o templo da virtude em coxa do contentamento? Quando verá que outro homem, da laia e costumes dos nossos velhos, possa dizer na sinceridade da sua alma: — "Se eu fosse parocho, leria Byron ou Schiller à estação da missa, para tornar castas e probas as minhas ovelhas,,?" Mas todas estas reflexões de nada valem: a torrente vai fundo e rápido, - ninguém, e muito menos eu lhe poria dique. E até (que tão pouco dou pela minha filosofia) talvez que tudo o que por ahi vai, que certamente parece bem triste e bem máo, seja bem necessário ao concerto e melhoria do mundo. Não digo eu o que as coisas são, nem o que se me elles figuram: não os sentenciei seu appellagão; na minha primeira instância as julgo, e o que moralmente me parecem isso assunto com afoita liberdade. Perde on ganho a humana especie em cada vez mais se apoiar por outra, por palavra, e por pensamento, do rural e simples theor de seu primitivo ser? por minha experiência afirmaria que perde, mas os sabios que a decisão, e a mim seja-me licito pôr duvidas.

Não me intrumetterei com o que vai por outros reinos; esse uso de qualquer constituição literaria de nunca chegar ás couzas patrias sem primeiro haver tocado nas de França e Inglaterra, não me quadra a mim, quo no menos tenho a sufficiente consciencia e perjo para não citar o que mal conheço; em Portugal me limito, sempre nos mais felizes ou melhores que nossos avós? Certo que não; e tanto, que se esses bons e honrados velhos podessem ter adivinhado quais seriamos nós, nos herdeiros de tantos nomes, escatnecedores de seus exemplos, e deshonradores de seus costumes e amigáveis costumbres; nós que ao seu velho fallar e escrever de deixar, substituimos o nosso novo fallar e escrever de direitos, e o modo de ter palavra, a moda de ter palavras, ter-se-hiõ horrorizado como de abominagão, do penitencimento de gerar. Acordai do sepulchro um d'esses ancianos, que depois de pagar inteira a divida a pai e mãe, virou todo para a mulher, matou-se pelos filhos, guardou a palavra coiso religião, a religião como necessidade, e endo paçochas de flores, bem com Deus, contentissimo consigo, se usanava de sentar no melhor lugar de sua mesa o patrocho, e todos os seus vizinhos de envolta com seus filhos. Mostrai-lhe todos os nossos progressos, que em sós algumas vantagens malescias e corporaes se resumem: alardeat-lhe o que esperavos, mas não lhe escondeas o que destruimmos: lede-lhe a primeira pagina do primeiro Jornal que tarpardes d'esse mesmo dia, raza de impudencia,

empapada com sel, estillando lagrimas, revendo sangue, suando calumnias e desavergonhamentos, respirando e soprando odios de nação contra nação, de cidade contra cidade, de família contra família, de irmão contra irmão, de povos contra reis, de reis contra povos, e dos homens contra a Providencia. Suponde que Deus lhe oferece renovação da vida, e oferece-lhe vós todas as blazonadíssimas excelências do nosso viser e do nosso esperar; repelli-vos-ha com aquelle braço que antigamente defendia e não apunhalava a Patria; tapa-sá com o resto da mortalha o rosto que só depois de cadaver cobra pela primeira vez; e cerrando rijo os olhos contra a luz, e deixando-se recair pesadamente, de vós não pedirá mais do que um favor, o de lhe restituirdes a sua lagea. (•)

Emquanto assim vai o presente arresto do preterito pelo que toca á moral e á felicidade, fallo da verdadeira felicidade, d'aquelle em que a moral entra como elemento, e não da física e corporal, da de fazenda e honras, como hoje se entende: vejamos a que ponto subirão com o movimento e progresso as nossas letras. Entrai as typografias, e dizel-me por que assim anotiuão com o seu nocturno

(•) Conceder-lha-heis, se juntão tiverdes determinado empregá-la em outro uso, ou fundar neste sítio alguma casa de Comunhão que nada faga, ou algum quartel de guarda que legale subte os destinos publicos.

e diurno lavor a vizinhança ? perguntai-lhes porque assim gemem e se afadigno ? em quaes livros nós estão preparando mananças de doutrina , ou de costumes , ou de suave , honesto e ja tão preciso desenfadamento ? Disserais que nossos laboriosos maiores as deixarão esfalfadas com os copiosos frutos de suas incubrações : o mais com que se atresem , são ridiculos farrapos de bestões torpesas . Seguem-se os mezes nos mezes e os annos nos annos , sem outras literarias novidades . Tecta he que ja deo opinias searas e vinhas abundosas ; agota descultivada e baldia , & à lei da natureza bruta , desata toda sua força e substancia em cardos , em ortigas , em venenos e serpentes . Quantos livros , e quantos bons livros , que nós outros nem conhecemos nem ja valem os a scoper , rajão dos nossos prelos , nos tempos em que a probidade , e a mansidão , e a concordia tinham seu preço . Um só reinado , e ainda bem chegado a nós , e de rei que por bom se não cits , com tanta copia de literarios monumentos nos deixou avergadas as bibliothecas , que dez centos de annos como o presente não produzirão a decima parte . São os nossos typógrafos de hoje , se com aquelles os compararmos , como os nossos autileiros de punhaes , comparados com os bons armeiros que forjavão espadas como as de nossos heroes de boa data , que só com sua pezada prevença nos maravilhão , a nós , que por nossa verbosa sabedoria , acabaremos de desbaratar tantas e tão longas terras , cujo nos ellas ganharão esquerindu-se .

Tal vai pois o estado literario como o social; e nem menos podia ser, porque estes duas coisas, como alma e corpo, se pertencem inseparaveis: Não de Deus que ao corpo politico quizeste restituir a saude, por ahi lhe fortaleceria não menos o espirito; Sopro do Deus quo ao espirito restituisse a luz, por ahi lhe ordenaria e vigoraria todos os movimentos. Por tanto, conhecendo e confessando que nem facil he nem possivel torcer a carreira desenhada que o nosso mundo leva não sei para onde, todavia para mim tenho, se na cabeca está isto, se n'acoração, não o direi, mas lenhó para mim, que nini bem fará, e muito amasso terá dos rectos juizos quem no fizer volver olhos de suadade para a vida que ja se viveu, e que ainda um ou outro, aqui ou acolá poderá inteira, ou quando mais não fér, em partes, em amostras reviver. E poisserra isto uma illusão minha! Se o geral da gente vai por entre dores para uma causa que se chama perfeição, não pode um individuo em particular deixar-se ficar alenz, despir essas suadas armas de inichia conquistadora, e recolher-se, honrado deserter, lá onde viva segn o com Deus, consigo, com poucos vizinhos, lagrando-se da natureza, e desfrutando em variados prazeres todas as estações, presentes que Deus envion para todos os homens, mas de que as das cidades só pela folhinha tem noticia! Por quanto feliz se não devera duc o escritor desambicioso, se aos puros sons de sua lira assinada nos bosques, lozasse, não como Anísio sun-

dar e povoar cidades, não como Orfeu arrancar as feras dos arredores e domesticá-las; mas arrancar d'entre feras humanas homens ainda não corrutos, e assestar-lhos, para sempre feridos do rebolço das grandes povos, no divino seminário da uma tempestade solitária! De muito leves causas e tenuíssimas momentos pode às vezes o destino de toda uma vida: assim como de um encontro fortuito resulta uma afseição amorosa, que logo produz um consócio é um sisthema completo de existir; assim de uma palavra em uma conversa casual, da substancia de uma pagina lida em certa hora, do espírito de um painel, podem nascer, e mil vezes terão nascido, determinações, vocação e fados de individuos. E para vir a um exemplo recente e meu, aquelle bom livro das *Prisões* de Silvio Pellico (todo imbalido, telece-se-me a expressão, de uma christã e filosofica filosofia, que a maior parte das assim chamadas nem uma nem outra coisa tem) aquelle bom livro, já principiou e talvez acaba rá de me curar o anúncio: não lhe restituirá a muita harmonia com que o de Gessner intemperára, porque a mocidade das illusões passa e não volta; mas deixar-mo-ha provavelmente aíssaz alto e forte, que ainda no meio das maiores tempestades repouse e abençoe tudo. E não he isto maravilha, que a alguns outros que o lerão ja eu ouvi iguaes, senão maiores encarecimentos de sua medicinal virtude. (\*)

(\*) O Livro *Le mie Prigioni*, quanto à utilidade politica, me parece igualma à *Tratado de Kempis*. Em Kess-

— Este desvio, por onde me agora deixava ir, levar-me-hia longe, que assim he accomodado a meus gostos; mas porque he desvio o largo, e retomo o caminho que hia seguindo. A poesia amavel, a que nas manos e seio nos vinha offerecendo riambeles, e fratos no regago, e amores nos olhos, e nos fallas consolações, afastou-me d'entre nbs, onde ainda a alguns poderia aproveitnt, e assim como outras muitas boas artes e prendas, foi reclinar-se à espera na beira da torrente dos dias, d'on de não volverá, tem que primeiro se restauriem muitas optimas couzas e todas suas, que o mundo velho tinha produzido. Mas d'onde virão estas couzas? Do mesmo mundo velho? mal o creio, que o' novo quebrou a ponte que os juntava, e rio de usania vendo abismar-sa fábrica que assim parecia eterna. Renascerão por tanto da propria natureza da terra, da indole da alma humana que ja uma vez as produziu, ou do topo do eco: renascerão tarde; renascerão quando nós ja não formos; renascerão talvez diversas, mas renascerão. E quaeas não estas couzas do mundo passado, cuja perdiu tanto d'as Musas, e a Virtude? são as farincuras e magnificencias da religião, o respeito nos fidados e a seus sepulchros, ás lições da experiençia, ás obras dos antigos homens, a veneração ás casas, o quasi culto ás mu-

pis apparece a descrição da caridade e piedade, em Silvio a applicação d'ellas sucessoras da vida. Kempis recorda, Silvio ensina a perdoar, a amar, e a ser feliz, em dezelto da fortuna: dá o exemplo d'iso, he elle proprio o exemplo:

lheres, a benevolencia e sociabilidade, o afeto aos usos e modas patrias, o amor do estudo, que não dissipámos com as leituras esféricas, e o amor do terrão natal, nobre secundissimo sentimento, mas impossivel onde se vive sem muita brandura e sem firme certeza de permanecer. Tudo isto se perdeu para nós, e não sei que bem haja em seu lugar posto a Filosofia. A que verdadeiramente o he, ainda que esse nome se não dê, a que realmente faz homens livres e felizes, não he Furia que destina tão venerandos objetos; ama-os, defende-os, reforma-os quando o tempo os viciou, concerta-os que se amparem mutuamente, pede-lhes frutos, e com seus frutos se fortalece.

Quando de espaço me dou a escavar estas verdades, nada me assombra a nossa crassa e desdenhosa ignorancia, mai ou filha, e certamente socia da nossa immortalidade. Esta mal-agorada ignorancia e esta immoralidade crescerão; ja nossos filhos apenas saberão ler, e se o turbilhão que a roda Ieva não houver quem o suspenda, brutos e ferozes sairão os netos. Applicai todos os vossos sentidos ao coração da nossa Cidade: se a vida he movimento, ali trabalha vida; se porem a vida ha-de ter um perfume, uma harmonia, ali não ha senão morte, e aquelle movimento he de cadaver que fermenta para se dissolver. Poesia, verdadeira poesia ja n'este Reino, onde em todos os tempos pullulava espontanea, posto que raro amadurecesse, ja por consequencia acabou: quanto desde hoje se poetas nos enamo-

eados doçuras da vida aldeã, mais não serão que recordações sem germen de futuro. Dentre a memória e o espírito, não da experiência tal convicção do poeta, nascerão esses versos, como lagrimas de balsamo, que não de dentro da árvore, mas d'entre a casca e a fibra veem raras gotejando, para cairem e se perderem no terreno bravo da solidão. Oh Liberdade, Liberdade! quão mal te compreendem os que te separão da bello! quão mal te servem os que te malquistão com os homens de bem! como involuntariamente te levão à morte os que só te pedem como summa felicidade, o direito de nada respeitar, estradas de ferro, navios de vapor, um humo, e punhaes ou careeres contra quem quer que não beber ás suas mesas! Pobre Liberdade, não te estejanda o seu dia: não és tu ídolo de cestagens, mas Divindade benfica de homens prudentes.

Eis-me outra vez com a Política, e o meu voto quebrado. Ja vejo que a minha cura não está tão adeantada como o su supunha: não ha remedio, amanhã relembras Silvio Pélico, e por hoje voltemo-nas com toda a diligencia a rematar, como quer que seja, este escrito.

Sáe pois o presente livro por todos os modos extemporaneo, ja porque a estação nem ho d'elles nem para elles, ja porque lhe falecerão dias para amadurecer e suscitar, e já porque dos que lhe tomarem o sabor, uns o taxarão de temposso, outras de serodio, sendo

que uma e outra couza he elle, e demais a  
mais péco, segundo a planta de que se ereom.  
Uma só lembranga me consola, e he, que as-  
sim mesmo ja doveo ser peor, quando da pri-  
meira vez appareceo, e mais lhe não faltárao  
gostadores; tanto he assim que nunca faltárao  
simpathias ao que de sua origem he bom, ain-  
da quando desbotado e estragado pela impe-  
nacia de quem o traio. Melhor he hoje do  
que então eta; não porque o eu tornasse á for-  
ja e á bigorna, ou arrecarrease e lustrase com  
esmerada lima, senão porque havendo hoje  
menos dodos à lição dos livros, e em especial  
d'este genero, tambem ja não ha criticos, se-  
não he para as acções da vida publica e do-  
mestica; por onde as obras escritas podem pas-  
sar a seu salvo, sem que suas pobrezas e ver-  
gonhas sejão vistas e apupadas na praça. Des-  
consolada consolacão he esta de se poder desa-  
filar cantando, por se cantar entre surdos:  
mas esse mal, se o he, só a mim me toca, e  
para o descontar me sobra a lembranga, de  
que alguns caladamente me agradecerão o di-  
verti-los do publico espetaculo. Para estes  
em boa hora saia e sai o livrinho fellador de  
campos e amores: suave apparega como a  
violeta borinha encontrada no passeio de inver-  
no: suave e não estranhedo como o raio de  
sol por cima de campo de batalha apoz uma  
noite de geada; nada aproveita elle agradave-  
res, mas alegra e consola como esperança aos  
que mal feridos jazem, e a quem o regelado len-  
tor das trevas coalhaya o sangue, desesperaya

as dores, trazia ossos, e os descorçoava  
da providencia.

Ramalhete he de flores silvestres que a meus  
amigos deixo na hora do apartamento, que ao  
menos em quanto durar lhes recordará que os  
amei. Terra de Portugal e outr'ora de Portuguezes,  
terra namorada da mais formoso céo,  
terra sombreada de laranjeiras e murros, neo-  
bertada de verde e bordada alcátila, amorosa-  
mente abraçada do Oceano, talhada e rega-  
da de tão espelhados rios, terra de tanto pa-  
ssio e de tanto amor, en te deixo! E para que  
ja nunca onde quer que a fortuna me detenha,  
me cuides de ti esquecido, terra do meu Por-  
tugal lembre-te que o meu ultimo pensamento  
ao sair das tuas praias foi o da tua Primavera  
e o da minha Mocidade.

Lisboa: 1 de Dezembro 1836.

## PROLOGO.

**N**ão erão vãos os meus receios; acabo de visitar a Primavera, não ainda para lhe encantar as mindezas, mas para a conhecer por alto, e podê-las sentenciar no todo. Reconheci-a, mas desmudada, mui outra da que a tinha deixado na graça, gosto e amores; trocando-me os annos, trocando-me. Desama-la ainda não, mas enia-la também já não! Se lhe não quero mal, he só porque lhe quis muito bem, e foi minha; mas como já me risquei de seu nanirozo, não hei de chamar-lhe formosa, que o não he, nem dissimular que sejão defeitos, muitos que em bom tempo ja talvez lhe tive por perfeições e primores. Não ha remedio, prometti-me seu juiz, passaria por onde houvesse de passar, se de inimigo fôra. Se ella perder do seu preço, e eu do meu, consolemo-nos ambos d'esse pouco danno; ella por não receber de mim injustiça, eu com ter obedecido á consciencia, que também em letras a ha. Antes portem que entremos a contas e lhe formemos o summario, releva anticipar uma dívida não leve, que se me pode pôr, e desfazer um seprto, que deixado a si pareceria de fôrça.

He o reparo e a dúvida; que pois he o Livro inamavel por defeitos a seu proprio autor, não havia porque de novo o semear em público, antes importava pôr todos os meios para que o huella mais visse, nem d'elle se fizesse menção; que o contrario he faltar a toda a reverencia, que aos leitores se deve, dando-os por broncos para conhecer a mão; ou a caridade natural conigo proprio, expondo-se sem força de obrigação a menoscabos, se não injurias.

Não quero responder que em dar o que ha quando ou enquanto não ha melhor, ja o que o faz se ha de haver por desempenhado; nem que, para reo que sem traços e sólo confessou os delitos, sempre por bom direito usou de misericordia; melhores me pareceu do que estes, os inçus fundamentos: e ei-los aqui.

*Primeiro:* que andando a *Primavera* ja impressa e corrente por muitas mãos, e não podendo ser recolhê-la eu de novo, e degluzi-la da memoria de muitos que a bem agazallham, melhor arbitrio ha, pois que tem de se conservar no mundo, renascer n'elle expurgada de muitos vicios da primeira impressão, e se a paciencia me acudir com o preciso valer, retocada no que pertence ao literario.

*Segundo:* que havendo talvez ciada, e podendo vir a haver, moços que se dem a poesar, acontecerá que entre os mais livros por-

luggeres que ás mãos lhos chequem, vão de-  
envolta os meus (assim me promette sua boa  
sortuna, que os livros a tem como os bens,  
e ás vezes os mais ruins muito melhor do que os  
bons): n'eat de principiantes não sabem leso-  
llher, os amores, amizades e blanduras da  
Primavera caem muito a gente moça, ir-se-  
hião traz o gosto, e leharia inuitos desejos;  
do que teria nischa a culpa, se eu não procu-  
raste agora arrancar boa parte d'elle, e con-  
tra os demais os não precavesso com honestas  
advertencias.

Tercero, finalmente: que eu pretendendo an-  
tes ser bem conhecido pelo que fui, sou, e  
hei de ser, do que só pelo que sou; porque  
nascendo-nos o presente do passado, ainda  
que diverso, e produzindo-nos ainda que tam-  
bem diverso, o futuro, o sermos só conheci-  
dos pelo que somos não he nemos conhecidos.  
Ile pensamento que merece entendido. Ale-  
xandre Unras o explicará. Sera pedir venia  
traduzo o parso, com quanto seja longo, cer-  
to de que o não parecerá.

— “A maior desgraça da critica, ainda  
quando se não sae com ignorâncias e viliaca-  
rias (diz elle no prologo da *Catharina Stoicard*)  
consiste em sentenciar uma Obra nova des-  
membrada do seixe literario enja lie parte:  
isti está porque nunca se pôde avaliar um li-  
vro com excepção antes da morte do autor; e  
mais ainda he preciso que Deus lhe haja con-

cedido desde o primeiro até o ultimo, os dias, que para acabar seu edificio se lhe fazião misericórdia; por quanto, se antes de tempo morro, o monumento que tragúra tem de ficar incompleto para sempre como a Sé de Colonia, e os homens mal justos para com elle ainda para além da sepultura, lançar-lhe-hão à conta de humana fraqueza o ter-lhe ficado certo vâo por impor, quando a morte de invejosa e apressada lhe veio matar os inimigos, e ja talvez para se arrematar mais não faltava que uma só pedra: ora por aquelle vâo, he que a critica se mette e entra, quer o autor esteja vivo, quer desfunta. ,,

" De tres idades se compõem a vida de quem nasceo fadado a dar de si produções, e em tres periodos se desparte: como couza alta o nobre que he, tem primeiramente sua base por onde se começa; depois um crine onde se chega; ultimamente la por dentro um motivo, ienção e fin particular para onde se torna a descer. Pelo que, he necessario que o homem tenha vivido todas estas tres idades e que o seu talento haja cursado estes tres periodos, para se poder avaliar aquelle talento no seu todo, aquelle homem na sua produçāo. ,,

" Primeira idade, quando a fantasia presalece á rasão. A essa idade de viço pertencem as horas que são despedidas roguem dos vinte e cinco aos trinta e cinco. He o periodo para devor inventar Hamlet quem se chamar Shaa-

Shakespeare, o Cid quem tiver nome de Corneille, os Saltadores quem for Schiller. ,,

" Segunda idade, em que a fantasia e a razão se embalançam, ajudando-se mutuamente, e vindo a formar das suas duas uma só força neutra. A esta idade vigorosa pertencem os dias que vão correndo dos trinta e cinco aos quarenta e cinco. Isto é periodo em que os mesmos trez sujeitos produzem *O Rei Lear*, *Cinna*, *Wallenstein*. ,,"

" Terceira idade, em que a paixão prevalece à imaginação. A esta idade de reflexão pertencem os anos que desceem dos quarenta e cinco aos cincocentos e cinco. Isto é periodo em que elles compõem *Ricardo III*, *Polyeuctes*, *Guilherme Tell*. ,,"

" Ora pergunta, ficarião completos Schiller seu *Wallenstein* e *Guilherme Tell*, Corneille seu *Cinna* e *Polyeuctes*, e Shakespeare seu *O Rei Lear* e *Ricardo III?* ,,"

" Parece-me portanto que nunca detém a crítica requerer de um poeta, senão as obras de sua idade; e bem sabemos nós como o faz ella sempre ao reves, sendo as obras que mais se empenha em querer extorquir de um engenho a dos annos que ainda não vingou, ou a dos outros annos que ja deixou transpostos. Pelo que toca a uma obra que vem condizendo com o periodo d'onde dimana, nunca a

impertinencia dos juizes n dá por cabal: «âns Aristarchos sem paciencia, que accadem logo com a critica a cada pedra de per si, ao passo que ainda se está guindando, sem advertirem que aquella pedra só assente e junta com as outras pedras lie que ha de dar prova da traça e desenho geral do arquiteto: são como uns pomaricos esquiparios, que não tomando em conta o inalteravel fio das quadras do anno, pedem fruta madura á primavera, frutos verdes no verão, e no outono flores. » —

Bem haja Alexandre Dumas, que tão artisficiosa e clamamente me decisionou, e me ajudou a pôr em liço po uma verdade, cujos arcos muito ha que eu ignorava da longe; uma verdade que eu andava adivinhando como parente nevoso.

Ora pois, dos três apontados motivos de determinação, foi este ultimo o de maior mérito: quis dar completo o meu relato, todos o intellectual do que o moral, a quem desejasse conhecer-me: não podia omitir como feição o que eu havia sido, e ainda antes d'âquella primeir idade, que dos vinte e cinco decorre ate os trinta e cinco annos. A Primavera, escrita nos vinte e dois, tinha por tanto de entrar encorporada na colleção das infulas Obras. Se a refundisse pelo meu gusto da hoje em dia, não sei se ficaria melhor, mas sei que ficaria outra, e por conseguinte falsa como feição. Tudo quanto era seu gosto, seu pensar,

Seu ser proprio passarão intacto; e n'isso, se ob-  
hão de perdoar gábos a quem tem disfarces neih-  
dó se disciplina deante do Povo por peccados  
peccicos, n'isso digo, alguma causa ha de  
bom, sem o que não tivera agradado a tanta  
gente. O por onde a líma pode e deve corret-  
arsoja e nem dô, São — as numerosas faltas de  
boa farta portuguesa — desleixo de frase — e  
estiramento de periodos.

Quero-me explicar, não para os Mestres,  
sim para os novéis no officio de escrever, coñ-  
os quaes particularmente converso nos meus  
prologos; e porque não havia eu repartir do  
scuto de minha tanta ou quanta experiençia  
com quem não a pôde ainda ter, nem suppri-  
la com seguit cursos de Bellas-letras que entre  
nós já não ensinão? Um dos maiores delitos  
literarios, e em que mais usualmente chegam os  
môhos, he o desprezo da Lingua e corrégao;  
Delito que per si basta para descañtar muitos  
meritos intrínsecos de escritora. Seu V. já sa-  
ber sua Lingua, diz Boileau, o autor más  
divisa nunca passará, por muito que façá, de  
máis escritor. He ella a ferrameita para este  
gether de lavor da alma; o quem pôde n  
não na obra tem prilleirão a juntar, combater,  
escolher e apontar bem os instrumentos de que  
se ha de valer, nem se pôde mostrá-lhe ar-  
rudee, nem metecer desculpa de o não ser.

Toda a flauta em estrehaça padecê despeçia de  
versos, dialetos disserra quem te fôndos prezará

de cortez com Divindades. Na primeira idade he costume, e por muitas razões, das quais não será o mais fraca a aversion ao trabalho, presumir-se antes de facilidade e presteza no escrever, do que de coragem e primor: coração e fantasia tudo nuda ligero, querem que a pena lhes obedega, como se ella podesse; forção-na, e dahi resulta que pensamento ou affeto que lá dentro era soberbo, apparece em fora frio, mesquinho, desengraçado; e matavilha-se o escrevedor quando a mesma couza que valentemente o agitava, em quanto em si a revolvia, depois de passada para o papel adormenta os ouvintes, e o elle proprio o deseconsola. De todos os defeitos de autor, talvez se podesse affirmar que só este he verdadeiro, real e absoluto defeito: porque, se os pensamentos e affetos de cada idade são della, e dessão e decontentão a todos as outras, tem por si a serem d'ella, e como tales se defendem por conterem verdade e pintarem o homem; não assim a lingua, que em todas as idades he ou deve ser uma, não provando outra couza o faltar-se a ella, senão que sequer fallar antes de se ter aprendido. Sou experimentado, e por bem do proximo direi com vergonha milha, que no que me ficou escrito d'essa quasi infancia poetica, as couzas veni me espantão nem me offendem, ainda quando as desaprovo, mas a linguagem e o dizer me fazem de continuo caír as faces; e por isso que he escolho em que naufraguei tão desastradamente, o assignalo com tanta iniudeza e tei-

ma ; nem cançarei de o assignar e accender-lhe em cima bon luz de farol , em quanto vir , como vejo , outros , que nem por idade se absolvem , esbarrar n'elle e perder-se a todas as horas . Mancebos , (se os ha ahi que se dem ás letras) vós que encetaes a moi nrdna e perigosa vereda que pelas letras conduz á faina , seja qual for o genero de poesia para onde propandais , seja qual for o vosso não vulgar engenho , sejao quaes forem os louvores que os velhos na arte vos concedao , e os aplausos com que as sociedades vos afaudem , vão vos deis preisa de apparecer : os conselhos que Horacio vos den , durão com toda a força que a natureza e a pratica lhe basejarão . Deve-se compor de espaço , consultar os bons e peitos , guardar por nove annos , chamar , e tornar a chamar dez vezes á unha a obra ja perfeita . O amor proprio nos persuade e impelle a apparecermos cedo , devia elle , se não forra cego , ter-nos inão para nos não sairmos senão a horas ;

*A melhor fruta colhe-se mais tarde.*

(F. R. Lobo.)

Muito mais vale começar jornada com dia claro , do que , para adeantar horas , largar a podrada pelo escuro da noite , em que os tropeços são faceis , perigoens as quedas , e quasi certo o extravio , que a final langadas as contas nos farão chegar mais tarde e menos gostosos no lugar que demandâmos . Repetirei , porque nunca o repetí-lo será de sóbre , o que ja por semelhante occasião disse em ouvid meu

livrinhos, contra esta enfermidade que se tornou  
 praga, e nos traz a todos lamentavelmente ga-  
 sedos; não ha mais remedio senão apocorren-  
 do-nos aos livros mestres de nossa lingua.  
 A avenção que vés outros, gente moça, libe-  
 rendos, bens sei d'onde nacee, que também eu  
 por ahi passei: correm para vós como rios-eau-  
 dal os livros d'essa Franga, todos e preciosos e  
 dobrados, todos galhardos e longos, assobi-  
 endos e argutos ao dizer, prometedores de ma-  
 grecilhas horríbulas e índices, conversando con-  
 vosco paixões fortes e brandos effeitos, uni-  
 vantando republicas por todas as folhas, outros  
 por todos os portos exhalando eujomudissima in-  
 credulidade, e todos á una embebidos do  
 presente, afunados pelo verso peulo, e se o  
 quasso dizer, manerbos como vós mestros. Não  
 em assim os nossos pais e autores: estes não  
 vos siqueis no esminho; ponham, antes jazem,  
 Apela escrivido Erma das Bibliothecas, mal-en-  
 redados na grosseira capa de seu tampo, ente-  
 rados no jô, meio devorados dos livros; os  
 olhais por 'solo, parece-vos que a vida vos  
 não daria para um só volume: se os consul-  
 quis por dentro ja os titulos vos não haniorão,  
 os índices vos descoroçoão: Solheai-hos por al-  
 to, vem os milagres ineríveis, a historia en-  
 crecida ou chô, a poesia enleada e escuta,  
 o estilo incorreto e desfotido, o amor grave e  
 sizando, os costumes castos, a moral severa, a  
 fé religiosa e inconcusa: cada pagina ua sup-  
 erumplidade apregoa Deos, reveri por cada  
 poio o cheiro do mundo velho: mas esforçai,

estrelas, por alguns dias a esfera das e constelações; continuando-las sem ruído, logo com gôalo, com faca, reconhecendo a figura quanto as principais mostras do Brasil e mundo, como pelo meio e fundo d'aquele cuganoso distúber no diação sonadas galas, joias, riquezas, maravilhas, que vos cacheia os olhos, vos cativa o coração, e fere o vosso peze do tempo que os não conhecistes. Assaz nos divertimos do caminho, raião he que a elle nos trouxe.

O segundo desvio geral que vos correu desta leitura, foi o que eu chamei desvio da figura. Ele este muito duro e grave que a interroga da língua, sendo-o todavia mais que mereça quanta reformação lhe se possa fazer. Quando queira não cria da pusera da sua linguagem, cura ao menos de lhe não deitar semendo de parco estranho ou nova que não seja vistoso o garrido, quando o que se num preza de dizer limpa e castamente, ao tempo timbra no expressar com vivacidade vulgar, com certo realç, com certa grossidão, alguém paese mais se lhe pode conceder. Procurare adiante terinha posto algum ponto d'isto, e achei um desenquadado. A longo não me parecia tão poeticamente singular como caninha em poesia, ainda passível; os epílegos eram tão seu suco e bastos como o caruca do mate. Uma e outra copia requisição, em que os quisesse bem entendidas, muita paciencia, e muitissima lucis-

da que eu tenho. De ambas, morteiro dos epíthetos, procurarei limpar a maior; todos não he possível: tanto e por tal geito estão com toda a Obra cozidos e enraizados, que lhes vale o que ás ervas parasitas em parede velha mas necessaria; froução-se-lhe algumas demazias, perdon-se ao resto, como medo que em saltando, se esboroe a parede; e venha ao efeito toda delida.

Tambem me queixei de estranamento de periodos. Ile desfeito portuguez, peninsular, meridional. Dava-me agora na vontade tornar a culpa ao sol; que n'estas suns terras faz que tudo se desapreste, e derrame, e desate cun virgo e sobejidão: mas fiquem esses milagres do sol para os esquadriňadores metafísicos; a quem inda assim, não quero mal; e eu, melhor que a nenhuma outra causa, lançarei aquella minha dissusão ás costas dos annos em que escrevia, com o que sempre fico de bom pastido, por das minhas a tirar. O que he grandemente verdade, he ser este desfeito para muitíssimos leitores, principalmente maneebos ou bospedes nas regras de escrever, virtude; e a virtude contrária vicio. Saírao a Noite do Castello e Lâumes do Bardo muito mais contraidos e apanhados em couzas e palavras, do que estes Poemetos e as Cartas de Echo: pois com tudo muitos bonre e ha, que por isso mesmo ficárao preferindo aos novos os antigos e até velhos opusculos. A cada hora me diz um que me torne ao meu príncipe euvinho; outro

que não desampare o novo : uns, que estes ultimas obras se não leia senão de escaço minimo ; outros que as passadas não ocupão meia hora os olhos dos homens graves e bons juizes. Olh quem reconheceo nunca a verdade da fabula do velho , do rapaz e do burro como o triste, que para expiação talvez d'algum grande peccado, entrega e desninpala a público os portos do seu tinteiro ! Pois que não pôde ser contentar a todos, ir-me hei como e por onde o meu juizo, gosto e natureza me levarem.

A poesia substancial e severamente escrupulosa , he o mais das vezes descontada por uma certa desharmonia : a muita harmonia , ainda quando muiis apoucada de ideas, já entistem suavemente : qualquer leitor se entende com tais escritos, ninguem com elles se cansa ; são um genero de musica facil, que ainda quando não exprime afetos, se ouve com gosto ; são como um deslizar de barco por uma aguas mansa : por isto he que os livros do *Pombo e Tristezas* de Oridio se lem de um cabo a outro com muita deleitação. — Inter utrumque nem tanto aperto como Almeno na chamada tradução de Oridio; nem tanta soltura como o seu amigo, e outrora meu mestre, Elpino Duriense (a) nas poesias originaes ;

(a) Quem bem reparar na justica rigorosa (de cruel à laxardão alguns) com que eu proprio trato a minha Musa, perdone-me-ha quando por amor ás nossas letras, aponto um

ver tanto pospor a harmonia e clareza á leitura  
acade o que Edmundo; nem tanto sacrificar o  
entendimento ao ouvido como Elesano. Isto  
faz o que me parece lograr um *Adote do Cin-  
tillo*, e *Cinco do Bardo*, e não me aprepen-  
do se por cultura o consegui.

« Tendo nado, mas alguma causa d'isto fôrça  
o que eu queria da Pintura; alguma cura,  
para poder com ~~ella~~ recupilar as forças  
tido nado, por não desfazilhar em devo-  
zia esta parte do retrato.

Até aqui descobrimos desfeitos que importa  
remendar, agora os vamos ver de outro gêne-  
ro, em que me não hei licito tocar, por serem  
aspirações de livros: essas aquelas em todos os  
idiomas, estilos, e gêneros, que ainda que im-  
portantes, não passam de incidentes da obra; estes  
são da alma, vida, e pensamento da mesma  
obra. Exceção pelo descriptivo (não sou, por-  
tuguezas a voz, mas o uso e necessidade da  
ínterpretação.) Descriptivos se chamão em geral  
os poemas desse gênero, e como a fala,  
parece que tudo quanto for pôr dentro do  
quadro da sua ~~parte~~, deve compreender  
o todo. Não hei conjudo bem assim, porque as

deleito em que se e Marco e São.º Antônio Ribeiro de  
Santos. Ieda seguiu, porque me não figura resguardado a con-  
fidêncie, quanto exceder, e mais suave, para o fim da re-  
lacione com os amigos. Tudo respeitado e grato anúncio a tão grande  
partido; capítulo já impresso no Jornal dos Amigos das Letras.  
Mas por isso mesmo afrenar confidêncio.

descrições, por moi formosas e baladas que se ostentem, também causa a imaginativa de quem lê, quando umas ás outras se vêm sucedendo permanentemente e seem um bom entre-mojo de narração, ou outro alegre interesse, que por um modo verosimil as causa, soprando-as no mesmo tempo, para que se não confundam, nem se afontem, nem esmoreçam. Não o advertiu Deldile, e d'ahi procedeo não bastar seu altissimo engenho para tirar seus poemas de enredos. Um este livro de quase um embrulhado massigo de descrições; e assim, se o posso dizer, mais para os olhos da alma do que para o seu entendimento. Mas se fôssem menos estas pinturas, consideradas sara por uma, de algum prego por finura de tintas, ou pontualidade de desenho? outros são em que me não compete dar sentença. O Padre Kuissey, ou o Portuguez que em seu nome escreveu, disse que eu não pintava bem a natureza; talvez que outro tanto, e ainda pôr, se devesse dizer da maior parte de nossas pinturas; mas não he contra elles, -senão contra mim só que eu enfoicei sara no principio d'este prologo: -como os applicados novigos ~~ao~~ engenham comigo por minha culpa, que se desvaliram e pecam com os outros, proficiencia! Aqui está comludo o que me paroce; este dosserilico lie desbotado e de cõtes pouco rudas e proprias ~~ao~~ com o de Gesanor ou Kleist so compara, mas lie o melhor que eu soube; ou que nem podia ir-mo pelos campos fazendo, como de si disia Kleist, eagadas posticas de

imagens, nem discorrê-los como Gessner, de lapis na mão. Ja pôde ser que o Padre Kinney, ou o seu ponto, não houvessem de se me avançar muito, se lhes conbesse tirar ás escuras, ou quasi, o retrato da natureza: muito mais faz quem atravessa o Tejo a nadô, do que huiu Almirante Ingles que em segura e bem apercebida não rodêa a esfera; poderá este trazer mais riquezas e informações, mas á sé que não prova mais forças e esforço que o desconhecido nadador de uma só corrente.

Passemos avante, e das descrições entremos nos asselos. N'esta parte direi pouco, porque sem embargo de que o desabrimento com que me castigo onde entendo merece-lo, me podia deixar alguma licença para tambem me louvar pelo que em mim visse de bom, melhor he que nos louvores, em que mais facilmente nos podemos enganar, nos contentemos de ser ouvintes. Ainda assim, não acabo eu de dizer tão pouco, que muito bem se não entenda ja que no tocante a asselos não queria muito mal á minha Obra: fallo dos asselos em geral, porque passos ha n'ella a cuja assento não sei ja hoje querer mal nem bem; honesto, formoso, e macio me parece, sei que n'esse tempo devia ser meu, porque eu não compunha, tirava do coração, mas ja o não posso entender cabalmente, e avaliar. Esses passos, apesar de tudo e de mim, não de passar instantes, que em assunto de branduras o eu de hoje respeita religiosamente ao eu de algum

dia ; e porque tudo diga, ainda que quiserem entender, não saberão. S. m me inclino a que haverá (e ja de algures m'o baquejaria) excesso, redundância, languidez em tantas suavidades, carícias e extremos de bem querer a tudo, e a todos. Inclino-me e talvez o creio: mas que havia de costas ! a que havia de perdoar, se assim como o eu antigo valia tanto mais que o eu presente, pôde ser que o melhor se me figurasse agora peor, e o peor melhor ?

Digamos duas palavras da Mithologia. Ja não sou tão ciuperrudo pagão como n'outro tempo ; desconsola-me ver o desmedido uso que d'ella faz. Não se entenda por isto que me alintasse debaixo das bandeiras triunfaes dos modernos espanca-nomes, nem que tiro a gloria de botas pelo mundo pregão, como Beiranger, que os Deuses ja saírão do meu credo. Todo o excesso em crer ou não crer, em admitir, ou recusar me parece hoje em dia um disparate, de que sempre, mais por aqui mais por ali, vem a resultar contras e arrependimentos. Enjoa-me a fabula dos Lusiadas, e muita, e muita, e muita outra : aborreço-me quasi todo o emprego que dos Romanos para cá se tem feito d'ella, *incredulus odi*. Só consinto na fabula paixão, explicável, e só a amo quando soberbamente poetada. Alumiarei com um exemplo: quero-a assim como a derrama ás mãos chéias por suas tão poéticas prozas o christianissimo Chateaubriand, esse mesmo que de longe visto, assim parece querer-la. Nada d'isto

achou pelo commum no meu livro: de cada canto me surge una Divindade; a boa parte d'elles não responde verdade, e se alguma couza ali vierão fazer, certo que ~~não~~ foi inspirar-me um só raigo poetico. Porque pois as deixarei? porque são substancia do livro, e n'elle tem posse velha e apozentadoria.

Demos a derindeira parte do prologo, que em prologos deve ser sempre esta a de vantagem, a algum pouquinhos dizer sobre a moral. Moral hoje, moral em libro de poeta, grande novidade e grande estranheza! Sun hoje, que ainda ha muito quem se preze de viver honesto, virtuoso e pela antiga: sun em livro de poeta, e por isso mesmo; visto como tudo quanto era coitica ella o tem à proza à si lomado, não será multo que lhe abra sua porta à poesia, e lhe dê guarida em um pobre cantinho létéro de sun pouzada, como lie este: in da mal, que ate tá, no fondo de la manha escuridao e penuria, por todas as sendas e agulheiros do mal reputado edificio pône-rico lhe chegando as risadas sem alma nem sô de seus inimigos, e contra essas não ha valer-lhe. Ima pois do titulo d'este livro a dentro; dado se não prometta senão primavera, utá como ar de bondade e saude para o animo; de socorro e bemaventurança para a vida: e por isso he que, a despeito de todas suas manchias, me parece bem, como ja no Ante-Prologo deixei tocado, atira lo, como sementinha de essa medicinal, no baldio salaro e cor-

culo d'esta idade. Beni estou eu antevedendo quantos de mim hão de haver lávima, por me assentar no meio de tão ferida e necra batália, por cantar entre tantas vozerias de odios. Paciencia! também sei que homem sentado não sube, nem o video de cantigas se comprido riquezas e talimentos: mas cada qual tem sua estrella, e a minha, que outra vez descobri depois de largo eclipse, está fai, e esta ha de ser; oxalá que para sempre! Com o bom de Archimedes me pareço n'isto, o qual na hora que a cidade estava sendo entrada do inimigo, e alagada das torrentes de ferro e fogo, nem tinha ouvidos para o estrondo, nem deixava de protegir na composição da lustrous-tuta esfera celeste, unicos amores que no cauto calado de sua bata o desvelaço. Havia ali um não sei que magnanimidade; e a ninguém d'ixa de doer a entidade do soldado ferido que despide tal enverga para cima de tal obscuras. Mas quando me filho, e me vejo a brincar com flores e cordeiros, no tempo que em redor de mim estão no chão tão grandes destinos do mundo, não me lastimo, patem clô-me, e cuido estar senso em mim proprio um menino, que por um dia de tempestade, enchesoura coelhas e forma lagozinhas na praia, enquanto andão à vista galegos alterosos à luta com os elementes, e na mesma praia uns partão, outros se aferrão, outros suspirão pelo instante do naufragio para se arremessarem nos delírios, apunhal o mar os euspir. — Fugindo me liso agita outra vez.

os pés pela antiga ladeira abaixa: e a moral,  
esquecida até por quem lhe deu conto! Com  
ella sou, e com ella determino acabar.

He a moral na maior parte d'estes poemas  
pura, facil e amavel; e se não tão efficez  
como a de Gessner, não he porque a eu dese-  
jasse menos, he porque podia menos elavial-  
la, e aformozear-la do que elle, e atavios e  
fornozetas até servir para fazer do bons opti-  
mo. Todos os amores de que se urde e tere a  
domestica felicidade, se achão aqui representados  
por um modo que se recomiendaõ, e  
d'elles se imbue de ini boni grado o animo;  
o amor filial, o paterno, o materno, o con-  
jugal, a amizade, até o affeto aos animaes,  
erros, flores, e mais criaturas de Deos,  
companheitas nossas n'este mundo, aqui vem  
de envolto com a recreaçao. Porque tudo diga,  
pelo gostador ou gostadora d'este livro daria  
eu mais, e mais quizera viver com elle debai-  
xo do mesmo telhado, e tratar quer negocios  
quer passatempos, do que, se dizê-lo onzo,  
com goitadores e pregoadores d'outros livros  
que estammos vendo reheatas de muito mais  
avultados engenhos. Se eu tivesse filhos e filhas  
a quem das etiagão, sei que emquanto não  
podesseim ler Gessner, e seus bons imitadores es-  
trangeiros, lhes daria a *Primavera*; e ja não digoo  
merimo das *Cartas de Echo*, e muito menos da  
*Noite do Castello*, e *Crimes do Bardo*. Mas,  
acudidá algum prudente, e ouras se deparão na  
*Primavera* que mais ego para ter defendidas a

donzelas, e resguardadas de fantasias ainda verdes, do que para se acourelharem por doutrina. Só as lhe, e todas essas páginas que para idades encorpadas e apercebidas de experiência bem podem não ser danosas e passar em mero deleite, todas rasgara e dera ao fogo antes de lhes entregas a obra para ligão: e porei exemplos; n.º Festa de Maio, os fins dos episódios de Galatea e Iznez de Caxiro, no mesmo poema boa parte da república de Chipre, como o culto religioso da Natureza, os bens em comunidade, a infidelidade, o divórcio, o casamento de um com muitas et cetera. Antes de passar adante, transladarei, que alguma cousa fará para aqui, parte de uma Nota que ácerca da república de Chipre se lia na primeira edição, o pag. 169.

— « Note-se que este poema está muito longe de dever ser considerado como didático; que toda essa república de Chipre he inerentemente um Dithirambo, donde a licença do poeta he muito mais ampla do que em outro qualquer género de poesia; que esta sociedade de que se ha de formar a república, he de poetas, homens de quem vulgarmente se diz que mais dão no prazer do que á rasão; e que em boca de poeta se poem a aronga recitada no templo. Para os avisados esseusada fôra a noticia, mas para os fanáticos, que ignorâo ter a Musa de Dithirambo licença para nos seus delírios arremetter contra tudo, he indispensavel. »

Era este arrasado o malho que o ensoradava, por ser melhor honra a si de não cairer d'elle; e se ainda por elle se pode perdoar á republique de Chipre, não assim ás demais devolvuras, como as dos dois ja apontados episodios. Porque as puz umas e outras? vê mais penitencia. Vuz as pinturas amoroosas em quasi nudes, porque estava n'aquelle sazão da vida e do anno, em que todos nos deliciamos das fantasias consoladoras, e se somos poetas, cuidamos morrer abrazados e afrotados em hália desabafando. Porque não expugnei d'ellas, esta segundo edição? pelo mesmo motivo do retrato, e não outro. Quanto ao culto da Natureza, e á gruta sua, e aos maridos de muitas mulherei, tão necessidades haes, que não mereceni que nos detenhamos em as relutar: são d'aquellas demeneiras, cujo aggregado dá o que entre moços que resfolheao littinios bem dobrados e versos, se denominha filosofia, e que só dura enquanto a experieuncia e o tempo nos não desviamão da presunção; pelo que, e pela razão geral, ja muitas vezes apontada, do querer mostrar-me qual fui, vivão, durem e passem, que depois d'isto ja a ninguem farão mal.

Eis aqui por alto, mas com toda a lealdade, o juizo que da Primavera formei; he primavera por matos de serras, com mais flores do que graças, e com muitas saudadeis de que ervas medicinaaes, mui ribia de fragrancias nimosas, mui riva em muita parte de terreno, mas com reus longes de campo, e cezaes felizes,

e muitas saudades lá pelos extremos confusos do seu horizonte. Quem se contenta, fico se recreie com ella; e quem com ella se recrear, para nárgo o quero, que esse saberá, como eu, amar muiq os homens, sugindo-os; e ensadado, como eu, das terras onde não ha ver passatos senão em gaiola, nem verdura fora de gigas, nem arvoredo que não seja pintado, nem pastores e innocencia senão no opera e trajados de seda e veludo, nem felicidade senão em promessas de políticos, irá procurar-se, achar-se, e lograr-se de Deos, de si, e dos penhores de sua alma no seio e entranhas da vida campestre. Oh se assim fosse!.. e se Deos a mim tal me desse ainda, por vizinho!..

*Lisboa 4 de Dezembro de 1836.*

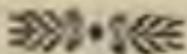
---

*Post Scriptum.*

*Lisboa 29 de Março de 1837.*

Quando todo estiver no trabalho de desempenhar minha palavra, e fazer ainda mais, do que no Prologo deixara promettido, resendo cuidadosamente, afeiçando, podando e enxertando de novo este volume, sobreveio-me aos 9 de Fevereiro passado, o maior insfortunio de minha vida, uma perda de que em nculum tem-

po se me poderá o coração consolar. Quebrarão-se-me os fôlegos para continuas no trabalho, bem como se esvairão muitos, antes todos, meus projectos. Ja não arrancarei (e para que?) este ponceo e inutil resto de mim mesmo da terra que encobre a minha melhor metade: o qui procurarei, se tanto poder ainda, pagar com uma pouca fama e muitas lagrimas, a quem a mim me deu até á sua ultima hora seus olhos, seu amor, toda sua alma. Qual ficou este livro tal sae, e muito inferior no que eu promettia, podia e devia fazer. Se algum de meus leitores entende por experiençia o que seja padecer n'uma viuvez uma completa orfandade, esse passará com indulgencia, e ainda suspirando, pelos muitos desfeitos que na leitura lhe ocorrerem. Aos sem alma não tenho que dizer: se quizerem castigar o espírito meio morto, porque não pôde mais, façãos-no, que dores dessas não acharão ja em mim lugar nenhum.



**EPISTOLA**

**PRIMAVERA**

## AJOTERPE

Vai a Epistola em tudo outra da que fôr a  
na primeira Edição; concorda a invenção e os  
pensamentos, mas emendou-se a linguagem,  
aperfeiou-se o estilo, deu-se alguma certeza ás ima-  
gens, explicarão-se melhor alguns pensamentos,  
reformarão-se e esfinarão-se quasi todos os versos.

## DEDICATORIA

A MINHA IRMÃ.

Eu mandei o meu Génio campestre apanhar flores por entre os gelos do inverno. Fornossem não saírão, bem o sei, porém n'esta estação do anno não mais dá melhores o estreito jardinzinho que me as Musas doarão nas fraldas do Parnaso. A si, minha Irmã, me ordena o coração que as offereça. Felicidade terá para mim, se quando para o seu lado me tornar, tu me dizeres abraçando-me: — « Eu anno as flores que fiz me embaute, no meu seio as guardei: as da primavera vienos me contentávoo que estas, que o seu Génio campestre colhe no seu jardim, por entre os gelos do inverno.



## DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Fom o inverno de 1821 para 22 dos mais desabridos e trêmerosos de que entre os vivos se faz memória. Na Beira, onde me então achava, vião-se arrancados e espedaçados bosques, oliveiras e pinheiros, sementeiras esmagadas, pontes demolidas, e os rios sem margens. Dos 25 de Dezembro até os 9 de Janeiro, que me demorei em uma aldeinha, uma legua desviada de Coimbra, sahoreando no trato coideal de alguns amigos e parentes as férias, então muito festivas, de meus estudos, foi sempre tão atada e rigorosa a porsia das invernadas, que nos falseou quasi de todo a recreação minis apetecida dos que faltos da cidadela, não alguma hora ao campo desenfadar-se. De não passear nos vingavamos o melhor que o tempo e lugar no-lo consentião: práticas desassilonadas de constrangimento, temperadas de bom sal, e muitas vezes substâncias; a voltas d'ellas, leituras accommodadas ao mais dos gostos, poesia, e improvisos de charadas e adivinhanções nos enchiam as horas não contadas. As espaçozas noites e boa parte dos dias, se levavão n'es-tes e semelhantes passatempos, em redor de uma facta fogueira, segundo he costume d'aquellas terras. Por alguma rara tarde, quando o sol descobria, e o ar um pouco mitigado nos consentia sair, nos hiamos, ora pelo jardim onde se explanava um soberbo lago, outr'ora pela orla mais astrolhada dos larob-

jaer, que mui corpulentos e viçotos, acenastão  
 de teus ramos com frutos e flores, pondo a  
 vista, o cheiro e o gústo em doce competen-  
 cia de delícias. Era ainda aquillo, ou ja era,  
 umas lembranças, uns longes de primavera no  
 coração do inverno, saímos da prisão dos la-  
 res, aproveitavaõ-se com sosteguidão: talvez  
 nenhun dia de perfeita primavera na longa  
 caçã d'elles me pareceo nunca melhores e mais  
 ledo, do que estas pobres tardes sonegadas no  
 mez do Natal. A fantasía engonada do sol,  
 tanta se me desatava em poeticas flores, o que  
 n'estes tempos só por maravilha me esconcia  
 fúria da primavera, e luores do verão. Quau-  
 do vinha a noite, aceita ao meu coração,  
 (que sempre de si o conheci, não sei por que,  
 amigo de com ella suspirar saudades), e ja to-  
 dos ao conhecigo do nosso lume fiel nos torna-  
 vamos alvoracados, comigo só me lia pouzar  
 a um canto, colhendo, concertando e acer-  
 centando com mui entranhado contentamento,  
 quantas florilhas me havia brotado a fantasía.  
 De saudades da primavera me parece ainda  
 agora que nascido todas; o que certo sei, he  
 que aliõ, e n'um imaginai d'estes meus, me veio  
 a lembrança e desejo de escrever á Primavera  
 una Epistola. Se n'isto abusei ou não da li-  
 cença tão concedida a poetas, não o sei, sei  
 que no ditar estes versos para se escrevessem,  
 e no conceber-lhes o assunto a passar ou a  
 seroas, gozei prazeres que ja a critica me não  
 pode tirar. Se contra o bom juizo pequi, to-  
 do o vice pergar he não poder outra vez pre-

## EPISTOLA

### A PRIMAVERA.

---

Corre a Noite, jaz muda a natureza;  
 Os campos solitários esmorecem;  
 Mal se ouve ao longe o estorando da corrente:  
 De quando em quando a lua desmaiada  
 Mergulha em nuvens, surde, outra vez morre;  
 E das planícies a extensão geosa  
 Ora resseca e alveja, ora se apaga.

N'esta cabana de grosseiros troncos,  
 Tecido vime e colmo, onde sereao,  
 Vento, e cuidados não coirão nunca;  
 N'esta onde habita peregrinal sogneira,  
 E donde he Penate o Genio da hospedagem,  
 Venho entre amigos deslembrai tristezas;  
 Do frio lá de fôra o ultimo resto  
 Ja o atirei à chama fregadaria.  
 Em ti, Amores meus, em ti só fallo  
 O' Primavera minha; em ti só cuido;  
 A ti quero escrutar:inda ha bem pouco  
 Em meu passeio a flor das laranjeiras,  
 E do sol que lia a pôr-se o extremo raios,  
 Cú me derão de ti saudades tristes.

Desde que no seculo do raivoso Junho  
 Tu doce com teus Zéfios fugiste,

Meu dia estendo em languidos suspiros.  
 A noite em vagos sonhos me assigura  
 Ver-te, contar-te, desfrutar teus mimos;  
 Mal desponta a manhã, mal sege o sono,  
 Desespero-me, lido entre amarguras;  
 Pego aos bosques sem folha, aos ermos campos,  
 Aus rochedos de neve, ás turvas fontes,  
 Ao eco soldado, aos ares tempestosos,  
 E a toda a natureza, a minha Amada.

"Primavera, onde estás? ", do sulcito exclamou;  
 De valle em valle, de um cídeo em outro,  
 "Primavera, onde estás? ", escondeu a eclosa:  
 No prado o guardador, no monte à Ranná,  
 Pelo arvoredo as Viúvas a escutá,  
 "Primavera, onde estás? ", depois exclamão.  
 Enquanto assim fui, por ti ó Deus,  
 Me desentranho em aí, onde te escondes,  
 Perguiçosa gentil! onde vagas?  
 Bella inconstante que estes dias não ouves?  
 Algum Deus amorado, em plaga estranha,  
 Encherás de amar tens olhos livres?  
 Esquecer-te-lhego, (Céos!) promessas tantas?  
 Sim: que te importa o desfilar de um vale?  
 Do vale que te amou, te adora ausente?  
 Tu folgas e elle gemia; elle delire,  
 Tu a prados sorris vestindo prados,  
 Revés-te, amante nova, em notas flores:  
 Fontes ha também lá, que importão estas?  
 Na fonte no claro espelho te engrinaldas;  
 E usana de encantar sensíveis peitos,  
 Também, como entre nós, por lá cardejares  
 Fogo de amor aos enões insensíveis.

Volta, volta, ó cruel, aos campos nossos.  
 Qual paiz no universo, a não ser Pulos,  
 He mais digno de ti? ; por onde achaste  
 Para o cortejo ten, Ninas, pastoens,  
 Como estas que entre a morta o ceo nos cria?  
 Amantes mais fics? florestas, rios  
 Namorar-se, mais frescas, mais formosos?  
 Mais doces flautas quando amor entoou,  
 Aves mais doces quando amor gorgéou?  
 ; A tua Cintra, Elio dos desejos,  
 Nobre jardim do Oceano, onde folgavais  
 Contemplar na alta noite em mista dança  
 Ninas das ondas, Ninas das florestas,  
 Assim te descaio? ja não proteges  
 Os céus virginais que ali passião  
 Sorrindo no ver seu nome em bosque e boique?  
 ; Por toda a parte as Graças que espraiarecem;  
 Do alígero esquadro tentéros brancos,  
 Frechas doitadas em contínuo vôo  
 Aqui e ali aos peitos descuidados,  
 E se curão corações, ferindo os bosques,  
 Porque os bosques ali também suspirão,  
 Tudo pois te esqueceas! Volve, ó Querida;  
 Cede, não sejas dura, a amor, aos versos.

Deinde que te ausentaste ahj pende a lira  
 Nos braços nus de um álamo sein folhas,  
 A minha lira hu tento abandonada!  
 A lira d'ouro, onde entoci teu Nome,  
 Onde a minha paixão soou mil vezes  
 Na linguagem dos ecos n teus outidos,  
 Fala sein honra; os ventos lhe roubádo  
 Dos antigos festões o círculo resto!

Ao passar com seu gado, e tendo-a muda,  
 Dix suspirando a turba dos pastores:  
 " Elta a que dava alento ás nossas festas:  
 Mal haja quem a trouxe a tal desterro! ",  
 Deuses tornai, que meu canto ouvião  
 Não talvez sem prazer, dizem passando:  
 " O vale enmudeceu longe da Amada! ",  
 Mas apenaç teus Silos precursores,  
 C'roados de violetas assomarem  
 Na ethérea regiao de nossos climas;  
 Apenas este ceo perado e turvo  
 Mandar à terra os ultimos chuveiros;  
 Apenas rebentando as novas folhas  
 Se remoçar esse álamo tristonho,  
 E entre a nova ramage, emtorno à lira,  
 Cançada de seguir-te andar ponzando  
 A solinha estrangeira, e súcia tua,  
 A' lira despiçei do inverno o mugro;  
 E n'ella, de aureas cordas melhorada,  
 Só de ti chão, na presença tua,  
 Brofarei versos, como brotas flores.

Oli voa, ocodo a consolar Cibele,  
 Cibele a terrea nuí da especie humana,  
 Cibele, amores teus, qual tu Deidade!  
 Se ora a visses! . . do castro verdejante  
 Os rebeldes infoces a derrubarão:  
 Co'a trança descomposta, o manto em rios,  
 A altiva c'roa em parte destruida,  
 Nua jaz á vergonha, ao vento, á neve.  
 Seu tanto desamparo be mágica aos filhos:  
 Mas para dar-lhe a mão, torna-la a Nume,  
 Poder, qual em ti ha, não ha nos homens:

Do fundo do teu lodo a ti só chama,  
Ai, leve-te algum vento os queixas d'ella !

As torrentes sem freio divagando  
Contra marmóreas pontes indignadas,  
Investem, choção, despedragão, rojão  
Ruinas em montões nos fundos mares.  
As Driades, seu povo e sua gloria,  
Tremem, oh dor! ao furioso assalto  
D'Euros, e Natos, e Africos em guerra:  
A seu brutal furor nenhuma escapa:  
Crer-se-hia que as prisões da Eolia furna  
Para sempre arrazaria a mão de Jove.  
Driades nobres de arvores antigos,  
Refugio outr'ora das calmosas sestas;  
Driades bellas de arvores vaidosas  
Co'u idade juvenil, verdura e fôrças,  
Tem a seus pés quaeas vâlidas caído.  
Co'os negros frutos oliveira amiga  
Baqueou; não lhe valeo celeste guarda;  
E Minerva prantea o estrago enorme:  
Câe o pinheiro amedrontando os valles,  
E Pan, sentado nos ironeados restos,  
Triste espera por ti co'a flauta muda.

;) D'esta cabana a rustica fogneira  
Sabes quem a sustenta? ah! corre, vân;  
Cedro, que eu te sagrei, caso por terra,  
E onde brincou favonio estalão chamas.  
Mui tarde chegarás se não te apressar;  
Do colono e pastor os ais te invocão,  
A meima natureza lhe morta quasi!

Que frango, que trovão! piedade & Nomes! . .  
 Este dou raio, e perdo. — Outro rebomma! . .  
 O Olimpo sobre nós desalha em fogo!  
 Clóe; e Amorilis trémulas, gritando,  
 Desfeita a rubra ebr em cor da morte,  
 Enchem de seu terror esta cabana.  
 Oh' innocentes, miserias pastores,  
 Não gritais, não tramais; vereis em breve  
 Dissipado este horror nos longos ares;  
 Contra o crime orgulhoso as Deuses irão;  
 Não fere o raio a rusticos alvergnês.  
 Não, não me engano, outis como se afasta?  
 Como lá vai já longe! o mais do estrondo  
 Ja he toada vâ no vau dns busques.  
 Chuva propria em caudalosa encliche  
 Desce na escuridão; reion o céu  
 Com o crebro saltitar das frias gotas:  
 Sibila o vento na vizinha serra..  
 Clóe a porta fechou; nós apertâmos  
 O círculo estreito em deredor do fogu.  
 Cantou o gallo esperto: he meia noite!  
 E eu sólo ainda, e relamei sandoso  
 As horas todas que á manhã precedem!  
 Horas, horas de paz no hincos das trevas;  
 Horas de estrô, misterio, omnipotencia  
 Ao que nascido das Muns bafejado?  
 Sonhe a ambição com purpuras, e scutros;  
 Torpe avareza com os lanteis cofres;  
 A vinganda, fatal a si e nos outros,  
 Cogite estíbora nas trações, nu eugano,  
 Nos agudos punhaes, no sangue em jorros;  
 Vulgar amonto abne, esmore astucias,  
 Coim que succumba a timida inocencia,

E aos laços tebha destramente armados ;  
 Eu dando n' amor o que se deve ao sono,  
 Ein chamin pura , porque he tua , ardendo ,  
 Alegra com ter Nome a horrenda noite ,  
 A simude em saudades apagento ,  
 Einda ausente , contigo ausente falso .  
 Como o perdido em temeroso escurio ,  
 Que no mais leve rumor tremula pura ,  
 Assacibus agmita em enda tribuno ,  
 Não ouza resfolgar , prosegue a medo ,  
 Aqui lhe surde u silen , alem pebedos ,  
 E lhe abrem fauces mil em precipiclos ,  
 Só tem na arrota esp'range , e mal quo zo longe  
 Annuncios d'ella vê , canta e renosce ;  
 Serai mais que feliz pois voc sei thinkia ,  
 Mal te souhar do longe , ó Primavera .

Sim : eu te amo iudei mais que a vida no tronos ,  
 Mais do que o louro em maio alfaia novinha ;  
 Quero-te mais que o Deão de amor us trevas ,  
 Mais do que Flora no Zafiro instantante .  
 Eu suspiro por ti , contigo suspira  
 Marchada plantia por sereno orvalho ,  
 E ardente ceifador por fresca fonte :  
 Es-me tão cinta como a bella esposa  
 A seu amante de churos tançado ,  
 Quando no dia d'historess se abraçou :  
 Tão doce emlím como o primeiro Reiço ,  
 Que uma terra pastora , a medo e a sorte ,  
 Consente ao seu pastor levar-lhe aos labios .  
 Qual das amores , que no mundo girão ,  
 He mais grato que o meu ? Este , em delícias  
 Excede tanto dos mais , como tu venceas ,

Tu belleza do ceo , do mundo as belles :  
 Eu amo e para amar não me recato ,  
 Ao mundo inteiro meu ardor confessô ,  
 Tenho rivais e do ciúme zonibo ,  
 Gozo-te , e nem pudor nem leis mo estorvão .

Inda me está lembrando (hora doitada ! )  
 Quando longe da mundo , e a sós contigo ,  
 Pela primeira vez te disse " Eu te amo ! ",  
 Abria a Aurora o roxo mez das flores :  
 Juntas em córos no arvoredo as aves ,  
 De raimo em raimo aos ranchos adejando ,  
 Em nunca ouvidos sons a luz saudavão :  
 Inda do puro rio a opaca nevoa  
 Nem não era desfeita ao sol nascido ;  
 Inda das follas concavas pendião  
 Tiérrulas gotas de lucente orvalho ,  
 Que depois leva o brincador Favonio ;  
 Quando (ni memória doce ! ) eu dei contigo  
 Inda meia a dormir na sofa relva .  
 N'alguns loutos de roda entretecida  
 Hera tenaz um toldo te formava :  
 O melto grave , o rouxinol cadente ,  
 Para encantar-te os sonhos , dislundião .  
 Entre uns rosais a musica dos prados ;  
 Enchia aroma puro os puros ares .  
 Ligeiras , bellas Sílides , velando  
 Invisíveis teu placido retiro ,  
 Impediao que um Fauno pelulante  
 Ou rustico pastor posesseem olhos  
 Em teu corpo sem véo , cheio de encantos .  
 Ali me conduzia propício zeazo :  
 Não mo impedisse Sílides zelosas ,

A natureza inteira lie franca ao raiar:

Ridente sono, da innocencia imagem,

Cerrava ainda os ollhos teus ao dia:

Todo brandura o juvenil semblante,

Até sem o saber, até dorinindo,

Paria suspirar homens e feras.

Entre a face inimosa e a fria relva

Tinhas meio curvado o braço lindo:

Como no desdén, na esquerda seguravas

A cornucopia, a não poder com flores:

Halito doce de fragancia amena

Súe do seio, que lúrgido se eleva;

Vos rosos labios, da pequena boéa

Vem tão doce, vein tal, que um peito humano

Bafejado por elle, excede os numes,

E a alma, em vez de pensar, delicias solye.

Tal erais, tal fiquei 6 Primavera!

Espeitaste de todo; e toda risos,

E todos luz e amor os olhos verdes,

O que era ja sem termo accrescentaste,

Dobrou-se a graca no mundo, o logo nos peitos.

Um mar de deleitosas fantasias

Me sogobrou, confess, e tempo largo

Jazi com o ledo mundo em braços da alma.

Depois tornando em mim, ví-te ja prestes

Para brixas do outeiro aos amplos valles:

Quão mais louga, e em galas mais garrida!

; Que muito, se a mais nova das tres Gragns,

De suas mil Ozéades servida,

Pozera as proprias mãos ao rago ensuite?

Erão-te inanto endado, e roupas simples,

Quanto verde ha na terra, e flor nas plantas;

Mas triunfava a rosa ! aos botões d'ella ,  
 Nem ja todos botões , nem flores todos ,  
 Fôra o tépido seio em lirônio dado ,  
 E em vez de o embellezar , se ornavão d'elle ;  
 E tão raios do Sol a círcos tua ! ...  
 Parei de emberecido ! e quem no mundo  
 Te vio jamais como te vio meu vate ?  
 Bin meu seio amoroso um Cupidinho ,  
 Qual borboleta d'ouro , esvoaçava  
 De botões a botões , na escolha incerto .  
 Vio-me ; e curto farpão , dourado , agudo ,  
 Curto farpão que os olhos não percebem ,  
 Me arrojou , me sumiu dentro no peito .  
 Graças ao tico do munoso Alau !  
 Na profundez da frida , e gôstos d'ella ,  
 Contente reconheço , adoro um Nume .

Amarante , desde então , ditoso amante  
 De dia a dia te encontrei mais terna .  
 Incenso , que antes dava a falsas Musas ,  
 Offeci-te , acceitaste , e foste a minha .  
 Abriste-me a Agenippa em cada arraia ,  
 Cada monte foi Pindo , e Tempe as vallis :  
 E tu em cada valle , em cada monte ,  
 Ante a lua , ante o sol , me estatas sempre  
 Musa do coração , presente aos olhos .  
 De poetas foi sonho a voz das outras ,  
 A tua graciosa ciciava ,  
 De toda a parte vinha em tom macio ,  
 Que filtrava inspirações , e a amor contentava .

Se os ambígoes miserímos fergados  
 Que ás cidades dão vida , e á al a roubaço ,

Podessem vir um dia onde tu reinas !  
 Se a mente que as paixões lhes anuvião ;  
 E olhos em que os cuidados , seus verdugos ,  
 Atá tão com inveja perpetua venda ,  
 Podessem ver-te a luz deliciosa ,  
 O manso da alegria , os gostos puros ! ..  
 Deixando sem medos tumulto e pompas , (lhos ,  
 Mais de um , mais de um , salvando a tempo os li-  
 Co's pouzadas dos bons uniria a sua .  
 E n' quem daras tu nunca o riso cheio ,  
 Como o dé as a este , que trocasse  
 Oiro a virtude , e marinores a flores ?  
 Que ja sólo de si e a si tornado ,  
 Vieise por , para os livrar de queda  
 E adora-los em ocio , os seus penates  
 A' beira de uma limpida corrente ,  
 Que de um bosque altas susurra e foge .  
 Vira os Genios da terra o anno inteiro  
 A lhe aprestar a meta ; aqui brotando a  
 No pom'it curvo , ali na horta regada ,  
 Lá no chão da ceara , aleia na vinha  
 Que o recôsto do onteiro alasta e careda ,  
 Mais longe nos cabeças verdejantes  
 Onde o gado em coeger os leites cria .  
 Não lhe ameaçará o raio o teto lunilhe :  
 As manhas , d'entre as rainhas espreitando  
 Pela aberta janelha , o acordarão ,  
 Por lhe alargar a vida : os passarinhos  
 Lhe dirão nas frescas alvoradas  
 " Beni visto , alegre amigo , ás nossas casas !"  
 " Nós cantamos seu Deus , somos felizes ,  
 " Tu louva o nosso , e goza d'este mundo ."  
 Se algum cuidado a vespere deixasse ,

Levar-lho-hia na sêa murmurante  
 A correntinha onde lavasse o rosto.  
 Vê zangalas fícias, vê perigruas  
 De formosura e joias não compradas,  
 (Que uma da-lha a saude, outras o prado);  
 Com ellas espairece a fantasia,  
 E seinda o coração quer mais ventura,  
 Ama; ao ceo que já tinha, um Deus lhe acercesce  
 Quanto via e passava em mortais quadros,  
 Onde astuto pincel prodígio obra,  
 Sombrias vês, cujo preço he rios d'ouro,  
 Tudo agorn real, vita, mais bella,  
 De mais subida mão pintura immensa,  
 De graça lhe cercara o lar e a vida.  
 Mas ah! porque me solto em vãs ideias!  
 Embora o preço teu não saiba o mundo,  
 Primavera, eu te adoro e tu me afugas:  
 Certo co'a lira vezes mil teu nome,  
 E tu me infletas magamente a lira:  
 Em longo inútuo abraço almas trocâmos;  
 A minha he mansidão, frescor, perfume,  
 Toda a tua, poesia, amor, extremos.  
 Lanças-me em teu regaço, e quando a noite  
 A lira e cornucopia nos dois nos surta,  
 Das-te dormir co'a fronte no teu seio,  
 D'onde me seem coando uns aninhos leves,  
 Todos teus, todos candidos, na forma  
 De flores, de aves, de amorinhos, de auras.  
 Assim, me queres teu até no sono!  
 E porque sombras más o não perturbem,  
 Mo ficas a telar á luz dos astros,  
 O semblante pacífico no sereno,  
 Os olhos no ceo da alva, e o peito amores.

Mas tu... porq' não vens? -- Não não me engano,  
 Inda agora os trovões rijo batalham,  
 Tão-seca n'esta hora a tempestade  
 Pelo oceano de Atlante ondas sobre ondas;  
 Regindo estoita o mar em crespas serras:  
 Posseuça de baixais, esforço, iindustria  
 Não vale a contrastar-lhe a valentia;  
 De toda a parte a morte esvoaga, ruge  
 Na horrenda cerração com sons do averno;  
 O mântrago abrigado a sólto lenho,  
 De toda a parte a rve, a ouve, a sorve;  
 Vai a abismos e a céos repulso d'ambos,  
 E perde antes da vida, a luz e a mente.  
 Sumio-se o ultimo nudar de sobre as aguas!  
 De nuvens altro veo submerge a lua;  
 Não luz na escutidade alguma estrella;  
 Ille o luto do Homem forte! O' Mar es livre;  
 Triunfaste, adornecc. — Ah que de vezes  
 Taes scenas, tal horror, maior, mais negro,  
 Nos tem de si brotado a umbrosa quadra!  
 O' tu contrária sua, o tu dos homens  
 Sempre invocada amiga, ethereo Nume,  
 A quem eco, terra e mar dao vassallagem,  
 Onde estás, que não vens com um leve assopro  
 Trazer serenidade aos elementos?  
 Se inda és a mesma, e súpplicas te movem,  
 Sobe ao carro da aurora, os ares se prende,  
 E acode ao Luso clima, onde te invocão.

: Leimbra-te a gruta, a gruta onde Amatilis  
 De seu ja quasi esposo Umbrano, o astuto,  
 Aceitou, de sincera, a grave apostila?  
 Qual era, que o pastor lhe não podia

Dar n'uma tarde tantos beijos, tantos,  
 Como as folhas do plátano vizinho,  
 Sendo o premio da apostoinda outro beijo?  
 ; Aquella gruta, onde ambos consumirão  
 Um dia teu, a adivinhar a ponto  
 Todas as graças do primeiro filho;  
 E só no sexo os votos discordavam,  
 Porque Umbrano pintava outra Amárlis,  
 E Amárlis raivosa um novo Umbrano!  
 Pois n'essa, n'essa gruta os meus amigos  
 Para hospedar-te um grão festejo tracção.  
 Pôr-se-ha do cedro à sombra alta gramínea  
 Com seus florcos listões, onde e'roados  
 Te libem viajão annoso e leite puro,  
 Concertando himnos teus com lira e flautas.  
 O lavrador da proxima campainha,  
 A estrada cantiga aos bois tardios  
 Parando caladá, para escontar-nos.

Então, então começa o tempo d'óiro,  
 Folgão no campo os naturaes prazeres,  
 E a rustica alegria apraz nos deoses.  
 Aqui, apoi as candidas ovelhas,  
 Vai trigueira, descalça pastorinha  
 Aos célos do arredor cantando amores;  
 Ali galhudo Sátiro se esconde  
 Para colher alguma Ninfã errante;  
 Além com ledos sons retine o bosque,  
 O riso serve, as flautas se misturão;  
 Mais longe, nos pés de mal fungida ingratã,  
 Se exhalão rugos apiedando as selvas.  
 Um favonio subtil encrespa as rígors,  
 E enlada a Ninfã, que estudata uns gelos

De se enfadar com quem de amor lhe falle.  
 Priapo brincador gira saltando  
 Nos jardins, -nos vergeis, e nos pomares,  
 Ramos bate, afavorita o phíneo bando,  
 Que foge, mas de Amor não foge nás setas.  
 Amor e seus Irmãos, com o faeho em punho,  
 Lanção tacito fogo a quanto existe.  
 Junto da verde fina assentando  
 Se ouve entre feia um não sei que, tão doce,  
 Que nos amantes apraz o seu murmúrio.  
 Do rebanho o marido entre o rebanho  
 Bala amoroço, e todas lhe respondem:  
 Pela notilha se ensurece o leito,  
 Accomette o rival, goza o triunfo.  
 Cór de vete, innocentes cordeirinhos  
 Ja balão na verdura, ja cresce  
 Maravilhando a terra, a grei profusa  
 Das erodias embra saltadoras:  
 A nova criação corre exultando;  
 Aquelle foge, os outros o perseguem,  
 Voltão, saltão, empinno-se, discorrem  
 Por toda a parte n'um momento o prado;  
 Cresce o leite, e o pastor n' quem ja saltão  
 Cinchos para o queijar, tartos que o levem,  
 Ledo se entraiva com riquezas tantas.  
 Todo o arredor da aldea he movimento,  
 Contente lida, esp'rança, amenidade.

Porque se hão de calar da infancia os brincos?  
 A infancia he primavera, he mundozinho  
 Florente, de que nace um grande mundo.  
 Menino á espreita e mudo entre na silveiras,  
 Apoz o som do gullo o vai buscando;

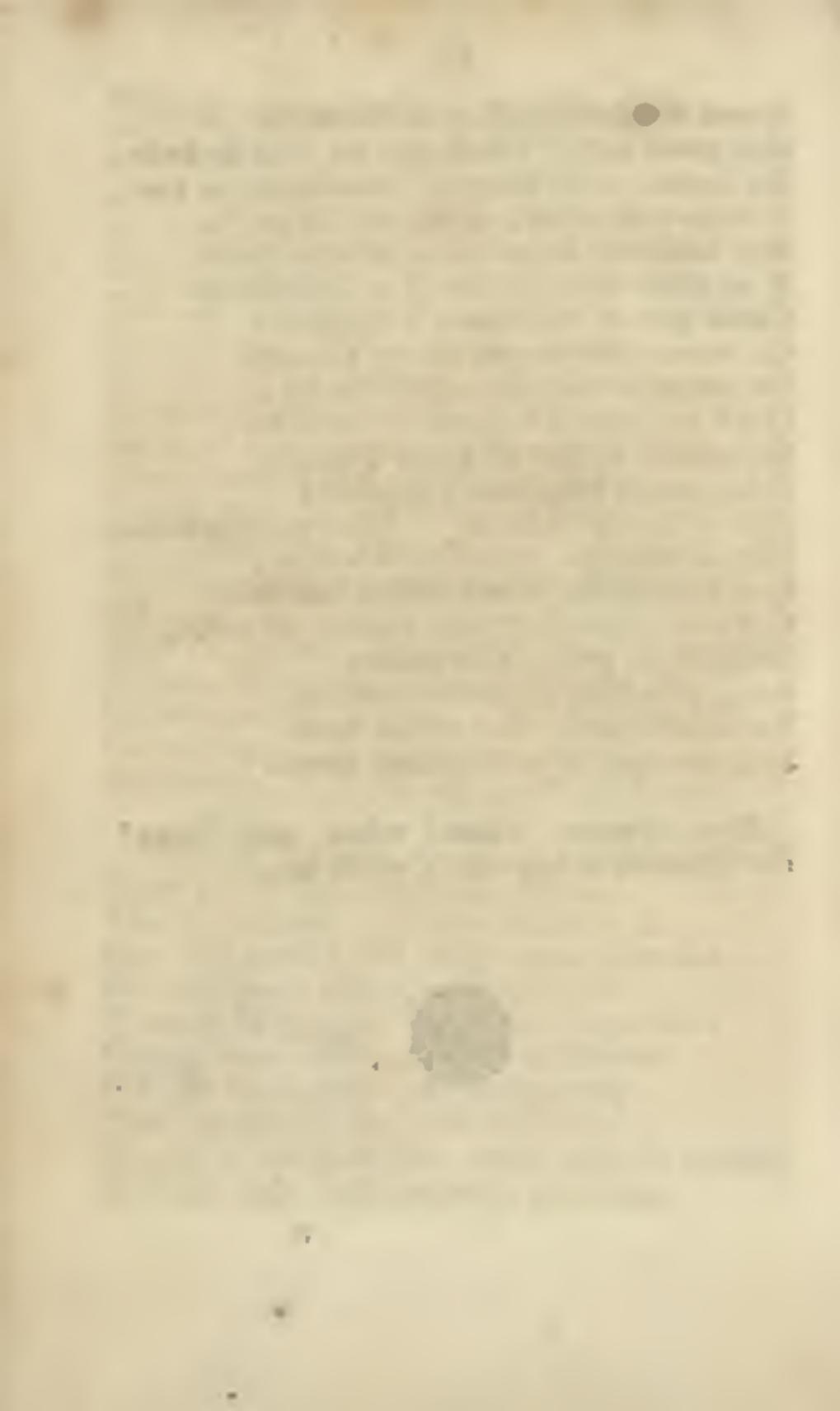
Outro os ramos ensaca, as redes arma;  
 Pêra de longo fio ao pé mimoso.  
 Passarinho, elo ar chirra e revoa,  
 E crendo-se de novo o rei do espaço,  
 De instantâne crença um dedo o rege.  
 Voo mais travesso, ás árvores trepado,  
 Nos ramos se embalaça, ou suita os ninhos;  
 Outro mais atrevido, enivão forceja  
 Por montar no carneiro, que se escapa,  
 Fazendo ao longe relinir os bosques  
 Co' o crebro som da nguda campainha.  
 Tenta menina um malmequer desfolha,  
 E pelo amor da mã' a flor pergunta;  
 Em quanto sens immãos vão na corrente  
 Pôr de cortiça um concerto barquinho.  
 Na luta, na catreira apostas servem.  
 Oh! da infancia do mundo amareis scenas!  
 Se inda as virtudes sobre a terra existem,  
 Se inda existe o prazer, o socio d'ellas,  
 He no campo, no campo; e a quadra tua  
 Nos mostra, ó Primavera, que prodigo.

Mas da fogueira as chamas enfraquecem?  
 Ja os gallos das proximas cabanas  
 Vão começando a anunciar-me o dia:  
 Que iam grato! que enlèvo estar sentindo  
 Por um sereno albor, estes vizinhos  
 Nuncios da aurora, à cuja voz respondem  
 Outros aqui e alem, com voz diversa!  
 Sim, o dia começa: a luz nascente  
 Pelas sendas do céto está brilhando.  
 Eis-me só junto ao lar! quem sabe ha quanto  
 Se jõgo meus bons hóspedes ao colmo;

Agora em doce paz lá estão dormindo:  
 Que breve noite! e he fonda; ah toda he fonda!  
 Da fresta, onde cheguei, contemplo os ares,  
 E cloro rejo o ceo, de nuvens limpo:  
 Mal brilha no horizonte a estrela d'alva.  
 E os olhos meus (oh dor!) só descobrirm  
 Como por um véo denso a natureza!  
 Os montes que longíssimo se alcanção  
 De vinhas e arvoredo entresachados,  
 O rio ao longe a fulgurar co'as ondas,  
 Os temotos caínes da gente humilde  
 Pelas verdes campinas alvejando,  
 Não vê-los eu! não ver!... Mas que murmurio  
 Solto a folhagem do loureiro antigo,  
 Que desfronte de mim reinonta aos ares?  
 O Pavonio acordou, que hontem de tarde,  
 Congado de girar, adormecera  
 Junto á cascata no pomar sombrio.  
 Vai subito partir: em curtas horas  
 Será contigo, e te dirá meus versos.

Meus Amores, adeos! adeos meu Nume!  
 Da Epistola a resposta a vinda seja.





O DIA DA  
**PRIMAVERA:**  
POEMETTO EM DOIS CANTOS.

## POEMA

Em dois Cantos se divide agora este Poema,  
para commodo de quem le. Entendim operar  
melhor que da primeira vez, este seixe de  
flores, se o he: algumas delas fôra sem fairem  
mingoa; as demais farão refreshadas, e se  
me não engano mais algum rigo ganharão.  
Puz-lhe com tão boa vontade as mães como na  
Epistola: pela que , sem dizer de ser o  
mesmo, he outro; he o mesmo no essencial e  
intrínseco, todo outro no lustre e na toada.

## DEDICATORIA

A MINHA MÃE.

A maneira das artores, que acordando do sono do inverno ao boso omnipotente da primavera, como que ressuscitão com o suio e vida nos primeiros olhos e flores, o meu engenho começa a matizar-se das suas, com a lornada d'elles dias puros e deleitosos aos amigos do campo. As primícias que d'ellas pude colher, farão para a grinalda que apresentei na Festa da Primavera celebrada com os meus amigos. Depois de a haver tirado do altar da Beira que governa a mocidade do anno, a quem se não a li, ó minha Mãe, devêra offerecer esta grinalda? sim: ontem qualquer a encilhara por de nenhum preço; de li sei eu certo que she acharás uma graça especial, mais finas edres, e fragrâncias muito suaves: enfim me atrevo esperar que pôstos amorosamente os olhos na minha Obra, entenderás, sem o dizer, como eu sinto todo o amorosa da gratidão, ao cuidar em quem me deo além do ser, a educação, e todos os mais carinhosos desejos: alguma suspiros e lamentos, para cimento da minha felicidade, cêrão talvez por li, ó minha Mãe, espalhados na minha auscência.



HISTORIA DA FESTA  
DA  
*PRIMAVERA.*

---

**R**emontando a vêa do Mondego ate obra do um quarto de legua para cima da Cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte: dissereis que em hora de contentamento o fizera a Natureza, para algum dia hospedar no regalo d'aquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus. De Lapa dos Esteios poreria nome ao sitio em dias remotos, segundo soa, os viuhateiros e pomareiros que de umas e outras varzeas do rio costumavão acudir ali por paos, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fruta. Ainda permanece o nome, porém ja o arvoredo se não desbarata pelos vizinhos, e a Lapa, de tão solitario e amena que he, parece a appellecida estancia do Genio da liberdade.

Entra-se por um breve caões ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma torcendo-se toda para o rio, se debruça para saudar e con-

brir com a sua sombra os baleis que chegão  
No topo do cães, e fronteira a quem desem-  
barca, se aleanta um genero de muralha notá-  
va de rochedo, todo em muitos seios. Esta pe-  
nedia, até aos nove ou dez palmos de al-  
tura, sóbe nua e só ornada de sua mesma aspe-  
reza; d'ali para cima, como envergonhada  
de sua dura condição, se esconde toda com um  
frontal de heras, que ora ressem como cabeços  
pendurados, ora se recolhem para fantasarem  
la pot dentro uns grulazinhas e labirintos;  
d'onde às vezes se estão vendo sair por um ca-  
lho e por outro os paseiros, que depois de be-  
ber e se banharem na ria da agoa, se empol-  
icão pelos lamegueiros vizinhos, namorando e  
cantando a suavidade e freqüência de suas ha-  
bitações. Pelo lado direito d'esta agradável scena;  
sóbe uma cerrada espessura de bosque puquo-  
no, onde os olhos se enleau na confusão de  
troncos e folhagear: pelo esquerdo abre-se para  
cima uma escada rustica mas comoda, de  
doze degraus. Tocem-lhe extendido soldo dois  
lamegueiros velhos, e outras arvores mais pe-  
quenas se abração por ali, travadas com mil  
volins de hera. Dá este subida em una plâ-  
nura sobre o comprido com seus assentos de  
ainhas as bandas, isto he da terra e do rio,  
o qual por entre um baste arvoredo, que d'ali  
por uma especie de promontorio, vai descendo  
até lhe metter os pes na corrente, se está ven-  
do a furto transparecer: das primeiras cabeças  
d'este arvoredo cão para os assentos uma boa  
e vedada sombra. O juro e perfumado dos.

ntes, a varia presença da terra e águas, o susurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querellas das ntes, em summa o natureza encantada só de suas mãos, e paz e descanso de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sítio. Uma ladeira suave oposta à escada, e ainda mais sombreta, despede em outro cíues com seus degraus nativos de rocha níté á agua. He este menos bem assombrado que o primeirão: não tem relva, nem arvores, nem verdura alóra a da muralha no topo, toda velada de musgos, matizados com seus tufoes de fetos silvestres, congoisas e um sem numero de outras plantas e ervas, sobrepondo a espagos alguns ramos solitários de tiqueira brava: mas o que de interior graça lhe saltece, lho compensa a larga vista que para fôrta desfruta.

Era chegado o primeiro dia de primavera. Tingido e assentado estava de ha muito entre mim e meus amigos, como íamigos passando juntos, em um rovinha e feita poética á honra d'aquelle mais formosa parte do anno. Não faltavão a volta da Cidade muitos sítios accommodados no intento, nulos não creio que possa haver no mundo outra verdadeira Arcâdia, que em tão pequeno espago resuma tantos: mas d'entre todos coube á Lapa dos Reis a palma da competencia. De doze se compunha o rancho, todos amigos, poetas e academicos.

For volta de meio dia, pouco mais, nos ajuntámos com muita alegria e abraços, e todos com as nossas ramalhetes de primavera nas mãos, nos pozemos alvoradadamente em caminho para o rio, onde já o barco nos aguardava. O ar estava puro: contra o sol que ardia rijo, nos acudia com refrigerio um pouco vento, que ao mesmo tempo nos fazia mui boa feição para contrastar a corrente. Saltámos e partimos. — Em quanto alguns por um e outro bordo ajudavão o favor do ar com o trabalho de suas varas, repellindo o álveo, e fazendo-nas resvalar mais prestes à medida de nossos desejos, os demais amotinavão ao longe ambos as ribeiras com suas canções de amores, entoadas em clima. A cada momento parem se quebrava por si o canto, para se contemplar e encarecer o muito que a natureza e o artificio podérão e soubérão criar para enlevo de olhos, por ambas aquellas dilatadas margens e campos: pradaria verde e florida, ontórios risenhos, caizes branqueados, grangearia e recreação de quintas, pomares, hortas, jardins, e mil arbustos curvos por entre choupos e salgueiros até cheijarem a agua, esse era o painel ~~em~~ que meus amigos se lião endevando, e que a mim, que pelo longe que craposto, o não podia nem por nevosa enxergar, me desentranhou algum suspiro, dando-me a sentir no meio da geral alegria alguns momentos viagoados, recostado na borda da embarcação.

Mil couzas pequenas, e por ventura (mas quaes ha que sejão taes pnta gente moça em dia de jubilo?) motivarião toda essa viagem : taes como a grta que de subito elevaniamos ao passar por baixo do areo grande da ponte, donde as vozes, refletindo do massigo da castaria, nos ressoarião para os ouvidos com uma estranha seada , como que por aquella porta e estreito estivessemos entrando um mar nunca d'antes descoberto; despedidas à Cidade que de nós se alongava, bronca e assentada egi seu niente, até que desapparecia , e ás margens que para nós arremetiam correndo com seus estendaces , lavradores e rebanhos , para logo nos passarem alem , fugir-nos e perderem-se ; a vista de um bando imenso de painhas , que levantando-se espavoridas com a nosta passagem, de um ilhéu de areia onde se estavão a beber e banhar-se , nos atravessarão pela praia e forão derramar-se todas queixosas pela ribanceira vizinha ; o ceo a espelhar-se inteiro nas aguas utadas de retratarem multiplicado o sol da primavera com toda sua magnificencia : semelhantes nadas produzão em somma um genero de felicidade a estes moços Annateentes viajando , á qual, para de todo aser , só faltava poder durar.

De instante para instante importunaramos os barqueiros , perguntando insossídos quanto nos restava do camincho. Guidava-se ver a Lapa dos Esteios em quantas coledades apraziveis nos appareciam ao longe. Emfim a apontariaõ

com o dedo; levantão-se todos, todos com clamor unisono a saudão. Saltámos logo no primeiro cíes, deixando o nosso barco amarrado a uma arvorezinha, que se algum entusiasmo vier visitar aquelle sitio, he a terceira da parte esquerda. Uns de outros deram-nos, nos loinos prestesmente por onde o heaso ou a fantasia nos levavão, correndo e devassando toda aquella solidão, que por algumas horas vinhamos povoar: e tornando-nos a ajuantar no alto, onde tão commodos assentos se nos desparavão. “ Haja Lapa disse um, para estância e habitação das Musas parece feita; por aqui os heras pendem de toda a parte! ” Sobre o que, se procedeu logo à lição dos poemas que todos levavamoſ. Aqui usarão meus amigos para comigo de huma cortezia, de que por mais que fiz me não foi possível desender-me, ordenando-me com seus regos que os meus versos, para os quaes o ultimo lugar em tal companhia poderá ainda ser de muita honra, rompessem antes de outros aquelle acto. Estes, u que eu posera o titulo que ainda tem *O Dia da Primavera*, ja primeiro que o sitio fosse escolhido se achavão feitos, rascão porque não ha que procurar n'elles a pintura d'elle. Concebêra eu uia dia de Primavera levado pelos campos em contentamento com aquelles companheiros, tomei de minha livre imaginaçō o que me parecio bastaria para o encher; e poei-o sem me obrigar a nenhuma outra verdade.

Elviro (que todos havião arredicadamente tomado para si nomes de pastores) assim como a leitura foi rematada, veio para mim com um listão de heras nas mãos, e me lançou, a todo o poder que eu pude dar, me escusar, do homem direito ao lado esquerdo. — Seguiu-se Anfíro, o qual em pé junto de mim, e com uma coroa em punho, recitou uma formosa Ode, toda floreada dos louvores que a amizade lhe figurava poderem-me bem assentar; e chegado que foi á ultima estrofe, me colocou abraçando-me. Também a esta hora me foi forcado ceder, com quanto claramente em mim sentisse o muito que vinha mal empregada: a amizade ordenava, o dia era seu, rendi-me. Era a grinalda de artifíciosíssimo lavor, muir fresca, e tecida de louros, heras e cópia de flores naturaes; guardei-a com afanha e como joia; quizera conservá-la para sempre, mas representava gloria, e minha; murchou, dessez so, iugos annos ha que he pé, e pé disperso.

Dado que ja então fosse tal o meu triunfo, qual nem em sonhos de ambição o poderia antever, Jovino, a cuja felicíssima Alosa ja eu era, muito havia, devedor,inda o subio de pouco, lendo antes de um poema, pequeno em extensão mas grande e grandissimo em merecimento, um elogio a mim em tão delicados versos, que não posso menos de perdoar-lhe a lisonja.

António (\*) leu um longo poema intitulado *A Primavera*, que todo respirava aínor nos campos e à virtude, inviado de mui minhas galas poéticas, e de mui particular docura e sabor para os ouvidos: nem se cuide que sangue ou amarade ou vâgloria me fazem força para o dizer, que antes o dissimulara eu, se o ser iriau e amigo fossem partes para, quando a todos os maus vou distribuindo seu preço, lho sonegar a elle; e ainda assim talvez o não ensaiá, se tão boas testemunhas não valessem a confirmá-lo.

Foi esta leitura interrompida de uns sons de flauta, que por cima das cabeças, e de mui perto nos vinha: era o meu caro amigo, Cláudio português, José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvea, que alvoracando-nos e alvoragado, nos apparecia no cimo da curta escada que da Lapa sobe para a Quinta das Casas, que lhe fica sobranceira. Forão tudo clamores de alegria, recebendo entre nós, poetas todos verdes, o nosso decano e patriarca; cercámo-lo com abraços, das mãos lhe furtáram a flauta, foi levado de repente a todos os recantos do nosso Parnaso, contando-lhe todos à huma o que até ali se passara, que vez se fallara n'elle, e se desconfiara de sua prometida vinda. Este homem amavel, jovial, incapaz de estudadas gravidades, dado e corrente com todos, bom sem merecimento de es-

(\*) Meu irmão Augusto Frederico de Castilho.

sôrço, filosofo tem o cuidar, coração que ainda não saíu nem já agera saírá da infancia, homem só comigo parecido, que a ninguém imitou nunca, nem de outrem será nunca imitado, e cuja vida, se alguém soubesse escrevê-la, sairia tão original e unica como ellé mesmo, este digo, nascido para ter alma de qualquer ajuntamento moço e alegre, tomou para logo seu quinhão na Festa. Deu-se sim no poema interrompido com a chegada do novo sôcio, que muitas outras vezes o tornou a interromper com applaudir e abraçar o poeta. Jossino, que assim como o ouvia fôra entrancando uma coroa de hera da arvore mais chegada, mal que o ultimo verso expirou, se foi com ella, por entre as palmas de todos, premiar a fronte do canto.

*Elmiro*, que de spos se seguiu, nos cativou as attenções com um poema de muita inventão e belleza, donde outra vez a amizade me brindou com perfumes suis, para os não dizer da lizonja. Igualmente o coroámos; couro tanto se foi fazendo aos de mais, que recitavão poemas mais breves ou traduções.

*Salicio* (\*) repetio uma mimosissima tradução livre de uma parte da Primavera de Thompson: *Albano*, uma tradução em lindas quadras do Idillio Primavera de Gessner: *Franca*, uma tradução em proza de Utz, que

(\*) Meu irmão Adelmo Ernesto de Castilho.

lco de pé com o copo em punho, e remigou com um brinde: *Franzino* uma versão da Primavera de Cramer: cerrando-se finalmente este rico bauquete poético com mais de quatrocentos versos de um poema de meu irmão José Feliciano de Castilho, que pelo muito menino que ainda àquelle tempo era, não foi dos meus vitoriosos.

Todos estavam coroados, e o rancho se espalhou. "Ja ja vai o sol abaxio; os seus raios apenaçõa tornão ja os cumes dos outeiros d'alem: aproveitas o tempo!," brindarão algumas amigas da borda de uma cesa que dominava a Lapa: e todos sentimos que a tarde nos lia insensivelmente escapando. Então no som da flauta do nosso Ilomio, começaram todos de dançar e saltar, e as aves incitadas da musica, levantarião mais alto os gorgejos da tarde. As folhas das heras, que por ali guarnecião todas as arvores, e algumas flores voavão ás mãos cheias como em chuva, de uns contra os outros. De quando em quando se alentava alguma voz inenleando, porque os fossem todos ver, alguém particular gracioso e ainda não observado d'aquelle sítio. Chamando Áulico pelos outros, lhes fez notar do céu mais arido, o como o rio d'ali visto, à conta de sua curvitude se afigurava lago cercado de collinas desiguais, coroadas e semeadas de laranjeiras, oliveiras e pinheiros, e caudas altejando, exergando-se mais a longe, e por entre estes, outros outeiros, quasi q se desvan-

necer na distancia e sombra da tarde. Debu-  
xava eu no animo todo aquella scena saudosa;  
safava-me o quadro maravilhoso, mas era por  
ventura verdadeiro? não o sei.

Uma metenda saborosa nos appareceu de re-  
pente e como por encontro: Elmiro sór o ma-  
gico providente. Toalhas brancas de neve es-  
tendidas no céus do desembarque, soñão po-  
voadas de primorosos manjares, garrafas ja de  
dina, e copos coroados de verdura: uns rolos  
de arvores estendidas em quadro nos valerão de  
assentos: dois meninos gânicos, vestidinhos de  
branco, erão os Ganimedes do nosso banque-  
to folgazão. Parte assentados, parte reclinados  
em diversas posturas, outros por entre estes gi-  
rando com os copos e pratos na mão, boas  
descaldas, descuidos a tempo, apontadas gra-  
ciosidades e risos do íntimo, brindes com o co-  
po alto na direita, enviados a mui longes e  
mui diversas terras (que não havia um só que  
da sua não padecesse ausência e se não finas-  
se com saudades), outras saudes ora mais ora  
menos sumidas, a objetos nomeados umas vezes  
e outras não, mas mui bons de adivinhar pe-  
los suspiras e geito do saudador, a voltas e  
propósito d'issó narrativas e contos para fal-  
gar, musicas alegres de flauta mil vezes con-  
meçadas e outras tantas interrompidas, e ou-  
tros muitos nodos com que a pellua se não alrei-  
va, convinhão em aprazivel mistura para en-  
cantar a ultima hora da Feita da Princesa.

Posto era o sol, mas o céo ainda não carregado de noite: havia-se de partir, soltava o ânimo para o fazer; instavão os barqueiros, cresção n'ellos a rauda e o importunar, acabárnão comnoceo que nos rendessemos. Despedidos amorosamente da Lapa já aquella hora entranhada de escuridão temerosa; com os pés já postos na beira da agua, nenhum queria ser primeiro que trocasse terra de tanto festa, por um barco que nos hja tornar praia onde vida de proza e cuidados nos aguardava: senão quando, levantando o bom Gonçalv a voz, com ella suave e clara que se hja por aquellas margens alem, começa de cantar *A minha Lilia morreço*: improviso seu, cheio de uma grande tristeza, que nos cangados e não faltos de gozar costuma ser segundo gozo. Assim hja elle até n'isto imitando o seu Horacio, que nos poéticos festins que dava ao Genio da alegria, nunca se esquecia com seu quinhão de pensamento para a morte. Profundo era o silêncio que de toda a parte cercava o nosso cantor; só se ouvia o murmurio baixinho da corrente.

Não havia quem nos apartasse: por detrás deita vez nos tornámos ainda à Lapa, travou-se uma danga por despedida, e fez-se uma saude geral no lugar e às trez Graças que nlt costumão n vir muitas vezes (\*), ate que em-

---

(\*) As Senhoras Melles, a quem pertence a Lapa e a Quiluá das Canas.

sim nos embarcâmos, com as nossas coroas na cabeça. Foi aos barquitos defendido usar de yara, antes se lhes encommendou que nos deixassem embora ir, tão mansa e perguignosamente como à vés mal desperta do rio parecesse, e ainda n'aquelle pouco descer das águas houverámos nós tido mão, se podessemos.

Pareceo bem, para alalhar a confusão de tantas vozes como as que ali servião juntas, nomear á maneira do Rei do vinho nos seguns dos antigos, um que nos governasse. Este foi Gouvea por acclamação unanime. Lembrou um que d'ahi ao deante nos ficassemos uns aos outros dando o tratamento de confiança, que a boa amizade consente e requere: approvou-se.  
 " E quemquer que a esta lei desobedeqa, haja ja-se por expulso da Sociedade dos Amigos da Primavera. " Approvou-se com alvoroco; levantáro-se todos abraçando-se, apertando-se entre si as mãos, e dando-se entre risos o tratamento novo tão amiadado para lhe quebrar estranheza, que ninguem se entendia. —  
 " Todos os Socios (gritou outro, e de novo se fez silencio) hão de conservar até que o tempo as destina, estassuas coroas, se não monumentos de gloria, penhores certo que mais vale, de horas felizes: " , approvou-se por lei o que ja todos levavão no coração bem votado. Suscitou-se depois que recitasse cada um segundo a ordem dos assentos, alguma sua poesia breve, e que mais lhe parecesse accomodada á occasião. Não faltáruo aqui seus deba-

tes, lembrando uns como após tanto recitar, tinha a cantoria muito melhor cabida do que os versos nus, outros affirmando que a flauta melhor que nenhuma outra couza diria com a hora, sitio, e calada grande do rio: até que um veio conciliar a diversidade dos pareceres, dizendo que umas couzas não tolhão as outras, antes podião ir todas a revezes tendo seu lugar: o que assim se cumprio.

A serenidade da noite junta com os raudades do dia, nos fez achar inefável doçura nos sons da flauta, que pareciam modulados pela melancolia, e se esvaíam ao longe nos ares. Se ás vezes o acaso nos levava mais para uma das margens, uns srouxos echos elidios de doçura e tristeza se compraziam de repetir a musica e os palmas com que a nós applaudiainos. Em quanto um só cantava em meia voz, e nós o ouvidmos calados; a face na mão, e meio reclinados contra o rio, suave nos era escutar como as quasi insensíveis ondas, com som muito mais baixo nos vinham beijar os lados do batel, d'onde se fugião partindo com um murmurinho saudoso.

Desceemos em terra, e abraçando-nos repassados de igual amizade, e das mesmas lembranças, votámos logo ali noite festa em honra do primeiro dia de Maio, a qual se veio a fazer, como ao denrote o declarará o volume: e todo esse meio tempo de uma até à outra, foi tecido de doces memórias, fantasias poéticas, lênguas e esperanças de prazer.

Assim se podia e sabia ainda então passar  
dias mansos, innocentes e bemaventurados!

Lisboa: 2 de Janeiro de 1837.



180  
nur auf diejenigen, welche Pfeiffer als gleich-  
zeitige Erfindung A. von Wacker, B. Wacker und  
C. H. Schmidl. als "neu" bezeichnet.

---

# O DIA DA PRIMAVERA

---

## CANTO I.

### *A Manha*

Ei-la que chega a amante Primavera !  
 Logo ao romper do dia susurrando  
 Vôs, Fazionos azues, a anunciateis.  
 Chega... chegou ! as aves a festejo  
 Desatinadas, doidas; ja com verdes  
 Braços lhe acena o bosque; estão-se os rios  
 A retrata-la; as fontes a murmurão;  
 Traz gala o monte; os valles se alcatifão;  
 Ri-lhe o ceo todo, a Natureza be d'ella !

Mais cedo no leito do matido annoso  
 Hoje a Aurora fugio; tomo regago  
 De orientaes aljofares mais rico,  
 Mais cópia em seio e maos de ethéreas flores.  
 Ao umbraes inda escuros do horizonte

Quem a aguardava, quem? os meus Amores.  
 Que encontro! que abraçar-se!.. O Zelirinho  
 Que ja por entre nós passou tres vezes,  
 Tres vezes ao passar mo ha segredado:  
 Vio tudo, tudo ouvio, que era elle proprio  
 Um dos que pelo ar vinha soprando  
 O matizado pavilhão de nuvens,  
 Em que ás terras baixava o Far celeste,  
 Rosto a rosto inclinado; as mãos unidas;  
 Mago riso um só riso em bocas duns;  
 Absortos em luz mutua os mutuos olhos;  
 Duas Gêmeas do ceo, duas Virtudes  
 N'uma Virtude só, se asfiguravão.

— “O' minha Irmã (dizia à Primavera)  
 “ Quem nos ha de estremar? tu es do dia  
 “ A Primavera, eu sou do anno a Aurora,, —  
 — “ Pilha como eu do Sol (accede rindo  
 A Aurora), ó doce Irmã, vértice-te o Fado,  
 “ Não h'eu io inveje, os bens de urna mais ampla:  
 “ Deu-te folgar sem mim, deu-te a alegria  
 “ Dos dias que eu só abro, e os tão gabados  
 “ Prazeres que eu não vi, não verei nunca,  
 “ Prazeres do sol posto, e de alvas noites.  
 “ A mim lida perenne, a mim rigores  
 “ De oppostas estações, reinas de instantes,  
 “ Constante fuga, e os odios dos dísposos,  
 “ E as maldições de Amor contigo assavel.  
 “ Eis porque a meu pezar, já por costume,  
 “ De olhos que espargem luz de orvalhão choros.  
 “ Perdoa-mos teu jubilo mos sécca,  
 “ Desce, eu parto, urge o Tempo, e ja me acena  
 “ Co'a mão rugosa para novos climas.  
 “ Fica-te em nossa amada Lusitania,

" Iuda poneo'ha tão triste. Observa os cumes  
 " Contra o nosso nascente; ah! vês à espera  
 " A turba toda dos campestres Dezoes,  
 " Flora, Cibele, Driades, Napéas,  
 " Hamaadriades, Náiades, Silvano,  
 " A eagadora Cinthia, Amores, Graças,  
 " Os ledos Risos, a amorosa Venus;  
 " E Pan ha muito tempo em nova flauta,  
 " No verde cume do apartado monte,  
 " Lá onde canas trêmuñas susurram,  
 " Para a tua chegada estuda um hino,  
 " A enjo estrondo os Sátiros volteem. , —  
 Diz: olha para traz, vê o Sol, desmaiá,  
 Beija a Amiga, e fugindo a entrega ao dia.

Descez-se a névoa, eis Sol! Joelho em terra;  
 Amigos meus; he o Sol da Primavera!  
 " O' Sol das flores, Salve! O' Sol de amantes,  
 " Salve! E traz veres Salve, ó Sol dos vales!, ,  
 Vèle-o dobrando do arvoredo os cumes;  
 Vede nas aguas límpidas fervendo  
 De reflexos de luz áureo cardume.  
 Corramos n'um momento os campos todos!  
 Como esta luz do Ceu, que a toda a parte  
 Desce, rompe, insinua-se, alvorocha;  
 Como esta luz do Ceu, raios manecbos,  
 Devastaemos a terra: n'uma só gruta  
 Não sique, um arvoredo, ou valle, ou fonte,  
 Por onde não mergulhe a vista, o estro.

Esta, que ora seguimos, lertuosa  
 Conclava senda, ha pouco estreito rio  
 Co'us grossas chuvas da vizinha serra,

Parece de um jardim curiosa rua !  
 De um lado, e d'outro os cônitos pendentes  
 Ja não são montes de crueis espinhos ,  
 Montes são de verdura , e roxas flores ,.  
 Onde n'outra estação virão os céus  
 Colher nevadas muias negras amores :  
 Recende o legado , e a madresilva .  
 De madresilva ornemo-nos as frontes ...  
 Mas não : fique-se em paixão a flor nevada ;  
 Quer-se antes a violeta , em sei outeiro  
 Onde ella mora , lie flor da Primavera ;  
 D'esta eu fiz elleição não quero d'outra ,  
 Vós , se outra preferis , apanhai d'essa.

Por aqui vai a encosta desfargada :  
 Como que ja de cór meus pés a sabem.  
 Ja vós de cá vereis , lá quasi ao cimo ,  
 Um ramalhete espesso de aveleitas ,  
 E de dentro luzindo uma apparencia  
 De olvo lirio entre verde , um caçalinho ;  
 Pois essa he a casa de Ngle. E mais avante ,  
 No alto ; não voltéão solitários  
 As pándas velas de veloz moinho ?  
 Tainben ja la pourei a'uma afrontada  
 Tarde do estio , e lhe dormi à sombra.  
 Tudo isto me conhece ! Esta ladeira  
 De rusticos degraus , que ahi detee á dextra ,  
 De perenne cejador acobertada ,  
 Cae na fonte da aldea. (Ahi vão por agua  
 Com seus verinellios cantaros as moças .  
 Outras cá veia , com passo mais tardio ,  
 Subindo ja , com os potes á cabeça  
 Lustricos , vacillando e sempre firmes )

Não presumis quanto be social n'boa  
 Da fontinha aldeã! não ha formosa  
 Que ali se não detenha e não se enfeite;  
 Não ha pastor cortez, que no fim da tarde,  
 Ja recolhido o gado, ali não deixa  
 Para ajudar a encher;inda não houve  
 Na vizinhança amar, cantiga nova,  
 Ou faldado sucesso, que cem rézes  
 Do fundo de seu antro os não ouvisse  
 A Naiade auciã; nem bôda alguma,  
 Sem se entamar o pôrtico meagoso;

A' esquerda, pela várzea ainda 'rellanho;  
 Que ouvi balar, e ainda ouço a chilrena  
 De pegureira voz: Drei-ané à presta;  
 Que scena offrece a varzea? a relva molle  
 De alvas bordões crêntulas blindegas;  
 Onde o calor nascente o ovellho enfilda;  
 O sombrear das arvores dispersas,  
 Bellos não são de ret? he! vasto o bandão  
 Das ovelhas pacificas! he! lindo o rebanho  
 A guardadora tua? está costola  
 Em pé volvendo o fuso e olhando o pânto,  
 Ou com algum pastor sentada em célo?  
 Traz dispenso o cabellho ou prezó eti rosas?  
 Que donoso canta! que peregrina  
 Poesia que desperdiça aquella mágica  
 Com broncas solidões e ovelhas rudes!  
 Couza que assim namore a fantasia  
 Não quero que haja, não: virgem formosa  
 Sozinha sob o eco; velando em brutos  
 A que era de velar como um tesouro;  
 A graca envolta em lás, contente e rica;

Já annos verdes, sem pena aqui florindo,  
Longe de olhos e amor, jogos e esp'rança!

Detende-vos: o aroma he de violetas.  
Ei-las! irei tecendo a c'rona minha.  
Com estas, que escondidas, pridibundas,  
Como a pastora, em paz detabrocharão,  
O ar, como a pastora, em toda encantado.

Já percebo o rugir das aveleiras;  
Não vejoinda o caçal estancia d'Egle,  
Mas perto, oh perto vemi: todo esse rolo  
De espesso fumo que serpêa aos ares,  
He da interua fogueira que amanhece,  
Cuidadosa do almoço, aos moradores.

Entremos no pomar. Já Primavera  
Copiosa g' bastejou, da agradecida  
A's poñateirus mãos que lho aprestarão.  
Toda sojhas não ha, mas tudo he flores!  
Vede como ante o sol tremula e brilha  
O pesegueiro co'o vermelho ornato:  
Vede além da pereira a branca veste,  
Da cérrejeira, do abrunheiro a cópa:  
Vede como uma vide em cada tronco  
Tenaç se enlèa em tortuoso abraço;  
Ja seus pequenos paupianos rebentao,  
Verdejantes festões ja não formando:  
Do cheirosu morango a planta humilde  
Aqui e ali no verde chão rasteja.  
Arvores, plantas d'Egle, a nomeada  
Em todo este arredor pelas delicias  
Dos ricos frutos scus, não se numerão,

Nem sei louvar que ilhes não ceda, e mallo.  
 O porque sejão laes, fique em segredo:  
 Quando vo-lo eu disser. — Aqui Vertumno  
 Veio uma tarde do passado outono;  
 Mudado em rouxinol, cantar nos ramos,  
 D'onde, mais bella que a gentil Pomona,  
 Egle andava colhendo a rica fruta.  
 Julgau ver sua Deoza o eterno amante,  
 E tão doce cantou por entre os frutos,  
 Tão queixoso gemeo, gemeo tão meigo,  
 Cetrou-a tanto com choros pios,  
 Tantas vezes pouzou na mão de neve,  
 Na trança negra, no virgineo seio,  
 Que Egle o metteu no candido regaço,  
 O levou toda usava ao lar paterno,  
 E em pintada gaiolainda hoje o guarda,  
 Que o Deus não quer fugir da cativerio.  
 Quando a gente acordar pela alta noite,  
 Acalenta a com languidos requebros:  
 Ao romper da manhã, quando no bosque  
 Ouviu perlo cantando as outras aves,  
 Logo a recorda com vividos gorgejos:  
 Mas quando a ve surgir, qual Venus da agua,  
 Sem mais vestido que a esparsida coma...  
 Abi he o pipillar, o esvoaçar-se,  
 O encrespas de plumage, o dar sem tino  
 Contra os duros varões co' o peito brando:  
 Abi o abris do bico a pedir beijos,  
 E o retelar calado o aíres e o nome.  
 Por isso he que ao pouzer onde foi prezado  
 Andou, quanta vos prende, insinua gráci.

Como he puro este eco do campo d'Egle!

Como lie doce este Zéfiro que solga  
 Entre as arvores d'Egle! este lie díioso!  
 Eizja que râe de seu campestre alvergue.  
 Calados se podeis, entre estes verdes  
 Porque vos não descubra, olhai-ni um poneo.  
 Que quis ver como a ponto lhe adivinho  
 Os passos, e o que faz, e os pensamentos?  
 Sim, Egle lie sempre aquella, lie sempre a mesma;  
 Arvore sem enxerto lie sua vida,  
 Da sempre a flor igual, iguas os frutos.  
 Mas silencio, Vertus nos insostidos,  
 Ja vo-la pinto, e me dizeis se eu erio.  
 Do braco nu e candido lhe pende  
 De louro milho o pródigo cestinho.  
 Chama as pombas, já vão pouzar no alpendre;  
 A' cira arroja os grãos, lá no na eira,  
 Atrulho, comem safregas, resogem;  
 Abi vai novo puabado, abi vem de novo.  
 Uma d'ellas, mais alva do que o leite,  
 Vai pouzar no cestinho ao lado d'Egle,  
 E mansa come na formosa dextra;  
 Partão edres com o sol o collo, as azas.  
 Egle lhe chama filha; assicurariets  
 Que o brutinho n'entendeo, salta-lhe no scio,  
 Espneja-se: agora lhe promette  
 O pombo mais bel para consorte,  
 E um círdo todo fôfo, e muito afago  
 Aos pequeninos seus; mas quer em paga  
 Um beijo, e um beijo pede: a face inclina,  
 O bico a vem libar; alonga os labios  
 Unidos em botão, cotie o biquinho,  
 E ao centro do botão lhe leva o beijo.

Agora veio ao tanque, aos rubros peixes  
 Trazendo segundo almoço: oh! — providencia  
 Não há mais desvelada, ou mais formosa!  
 Mal que o choveo nas águas transparentes,  
 Por entre os crebros círculos nascem  
 De vivos olhos purpurina turba,  
 Tragão-na, e fogem requebrando as caudas:  
 Brum o lago outra vez ficou dormindo.

Que dizeis? volve a casa? em manhã d'estas  
 Egle volve no casal! tornará logo.  
 Mas vos não妨碍, que o deus consinto;  
 Hoje he só Divindade a Primaveta.  
 Enquanto a hora da Festa ainda vem longe,  
 Irmos correndo à solta, irmas folgando  
 He o nosso dever, foi jura nossa.

; Mas que risadas d'esta parte sóão  
 Entre os salgueiros, do regato á borda?  
 Rasgado o cinto, degrenhada a trança,  
 Uma Ninfa gentil é quasi sardinha,  
 Se ouve tir no pacífico arvoredo!  
 La vai na vêa d'água bramejando,  
 E a sultor de affligrão piedosos gritos  
 Um Sátiro infeliz! já muito longe  
 A contente lhe leva o odre e a flauta.  
 Agora á flôr das águas apparece,  
 Some-se agora no lodoço fundo.  
 Envez de o socorrer, o apurão riudo  
 Da opposta várzea os rusticos pastores.  
 — “ Dize, bom guardador das vacas nedens  
 “ Que successo foi este?,, — “ Isso vo-lo conto.  
 “ A Ninfa hia correndo, antes voando,

" Ao longo d'esta margem que verdeja,  
 " Quando eu dei sé; suava-lhe no aleeace  
 " O mosino do Sátiro... (Que vejo !  
 " Inda pude aferir... Mais horas leve  
 " A agua que o não tragou ! Pois ja não larga  
 " Os vinhos que aferrou co a mão pelluda.  
 " La trepa... Vê-lo em cima ! Oh como o bruto  
 " Se estira no sol e arqueja !) Hia no aleeace  
 " Da pobre Ninfá o Sátiro ; unhas silvas  
 " A prendêr-o, travando-lho do cinto.  
 " Carpia-se a coitada entre alaridos ,  
 " Como passaro prezo ; esta novilha  
 " Não muge com mais ansia em vendo os lobos.  
 " Bate as palmas o fero , e mais ligero  
 " Atropella a carreira , e vai clamando  
 " — Venci-te — A vida não ja lhe lungava ,  
 " Senão quando (tomado está dos vinhos)  
 " O pé caprino na orvalhada relva  
 " Resvala : vê-lo vai de tonho em tombo  
 " Medindo a ribanceira , e dá no rio !  
 " Logo ao caír , fugira-lhe dos homens  
 " O odre da vinha , e a flauta d'entre os dedos.  
 " Mal pôde resolgar — O' flauta ! ó odre ! —  
 " Disse trez vezas , e esqueceu-lhe a Ninfá , —  
 — “ Bem hajas , guardador das neves vacas !  
 “ Mais feliz sejas tu com teus amores , —  
 “ E meus apressada a que seguires . ”

Socios , que mais lha ah ! Que vos demora  
 Em redor de um choupo ! Letras , versos  
 Enrolhados no tronco ! uma grinalda  
 A abraça-lo , outras mil por toda a copa ,  
 Que parece um rosal ! na terra muitos !

Lede-me esse letreiro: algum queixume  
De infeliz namorado. Oh! céos, he erivel?  
LEI DE AMOR tem por título? se fosse  
Da própria mão do Nome aqui gravada!

*Amar, amar! ríver d'amores!  
Que o tempo off'rece e nunca espera;  
Aos corações bem como ás flores  
Não te renova a Primavera.*

Oh Lei, poita de Elísto antes da morte!  
Sim, sim, de Amor tu es; vós sois das Graças  
Coroas que a usanaes, a encheis de aroma.  
Socios, ministros das Píerias Deozas,  
Erguei não não protana ás flores sacras,  
Privilégio he do estro, ourai colhe-las:  
Levará cadaqual no peito o sua  
Pem sobre o coração, tão peito d'elle  
Que ouvindo-o palpitar lhe falle amores.

Pois he lei quero amar: sim. Porem onde  
Onde estara da Primavera a Deoza?  
Por toda a parte os seus vestigios noto,  
Mas não a posso achar. Ah! vós que rideis,  
A insólita paixão julgaes chimeras.  
Existe, existe a Virgem graciosa,  
Nos Céos a Filha oculta anda na terra:  
Não são nem divindade estes prodigios.  
Quem faz tão branda murmurar a fonte?  
Quem abre a rosa na materna planta?  
Quem dá cheiro á violeta, e cor ao lírio,  
Ao ar fresco o regalo e verde nos campos?  
Quem poesia de amor ensina ás aves?

Quem é quem inscreve no coração dos homens  
 Tanto amor, tanta paz, doçura tanto?  
 Existe, existe a Virgem graciosa,  
 A minha doce Amante, a minha Amada,  
 Dos Ceos a Filha oculta anda na terra.  
 Sinais de sua mão, piradas suas,  
 Fragrâncias que espirou, por toda a parte  
 Me envolvem, me arrebatam, me endoidecem;  
 Mas busco-a e não se mostra; exclamo, he surda:  
 O dia lhe fallador, ho distraído,  
 Verdade virginal recêa o dia,  
 Casta, só quer talvez ás castas sombras  
 Revelar seu misterio, abrir seu peito.  
 Oh quem me dera que baixasse a noite!  
 Da noite no pacifico silencio  
 Coda pelo ar vazio o som mais leve:  
 Por isso a Filomela a quis por sua,  
 E o mocho lhe couisa as longas queixas:  
 Quem me ja dera que baixasse a noite!  
 Irei clamar do cume dos outeiros  
 "O' Primavera, ó minha Primavera!",  
 E depois que tres vezes repetirei,  
 Ao longe os echos meu tristonho grito,  
 Atento escutarei se me responde.  
 Se nada ouvir, prostrando-me, e cobrindo  
 De igneos beijos a terra (os igneos beijos  
 Tem valor de conjurio entre amadores)  
 Com maior devoção, dobrada fúrga,  
 Clamaréi "Primavera, ó Primavera!",  
 E os campos todos correréi bradando.  
 Na solitaria gruta alguma Ninfá  
 Ila de acordar, e à parte do oriente  
 Lançar a vista, procurando a aurora:

A aurora não virá , e eu longo tempo  
 Andarei pelos trevas suspirado.  
 Se tres vezes o sol descer ás ondas ,  
 Sein que possa encontrar a minha Amada ,  
 E sem que algum mortal de novas d'ella ,  
 Apagarei no peito o incendio inutil ,  
 Pensando que era ingrata , ou que por sonhos  
 Semente a víra em extases do estro.

Mas viver sem amar , sem ser amado ?  
 Vida entre gelos equivale à morte ,  
 No pasto ao coração mantem-se a vida ;  
 Sois brandas alscições , a essencia d'ella ,  
 Confessar-me da Lei que abrange a todos ,  
 O primeiro infrátor ? O' Clóe , ó bella ,  
 Serás tu d'entre mil , o preferido  
 Emprego aos versos meus e aos meus excessos .  
 Ja tens da Primavera o genio , as graças ,  
 Sua fama terás , terás seus hinos .  
 Quando com teu rebanho para o rio  
 O bosque ao fim da tarde atravessares ,  
 De longe me verás na flórea margem  
 Sobre um penedo a celebrar teu nome .  
 Quando o quente redil ao gado abreres  
 No frescor da manha , dir-te-ha meu rosto  
 Que entre as da tua porta arvores caras  
 Não fui amanhecer , mas toda a noite  
 Do amor andei eereando o leix descango ,  
 Sentindo-te o respiro , ou crendo envi-lo .  
 Quando na sexta , á sombra da oliveira  
 Tiveres descuidosa adormecido ,  
 Em sons de flauta escutarás por sonhos  
 O cantor novo que te mais recreie .

Mas vede como lente escapa o tempo!  
 Ju alto e rijo o sol encanta as sombras.  
 Largo se ha divagado! Hora purpúrea,  
 A mais social, mais folgazã dos horos,  
 Chamando estô por nós co'a mesa a gente.  
 Onde a iremos tomar? n'algum lugurio  
 De solitaria Baucis? nem de feno  
 Polres têlos consentir o sacro Dia.  
 Ali temos o outeiro elevado,  
 Rico montão de flores! Que ruí frescos  
 T'ela astomada os louros se entrelaçau!  
 Mas sobre tudo que aprazível gruta!  
 Por sôra he de haver um tufo borzio,  
 Dentro um fôrro de musgo. Alvitre novo  
 O' Socios esentai. Esta collina  
 Desde hoje para uós sique. Parusso.  
 Eis a gruta de Cirrho, onde costuma  
 Febo sonhar magnificas imagens!  
 Esses louros são delle! Aquella fonte  
 (Ceas nada falta!) he fonte de Castalia!  
 No remanso diâfano bojando  
 Niveos gauges as azas empavezão;  
 Vinga-lhes doce a voz, chama-lhes cisnes;  
 Lindas pestoras nossas Musas sejão.  
 Respiremos o estro! O' lá de Cirrho  
 Virugões, acudí-nos contra o calma:  
 Si uós louros selvaticos, ú louros,  
 Velai com rosas ubobada frondente  
 Os vates e o banquete, o rit e os versos.  
 A primeira saude a Bacho e Cerea,  
 A Palles e Pomona, os presentes  
 Do banquete á rural simplicidade.  
 Para dias iguaes, plantar-lhes voto

Cá bem no viso do sagrado outeiro,  
 Densa cabana de perpetua folha :  
 Para aqui, de canceiras ferlados,  
 Vítemos audiade abrir os peitos  
 Ao bachiço fulgado. A Autor e ascendentes,  
 Co'a alegria astombar, e co'a amizade  
 Do loureiral as Driades vizinhas.

Na venturosa paz d'este retiro,  
 Não virá perturbar nossa humildade  
 Com seus trovões, com seus coriscos horridos  
 Turba sublime de saturnos vales.  
 Alçando o collo, ensáticos praguejem !  
 Contra os tirannos, contra os monstros barbaros;  
 Pintem de rôjo os prepotentes despotas,  
 Fulinuem os pereceros aristocratas,  
 E sujão por estudo à natureza.  
 Não lhes invejo, não, a bronca tuba,  
 Que despede trovões e rasga ouvidos.  
 De nosso humilde genio estou contente :  
 Nada mais temos que uma agreste flauta ;  
 Com ella modo, às vezes longas horas,  
 Da natureza os quadros estudâmos.  
 Socios dos rouxinões, só diffondimons  
 Depois de meditar, nossos gorjeios ;  
 Em quanto o mocho a luz aborrecedo,  
 Nos umenos vergeis nuncas discorre ;  
 Dórmee o formoso dia em casa furna,  
 E sólta pela noite horrendos guinchos,  
 Louzado junto ao ceo, mas entre horrores.

Eloíto, ó tu que, tanto como odço,  
 Odcas as sorduras bagatelas,

E ris, como eu, dos estrondosos nadar;  
 Nunca te afastes da florida rôta,  
 Por onde a Natureza o Genio chama.  
 Da madrugada nos inimigos enhos,  
 Costumas ver de muitas corona,  
 A amavel Sombra do risoelho Gessner.  
 Oh! quando aos campos teus um dia volles,  
 A' sombra do teu cedro será doce  
 Ouvir-te prantear perdida amante!  
 Entre as folhas cheirosas susurrando,  
 Qual fazonha indeciso, os Manes d'ella,  
 Mansa tristeza no coração te enviem.  
 Enquanto no escaroco da grão Cidade  
 Eu misero, eu snudoso andar lutando,  
 La no fertil lottião verás contente  
 Por ecos de teu jardim nascer a aurora:  
 Regarás pela fresca as flores tuas  
 Junto da terna Mai, que este só gôsto  
 Na morte conservou do esposo amado;  
 Triste e sombria qual viuva rôla.  
 Outras vezes as pombas quo sustentas,  
 Terno irás vizitar co'as frindas bellas,  
 Qual entre as Graças posseara Adonis  
 Nos arvoredos da ocioso Chipre.  
 Elmito, e alguma vez também meus sessos  
 Seião do teu retiro um passatempo?  
 Quando eu las ansias, vós reunidos  
 Junto do fogó nos serões do inverno,  
 Contentes os leveis; o tu, girando  
 Co'a raga idea nos passados tempos,  
 Ditás a suspirar "He meu amigo",

---

# O DIA DA PRIMAVERA

---

## CANTO II.

*No Tarde.*

Ja dos louros as grimpas se embalanção !  
 Surgir, surgir da selva sonolenta !  
 Ja fresca vização consola os ares :  
 Que zonda que vai por toda a selva !  
 Estrépito de río impetuoso  
 Na calada da noite a crê mil vezes  
 O viandante perdido. Hora da Festa,  
 Bem te ouvinhos anciosa estar chamando.  
 ¡Da Primavera á Festa, á gruta, ó Socios,  
 De Amarilis e Umbrano á vasta gruta !  
 Ja agora o bom de Anfrizo ha de ter pronto  
 De sua d'estra mão o alfar gramíneo,  
 Aqueado em decel do cedro a cópa,  
 E do cedro no pé com flórea tarja  
 Da nossa Primavera aberto o nome,

Se he que amôr lhe não fez gravar — Dorinda — ;  
 Dorinda, cujos níngrios encantos  
 Na lira do amador gerão milagres ;  
 Cujos olhos, tão negros eino a noite ,  
 São como a noite ao Deos de amor tão caros.

Sim, vamos — Vedes vós o pequenino  
 Que la veiu aumontado em verde cana ?  
 Quão guapo agita as redeas cor de rosa ,  
 E aconta co'a varinha a brava fera !  
 Outis-lhe a doce voz que por mim chaina ?  
 — “ Salve, menino ! e adeos, que hoje não posso .  
 “ Outro dia vírei, toda unta tarda ,  
 “ Trabuñhar nas flautinhas, que arreinedem  
 “ Cantar de rouxinol soprando-as n'agua.  
 “ Amanhã me procura aqui no outeiro ,  
 “ Verás, verás que histórias te não conto . ” —

Partio : como galopa asevorado !  
 Ja vai conta-loù mài. Este menino  
 Ile du aldeas a doudice, e os meus amores .  
 Ile dote de seus annos a innocencia ,  
 Como do botãozinho le dote a grago :  
 Mas aquì lhe melhor, le botãozinho  
 Ja fragante, le virtude antes da sizo .  
 N'aquelle résta do abafado agosto ,  
 Quando fostes nadar, eu parecava  
 Sozinho a espalher pelas fre-cura ;  
 Eis para mim correndo este menino ,  
 Vergonhoço me dir : — “ Queres ator-me  
 “ Este cordel nas pontas do meu arco ,  
 “ Bem seguro, bem forte , que não quebra ? ” —  
 — “ Sim, amavel menino (eu lhe respondo)

" Sim quero estar-to bem seguro e forte,, —  
 E enquanto lho fazia, assim lhe disse:  
 — " Vais caçar borboletas? ou mordeno-te  
 " Alguma abelha, e querer castigá-la?,, —  
 — " Não, não: vou dar em minha mão um tiro,, —  
 — " Um tiro em tua mão!,, — " Sim n'outro dia  
 " Dro-me tanto nas mãos, que me ficarão  
 " A doer, tão vermelhas como as rosas,, —  
 — " E porque assim te deo, que te ficassem  
 " As mãozinhas vermelhas como as rosas?,, —  
 — " Eu tinha (acendio elle) um velho novoc  
 " Era meu,apanhou-o a minha rede.  
 " Sempre estava a cantar; era tão lindo!  
 " E quando assobiava! os outros melros  
 " Punktão-se lá do bosque a responder-lhe.  
 " Queria tanto à nossa Mirtilinha!  
 " (A nossa Mirtilinha he a mais pequena  
 " Das minhas trez irmãs): e ella tratava-o,  
 " Quando eu lia ás seara ás regarregas.  
 " No outro dia esqueceu nos a gaiola  
 " Ao sol todo a mochâ: quando fui vê-lo,  
 " Não se podia ter, abria o bico  
 " E não comava nada. Um pequenito  
 " Me disse que era calma: agüero n'elle,  
 " Vou-ine ao tanque, e mergulho-o cinco vezes.  
 " Ficou muito peón: punha-o direito,  
 " E elle sempre a cair, fechava os olhos,  
 " E estremecia todo. Aquietou-se:  
 " Cuidei es que dormia e disse, Dorme,  
 " Vou um velho, abanou-o, e disse, He morto.  
 " Fui com elle na mão chorando, e em gritos,  
 " Procurar minha mif. Ficou pasmada (la,  
 " Quando o rio, e eu lhe disse - Ali está, não cans

" Nem ja faz festa á noçsa Mutilinha —  
 " Pos-sea calhar por isto, e castigou me,, —  
 — " Cruel menino (lhe volvi severo),  
 " Cruel menino, e em tua mão pretendes ..  
 " Ir com setas vingar-te? — " Oh! não (me torna),  
 " Não lhe hei de fazer mal. Se tu soubesses  
 " O que uma seta faz! . . . , — " Não te percebo,  
 " E pois que faz? explita-te, saibamos,, —  
 — " Na cabana de Silvio (me responde) ..  
 " Ha um cípó de pão todo pintado,  
 " Que elle ja prometteo que me daria  
 " Se eu lhe levasse a fita, com que as vezes  
 " A minha irmã Glicera ata os cabellos.  
 " Por fôra do tal cípó está com um arco,  
 " Para atirar a uma pastora linda,  
 " Um menino como eu, com os olhos negros  
 " Voltados para mim, e sempre a ri-se.  
 " Anda nuzinho ao frio, e teni nos hombros,  
 " Axas, que lhe não gaulha a borboleta.  
 " Silvio disse-me o nome que lhe darão,  
 " Porem . . . ja me esqueceço : também me disse  
 " Que elle costuma à gente descuidada  
 " Atirar muita vez d'aquellas setas:  
 " Eu cuidava que as setas matavão,  
 " Tinhão-mo dito um dia os caçadores,  
 " Mas Silvio me jurou que não matavão,  
 " E contou-mo seu fir; Silvio não mente.  
 " Aquellas setas nem, entrão no peito ..  
 " Sem ferida nem sangue, e ate sem dores..  
 " Se obrigão a chorar e a ficar triste,  
 " Como ás vezes sucede ao meu bom Silvio,  
 " Em toda esta tristeza ha tanto gôsto, ..  
 " Que he mais doce gemer, que estar alegre.

" Eu d'isto nada entendo, porém Silvio  
 " Me disse que alguém tempo o entenderia.  
 " Lembra-me agora! o tal menino d'azas (certo)  
 " Chama-se Amor; não he verdade? „ — “ He  
 (lhe respondeu, apertando-o nos meus braços);  
 " Chama-se Amor, e he como tu formoso. „ —  
 — “ Seus tiros não fazem que fiquemos  
 " Tão amigos de alguém, como o cordeiro  
 " Que ando a brincar com seu irmão no prado? „ —  
 — “ Sim he verdade, „ — “ Então venha o meu arco,  
 " Ja tenho em casa muitas setas prontas,  
 " Von serit minha māi. „ — “ Louco! o teu arco  
 " Como o d'ele não he (lhe brado rindo):  
 " Lança-te ao collo seu, perdão lhe pede,  
 " Beija-a, conta-lhe tudo, e eu te prometto  
 " Por cada beijo teu, mil beijos d'ella, „ —  
 Não me buvio mais, correu: e de caminho  
 Colheu para ofertar-lhe algumas flores.

Mas eis-nos ja no suspirado sítio!  
 Essa a gruta: este o edro annoso e immenso,  
 Condigno pavilhão do altar votivo.  
 Inda as e'roas vos saltão, eia ó Socios,  
 Rompei demoras, ide ás flores, ide,  
 E voltei logo a dar principio á Festa.

Só fiquei: se eu podesse aqui no prado  
 Por meus olhos também colher algumas!  
 (Que as violetas que hei po-to andilo jn muchas.) .  
 — “ O' pastorinha de formoso gado,  
 " Se podes, nem te pezo alguns momentos  
 " Perder comigo, apaunha-me violetas,  
 " Ensinar te hei por prémio outros cantares.

“ Teu rafeiro no cintando o gado vele. , ,  
 Partiu, deixando no lado men, na relva  
 O cordeiro que tinha em seu regaço,  
 Tao alvo, tão pequeno como um lírio.  
 Pobre inocente! nos meus dedos busca  
 Da mãi, que no longe bala, a doce têla !  
 Se comer ja soubesse, eu lhe daria  
 Destas papoulas, d'esta fina grama.

Que silencio! mal ouço nuna fontinha;  
 Sereaa vitação de quando era quando ;  
 O crepitar miudo dos raminhos,  
 Que a leve cabra arranca do espinheiro ;  
 A voz d'um lavrador aos bois tardios ;  
 E o cançado genio de um carro ao longe.

Cá volte a minha Flora! estou e'fondo:  
 “ Graças ó doce e austera Belleza !  
 Sempre entorno de ti rebentem flores  
 Que o seu rebanho cobrigao ja-ça ;  
 Nunca te salte pelo estio a sombra ;  
 E amor te volte em fruto as esperanças,  
 Se esperanças de amores no peito outres.  
 Vês tu aquelle altar? sei obra nossa,  
 Foi por nós consagrado à Primavera,  
 E vamos festeja-la. Altar sem Nome  
 Faz menos derroção; se tu quixesses,  
 Bem o podires ser. Andá, mimosa  
 E amavel pastorinha; enforra à pressa  
 A trança, o collo, o seio, e no regaço  
 Lança flores quaequer, qualquer verdura :  
 Ol! da-me este prazer. Do cedro ao ironco  
 Vai-te encostar do modo que te digo,

Co'a mão na face, e como o sorris nos labios (\*).  
 Dicai aos socios meus, quando voltarem:  
 " Invocaí tanto e tanto os meus Amores  
 (Nome he que á Deoza dou, não tenhás susto  
 " Nem me furies a mão) e he tão benigna,  
 " Tão doceil, tão cortez a Primavera,  
 " Que avio do seu bosque, e apaz-lhe ouvir-nos.,,  
 Folgaremos de os ver cair no engano,  
 Ajoelhar-se à singida Primavera,  
 E mais de coração cantar-lhe os hinos.  
 De que te ris, singelo rapariga?  
 Porque foges de mim? Se não consentes,  
 Cedo iremos buscar-te nos teus montes,  
 Chainar-te Deoza, em dôbro envergonhar-te.,,

Que he isto! ja tolveis? mostrai-me as e'roas..  
 Como escolhieste bem, terno Josias,  
 Meigo no coraçao, na voz amioso!  
 Goitos com micos para ti eazaste,  
 Com a snave condiz a suavidade.  
 Se nos campos do eco, reino do Genio,  
 Eu podesse colher miudos astros,  
 Dos versos onde algaste ao eco meu nome  
 C'roa de etherea luz seria premio.  
 Dou-te o que posso, gravarei seu nome

---

(\*) Na Primavera de meu Irmão Augusto Frederico da Castillo ha um lugre paralelo, não quanto à expressão, mas quanto ao pensamento principal. Refira porém que em duas rantas se advinha: a uma, que neleum de nós foi gloria, nem o pudimor ser, porque todos emquindiamos em segredo; a outra, que o passo do poema, em que elle descreve Nixe a figura de Primavera, leta grande vantagem de valia a estes versos!

Em bosque, onde Homadriades o leão:  
 Decoraraõ com o verso os teus louvores,  
 E alguma em si dirá: "Quem me ora deste  
 Em minhas solidões este Josino,  
 Por verso he no cantar, qual dizem, meigo,,

Vejainos meu Irmão (\*) a tua escolha.  
 Eis-te como eu cingido de violetas;  
 Ab quanto são iguaes os gostos nossos!  
 Abraça-me cantor da natureza;  
 Um a outro, um pelo outro aqui juremos  
 Juntas sempre em busca-lo a industria nossa.  
 Abraça-me outra vez: nossa amizade,  
 Nossa terra amizade, e nosso estudo  
 Aperte mais e mais do sangue os laços.  
 Se jamais fado altroz nos separasse...  
 Longe do pensamento esse impossivel!  
 Duas vidas irmãs que medrão juntas  
 Tem uma só raiz; dão flor, dão fruto  
 Nas mesmas estações, e ás horas mesmas.  
 Quer bendão mande o céo, quer sopro de ira,  
 Um só bem, um só mal abrange as duas,  
 Enquanto uma existir persiste a sócia.  
 Vai para o nosso altar, um só momento  
 Me prende, o meu lugar tu lá conserva  
 Entre ti e o das Aluas ja mimoso  
 Nosso irmão, que no berço achou a flauta:  
 Menino, a quem cingistes de alvas rosas,  
 Como elle emblemas da innocencia breve.

Ebnito, o teu diademir he bella e simples;

(\*) Augusto Frederico de Castilho.

Minto e teixo pregões de amor e mágoa.  
 Não são menos de ver, nem menos proprias  
 As rosas, bom Franzino, alegre Albano.  
 Do amor perfeito as flores, melindrosas  
 Tecem, Franzino, a tua, e tem por joia  
 Uma saudade a treinular na fronte.  
 De teus suspiros o ditoso emprego  
 Longe está, bem o sei, mas não suspireis;  
 Tua amada fiel na ausencia chora,  
 Sua imaginação durante o dia  
 Voa a buscar-te aos campos do Mondego;  
 Dos campos do Mondego aos braços d'ella  
 Sua imaginação te leva em sonhos.  
 Albano, a ti o amor foi mais propício:  
 Vê, uniude os olhos que te instânião  
 E o sorris facil que te muda em louco.  
 Não muito abertas, incendidas rosas  
 Cercando as tuas fontes, me asfigoão  
 A imagem ver de entvergonhados beijos.

Ven meu Anfrizo: a tua d'entre todas  
 Ile por certo a mais funebre grinalda;  
 Um ramo de cipreste e alguns suspiros.  
 Ah tua nai tão cedo abandonar-te!  
 Os são triste, perdoa ao vale amigo,  
 Que em chegainda tão fresca a mão te ha posto.  
 Se para ella ha balsamo no mundo,  
 Só Amor sabe d'elle, e mãos de neve  
 Tem pura te applicar virtude innata.  
 Sim, Dorindo gentil como que busca  
 Esse orno de tua alma encher de asselos,  
 E no vao do teu peito insinuar se.  
 Mas a saudade maternal lie muito;

Todo o mundo, a amizade, e até Dorinda  
 Só poderão na angustia confortar-te.  
 Teu mal sutilo chão eis recomeca !  
 Só a dor te contenta, à dor sirvamo :  
 Narrar-te quero a historia do cipreste,  
 Que dos tempos fernos partiu contigo.

Preço das graças da opulenta Silvia  
 Titiro guardador de pobre arimento,  
 Com sens ais estes montes abalava.  
 A bella desdenhosa, muitas vezes  
 Quando o sentia a modular ternura  
 Ao som da flauta num sombrio valle,  
 Toccia, por não ve-lo, o seu caminho.  
 Ali se o visse, estendido entre o rebanho,  
 O pranto a borbulhar nos filos olhos,  
 E ao som da flauta, em baixa voz unidos  
 De quando em quando um ai, e o nome d'ella ! ..  
 Rigores virginaes, desdens de rica  
 A amor, a compaixão talvez erdessem,  
 E ficasse mais bella, a ser piedosa.  
 Por só consolação de seus desgostos,  
 Co'a pega que ja foi da ingrata Silvia  
 Folgara repetir de Silvia o nome.  
 Nunca a averinha no misero deixava,  
 Que assim a havião prezado os novos nímos.  
 Só as vezes aos lares revoando  
 Da formosa erael, de la trazia  
 Furtada alguma prenda ao pobre dono ;  
 Sein querer lhe atiçava o fogo inútil.  
 Era triste, mas doce, ouvir de noite  
 Pelos bosques bradas " O' Silvia, ó Silvia  
 O terno amante ; e acompanhá-lo a pega,

Ja pouzada em seu bombre, ou ja grilando  
 La decimo de um tronco " O'Sileia, ó Silvia! ",  
 Longos tempos assim pelas florestas  
 Vagar se ouvirão solitarios ambos;  
 Té que o loquaz bratuha de cangado  
 Veio um dia cair entre as mãos d'elle,  
 Bateo as ozas, terminou seus dias.  
 A' siel compauheira ultimas horas  
 Deo como ponde Titiro; sagrau-lhe.  
 Um pequenino tumulo de barro,  
 E um ciprestinho de anno, que por aoco  
 Inda estudava o geito de ser triste.  
 Aos Numes implorou que o não crescessem:  
 Mas pouco e pouco o tronco foi subindo,  
 E com elle de Titiro à saudade.  
 Bem pôde set que o tumulo não visse,  
 Que ervas espessas de redor o afogão  
 Ah desde que o pastor tambem jaz morto;  
 Morto ás mãos da saudade, e eni terra alhêa!

(flautas

Tempo he da Festa. A' Festa! — Ali estão as  
 Ja silvando rebate ás alegrias!  
 Tcarai dança, alta dança ruidosa,  
 Quaes em seu monte os Sátiros a caligão!  
 Venho de apoz os hinos: logo Bachio  
 Nos aenda co'as lagas, meninete  
 No aspéo e no palhar, no resto annoso,  
 De cás a reluzir por entre as parras.  
 Ser-lhe-lha boa salva o retinir dos cópos  
 E os das saudes misturados gritos.  
 Do altar meu canto agora ascenda ao Numel

Vem ó Dona das Giçás e Flores,  
 Volve á terra teu mago calor;  
 Aos que fogem de amor gera amores,  
 Nos que a amores se dão cria amor.

Tu és Venus, a Greta delira  
 Crendo-a Filha do turbido mar,  
 Tu és Venus e Musa da lira,  
 Cumprê á lira teu Nume exaltar.

Tu és Driade, e Náiade, e Flora,  
 Mocidade é Saúde e Prazer,  
 Com mil nomes o mundo te adora,  
 Mil poderes compoem teu poder.

Do Céo puro és a noiva céreada,  
 E's só d'elle como elle te só teu;  
 Rica em trajos, de aromas banhada.  
 A seus beijos te off'rece Hímeno.

Feliz extase, abraço jocundo  
 Do consorcio completais as prisões,  
 Primavera, em teu seio secundo  
 Ja pullulão mais tres estações.

A' voz tua amorosa e inacia,  
 A teu mago e perpetuo sorris  
 Tudo cede, e te adora á porfia,  
 Como te ha de o mortal resistir?

Lédo brinca a feliz meninice,  
 Leda a ninfá em seus dons se revê,  
 Lédo o velho desruga a celiice,  
 Tudo be lédo, e não sabe o porque.

Onde assomas o mato florecc,  
 Desatina a avezinha a cantar,  
 Cór d'esp'rangas a terra amanhicec,  
 Arde o peixe nas brenhas do mar.

Perde as iras a râbida fera,  
 E se estranha de ter coração.  
 Primavera, que és tu Primavera?  
 Vida, força, virtude, união.

Desde que abre ao carneiro doitado  
 Bora alegre o celeste redil,  
 E das sombras e gelo espalliodo  
 Despe as terras l'agonio' subtil;

Despe a mente por ti basejada  
 Suas neves e escento invernal,  
 Ressuscita de flores toucada,  
 Enche a lira, nem sôa mortal.

Pois tu és quem me acorda e me inflammo,  
 A ti, Deusa, os meus versos seião.  
 Mas debalde o meu astro te chaga,  
 Os meus olhos jamais te verão!

Amigos, baixo he o Sol, findem-se os hinos;  
 Poude silencio nos copos falladores;  
 Assaz he tempo. O dia era dos campos,  
 A's aguas toca a noite; a noite grave,  
 Recolhida, saudosa, alma pascer-se  
 No murmurinho de deserto rio:  
 Tambem o coração tem dia e noite,  
 E precisa dos bens desenfadar-se.  
 Largo dista a corrente; o passo aperle  
 Quem sabe quanto he grato a Iuz de estrelas  
 Ouvir paliar as Nulas a deshoras.  
 Vamos tornando o gosto aos fins da tarde;  
 E enquanto mais ligeito a bom Josino  
 Corre a aprestar a barca, entretaremos  
 O caminhar, collendo rosmaninho  
 Para o colchão nocturno. ; Que delicias,  
 Ir-se acanado em flores aboiando  
 A' luz modesta da nascente lua!  
 Alma o rio os cantares de saudade;  
 Cantares de saudade atraremos  
 Até ao mar pelas sombrias margens.  
 Logo que o não rogado, amigo sono,  
 De papoulas tocendo perguicosas,  
 Lá nos for procurar, e manso e manso  
 Forem caindo os sons e pensamentos,  
 Iremos amarrar na margem muda  
 A qualquer ironia a barca flutuante;  
 Lançaremos por cima o branco toldo,  
 Bastante abrigo do nocturno orvalho;  
 E estendidos, macio, e conversando  
 Em voz baixa, embalados cederemos  
 Ao começado sono os restos da alma.  
 Quando alta noite algum de nós acorde

A um leve crepitar do linho undante,  
 Cuidará que uma Náiade surgira  
 Pôr da agua a cabeça curiosa,  
 E inelina o seio no bordo, e nos espreita.  
 Assim como alvorega, a luz da aurora,  
 Elas, madringadoras andorinhas,  
 Para o campo acordado leis de acordar-nos.  
 Correremos as candidas cortinas,  
 E veremos de subito, encantados,  
 Sobre nós a verdura estar pendente,  
 Do pranto da manha já rociada.

Não tarda o Sol momentos em sumir-se;  
 No mais vivo escarlate ensopa os campos,  
 Tinge a folhage, os rostos nos accende.  
 Por montes e oliveaes dos céos opostos  
 Começa a desdobrar seu manto à noite.  
 Busca o rustico azilo o boi tardio;  
 Por toda a parte os gados vão passando.  
 Sustentarmos o habito, escutemos  
 Esta distante musica toada  
 Que assim transporta os animos em gôstos:  
 Ile toda feminil, toda felizes,  
 Vem toda ao coração; oh se a conheço!  
 Pastoras são, que as longe no arvoredos,  
 Vão para a aldeia recolhendo em chusma  
 O tropel dos rebanhos misturados.  
 Canção, porque ha sazão de primavera,  
 E peito de mulher, como avezinha;  
 Desfaz-se em canto e amor em rendo flores;  
 Canção, porque de um dia assim formosa  
 Serão formoso as loma, e o fuso leve  
 Que andou por solidões um dia inteiro,

Vai girar no conchego da fogueira;  
 E canto, porque flautas de pastores  
 Que vão na companhia, as desafiam.  
 Mas tantos sons confunde-os a distancia,  
 Figura-se uma voz de tantas vozes;  
 Como que uma só boca a manda aos ares,  
 Exprime um só afeto, um só desejo.  
 Oh Natureza! oh Tarde! oh Primavera! ..  
 Lágrimas de prazer vestem meus olhos!  
 Somos em bosques de propícias Fadas?  
 Ou vaguedo já Sombra, e vés comigo,  
 Na semi-vida e semi-luz do Élysio!

Já tudo se esvaió, tudo he silêncio:  
 Poi campo e campo ao largo impera a Noite.  
 Erguida a lua nova o horror lhe troca  
 Em saudosa tristeza, e o mocho alerta  
 La do alto a ajuda com o pinc carpido:  
 Já nuço o estrepitar das frescas aguas.  
 Vem Garquinha da noite, perguigusa,  
 Vem, torna o rosinhaninho, e a nós recebe.  
 Oh que ameno he pouzar passada a lida,  
 Em meio de aguas tantas, rodeado  
 De amigos bons, e triste, não de proprias  
 Tristezas, sim das inanças do Universo!  
 Ouvi, amigos meus, os meus desejos,  
 Quais mos quer no seio estão brotando  
 A hora, o sítio, a lua, aquelles pios:  
 Relevai que no folgar vos forte instantes.

Se os Deuses minhas supplicas ouvissem,  
 Um terrão fértil, rústica vivenda,  
 Ilhavésimo de abrigar-me a vida para:

La minhas nmbigões se fartarião  
De nobre , de quieta obscuridade.  
Mas pois que de outra sorte aprovoue aos Dezozes,  
E o fio, não de la grosseira e nívea,  
Me torceia , mas de ferro as traz do Averno ,  
Guardai vós na memória o meu desejo.

Depois que entre os abraços delirantes  
De todos os que amei, findas meus dias,  
Sepultai-me n'um valle ignoto e fértil (\*).  
Para marcar da sepultura o sítio ,  
Sobre o cadáver , que vos foi tão caro ,  
Maugeronas plantai , cuja verdura  
Em rôda fechem variados lirios.  
Na raiz funda de soberba oliveira  
Ponze a minha cabeca , e o tronco amigo  
Sobre mim curve a cópa florecente.  
Mil piteiras unidas , ostentando  
Na hastea vaidosa as flores amarellas ,  
Em quadro não grande que descerdão  
Das inurusões das ebras roedoras .  
Eni meu tronco se estetava este epitafio :

*Foi poeta amador da Natureza :  
D'entre as sombras encioio a procurava ,  
Qual seruo amonto a bela fugitiva.*

Sobre isto pendurai sonora flauta ,

(\*) O meu amigo Joer Vitorino Freire Cardoso da Figueira (Lisboa) tinha conseguido em uma sua quinta na Beira um jardim, tal como o descrevo nas seguintes versos , o que preservava consegunt à minha memória. Malinha aquelle, a quem semelhante perhort de amizade não enfermee !

Que se resolva à discrição do vento.  
 Não cerque os ossos meus, não mos ensombre  
 Nem teixo nem cipreste; árvores quatro  
 Quisera só no meu jardim de morte.  
 N'eu canto a laranjeira graciosa,  
 Que mesela útil e doce, a flor e o fruto:  
 T'entro a figura sob os amplas folhas  
 Modesta oculta seus nectareus mimos;  
 Desfrute um peregrino em frutos mostre  
 Que amavel he pudor, quando enche faces  
 De penugem subtil indo cobertos:  
 No ultimo canto... (a escolha me confunde)  
 Plantai no ultimo canto uma ginjeira,  
 Ile a árvore da infancia, ate an altura;  
 D'esta por sua mão colhe um menino  
 A moi ridente baga, e ri de usono.  
 Alguns tempos depois que a frin terra  
 Meus restos encerrar, à minha olara  
 Vós, meus amigos, vós dareis meu nome,  
 Pois de mim se nutrio, e eu serai n'ella.

Dos guerreiros nos tumulos afiou  
 Jaminta espada os barbaros guerreiros;  
 No sepulchro do sabio o sabio estude:  
 E dos reis nos marmoreos monumentos  
 Vii sonhar a ambiçao, grandeza e pompas:  
 Vós soltos de freneticas loucuras  
 Aqui virais mil vezes visitar-me,  
 Da amizade pensar que nos unira,  
 E ubir-nos deverá transposto o Lethe.  
 Porque me interrompeis com tacs suspiros?  
 Ah! deixai-me acabar. Quando sentados  
 Em torno a mim na flórida alcáisa,

Guardares meditando alto silencio,  
 Se d'entre as mangeromas que me cobrem,  
 Sair acaso a borboleta errante,  
 ; Não vereis n'ella o espirito do amigo  
 Que vein gozar do sol a claridade?  
 Quando o suave rouxinol de noite  
 Da minha alaia gorgear nos ramos,  
 Não pensareis, de santo horror tranzidos,  
 Que sento rouxinol, meus cantos solto?  
 Sim pensareis, e erguendo-se inspirado  
 Alguim lhe ha de bradar " O meu Amigo! ",  
 Responderá " O meu Amigo ", os bosques;  
 E vós direis que o meu fantasma errante  
 Da argentea lua à muda claridade,  
 A' conhecida voz d'aleori responde,  
 E em tudo encontrareis a imagem minha.

Seinda entao meus costumres vos lembrarem,  
 Se vos lembrar meu coração piedoso,  
 Velai que em meu retiro as bellas aves  
 De cagador cruel enolem seguras:  
 Amor, o leve Amor, com arco d'ouro,  
 Se elle o mais ninguem, logre atirar-lhes;  
 Carago de amotosa melodia  
 Que me poeteze o sono detraciero:  
 Morto que nada tem preciza d'estas  
 Pobres delicias rusticas, se folga  
 Que a namorada moça, o leño amante  
 Jantos ou sôs, a vizitá-lo acudao.  
 Então no sono de languidas suspiros,  
 De alegres cantos, de amerosos versos,  
 De ternas queixas, de perdões suaves,  
 Muitas fezes contente a minha Sombra;

Formando ao pôr do sol vermelha nuvens,  
Girarú n'estes ares, revolvendo  
Da passada existencia almas lembranças.

FIM DO TOEMETTO



# NOTAS

AO

## POEMETTO ANTECEDENTE.

---

Pag. 109. verso 10.

*Com seus trotoes, com seus coriscos horridos.*

Trazia este verso na primeira edição a seguinte Nota = *Eis ahí os primeiros esdruxulos que fiz em minha vida, e espero que sejam os últimos, ainda que por isso fique excluído da comunhão de certa Seita moderna.* = Supprimi-a, e no declarar o porque, vou dar não equívoca prova da minha candura. Prezava-se um escritor, de mais amigo da verdade que de Platão e de Aristóteles, alguma coura he; mostrar porém que mais do que a si proprio a ~~uma~~, certo que não he vulgar o exemplo, e esse tenho eu dado, e não raro, ja fallando ja escrevendo limpa e rasgadamente o que de minhas Obras me parece. He um bom propózito que eu fiz em meu interior, e espero não quebrantá-lo nunca, não só porque de si he honesto e nobre, senão que por este meio, o qual não

custa mais do que alguns suspiros à nossa vaidade que sempre se force e contrange de ser mostrada nua, me estremacei da manada dos charlatões literários, de quem nem o estomago me consente falar. E porque chegue por direito eainhão á questão dos esdruxulos, recordarei com vénia e boa paz dos leitores, o que já no Prologo da terceira Edição das minhas *Cortas de Echo* deixei tocado; com a diferença, que d'esta vez o farei mais explicitamente.

No tempo em que eu cursava meus estudos na Universidade de Coimbra, frotava ella com muitos e bons engenhos do mancebos dados ás Bellas-letras. E porque ainda então se não tinham accendido os desastradíssimos odios das parcialidades políticas, a Hobbesiana propensão de guerrear se exercia nas lettras. Duas seitas de escrever se contavão; e cada uma das quais não faltava admissores, apostolos e evangelistas, assim como por isso mesmo inimigos, escarnecedores e parodiadores. Os Livros em que uma juraientava os seus adeptos, erão Gessner e Bocage; Filinto era o Alecrão da outra. Gessner quanto ás couzas e assétos, e Bocage quanto ao téro e luettoso de estílo e metro, erão os ídolos de uma; os da outra crão, quanto ás couzas e assétos Filinto, quanto á estílo e metro Filinto, e Filinto quanto a tudo em que Filinto podesse bem ou mal ser limitado. Tinha cada uma d'ellas suas vantagens e seus descontos, compagora clarame-

te diviso, quando as considero com animo lisse e desassombrado de preocupações. Não falaria aqui de Cressner, porque já no Prologo o fiz; confrontarei somente, e de corrida, Elmano e Filinto.

A ambos dotara a natureza de talentos, bem que entre si diversíssimos, assaz fortes todavia que podessem enhar à sua feição a poesia de seus tempos. Elmano, que talvez em seu gênero nos haverá sendo unico, de força devia deslumbrar e encantar pelo caudal inexaurivel, brilhante e estreitioso de sua ria, que eu appellei, e ria quem rir, um Ningara de talento: assim como os que passam deante d'essa grande catarata de puro encantados em sua cópia e magnificencia, não tem olhos para notar a esteril do seu curso, o assolador do seu impelo, e os penedos que róq̄ envoltos e desfargados com suas águas, possim os que presentes assistiram ao poesar de Bocage, ou da tradição o receberão, fascinados com os seus estrondos, espumas e iris, mal se podem lembrar de lhe desejar asilo, sizo, e exatidão, que muitas vezes lhe fallecem.

Cinco coisas, pelo menos, para o bom poeta se requerem: *faculdade inventiva* — *faculdade sensitiva* — *sciencia* — *lingua* — e *ouvido*; e ainda com estas cinco outra, que talvez resultará sempre de sua união, e seja a qual todas as mais serão baldadas: fallo d'aquelle discernimento pronto, que a muitos erradamente pa-

reco instinto, e a que se costuma dar nome de gosto. Em raraos sujeitos concorrem tantos predicados; por isso só de longe a longe apparecem os maximos poetas, e ja se dão por grandes aquelle, a quem menos saltou d'estes requisitos. —

*Faculdade inventiva ou não a tinha, ou apenas a tinha Manoel Maria; a sua queda para tradutor bastaria para iudicio, se de indicios se carecesse onde claras reluzem as provas: um Fado, um Jote, Eternidade, Natureza, Soes e Ccos são o index rerum notabilium da maior parte de seus escritos; e tanto abunda n'estes bordões sustedores e disfarçadores de sua fraqueza, como Fetteira (e quem descobrirá os meus!) na cançada repetição do espirito, Jorge de Montemayor na de hermosa e hermoseura, Pina e Mello na de alento e impulso, Alseno Cynthio na de santo (epítheto, que por mais não ter onde o pegue, até o poem, se bem me lembro, como arrebiique na cara de suas pastores e namoradas): com a diferença que os particulares bordões d'estes poetas, e ainda outros de outros muitos, não são em suas Obras senão meras circunstancias e accidentes, e os de Bocage menos são extríbillhos do que fundo e substancia de inteiros e repetidos períodos.*

*De faculdade sensitiva talvez o houvesse menos esplendidamente dotado a Manoel Maria, mas outras qualidades que lhe ella mesma den em maior brilho, tais como volubilidade de fantasia,*

aspereza de condição, espírito sobranceiro e satírico, e coração, como elle mesmo confessa,

Mais propenso ao furor do que á ternura, lhe entibiarão os assélos benignos, de que só a longas distâncias lhe são, como a descuido, algum reflexo. A estes mágos e naturaes elementos acreceerão desvarios da fortuna ou do acaso, bem valentes para de todo lhe seccarem a fonte das branduras. Vida mal preparada de edueação, nua dos amoraveis hábitos domésticos, desalumiada de doutrina e estudo, aluzida de aplausos contínuos e encarecidos, amargurada simude de pobreza, vagabunda entre amigos não aliados e por terras não suas, vida, porque tudo diga, corrida á ventura e sem norte conhecido, desenfreada de todas as leis, adita por todos os vícios, esnica por timbre, e por indole silvestre e bravia, como podia ser que lhe não lisnesse no germen os afetos maviosos? Isso foi, e isso conhece quem bem attento o ler e meditar. Mas em desconto, as paixões fortes como o ciúme, a cœlha, a ringanç, sente-as e pinta-as vigoroso, assim como todos os objétos grandiosos, remontados, encarecidos, ou terríveis. Não vos debuxará um mendigo, avergado de annos, estendido n'umas palhas esquecidas, janto do cão seu ultimo companheiro, e orando no desamparo da noite, por quem, sem o convidar para a sua fogueira do inverno, lhe deo sóta de posta meia fatia de pão; nem ainda as castiças de uma mãe a seu filho: mas dit-vos ha, rico e altisono, os impelos de uma tempestade

de, a saudade de uma batalha, as iras de uma madrasta, ou as fúrias de um inimigo que progabeja sua má ventura.

Os afielos e a invenção pôde a sciencia por algum modo supri-los, apelentando-nos com os afielos e invenção de melhores autores, uma vez que por nós tenhamos a arte de bem escrever, bem digerir, e bem convecer esses literarios alimentos em substancia nossa, em nosso proprio ser: ainda moi boa estrella ha essa, e não poucas das assumidas desde Virgilio até os nossos dins, so li sciencia, e a essa arte de n aproveitar, haverão devido a melhor parte do seu credito. Ha o saber, principio e fonte de bem escrever, dizia o mestre dos poetas; e dizia o dos oradores, que uns e outros era mestre entenderem de tudo. E se ja isso foi nos tempos antigos conselho e quasi preceito, preceito absoluto se tornou, e necessidade, para quem escreve n'estes tempos, em que a luz se derramou mais ampla, em que as sciencias, caçadas de viver sobre si, se congregaram como boas iricás em uma só familia, juntarão os seus patrimônios em comum, e cada uma ajudando a todas as outras, veio a por todas elas reccher um infinito acrecimento em seu peculio. Limitadissima era a instrução de Boecage: o latim e o frances, na primeira de cujas linguas merecete era príncipio sabedor, segundo refereem, podérão ter-lha dado copiosissima: mas nem a riqueza de seu avimo, os prazeres e os divertimentos que em seu cerran-

do círculo o trazião como enselhado, lhe permitião estudos, nem são elles facil couza para pobres e viciosos, nem o que era salvado por divino, como quer que deitasse na vos o acceso turbilhão de suas ideias, carecia de ir excavar em livros o suado cabedal, com que outros negoção veneragão.

Quanto á linguagem, não será pejo dizer; que a usava limpia e sū, não se podendo taxar a sua de mendiga e temendada, como a ja muitos de seus contemporaneos vinha acontecendo, nem encarecer de rica e ambiciosa: pouco tinha lido do portuguez, mas esse pouco com aproveitamento: só d'isso ajuda-do, e do latim la ~~ra~~ foi remindo e esteando a sua Musa sem empréstimos do frances; e este encarecer de vicios ja então era grande virtude. Pora elle daceu, como a texto, cabimento eu noiso Diccionario (\*), não vejo eu razão sufficiente, assim como a não ha para o desprezo e esquecimento, em que os havidos por puritanos o deixáram cair. Unha conza lie porem verdade irrefragavel, e he, que em nenhum escritor, antigo nem moderno, apparece a lingua portugueza mais senhoril e polida, mais igual e ao meio entre o usual e o sublime, entre a penuria e a prodigalidade.

Somos chegados á harmonia, o mais emi-

(\*) Veja-se a Quarta Edição do Diccionario chamado de Morais.

neante mérito de Bocage, e no qual nem antecessor teve, nem ainda até hoje sucessor. De todas as partes que em Bocage concorreram para poeta, nenhuma havia tão delicada, e em que tanto se houvesse a natureza estimada como o ouvido. A verdadeira música dos nossos metros, particularmente do bendito esillabo, não só a desempenhou e ensinou elle, senão que a inventou; e com felicidade tão rara, que não cuido se possa apontar hispaniol, e nem por ventura italiano que o iguale, e mais he o italiano pela abundância de suas brandas e variadas vogais, pelo moderado e macio de suas consoantes, pelas licenças e elasticidades de seus vocabulos, muito mais pronto e domavel para todo o uso métrico do que o portuguez. Poucos estes farão tanto os consoantes como Bocage (e ainda ahí he grande o seu louvor, que não he dado rimar mais primorosamente); mas a ninguém erão os consoantes mais esquivados: são elles para o verso uns atrevidos e sinuosos com que os mal assinbrados se disfarçam, para poderem apparecer, mas de que os graciosos e bellos não carecem, nem os devem consentir, por não prececerem menos do que isto. Porque não ouzarei eu dizer, que mais são os seus versos poeticos, do que era poeta elle proprio? Como simples cantilena agradão, agradão ainda quando por vãos os engeita o juizo e o coração por frios: um estrangeiro que ignorante d'esta lingua os ouvisse bem e devidamente ler, reterear-se-hia como com a toada de um bem tangido instrumento. Grande ex-

cellencia por certo he esto , á qual principalmente devo levar traz si suspensos e encantados os animos; e por onde logrou ser, sem o cuidar, fundador de uma escola, que se me não engano, ainda de tudo não passou. Toda a gloria de engenho he oiro em que nunca faltão fezes: o produzir pela mágica de sua versificação uma seita de versificadores, por honroso se podéra haver, se aos discípulos podesse ter transinillido, juntamente com as normas, o talento, a força, a graça e o gosto com que as produzia e aperfeiçoava: porein quiz algum Genio máu, para lhe humilhar a vaidade e descontar a vitória, que a maior parte de seus sectarios menos lhe tomasssem a melodia do que os escarócos, os empollas, os tiocadilhos, as apóstrofes, as redondanças, e os versos que ja se hoje chão de dobrar,

*Seu mais doce penhor, seu bem mais d'ace.—  
Vio n'ella os risos, vio as grogas n'ella. —  
Um Deos não he perjuro, um Deos não mente.  
Que não paga de um Deos, de um Cão não paga,  
Ouveisse pregoar mais Deos, mais Deoxes. —*

versos , que parecamente lançados , como nas Obras de Virgilio, tem graça; semeados a frouxo são asseitos e desdoitados do estilo.

Do seu gosto ja me julgo dispensado de falar , porque me parece que o que d'isso podéra dizer por si mesmo está nascendo do que fico dito. Concluamor: o que de Bocage digo em

geral, com suas exceções se ha de entender, porque por uma parte muitas paginas ha sôus, mormente em algumas traduções do francez, onde parece lhe esquecco por o tal verniz de dieção e sous que para si inventara, e de que a ninguem deixou a verdadeira recita: e por outra parte tambem, obros temos suas, mormente sonetos e traduções latinas, cabras e redondissimamente perfeitas. — Passemos ja a tomar iguaes contas a Filinto.

Muito mais melindroso he este processo, até porque ja o querer tomar-lhas será para seus apañuados um crime de levo Apollo, e primaça cabeça. Valla-me parem a declaração que faço, d. que em tudo quanto disser, não seguirei outras partes que as de minha razão, declarando previamente que muito pouco dou eu mesmo por ella; mas tão consultas que faço que sentenças que profiro, e antes exercícios de imparcialidade do que acintos de inimigo: de ninguem o sou, quanto mais de poetas, de perseguidos, de velhos, de mortos. Foi tempo em que eu, obscuro poetastro do Mondego, ria e rasava epigrammas contra o tradutor dos *Martyres*: hoje se me afigura muito mais valioso. He elle o mesmo, mudai eu; Deos sabe quantas vezes mudarei ainda com os annos: do mudar não ha nossn a culpa: "nossa he porém, e fessíssima a de persistir no erro conhecido; se a republica literaria tivesse inquisidores, por heresia e coutumacia que não havião relaxat ao brago secular." Ha

por ahi muito homem do meu officio que possa dizer de si outro tanto? Mas deixemos esses que estão vivos, e vamos-nos a Filinto.

Se he ou não *criador*, ja vi ser renhida questão entre ociosos: para mim tenho que semelhante título mal lhe pode caber. O frequente verter ha pouco disse eu que denunciava esterilidade; e pudera acrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, euido que nos Lições literarias do Doutor inglez Blair, e que muito-me enio; a saber, que o costume de traduzir, bem que olhado pela rama pareça dever ser scutisero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. Compara-lo-hei com o linho, que apesar de tão preceito no mundo e de tão agradavel aos lavradores depois de colhido, por isto só desgosta a muitos d'elles, que a terra onde se criou fica magra, e como elles dizem queimada para outras novidades. Muito mais de metade dos tomos de Filinto trazem no título os nomes de autores estranhos, devendo-se ainda hingar a este rol por boa restituição, bastantes Obras, que talvez por descuido, imprimiu sem nenhuma menção de seu, como erão, vertidas. As imitações são no merito e inconvenientes meias traduções, e as do nosso poeta são numerosíssimas, desfargadas umas, outras maliciosamente dissimuladas. No resto que he de sua lavra, aprnas se nos depara couza que abone talento original e produtivo: são os chamados lugares comuns de poesia

filosofias, que ja por salados custao a passar, e as tão esfalsadas visões e apparecimentos de Apollos, de Múras, de Amores, de Pegassos, e de outros mil desfuntos, a quem o tempo ja comen o balsamo, e que todavia são ainda a unica pavoaçao de quasi todos teus poemas, tanto jocosos como serios. Algumas vezes me vera desconfianças de que n'aquelle passo da Sátira do Bilhar, em que o nosso Tolentino parece tir de certas Odes, contra Filinto bia tirada a ecta de sua crítica:

*Co'as verdes maois o serpeado Tejo  
Alça o trilingue, mágido tridente;  
Mas que Górgona filtra? eu vejo, eu vejo...  
Em dizendo isto he Ode certamente.*

Em osséitos parem sobreleva a Boeage, e não abunda. A espagas lhe vislumbrão assomos d'aquelle sismadora melancolia, que mais ou menos respira em todos os bons poetas. As amarguras e saudades, que em tão larga vida e deserto lhe não saltarao, alguma, e não rara vez, lhe sopraráo versos amotaveis, e deliciosos de tristeza. He este de todos os dolez de poeta o mais caramente comprado; sendo assim que Deos sabe quantas vezes em applaudir um verso que nos toca, batemos por ventura palmas a calados infortunios de quem no-lo cicerneva. Não nos assuntos ditos sentimentais se conhece tanto o verdadeiro sentimento, como nos de indole mais fria e izenta; porque, se n'estes ultimos apparece incisper-

da uma palavra maviosa, n'uma flor de festa  
uma nôdoa de lagrima a descuido, ubi vem o  
infalivel documento de ternura e suavidade:  
e d'estas sombras de lagrimas, d'estas palavras  
maviosas achamo-las em Filinto.

Na sciencia he que elle mais notoriantemente leva a palma ao seu contendor. Que muito fez com o dôbro de vida, com precisão de estudar para se divertir das mágoas e ganhar pão, com o ar e trâfico de Paris onde todos inspirão e expiraõ letras, e com tão espançosa velhice, pingue quadra em que as paixões quietando nos deixão todo o silencio, remanso e mornosidade necessarios para o estudo! Tornarão-se-lhe familiares os classicos portuguezes e latinas, de uns e outros dos quaes talvez Bocage não tivesse acabado dois ou tres volumes; familiares os classicos franceses, hespanhóes e italianos, e ainda as versões dos ingleses e allemandes. A'roda d'elle chovião de dia a dia, e de hora a hora, os frutos novos de todos os ramos das Sciencias, de que he impossível a quem por lá vive não provar, até tem querer, e ao cabo não se nutrit e fortificar. Entretanto lepararia eu, se o quisesse, que para quem logrou concurso de tão favoraveis circunstâncias, como as que a sua má estrella lhe deparou, não sólo Filinto o que se poderá esperar de noticioso e culto; e ou desapintou o manhã que as nuvens do espírito lhe chovia, ou se o tomou lhe não luxio. A' primeira d'estas duas conjecturas me inclino, porque segundo o que

de seu natural alcango por suas Obras, parece-me que na ligão das estranhas mais se lia n'ela  
ça de vocabulos e frases curiosas, insolentes  
e atrevidas, do que de doutrinas e filosofia.  
A sua era lucida e usual: cunhados louvores á  
Liberdade, á Amizade e á sua Virtude, ao es-  
tudo, no descanso e no deleite, alguns arremes-  
gos de encontro nos Bonzos e Naires, eis abri-  
sondado até ao lastro o seu pogo de saber mor-  
tal: alguma historia não rara antiga e moder-  
na, eis todo o seu saber positivo; e todo o  
seu saber natural, alguns dos principios ge-  
raes e diarios das Sciencias fisicas. E certo,  
que se mais avultados fossem estes seus ca-  
bednes, e vira mais secunda lhe consentisse  
anciar n'elis altas couras do que palavras e  
frases, não se deixaria ficar tanto atraç no  
meio de um seculo novo e alado de poesia;  
não se contentaria o seu estro abstêmio com a  
agua do Parnaso até à ultima hora da vida;  
e não nos deixaria seus volumes pejados quasi  
só de fabula, como armários de museu anti-  
quario, onde se não vai procurar qualche o mun-  
do em que vivemos, mas deduzir de concados  
e desluzidos fragmentos, o que em tal ou tal  
parte da terra houve lá n'outros tempos, com  
os quaes e com a qual só pouco ou nada temos.  
Diz um Escritor insigne (\*), que a poesia assim  
como outr'era vivo de fabula, resive hoje e  
se apresenta de verdade. Melhor dissera que  
de verdade vivo em todos os tempos a nobre

(\*) Lamartine no Prologo de Jocelyn

poesia, pois que o que para nós se desenbriu fabula, era nos dias em que appareceu e florio, verdade de factos, ou capa allegórica de verdades, invicta e triacera. — Resumiamos; Filinto soube mais que Bocage, menos do que podéra, e diverso do que devêra saber.

A linguagem, de que pela ordem se me segue falar, mais sequeria n'este caso um tratado, do que uma nota de fugida. Algum dia o tentarei, quando me acháre mais de assento e sobre mão do que agora, que as justas raias d'este escrito me estão tolhendo. He a linguagem e elocução a principal feição característica de Francisco Manoel, como de Manoel Maria o he a harmoniosa elegância.

A torrente das hipérboles e conceitos hia arrazando e engolindo todo o nosso Parnaso, quando para lhe pôr a ella diques, e a elle solva-lo, e repovoá-lo de natureza, appareceu a Arcadia. Detençosa e ardua se representava a obra, como aquella em que a razão num tâmbor de lutar com a imaginação delirante. Para anteparar impelos de vêa tão engrossada com as continuas nascentes e tão copiosas de Itália, Espanha e Portugal, ja tão senhora do leito e dominadora das feargens, era mister que braços fortes lhe levantaessem muralhas solidas de grossa e pesada couraria. Vimo os Arendes como lhes estavão à mão as obras, não todas primorosas, mas quasi todas massigas dos nossos quinhentistas e dos romanos classi-

cos: erão accomodadas ao intento, dizendo com seu gôsto e costume; valerão-se d'ellas, acrecentarão-lhes as suas proprias, levantarão o muro; bramio, quebrão e escoarão a inundação. Raro he o bem, que só porque he, não troga outros consigo: dos trabalhos, que havião tido por fim acabar com os nojos e puerilidades do falso engenho, nasceu um conhecimento mais profundo da linguagem, mais extremoso amor à sua pureza, e o começo do encarniçado e ainda não findo pleito, entre a puridade e o gallicismo. Verdade he que n'esse segundo campo se não guerreou com tão savorável marte como no primeiro, porque se as maravilhas da *Penit Renascida* passaram, os gallicismos fizeram um successivo crescimento, sendo ja hoje tan caudas e trubordados, que principio a desconfiar não haverá remedio senão rendermos-nos, encruzar os braços, e deixarmos ir ao fundo: tanto estou convencido de que nem a própria razão he poderosa contra o espírito de um povo: e a final de contas, Deos sabe, ate n'ista, o que he razão!

Era Lílinto, por sua amizade e commerçio íntimo com os sujeitos de maior crédito na Arcadia, e por motivos de sua propria conveniencia, hómeis que de necessidade devia entrar na pendencia, e sustentá-la até à ultima: n'isso assentou, e o cumprio mui pontualmente. Entendeu desde todo o princípio, como aquelle a quem não folhecia bom juizo, ou se prover das armas seguras e bem

temperadas, sem que lhe não conviria arriscar-se no combate: e se as defensivas que vestiu lhe podessem ter saído tão impenetráveis às setas do ridículo como as offensivas que impõeu erão fortes e penetrantes, gnapiésimo Cavaleiro houvera apparecido, o invencivel. Do antigo portuguez e do latim instituiu concetar toda sua armadura: com diurna e nocturna millo versou pois os monumentos de ambas estas linguas; e quanto do portuguez ja feito se podia entherouer, ou se lhe podia necessitar por derivação, por composição, por analogia, por translacão, ou por qualquer outra licença poetica, sem embargo de desenvoltura extrema, tudo ourou com ardimento verdadeiramente admiravel. Fez estranheza a novidade, offendendo-se os inimigos com o escabroso e difícil de tal estílo, acripiarião-se os pússilanimos com o acrójo, os ignorantes e prigioneros com a imprensa fadiga que bem vião seria necessaria para entender, não só imitar e seguir, quem tão por fora caminhava das veredas batidas e vulgares. Todos estes, e com ellos os invejosos, saírão em campo, combatendo, e apupando, e quanto mais apupando e combatendo, mais recrescia em Filinto o reñoso propósito de se não descer do começado, antes encarecê-lo sempre até o ultimo ponto. Outra causa havia que para isto lhe fazia força, e era conhecer como sem estes bordados, tecidos e relevos de siase, o cabedal de suas galas porticas appareceria, qual em realidade era, grosso, comum e de mui baixa valia.

Mas quer o inovesse esta causa bem perdonável, quer fosse generosidade com que se oferecia aos motejos, e desapreço de muitos, com o só intuito de restaurar, e avantajado, o edifício do idioma portuguez, sempre fica certo que n'este particular mereceeo mui bem de sua patria, e a deixou muito mais inedrada do que a achára. Oxala que dois ou tres mais, dotados de igual credito, podessem como elle peito á empreza, e muito embora demaissem como elle: enhassem a flux tudo quanto dão na misas portuguez e romana; ainda muito oiro puro de dicção vitia enriquecer-nos, e facilitar-nos o traclo; posto que também como elle lá enhassem á mistura oiro enferzado, não de lei, nem de receber: o juizo publico extremaria umas de outras moedas, e as evgeitadas a ninguem farião mal, se não fosse ao credito de seu autor. Assim cresceria cobedal, que ainda inha goa para as obras do engenho patrio. Nossa lingua, qual por ora a temos, e até restituindo-lhe todos seus foros caídos, todas suas joias enterradas, não supre as hodiernas preicções do espirito. Quando a essaera do suber, sentir e pensar: se está de hora para hora dilatando no mundo, do qual nós outros (ainda que o não pareçâmos) somos também parte, forçado hé que a esfera da expressão ao mesmo compasso se dilate, e engrandeça. Repór ao idioma quanto ja teve será looravel consciencia, por que não bastará, se opoz isso se lhe não der com mão liberal, mas prudente, quanto substancia nova elle possu receber e comular, para

que na apostada carreira que os entendimentos das nações agora levão para o infinito descoberto, o da noisa, por fisco e sem azas, se não deixe ficar atraç.

Uma reflexão quero eu aqui fazer, mais que a taxem de digressão; não serà nova para os que eserevin, mas servirá para que os que leem se abstenham mais de acinizar pobrezas em nossos poetas. Jo das palavras se averiguou seiem elhas fio e arrimo de que a mente se vale para melhor ir seguindo por suas ideias rem quenda nem tropéço. Pois se as palavras, que não passão de testes e retratos do pensamento, tem virtude para o secundar, menos ainda se duvidará precisar a imaginação pretiosa de uma abundante linguagem, para se manifestar por obras, assim como o pintor de finas e variadas tintas para seus painéis, e o musicó de instrumento pronto e copiosamente registrado, para elevar os animos. O porto francos, porque tem uma singua que à força de bem cultivada por muitos e diferentes engenhos, se accommoda prêstes e servil ao pensamento mais subtil e novo, e aos afetos mais delicados e passageiros, d'ella se ajuda para inventar, e com ella exprime completamente o que inventou. Não assim nós, que em pertendendo alçar-nos por cima das comuns ideas do nosso paiz, nos achâmos, sem o cuidar, pensando em francos; e logo, que bem ou mal nos appresee na alma, tentâmos passá-la para o papel, e vâmos, bramimos, aqui nos saltão de todo as

expressões, ali só tibias nos recudem, outras mal determinadas e mal entendidas, outras estiradas em perifrases. Daí-me o proprio Lamartine nascido nas margens do Tejo, e pedisse uma só Meditação, num só epocha de Jocelyn; grande será o acerto se as conceber, quasi impossível que as escreva. Ponderou Condillac mui avizinhadamente, que a razão porque apparecção em certo povo e tempo maior numero de ratus abalizados em letras, era o ponto de crescimento e sufficiencia alastrada a que chegou n'esse tempo a lingua d'esse povo. Melhor será que o deixemos par sua boca doutrinarmos, que bona missionario he em coxas d'estas.

"Acontece com as linguas (dis elle) o mesmo que com os algarismos dos geométricos: quanto mais perfeitas são, mais vistas novas nos oferecem, e mais nos dilatão o espírito. Os bons acertos de Newton de antemão haviam sido preparados pela escolha dos símbolos que antes d'elle se fizera, e pelos methodos de calculo ja imaginados. Se unia cedo nascesse, podera ter sido homem grande para o seu seculo, mas não fôr agora maravilha d'este nosso. Outro tanto vai pelos demais genetos. A boa fortuna dos engenhos mais bem aparelhados inteiramente depende dos progressos da lingua no seculo em que vivem, porque os vocabulos correspondem aos algarismos dos geometras, e o modo de empregar os vocabulos corresponde aos methodos do calculo. Portan-

to, em uma língua aonde há penitria de palavras ou de construções bem azadas, há os mesmos obstáculos, ain que a genitivaria topava antes do invento da algebra. O idioma francêz foi por largo discurso de tempo tão pouco agitado aos progressos do espírito, que se imaginoumos Corneille em cada um dos séculos ascendentes da monarchia francesa, quanto mais no remontar nos finos fascinando do em que viveo, tanto mais, gradualmente, irá min-  
goando o seu engenho, e chegar-se-hia por ultimo a um Cotueille que nem huma prova po-  
deria dar de talento. ”

**Voltémos a Filinto.** Não decedirrei se houve ou não bom fundamento para o allegarem por autor o texto, como o fizera na quarta edição do Diccionario de Motaes: nem ouviria ex-  
pôr muito no logo pela infallibilidade de sua pu-  
reza, porque (mas a medo e sumisso vai o di-  
to, que por dito e não sentença merece cénia) aqui ou acolá se me figura exagerar por suas páginas algumas nödoas d'aquelle mesma edr  
a que nutria perdoou odio. Mas se as ha, não  
muitas, no passo que o geral de sua escritura  
be recobrado de muitas preciosidades para quem  
por peito a bem escrever esta língua. Por toda a  
parte lhe estão pulullando lisitanismos em voca-  
bulos, frases, collecção, inversões, gílio e leis-  
ão de periodos, que se houver gosto em quem  
lê para os jocitar e limpar de alguma mistura  
chideira ou sérica, farão muito bom sustento  
para poucas e prezadoras. Se houver gosto, puz-

eu, e muito que o puz de indústria, porque os que d'elle carecerem, ligão tal só os fará mais ridículos; os que ainda o não houverem formado, e se metterem por eunes onze e mais ronques sem hoin e constante Mentor, não sei se em linguagem e em poesia viráõ nunca a dar fruto que bem saiba e se abençoe.

Bem summa, Francisco Manoel do Nascimēnto foi um martyr da religião de nossa língua: para lhe largar mais glória cerceou a sua própria: com o excessivo das joias com que a arreou, deixou-a astelada, e menos matrona grata do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida: mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros, porém tarde e mui tarde, será levada: foi, porque tudo diga, um destemperado despertador, que nos pôz a pé para o dia das letras. — Quero repetir, faz serviço talvez maior que nenhum dos clássicos, mas he de todos o menos para seguir ás cegas. Bem haja elle que tocou a alvorada para nos acordar, mas mal haja quem quiser ficar com trombeta tão rouca e dissonante a tocar alvoradas todo o dia: ja estamos acordados. cabe agora aproveitar o tempo, como gente de juizo.

Se da língua passámos em Filinto á harmonia métrica, dainos maior salto que o de Léu-cade, e conio cumprindo igual oraculo, ou nos resogamos em um mar bravo, ou de lú surdimos curados de todo o amor a tal poeta.

Em realidade das quatro ou cinco partes do globo, e em nenhuma era se metrificação jamais tão dura, desleixada e insolentemente. Se alguma vez se esquece com dois ou três versos bons, logo se ringa com duas ou três dúxias, que se os reduzissem a linhas iguais, não seriam mais nem menos que desaceitada proza. E ainda he para agradecer quando só lhe falta melodia, porque algumas vezes nos dispara versos, em que as pausas vêm todas desconjuntadas, e outros, em que sobejão sílabas, por mais que a mago as prentemos entalar e embéber unsas por outras. — A sua rima he por via de regra desnatural e pobre: os seus sonetos e toda sua lírica de consoantes, ensabamentos ou arrispões. Bem se alcança como erão arrufos de maltratado, as injurias que em muitas partes vomitou contra a rima, e não evino as de Boileau, vezes só de um juizo rigoroso, que de dentro das letras as media. Nos defeitos de versificador fer de lata de idade sucessivos e notados progressos, sendo assim que ou por desleixo, ou por certa petulancia, em que engenhos grandes muitas vezes cãem, tornando por siembre o escutnecer do Pùblico, quanto mais hin usando do officio, tanto mais desprimatoroso se foi mostrando, até ganhar tão duro callo na consciencia, que nem a deliciosa harmonia dos versos de Racine lhe podia ja ao cabo inspirar um só verso toleravel de tradução.

Do muito que só deixo apontado se deduz a idea que para viim tempo do seu gosto; me-

Ihor será do que só deixa-lá deduzir, declara-la. Parece-me pois ser o seu gosto pouco e máo; e a isto estribo o parecer: 1.<sup>o</sup> que para suas Obras originaes costumava de escolher fracos sujeitos — 2.<sup>o</sup> que as pejava de taes invenções que ja em tempo de Romanos o não erão — 3.<sup>o</sup> que por vida se repetia, e por costume redundava — 4.<sup>o</sup> que na ordem desordenadissima em que scua escritos põe, anda o peor tão travado com o melhor, e as puerilidades vergonhosas com as Odes que lhe lucratão nome, que sem que o lustre do hom disfarce o mío, esqualor e nojo d'este delurpa e estraga a quelle — 5.<sup>o</sup> que se para traduzir elegios ás vezes bons originaes, taes como o Ohero e os Martyres, outras os escolheu desenganadamente incapazes, taes como a triste historiia em verso da Guerra Púnica: outras vezes, escolhendo originaes optimos, nem antevio, nem pelo discurso do trabalho conheceu, nem sequer sentio depois de lido (porque talvez se o sentisse nos houvera poupadão a ler a versão), que havia n'essas Obras exclusivos e essencialidades, quer da lingua em que estavão feitas, quer do engenho que as fizera; haja vista ás tão graciosas e admiraveis fabulas de Lusontaine, que em Filinto parecem tanto as mesmas, como a estampa de Bertoldo se podera julgar retrato do Apollo de Belveder. etc. etc. etc.

Taes são hoje para mim Filinto e Boenje: mui oultos dos que ja me parecerão, e talvez

dos que melhão de parecer quando novos livros,  
 novas coisas, e o rodear dos novos me ligarem  
 feito seu ordinario e incontrastavel officio.  
 N'aquellas eras pois, que ja eras antigas se mo  
 representão aquelles meus tempos, caia tudo  
 com o meu Gessoer em buegos, para a parte  
 de Boeago, mancho e lustroso; e se me ligava  
 rava que se lograsse traer-los, fundi-los em um,  
 faria obra de se me agradecer. Os partidarios  
 de Pilinto, que não sei porque, truzião guer-  
 ra declarada com Boeago, vierão saindo de  
 seus montes encarpados, empêçados e tenhos-  
 sos, para dar rúas e tirar remedios de epigrama-  
 mos ao nosso bando: cerrámo-nos com a bau-  
 deira, démos sobre elles com iguanas armas,  
 foi batalha empal, rota e sem misericordia:  
 não houve mortos nem cativos, poucos trans-  
 fugas, feridos muitos. Recolhídos nas trinché-  
 ras, cantámos uns e outros, como be costume,  
 o Te deum da vitoria: dobrámos a altura aos  
 vallos, e profundez aos fossos que nel estrepa-  
 vão; jurámos não aceitar nuncas paces, quan-  
 to menos commeter-las, nem consentir em al-  
 guma couza que ás das inimigos se parecesse. Eu  
 que fôra dos mal feridos e ainda palpavam as cos-  
 turas, como havia de faltar a nenhum ponto  
 da conjuração! Muitos d'elles merecerião tra-  
 tados, mas porque não fazem para o fim d'ea-  
 la Nota, senho aos esdruxulos, o só libarei a  
 materia.

Da natureza, como quer que seja, nos vem  
 sempre o gosto; mas serão que a meda, que

muitas vezes se gera de um acaso , introduz o uso , e este chega a mudar ou alterar a natureza , vem a ser o gosto em muitos casos encanada materia e muito esquiva para questão , abonando-se talvez por ali o proverbio , que sobre gostos prohibe disputar. Dir-me-lão , que nada tem a natureza com os meios , que só a moda a seu talante os cria e os acaba : he e não he verdade ; mas também isso deixaremos de parte , por pedir digressão larga e inui sobrida filosofia . Em breve , parece-me que a fantasia ou o acaso inventa os meios , a moda os espalha e rege , a nossa natureza se lhes assaz , mas dera quanto poderá afeição-a-los e conchega-los contigo . Das dez , onze ou doze sílabas de que pode constar o nosso verso heroico , quiz a moda que o numero de onze fosse em Portugal , Espanha e Italia o usual e corrente ; moda que estribou no ser d'estas línguas , em que a quantia de vozes graves excede á das agudas e daétilicas . Costumou-se o ouvido com a igualdade da queda , criou nua certa natureza , e todas as vezes que inopinadamente o obrigão a outra queda maior ou menor , como que te espanta e sobresalta : porei exemplo nos que subem ou descem ás escutas e ja pelo tino uma escada ; se lhes falta no subit um degrado com que ainda contava , o pé que no ar pôz firmeza cão é m falso , e consigo leva todo o corpo estremecido ; se lhes sobeja um no descer , o pé que ja se dava por assente , não desce mas atropella e traspoem . Por tanto , regra geral , o verso grave , que he o da moda e também o da

nossa natureza, lie o de que nos deveremos servir: como porém entre as coisas sujeitas à poesia, se nos d-parem algumas, cuja indole pôde ser esse mesmo estrengão, ou atropelamento, razão será que em tais casos bem resguardados e por via de exceção, acudamos à idea com o verso que melhor lhe condiz: os exemplos são facis de colher nos autores, não gastaremos com elles papel. Ora para se consentir n'esta exceção, não deixa de haver outro motivo de algum momento, e verdadeiramente lie elle o mesmo em que a regra geral se fundou; porque as estranhezas, que por desagradáveis persuadisão à regra, por utcis nos conformão com a exceção, sendo que tem virtude para nos espertarem, quando o embalar da monotonia nos vai adormecendo. Não por outra causa, vição os melhores metrificadores latinos em variar, ainda que rarissima vez, os seus hexâmetros perfeitos com o espolidaicos ou com um monossílabo final: ambos nos abalão; os primeiros em certo modo como os esdruxulos, os segundos como os agudos; e abalando-nos à propozito, por exemplo para sentirmos a queda do unímal no famoso proculibit humi-  
lo, deixão-nos assiados para prosseguir com al-  
tengão, e melhor tomar o gosto ao caminho, que outra vez continúa liso e macio, parado o tropégo.

Assentámos o princípio, vejamos se o uso lhe tem sido conforme. A Itália, attenta à prontidão, e musica de sua lingua, devêra ser

d'estes tres povos do sul o mais aprimorado em toda a qualidade de metrificação ; e todavia ha o contrario no henderasillabo solto , podendo dizer pur si o que o seu Ovid o por na boea de Narciso , que a sua riqueza a fez pobre : os seus poetas , aiudo os modernissimos , sobre não curram dos bons que recheam o verso , e quantas vezes nem das pausas , sobre estirarem desmesuradamente os seus periodos , consentindo que os versos se travem e encadrem de contínuo , insistindo sem nenhum motivo de efecto , os versos agudos e esdrúxulos com os graves , segundo o uso a que vai deprestando. Ha o mesmo que sucede a quem possue terra de subejo ferte & facil : ella que supre por si as primeiras precições ; trabalhe-se o necessario para que não falte , o resto , que bastaria para a fazer parada , dê-se a priguça . Os franceses , que tão menos poetica lingua tinham , obrigados por essa mesma pobreza & cultura , esmerados e incansaveis , i quanto a não levão ja por arte , adeante do que por natureza podera ser a italiana ! são n'esta parte os paues de Hollanda a produzir ; na outra , terras pingues e debreadas de Otaíti a regalar com pão e frutos espontaneos aos semi-nus e ociosos naturaes . D'este verso-jar de italianos , me dizia uma vez Jose Agostinho de Macedo , que a maior parte de taes poesias lhe dava a lembrar as recusas de mulos de almorrieve , que ensaiados e prezos uns a outros , sa com os choephos confadose ; la se vão , ora tropeçando ora erguendo-se , continuando o caminbo , e sempre chegão com a carga .

onde tem de ir. Quando assim fallo, quero que se entenda que me não refira a todos sem exceção, mas só ao geral d'aquelleas poetas. Bem pode ser que os haja agora primorosíssimos que eu não conheça, e dos conhecidos alguns ha com quem não serei tão severo taes como Monti na traduçāo da Ilíada, Fúscolo se me não engana a lembrançā que d'elle me ficou, Alexandre Mauroni, e Felice Romani.

Em Portugal, pois que a lingua era também prestes a servicial, e os que n'ella poeta não se compraziam de se irem sempre na pista dos Toscunos, sente-se nos poetas antigos o mesmo degmazelo. Encontrão com os versos graves os esdruxulos inutéis, ainda que não frequentes e os agudos aos cardumes. Canções, que de todos elles fui por ventura o de mais delicado ouvido, rimando hindeeassillabos, até na epopeia não duvidou em os pôr, quando acaço lhe apparecia, e sem nem humma intenção ou filo poetico; o que a Vnsco Mauzinho de Quebedo seu inferior em poesia, mas superior, se lhe licito dizê-lo, em metrificar, por tal arte desagradou, que em todo o poema de Affonso Africano nunca interpolou com elles versos graves, e d'isso faz alarde em seu prologo.

N'esta incerteza corre o couza até os nossos tempos, em que dois homens de fôrça, dois athletas da poesia, representando cada um uma das encontradas opiniões, devião ter pe-

ranie os olhos públicos um calado e rijo certame, para decíção ultima da contendão. Voi Boeage o mancebo, cavalleiro da metrificação lisa e uniforme; o velho Villato da mista e liberrima. Todo o empenho de Boeage era a harmonia constante, todos os seus versos forão graves, e de compasso batido: Nascimento queria por cima de todas as outras couzas dar todas suas ideas, boas ou más, grandes ou meninas, mui bem pintadas e repintadas, que aiada quando insignificantes, não deixassem de serir na vista. Serviu Boeage ao metro como o senhor: Nascimento, como de excesso se servia d'elle, trazia-o todo, entrasfeito, desnudado, e por todas as ilhargas estulando com o peso da carga. Se he licito comparar estes dois poetas com outros dois romanos, de muito mais subidos quilates, digo, que são na metrificação hendi-cassilaba, o que nos distichos elegiacos cróticos forão Ovidio e Propescio. O disticho de Ovídio he sempre torneado por medida,inda lhe falta nem sobra, reluz de polido, e algumas vezes ponha péia: nos de Propescio ha sempre mais succo de couzas {bastante espremeo d'elles Ovídio para seu remedio}; mas o hexâmetro saca a iniude desalinhado, o pentâmetro dissidente da sua usual roada, acabando não em di-syllabo, como para bem o requer o gosto de tal metro, mas em triâssilabos e quadrisíllabos à moda de Catullo; parlora-se menos apuradamente os hemistichios, embrebe-se e embrenhe-se em demazia o pentâmetro no hexâmetro, e, o que mais rijo he, o hexâmetro de um disticho

no pentâmetro do anterior; o que não tem ser l'opereio, em meu conceito, nem poeta de muita valia (e não sei se diga que o único minante apaixonado dos antigos, com licença dos gramáticos e dos priguicosos que o engeitão por escuro), e Ovidio um dos mais bem assombados engenhos do mundo.

Do que levo ponderado, se he exato como cuido que he, segue-se que nem Bocage, nem Filinto erão para modellos absolutos, e que tão desacordado andava quem não consentia em verso que grave não fosse, como quem esdruxolava por tido e feita d'aqueles casos em que o esdruxolo traz em si mesmo a desculpa e o louvor. Entendi que ja por acinte o fazão, e por acinte contra acinte escrevi essa Nota da primeira edição, que atraç deixo trasladada. Fôrta o solo pueril, conlheci-o assim como o sangue alvoragado da batalha me estriou, mas tão solha maneira se oppunha a vergonha a uma retratagão, que peruaneci até hoje sein n'm esdruxolo em tantos versos súltos como lenho impresso, e tantos mais que ainda não saído á luz. Quantas vezes, compondo a Noite do Castello e o Bardo, não senti tentações e impeclos de tempor e acabar por uma vez com uma pezão imaginaria, que o olhos vistos me estava tolhendo mui bons efeitos poeticos; e contudo constrangia-me, esquivava-me, escrupuleava, e não podia acabar comigo que me resolvesse, podendo dizer como aquelle rei de França. *La se vai tudo, viemos a honra.* Os passos d'esses poemas

em que tal me acontecta, por si se estãoinda agora denunciando, pôstos os dactílicos inintivas nos lugares, que abnixo do final te podem reputar pelos mais autorizados e distinatos do verso, que são o ponto do hemisfério da pausa do meio verso, e o começo do cegonha, quando fica bem cortada e estremado. — D'este livro ao deante me dou por desobrigado do voto; e eis aqui, me parece, o motivo lá para os outros me hei de haver: nunca porei só por pôr ou por me farrar trabalho, verso dactílico; nunca o engeitarei quando a força é graca ou qualquer outra vantagem da poesia a requererem. Bem quisera dizer outro tanto dos outros, mas ali ainda o meu autojo ha forte; sei que a razão não é tâ menos por elle, e não ouzo segui-la: veremos o que o tempo, grande causador de mudanças, poderá trazer comigo.

---

### NOTA

de Augusto Frederico de Caillho.

Pag. 118. verso 6.

Vejamos, meu Irmão, a tua escolha. &c.

Quando um autor, para publicar os seus pensamentos, se entrega à nossa boa fé e lealdade, 'os nossos olhos e mãos para logo dia-

dão de dono, sêão seus; tem de vigiar e zelar o depósito confiado, para que nada se lhe acrescente nem cecede: qualquer palavra, qualquer vírgula de mais ou de menos, por muito que as pareçam estar pedindo este ou aquelle passo do texto, são mais que violação de testamento, porque ideas tão propriedade mais real e sagrada do que bens da fortuna. Assim he, nhas cumple que não seja assim na presente occasião: saltorei ao direito do autor e a minha obrigaçāo de secretario, para cumprir com outra mais ranta lei, a do amor fraternal, aliviando aqui, e em mais de uma tunica, o meu coração, ás escondidas do mesmo autor, para quem serão grande novidade estas linhas, quando de alguém (que não de mim) as degair a onvir ler.

Dizei em primeiro lugar, que na Festa da Primavera, cujas hontas fôrão na maior parte a meu Irmão, os versos a que esta Nôta vai lançado tanto abalo fizédo em mim, que pela primeira vez os lia, que eu me vi necessitado a interrompê-los coberto de lagrimas e afogado em soluções, para me ir lançar no seio d'elle, protestando-lhe assim, com um silencio que eu não tive palavras para romper, que os seus desejos de vivermos para sempre unidos, ja em mim erão necessidade, e que o pensamento de separação se me representava tão altro e impossivel encontro a elle. Eu o vi profundamente commovido entre os meus braços, e foi essa a primeira vez em que nos-sizemos

uma declaração tão expressa de amor , nôa que semelhantes aos *Dois amigos de Gessner*, sempre jinhinhas vitido e contavamos com viver um para o outro , sem ainda nôa só vez nos havermos dado o nome de amigos. O meu voto, usano-me de o dizer, tem sido santomente cumprido : ja lá vão quinze annos , e eis-me aqui ao lado d'esse , eis-me tão inseparavel como tinha sido desde menino até aquella hora ! que digo ! ainda mais , porque para reparar a perda horrivel que elle acaba de experimentar , eu carecia de ter agora em inim , em vez de um , dois ou mais corações para lhe offercer.

Agora cumpre-me preencher o principal fim d'esta Nota , transcrevendo para aqui alguns versos parallelos a estes , de um meu Poemetto , que com o título de Primavera recitei n'aquelle mesmo D.a. Os elogios que o leitor vai achar , não mos inspirou só a amizade fraternal , mas a convicção em que ainda hoje aílou , e hoje muito mais , do subido mérito do elogiado. Aqui era o lugar de desmentir um grande numero , talvez a maior parte das sentenças , que sobre a valia d'estes poemas a sua modestia (em tudo excessiva) lhe dictou no Ante-Prologo , e principalmente no Prologo d'este Livro : mas não cuido que a minha licença possa chegar tanto adeante : enlar-me hei , bastando-me agora ter desabafado , por algum modo , nos versos que se vão ler.

E tu, meu caro frānão, tu me arrabatos,  
 Quando magico attrinc nos sons da lira,  
 As Musas da Danubio á foz do Tejo.  
 Oh dize-me onde has visto a Natureza,  
 Virgem tão bella para ti sortindo?  
 La na idade infantil, quando teus olhos  
 Inda na luz formosos se espraiavão,  
 Veio ella mesma perfumar-te o berço,  
 Tingir-te em rósea cōr dos ecos o espago,  
 Encher-te o ar de ignotas harmonias,  
 De alléios orvalhar-te o brando seio,  
 E com magas visões doitar teus sonhos?  
 Sim veio; e quaeis na mente que as afaga  
 As maternas feições imprestas feão,  
 Taes seu olhar, e voz, e graça, e tudo  
 Te vivem, te reluzem pela mente,  
 Doitão-te a escuridão, compõem-te um mundo.  
 Num silencio te admiro ha longo tempo;  
 E até (que fui tão louco) ouzei co'as tuas  
 Minhas frigas medir, tentar-te a gloria.  
 Não temos nós irinnos, me disse eu mesmo?  
 Não corremos iguaes no longo estudo?  
 Pois ha de a lira d'elle ousar prodigios,  
 Sem que, para a imitar, desperte a minha?  
 Mas que vale o desejo, o sangue, o estudo?  
 Tu sabes remontat-te aos ecos n'un vōo:  
 Eu tento, eu me debato, ergo-me, caió,  
 No inglorio chão cangado me adormeço:  
 Será pois d'elle só a eternidade?  
 Só d'elle? a sua gloria aos dois nos basta;  
 Quai nossos corações amor vincula,  
 Tal has de unir, ó Santa, os uomes d'ambos.

Com todo o eterno sopro enchendo a tuba,  
“ Este o maior, dirás dos lusos vates! ”,  
Dirás depois mais baixo: “ Este com os olhos  
“ Léo e estudou do Irmão, do terno amigo. ”,



**OS  
CANTOS DE ABRIL  
IDILLIO.**

O mais deslavado e insôuo Poeviello na  
primeira edição, crão Os Cantos de Abril.  
Só a intenção fôra boa; na execução e estilo  
tevia um tão continua desprimo, que me fôi  
necessário demolir e redifícicar. Por tanto,  
com o mesmo título he obra diversa, muito  
melhor, mas não perfeita, porque já para  
a emenda da emenda não chegou a paciencia.

## DEDICATORIA

A MEU PAI.

He a educação o maior presente que de homem se pode haver. Vós, meu Pai, fizestes mais da que educar-me: superior a uma preocupação tão geral quão perniciosa, estes nascer à meu engenho poético e não o destruistes, visse-ló crescer e não o contrastastes, senão que antes lhe destes amparo, baso e desvelos. Eis aqui por tanto um reconhecimento da minha gratidão.

Oxalá possam estes versos, que incensolo a vcs offerecer, agradar-vos tanto, como os Cantos d Abril, no silencio do noite e debaixo do parreira da cabana, agrudarão ao bom Menala



## ADVERTENCIA.

Notar-se-ha que por todos os Poemetos d'este livro se dão sempre versos á infancia, e n'este Idillio tem ella não uma parte, nem a principal, tanto o todo: se o porque, pode importar a alguém, agora lho direi brevemente.

Parece-me um Menino, de todas as couzas gracionais que Deos faz a graciosissimo. Aquelle ajuntamento e consonancia de tantos doles; formosura, d'elle proprio nem buscada nem sabida; graça que lhe ninguem ensinou; singularidade e condura; alegria, fraqueza, innocencia; e muito affeto, e muito mostra-lo; e tanto descuido do porvir; e não o temer nada; e a poesia particular do seu dizer; e a sua grammaticazinha natural que a vós nos faz rir, couzas são estas que apesar si me levão esquecido e encantado. No trato d'estes botões da humanidade, que vem abrindo, parece-me, o ja parecio a muitos, poderem-se lucrar boas vantagens: ja não falso em seu bondoso contentamento que talvez te pega, e na felicidade de recobrariuas horas de meninice, imitando-os, sem saber, nelles, como elles nos imitão a nós; falso porem no muito que o nosso espirito se acostumou então a extremar o bom do malo, e a joeirar cá dentro o puto do impuro, para nem personhos profanar o que das

inños da natureza saio e se conserva santo. E demais, um Menino não sabe nada, quer saber tudo, e por tudo nos pergunta: ;não hei isso estar-nos pondo a caminho de muitos descobrimentos de verdades e relações das cousas, que nunca aliás por nossa preguiça ou desculpo fariamos? — Muitas pessoas vejo, e faz-me pena, desamarem as creangas, despreza-las, haver-las por menos de gente, tolher-lhes as falas, as obras de sua idade, e Deus sabe se também o entendimento: eu por mim, quer-o-lhes muito, porque entendo que excede em valia nos seus desprezadores, e sinto que a mim me levão grande vantagem em bondade e ventura. De um ajuntamento esplendido mil vezes tenho fugido para elles: no campo, melhor que em nenhuma outra parte, saboreio esta doçura a meu contento. Todos os pequenos das aldeas em que tenho estado me conhecem, e sei que são meus amigos: opinham-se-me ao redor em me vendo; invento jogos, historias ou conversas para elles; divirto-os, divertem-me; uns com outros, e uns de outros aprendemos.

· São horas bem deitadas estas de minha vida, como as ja tivera João Jaques, como as terão tido muitos, e como as poderá ter quantos as desejarem.

Lisboa: 7 de Janeiro de 1837

# CANTOS DE ABRIL

## IDILLIO.

---

Por um serão de Abril suave e ameno,  
Menalea, a bella Dafne, e seus tres filhos,  
Estavão-se a folgar ante a cabana.  
Por entre os parras do sonoro alpendre  
A menina sua chão se elevara,  
Espreitando esta rústica familia.  
Menalea era ja velho: os justos Deozes,  
Querendo prenjar-lhe a larga vida  
Passada em os amar e amar nos homens,  
De Citheren no Filho havião dito:  
" Filho de Citheren, entrega Dafne  
Por esposa o Menalea, u sim que o velho  
Remoço, vendo ao lor a mocidade,  
E a virtude que tem o alegre em outrem;  
Amor nem sempre nos Deozes obedece,  
Porein amava a Dafne; entrançou logo  
A florente eadêa, e vendo-os prezos,  
Tanto a si mesmo do que fez se aprovou,  
Que ficou sempre entre elles na cabana.

" Filho de Citheren, accrescentâo  
Depois os Deozes, da-lhe o seu reisao

Em filhos, e uma filha irmã das Graças,  
 A sun que em seu crepúsculo da tarde  
 O velho inda se alegre, e abrace esp'ranças;  
 Da-lhe prole, o foda-la a nós pertence. , ,  
 E Amor lhe déra proté, dois meninos  
 Seu retrato, e uma filha irmã das Graças.  
 Ja rosas de abril decimo florecem  
 No semblante de Silvia; um anno a vence  
 Titico; e vence a este um anno Alexis.

Menalca, em juncos molles estendido,  
 Tem da espolha no candido regaço  
 Como em vinho amorous a branca fronte:  
 Pelas saíções trampira-lhe bondade;  
 O místico luar o ditiniza.  
 Desse o contempla nuda, e níveis dedos  
 De afagar umas rãs tentadas vaidade.  
 Elle a querida mão collie éhito hs ruas,  
 Beijada a nebliga no rosto, os fracos olhos  
 Detram a pelos rágos alumidos,  
 E fitando-os á lúa<sup>11</sup> Olhai, meus filhos,  
 Olhai, disse elle, como brilha a lúa!  
 Que suavidade e paz não cda no largo  
 O astro das noites! como atráe da terra  
 Nossos espíritos humilde a pensamento  
 De outro mundo melius, montão de Deodes!  
 Que esp'ranças, telle saudades misturadas,  
 Não traz a pura noite ás almas puras!  
 Dias que voi vgo suspiro, antenos vias  
 Da minha moeidade... agora jard  
 Como arvore das folhas despedida,  
 Que mais não florir, porque o machado  
 Ja lhe abriu marca para se ir ao fogo. . . .

Então era eu cantor chamado ás festas,  
 E amado por longa entre os cantores  
 Na frauta e no rabil, porque os meus cantos  
 Erão sempre á Virtude e á Natureza.  
 Por uns serões assim, como acordão  
 Todos a ouvir-me! As Ninfas era fama  
 Que descião do bosque, e pelas sargas  
 Vinhdo pôr mais de perla o ouvido á escuta:  
 E os ventos se detinham, recostados  
 Ao duros troncos, sem bolir co'os ramos.  
 Té dizião que a frauta, em que eu tangir,  
 O benevolo Pan me d'gra em sonhos.  
 E ora jaz, annos fin, de pô coberta!  
 En tão ao meu fogão ja não se apinhão  
 Os pegueiros a aptender-me os cantos,  
 Meu cabello nevoi, nevou minha alma.  
 Ah! se não fosseis vós, Dafne, meus filhos,  
 Vivido tenho assaz, proâmo aos Númes  
 Tornar a ver mens pais n'outras cabanas,  
 Onde he perpetua a luz, e a eternidade  
 Uma estação de musicos e flores.  
 Quando eu la renascer, tu vossa espera,  
 A' tua espessa é Dakie, á voisa é filhos,  
 Resurgirás comigo a minha frauta;  
 E com ella enganando aquella ausencia,  
 Penosa ate no Eílio, em versos novos  
 Louvando as Immortais, e eterno eu mesmo  
 Pedir-lhes-hei conhudo que tarda  
 Vos levem para mim; que vos derrameis  
 De virtudes e bens copiosas bençãos  
 Sempre n'esta cabana, onde hei nascido;  
 E que no meu sepulcro o passageiro  
 Diga parando — O' bom pastor Menalca,

Leve te seja a terra, e tu contente  
Porque os teus filhos te excederão todos. »

Aqui sentio cair na fronte calva  
Uma calada lagrima, e doeo-lhe  
Ter nublado o prazer da seus Penates.  
Senta-se, alegra o rosto, enchuga os olhos  
E unindo ao seio a esposa “ Orei meus filhos:  
O cantar diz co'a noite, ingrada á lua,  
Contenta á vossa mui. Contai louvores  
D'este suave Abril; nunca em meus versos  
Deixei de o celebrar, quando era inação.  
Os pastores de outr'ora Abril sagraria  
A Venus, graciosa Mãi de tudo.  
Vede-a n'aquellea estrella ester sorrindo;  
As glorias do seu mez são glorias d'ella.  
Alexis, principia, eu te acompanho  
Co'a tua mesma frauta; os sons da frauta  
Dão como vida ás solidões da noite.  
Seja a roada a que inventei (quão lédo!)  
No dia que nasceste, e a nossos olhos  
Se doirou de alegria esta cabana:  
Bem a sabes, começo, e Pan te ajuda.

## ALEXIS.

Eu amo o verde Abril, porque he formoso,  
Todo está cheio de arvores vestidas.

## TITIRO.

Eu amo o alegre Abril, porque he sonoro,  
Vem cantando pur bandos de aveinhas,

## SILVIA.

Eu amo o rico Abril porque he cheiroso,  
Espalha em cada prado um mar de flores;

## ALEXIS.

A folhagem traz sombra, as sombras trazem  
Seus solgares da sesta a gente grande,  
E a nós para brincar franca licença.

## TITIRO.

As aves são dos avez alegria;  
Chamão ua indrugada os preguiçosos,  
E divertem na lida ajs lavradores.

## SILVIA.

Flores dão cor à terra, e cheiro às horas;  
Flores sao mãis da fruta; os Deozes rindo  
As creatão, e rindo aceitão flores.

## ALEXIS.

O Pan que está na gruta do arvoredo  
Não pára senão lá, por mais que o mudem;  
Sinalque um bosque e a sombra apraz aos Deozes.  
Tudo ali he formoso á maravilha!  
Por baixo a fresquidão, por cima o verde;  
A terra de reflexos variada;  
O céo sonorosa e moveidão;  
Mais alto, o ceo azul, dado ás mostras.

E que direis do rio entre arvoredos?  
 ; Como se pintão na aguare aquellas folhas,  
 E o vento que as revolte, e as pombas alvas  
 Pelo ramos, e um sol desfeito em muitos?  
 Parece que no fundo do remanso  
 Tem Pan outro arvoredo, igual em tudo.  
 Quando hoje eu lá passava, o Pan dei graças,  
 Pois que achiei que um tal sítio encantaria  
 Q' meu Pai, teus passaços solitarios.

## TITIRO.

Fonte como a das Náiades nenhuma:  
 Cintado-lhe em volta passaros sem conta;  
 Sinal que o bando aliado apraz ás Ninfas.  
 Por ali me regala ir espreitando  
 Tantos ninhos por entre tantas folhas.  
 Admiro a perfeição d'aqueles berços,  
 E o tino com que os pobres de uns brutinhos  
 Os souberão livrar a soei e a chuvas:  
 Aqui uma avezinha indo sem penas,  
 Outro a romper da casca; alem uns ovos  
 Branquejão d'entre o musgo, e ja palpitaõ;  
 Se os tóeo, sinto dentro o passeninho,  
 E fuijo com temor que a mali o engeite,  
 ; Ver as más vit do pasto alvoroçadas,  
 Darem o almoço aos filhos que pipilao,  
 E co'as nanz e peito agazalha-loi!  
 E ver logo os maridos tão contentes  
 A gorgear-lhe á roda! o porque o fazem  
 Mal enbeis vós; cuidais que he divertí-las?  
 Oh que não: he ja dar lições e exemplos  
 De canto nos filhos seus: não de outra sorte

O nosso paí nos entinou sens versos.

SILVIA.

C'roas frescas de rosas cada dia  
De Citheréa ás portas amarhecem ;  
Sinal que a Citheréa aprazem flores.  
Todo o anno era Abril se eu fôra a Deoza !  
Nunca no meu altar e ás minhas portas  
Faltarião montões de flores, flores.  
Todas só para ti as eobiçava,  
O' minha mali : com elas te enfeitura  
Cada hora do dia ; cada noite  
As renovava no leito onde tu dormes ;  
Não porias teus pés senão em flores.  
Se o passageiro ás vezes me pergunta ,  
Quando me encontra á borda do caminho ,  
“ Quem he a tua mali ? ” , eu lhe respondo  
Chêa de gloria “ A minha mali he Dafne ! ”  
Hontem de tarde o gracioso Aminhas ,  
O pobre guardador das duas cabras ,  
Quando o meu pão lhe dei pedio-lhe um beijo ,  
Chamou-me bella , e disse que o meu rosto  
Itra como o de Dafne , ou como as rosas .  
Sendo assim , bella son , que outro pastora  
Igual a minha mali não ha na aldea ,  
Nem flor em todo o mundo iria da rosa . ”

ALEXIS.

O vizinho Milão , que hoje he tão rico ,  
Não tinha mais que uma arvoce , e de terta  
Só quanto aquella soubra lhe cobria .

" Corta-a Milão , dizião-lhe os pastores ,  
 Alegras seu campinho , e terás lenha  
 Para aquecer a choga um vicio inverno , , —  
 — " Eu ? respondia o triste , em pôr machado  
 Na boa da minha arvore ? primeiro  
 Me salte lume alheio o inverno todo ,  
 Que eu mate a que a meu pai ja dava célas ;  
 A que de meu avô me foi mandada ,  
 Que a não por para si ; e a que nos bragos .  
 Me embalou tanta vez sendo menino .  
 Os Deozes a existênciâ lhe dilatçâ ,  
 Que assim lhe quero eu muito , e o meu campiño  
 Produza o que poderá , que eu sou contente . , , —  
 Sorrindo-se os pastores ; o carvalho  
 Cada vez mais as sombras estendia ,  
 E Milão de anno em anno lia a mais pobre .  
 Lembrou-lhe um dia , em bem , que uma videira  
 Plantada a pat com o tronco , o enseitariu ,  
 E os cachos pendurados pela côpa  
 Lhe darião também sua vindima :  
 E eis que ao abrir a cova , acha um tesouro !  
 Desde entro ficou rico , e diz-me sempre , (mio  
 Que os Deozes imortaes lho hão dado em pié .  
 Por amar suas arvores . Ille elle  
 Quem mais engina a amar . São d'elle os versos ,  
 Com que ao bosque de Pan cantei louvores .

## TITIÃO.

Deozes , tocaí o peito de Mirtilo  
 Porque não saia nôo quando for grande .  
 Hoje , entrando na mata , o vi lá dentro  
 Andar armado aos passaros . Que pena ,

Disse em mim, não ser passaro um momento!  
 Não poder ir correndo o bosque aos pios,  
 E dizendo em cada arvore " Cantella  
 Meus irinãozinhos do ar; vejo inimigo;  
 Não saírei; o inimigo anda no bosque. ",  
 Faciencia, assim mesmo hei de acudir-lhes.  
 Vou-me por entre as montas rastejando  
 Até no que o immenso castanheiro,  
 Que abre em seu tronco uma portada de heras,  
 E se noutra a casa de Silvano.  
 Trepo, e dentro me esconde: os meus vizinhos  
 Lá por cima na cópa papavão,  
 Cuido que adivinhando o que en faria.  
 Encosto a boca á fresta curvada,  
 Que está fronteira ao portico da entrada,  
 E clamo em rouca voz " Pura Mirtilo. ",  
 Parou, ergueu-se, e posse a olhar em toda:  
 Vendo tudo em socego ás redes torna.  
 Com voz mais estrondosa e mais horrenda,  
 Torno-lhe eu a bradur " Mirtilo pára. ",  
 Não esperou terceira: arroja tudo,  
 Salta, vda; oh que riso! uns echos séos  
 Lhe lindo gritando apaz " Mirtilo pára. ",  
 Somio-se; à tetra pulo, espreito o malo,  
 Achá as redes, os prezos sólto, os mortos  
 Leva-os onde ólio de ave os não desembra:  
 Lincho-as de pedras, na torrente as lanço,  
 E corro a procura-lo — " Oh tu não sabes,  
 Lhe digo, de que inorte escapa agora!  
 Não te engaño, era um Deos, vi-o eu, rangia  
 Os dentes, bracrijava num alta foice,  
 Vinha a sair das sombras do arvoredo;  
 Vio-me e gritou-me " Pura, eu páro e choro.

— “Estou que andas arrmando ás minhas aves?  
 Pois eu vou dar-te o ensino ; as tuas redes  
 Ja te lá vão por esse río abaixo,  
 E agora has de ir tu muito á caga d'elles. . , —  
 E então vem para mim, co'nou louce aos langos  
 Cortando pelo ar — “Bom Deos, perdoa,  
 Lhe grito a soluçar co'as mãos erguidas,  
 Eu sou Titiro, o filho de Menaleu,  
 As tuas aves amo, e temo os Deoses :  
 Eu redes, eu caçar! . . . — “Estou perdido !  
 Disseste que eu . . . Mirtilo me interrompe. . .  
 — “Não, Mirtilo, socoga, eu não lho disse,  
 Nem sabia que tu . . . fallemos baixo  
 Que nos não ouça o Deos. Olha, este p'risgo  
 Passou, mas outra vez não te aventure,  
 Que eu bem sei como o vi, não te perdon.  
 Deixa ás pobres das aves innocentas  
 Divertir-te e cantar; nada mais querem;  
 Não tens razão, não tens de as perseguires.  
 Quanto ás redes, eu quero consolar-te:  
 Ouve Mirtilo, acceito este cestinho  
 De cana entretecida em juncos verdes,  
 E este meu cajadinho em boa altura  
 Lizo, airoso, e sem nó. . . — Assim dizendo,  
 Enhei-lhe no braço o meu cestinho  
 De cana entretecida em verdes juncos,  
 E entreguei-lhe o cajado. Então Mirtilo  
 Me abraçou, e saltando de contente,  
 Jurou-me nunca mais arrimar ás aves. ”

## SILVIA.

Glicera por vaidosa he que ama as fibres;

Apanhaias pára si não para os Deozes,  
 Não lhas merece a Mãe e alcança-as Mopso.  
 Quando em nosso jardim vejo Glicera,  
 Ja me eu ponho a tremer: cotta as melhores,  
 He seu costume: enfado-me, sorri-se;  
 Chôto, ri-se; e enfeixando-as, me repete:  
 " Que te servem por ora estas floritas?  
 Deixa passar mais cinco primaveras,  
 E então sim, nem mais uma hei de furtar-te;  
 Pois sei te hão de servir quaes me hoje servem."  
 Coitada de quem he como eu menina,  
 Que se manda esperar por primaveras!  
 Que podia eu fazer? queixei-me ás Ninfas.  
 Bonitem, ja posto o sol, quando erão horas  
 De logo vir Glicera, a presumida,  
 Que farta e vai cantando; ajoelhei-me  
 Co'as mãos pôstas por entre as minhas flores,  
 E disse: " Como as árvores tem ninfas,  
 Que lhes morão lá dentro e as viventão,  
 Ha ninfazinhas n' velar nas flores.  
 Ninfazinhas das flores, escontai-me:  
 Se a rega, com que as folhas aquecidas  
 Vos refresquei ha pouco, vos foi grata,  
 Olhai por vós, fazei com que Glicera,  
 Com a vos vi e ouvi, vos veja e ouça;  
 Apparecei-lhe como a mim, por sonhos,  
 Vestidas de mil cores, perfumadas,  
 Pequennas, mui mimosas, e só outras  
 Em não mostrar-lhe a ella um ar festivo.  
 Dizei-lhe como os Deozes vos creáro  
 Para amores de zéfiros, rekreio  
 De borboletas e olhos, e formosas  
 Copeiras do formoso mel doitado:-

Dizei-lhe que tão bella e curta vida  
 Não se deve encortar, que as deshumanas  
 Tem mão sini, que o pezar de passageiras,  
 Niñas sois, e o Destino ha de vingar-vos:  
 Que se tornar sacrílega a colher-vos,  
 Vossos fragrantes ultimos suspiros  
 Serão de queixa aos céos, e antes de tempo  
 As rosas no seu rosto hão de murchar-se.,,  
 Como eu isto dizia, entrou Glicera:  
 Murchias trazia as rosas de seu rosto,  
 Não riu, nem colheu nada, e suspirava.  
 Pensada de a assim ver, beijei-a, e disse:  
 " Se alguma d'estas flores te contenta,  
 Eu meia a vou cortar.,,-" Não (me responde)  
 Ja não quero mais flores, Mopsa ingrato  
 As que ultimas lhe dei deo-as a outrem:  
 Como as flores me engeita hei de engeita-lo.,,-  
 Ao que eu logo acudi " Vés tu, Glicera;  
 Fallei verdade ou não? nascem as flores  
 Só para as nossas mães, e para os Deozes,  
 Da-lhas tu, e terás se hão de engeitar-los.

## MESALCA.

Basta nenhuns filhos, basta; não ha sombras  
 Tão grãs no verão, cheiro de flores  
 Tão suave, ou tão ledo canto de aves,  
 Que me encrêem como os vossos versos.  
 Vinde, vinde, abracemo-nos, ó filhos;  
 Dei-vos eu a doutrina; engenho os l'aldos;  
 Mas os Deozes virtude: alcat.fais-me  
 De bem vigoso rep'ranga o meu deelicio:  
 Dais-me o que nem pedir ouzava aos Deozes.

*Antevejo a florir-me a sepultura...  
A*

**DAFNE.**

**Entremos na cabana: aquella nuvem  
Quer encobrir a lua; ergue-se o vento;  
Não tarda muito algum ligeiro orvalho.**

## NOTA

## AO IDILIO.

Na muita soma que ao Idilio decotei para esta segunda edição, ninguém, por mais que o cale, poderá achar fruto, nem sequer uma triste flor, se a não houvesse passo que para aqui traslado, da falla de Alexis pag. 96 na primeira edição; acerca do qual e de tudo o mais quanto suprimi ou acrescentei, releva reclamar pela maior indulgência dos leitores. Não me negarás quem já alguma vez houver experimentado como de todas as couzas, que parecendo tenues, são agras e laboriosas, a magia, laboriosa, e não sei se diga impossível, de poesar e metrificas das fallas da infancia; caininho he esse que estreitissimo corre por entre precipícios, sendo maravilha que ahí os maiores engenhos se tenham, e sigão sem caír ou para a direita ou para a esquerda. O primeiro e melhor juiz do homem candido he a sua consciencia: a minha me diz que os trez filhos de Menalca nem sempre, antes poucas vezes, falam como conviria; de sobrejo são poetas para meninos e rusticos; e Iazila, que se não fôra a ressalva, que logo do começo lhes vai lançada, de serem filhos de improvisador, e por elle doutrinados no erato, não haveria perdão que de ridiculos os salvasse.

Segue-se o excerpto, com todos seus desfílos e alcijões de nasceaga:

## O MENINO ALEXIS.

Ver-me no bosque de prazer me enchia;  
 Quando Amintas, chamando-me da gruta,  
 Aonde estão de musgo revestidas  
 As imagens das Náiades da fonte,  
 Assim me disse, dando-me uma rosa:  
 — “ Eu te darei uma pequena ovelha,  
 Toda branca, na testa só malhada,  
 Se fores ter com Egle, e lhe entregares  
 A rosa, que te dou, se lhe disseres  
 “ Egle, Amintas por ti morre de amores. ”  
 Beija-a depois na face, e continua:  
 “ Egle, este beijo é do extremoso Amintas. ”  
 ; Não a ves lá ao longe entre os salgueiros,  
 Apresentando as candidas novilhas?  
 Corre; e não tardes a buscar a orelha. —  
 Eu fui correndo a ella, dei-lhe a rosa,  
 Beijei-lhe a face, e disse-lhe: “ Este beijo,  
 Egle, este beijo é do extremoso Amintas. ”  
 Nada me respondeo, sorrio-se, e as faces  
 Como a rosa encarnadas lhe ficarão.  
 Abraçando-a depois, lhe disse alegre,  
 “ Egle, Amintas por ti morre de amores. ”  
 Rio-se outra vez, e dando-me na face,  
 “ Oh como tu és máo! vai-te, me-disse,  
 Não posso . . . não, não quero acreditar-te. ”  
 Nada lhe respondi, voltei à gruta,  
 Onde o Pastor contente e alvoracado  
 Me deu sem custo uma pequena ovelha  
 Toda branca, na testa só malhada.  
 ; Como a minha orelhinha é bella, e máosa!  
 Andei com ella todo o dia no pasto  
 Pela relva do bosque, etc.



A

# FESTA DE MAIO

POEMÁTTO EM DOIS CANTOS.

Se nos tres Poemellos precedentes pude fazer  
muito mais do prometido no Prologo, n'esse  
ultimo fico a minha palavra empenhada.  
Pouquissimos de seus desfeitos mais palpaveis  
cheguei a apagar, e eses quasi só de lingua-  
gem. Recosa de me vir a faltar o tempo ou  
o animo, se desde a primeira pagina do Li-  
tro n'ele começasse a citar seguidamente, so-  
ra minha-primeira ocupação ir por todo el-  
le desponlendo, á veltura e sem ordem, o  
que me apparecia pessima, justamente como  
no Prologo deixara prometido. Conheci logo  
que este trabalho era insufficiente: entrei no  
outro mais miudo e ordenado; resundi a cito  
a Epistola, o Dia da Primavera, os Cantos  
de Abril, nemhuma das quaes Obras cheguez  
com tudo a faltar. A Festa de Maio, por ser  
a derradeira, quasi ficou, e ate nova edição  
(se algum dia se fizer) ficará, como era. O  
maior bem que lhe pude fazer, foi abri-la  
em dois Cantos, para que o leitor achasse  
marco onde descansar em tão enfadonha e  
comprida estrada.

## DEDICATORIA

A'S SENHORAS DA LAPA DOS ESTELOS.

SENHORAS,

A segunda tarde, que passámos em Festa na vossa Lapa, não tem jamais do nos esquecer. O vosso gracioso e cortes descer a ouvir-nos, as carícias com que animastes o nosso Menorinho, dando-lhe entre nós assento, defendendo-o nos regnos, beijando-o, ; como he que nos não havido de calivar, a nós, que o cingiramos de suas galas, o sentáramos em throno, pôsto que menos para apelecer, e o lecantáramos por Divindade em nossos Cantos? Finalmente aquelle vosso generoso trocar de nome á Lapa, querendo que por nosso respeito se ficasse chamando dos Poetas, em tamanhas obrigações nos pazeitão, que as Almas vós acodirão para um dia vos provarmos que nós, Sacerdotes seus, não somos ingratos. A minha, de mais atrevida que he, me envia adante, a tributar-vos este Poema, que pois o approrastes, ja não he de vós indigno. He presente de uma Deusa do Purnaso, não podem as trez Graças rejeita-lo.



## HISTORIA

DA

## FESTA DE MAIO.

Pelas trez horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822 ja nós, a Sociedade dos poetas Amigos da Primavera, nos achávamos a sombra das arvores, pelo Encanamento do Mendego, esperando ansiosamente o batel, que nos havia de ternar á Lapa dos Esteios, para celebrarmos a Festa de Maio: de tantos que lá fôramos no Dia da Primavera, só faltava Anfrizo, em cuja vez recchérâmos Antônio, financeiro mui dado a bons estudos, versado na lingua e poesia alemã, e autor ja então de Anacreonticas e Idíllios de nítido prego.

O suspirado batel acudio cedo á nossa alegria: todo toldado, aleatizado e cipigido com mui curiosas invencões de verdes e flores, vinha parecendo o naviozinho do Primeiro Navegante-Ábica, saltâmos-lhe dentro todos juntos; larga, vogâmos contentes e cantando. Quem bem quizesse pintar com a pena os assélos do coração, não acharia bastante um volume para historiar esta só iride. Dezejára eu muito convidar corilevemente meus leitores a nos acompanharem, tornando sen quinhão em nosso tol-

gar; mas não o posso, e ainda mal, que o de maior valia fica-lo-hão perdendo. Hianhos todos tão unidos em vontade, conformes em gosto, feriados de cuidados, crentes na ventura, chéos e cercados de poesia, e naimardos da natureza, que os todos só patecião um, um só moço, transportado em bemaventurança.

Ora cantando, ora encarecendo, quasi adorando as varias gentilezas que a perto e a longe, e por toda a parte se presentavão e renovavão de continuo, aportâmos apoiç uma hora, na formosa Lapa dos Esteios. Erguemo-nos, vozeâmos, voôo do barco para o céo foguetes que todo o ar estrugem, e para a margem os hinos de uma orchestra que comunsen his. Diz a musica muito com todos os asséitos da almin, mas do contentamento, onde o ba, faz alvoridão, que muitas vezes procompe em lagrimas. D'esta maneira triunfal saliamos para o céo, voâmos no alto da Lapa. Conhecia-nos o sítio pelos mesmos, desconhecia-no-nos por melhoriado: obrados erião sobre a natureza milagres de Maio. Ja as arvores alardeavão as virações montes de folhagem, que pelo ar se embalasão no sol; era agora o rio vindu mais puro, os rios mais temperados e benignos. Quereis haver alguma idea da habitação das ulmas felizes? quereis pintar os lugares onde as Ninfas, os Faunos e Pan apparecião aos pastores innocentez na idade de ouro? entrai a Lapa dos Esteios pelos graciosos dias de Maio. He a Primavera nos principios uma linda me-

nina; mas não sabe firmar o passo, balbucia, tudo teme, não se decide em nada, suas graças já se anunciam claramente mas ainda se não desenvolverão; em Maio ha moça toda vivesca de mocidade, a quem ledos cortejão Amores e Prazeres, cujo sorris endoida o pensamento, e vai entender com os corações. Tinha a Natureza dado a segunda mão e ultima ao lugar; mas a Arte quizera entrar com ella á competencia sem contudo lhe desaendar a primazia: tudo estava varrido e puro e concertado de um seni numero de vasos de muitas, e lindissimas flores.

No alto assentámos o altar do Deozinho Maio: todo elle era verdura; duas colunas, artificiosamente fabricadas de flores, e rematadas em umas maçanetas de igual marmore, se aleavantava dos dois cantos da frente, e comunicando-se no cimo por um semicírculo, que na materia e primor não desidia do resto, ajudavão a formar um genero de portico bem visto e engrñgado; os lados, fundo e abobada do recinto erão de ramos verdes de todas as qualidades, bem entrelaçados e bordados de frescas e vermelhas rosas; no meio estava um assento pequeno, á sciação de poial rústico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o Maio em acto mui gentil, e com um gesto todo seu. Era um Menino de cinco annos, louro como o sol, e alvo como a neve, cabellos crespos e amarelados, caídos por um e outro hombro: de roupage mui

que um aveatalinho, que debaixo dos peitos lhe descia aos joelhos; o qual, assim como os listões que de cima dos homens lho viuhão lo-  
vam encruzando-se por deante e pelas costas, estava tecido de redio e luxu, com sun orla  
mui accessa de flores de roseira, cravos, e ros-  
sas: calgava coturnos de seda escarlate; na  
cabega ostentava cordão de verdura, e do bra-  
ço esquerdo como que acenava uns contades com  
um cabazinho, fatto dos frutos do seu tempo;  
e tudo por modo tal, que a hóca se não sa-  
bia determinar se o diria no ou vestido, nem  
a fantasia dos poetas se o quereria simples Me-  
nino, ou verdadeira Divindade.

Mandámos por dois dos nossos vizitar e con-  
vidar para a Festa as amaveis Senhoras, cuja  
lhe a Lapa, as quaes na quinta que por cima  
fica tem seu perpétuo domicilio. Não tarda-  
rão; recebemo-las como convinha, nós com  
a festa dos nossos musicos, e com inuitos sens  
abraços as Senhoras, que abaladas dos anun-  
cios de tão hora tarde, nos unha feito a hora  
de acudir ao sítio. Ja era crescido o auditório,  
e muito para contentar e accender engeahos:  
somo-nos uns a outros seguindo com os poemas  
que levaramos, os quaes em sôrria de rito re-  
ligioso, se recitavao em pé deante do altar, fa-  
zendo a nossa orchestra una harmoniosa cana  
de poema a poema, que para tudo as tardes  
de Maio deisão tempo. Poz-se-lhe remate com  
os vinhos e saúdes, d'uma saborosa merenda,  
como à primeira tarde da Primavera se havia

feito. Passou-se o serão parte pelas salas, e outra parte pelo jardim das noissas hospedeiras;

A noite era uma das mais bellas de tal mês: a lua brilliantíssima despejia até os horizontes um clarão quasi diurno, não se enxergando nenhuma por todo o descampado do seu céo; refletia-se, e desenrolava sua alegrisa de moedega prata no longo d'esse Mondego tão digno de seus amores; o ar era tão manso e quendo, que as luces, curiosamente distribuídas por entre os vasos de flores, nem de leve estremecião; suave era de ver sair por toda a parte d'entre planta e planta uns reflexos verdejantes, muito mais da fantasia de poetas.

Prazeres que o coração estriou por uma noite assim encitigada, não são para se poderem pintar. Pouco tardou que a sociedade, como acostumava, se não solhasse e dispartisse em rancheiros pequenos: a música errante e lúra dos olhos, umas vezes folgando, suspirando outras, e outras como quem cismara algumas amores das mágoas, lia-se ja pelos arvoredos da quinta, ja ribeiras do rio acima e abaixo, tão grata, que ainda não sei couza que mais quizesse. Muitos e muitas baillavão agraditamente sob a abobada do céo, em quando nós outros, os que das Musas só fôramos fadados para versos, os estudavamos e repetíamos à porfia. Algumas semelhantes horas devia ter passado o primeiro que escreveu Elysios.

Era a noite crescida para muito além do  
meio, quando nos despedimos; e lá foi cair  
na eternidade um dia, que ainda agora me  
perseguê soudoso, e apesar o qual nenhum ou-  
tro veio resgatante.



A

# FESTA DE MAIO.

## POEMETTO

### CANTO I.

Eia, amigos, no campo! ha ja tres horas,  
Que os vindáteos lúmios no aereo espaço  
Víram do meiodia o resto ardente:  
Eio, amigos, ao campô! As horas sóão,  
E o Maio alegre su *festas* nos contida:  
Os Zefiros ligeiros, embalando  
Do parreiral a tremelha folha gem,  
Ao rio, ao barco estão chambando à turba.  
O Deus Menino, o gracióso Maio  
Não vêmos celebas na festeo Lapa?  
Pois que se tarda? os Númes não consentem  
No culto sen ministros preguiçosos.  
Chamai a pressa as pastoas Cunhenas,  
Tomai as flautas, coront as frontes  
Co'as grinaldas, que em premio vos cingirão  
Da Primavera na primeira tarde.  
Como! o tempo... (ai da flor da mocidade!)  
O tempo as destina! de graças tantas.

Que existe pois? um pô. Jazem desleitas,  
Sem perfume, sem cor as lindas flores,  
E as verdes folhas se entolarão murchas!  
Ah! corramos: o pezo, que os esmagá,  
Itôla também sobre a existência noiva:  
Nossas grinaldas-nos festins vivêrao,  
Morreão no prazer; e nós, como elas,  
Deveremos esperar, brincando, a morte.

Cedo nos hombros do nervoso Atlânto  
O eixo volvel em perpétuo giro  
Ha de erguer ante o Sol novas esferas:  
O Touro já fugio: Castor, e Pollux  
Sucedêrão-lhe agora: hão de açoz ellos  
Os astros scintillar, que nos coaduzão  
Da estiva calma os impetuosa tempos.  
Enlän sonecem pelo oampo as flores,  
Tépidas correm na planicie as fontes,  
Calão-ze as aves nos cavados troncos,  
E fallece a frescura às proprias noites.  
Vamos, enquanto-as flores não pereçem,  
Enquanto soprão lisongeiras ayras,  
Enquanto um doce frio as ondus levão,  
Enquanto as aves pelas áres cantão,  
E as claras noites co'a frescura apazem;  
Vamos correndo: de vergonha córe,  
Quem último chegar do rio à margem.

; Graças aos ceos, que a suspirada areia  
Ja pizâmos eis sim! mas pelas faces:  
Abrazado suor, me está caudão.  
Inda o barço não chega: pia, sentai-vos.  
D'esta aíra carinhosa ao fresco sopro

Quanto he doce voltar o rosto ardente,  
E ora uma face, ora outra offerecer-lhe!  
Ella as beija brincando, e espalha em ondas  
Os escuros angelis, que lhas roubavão.

Verde cauáial, salve trez vezes!  
Cotias belíssimas, arqueadas folhas  
Nos escondeis a tir de L'ebó aos olhos.  
Ninfa adorada pelo Deos da Arcadia,  
(Deos dos pastores, inventor da flauta)  
Sacrilego furor não nos incita:  
Não te ofendas se agora as nossas dextritas  
De tuas cauas adornadas vireis:  
Sua aligeza alegre nos agrada,  
Vates somos, os tremulos seus cumes  
Ondulando, os lascivos seus abraços  
A cada viração que vai fugindo,  
Tudo isso nos namora, e diz poesia.  
Não te ofendas ó Ninfa, ei-las collidos!  
Gravai com elas n'esta areia os nomes  
Das vossas bellas, impriumi-lhe um beijo,  
E partamos, que o barco ahí sera a margem.  
Beio: eu laucei da Primavera o nome.  
Em caratéres taes, que no longe possa  
Lè-los o pescador no fundo da tarde.

Eis-nos em mim nas transparentes ondas!  
Agora cumpre diligencia, esforço,  
Para vencer as fugitivas águas.  
Ferra o trabalho, as varas não descancem;  
No fundo Jeito redobrai os golpes,  
E suavisai com musica a fadiga.  
Eu deitado ua pôpa, eu dicto os versos;

Cantai, e o echo em baixa voz aprienda.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,  
Ouvi com ledo rôsto as preces nossas.

Sai correndo das limosas grutas:  
Occultas no cristal do patrio rio,  
Vós podeis impellir co' as mãos de neve,  
E fazer que o batel, qual aguia, vôle.  
Bellas Vilbas do lúcido Mondego,  
Vamos passar a tarde á grata sombra,  
Das lindas Graças na famosa Lapa.  
Ali, se acoso não me illude o estro,  
Vós, Ninfas, vós com elas muitas vezes  
As noites da luar passais em danças:  
Sobre um tronco musgoso Amor sentado,  
Para acertar as rápidas choréas  
Com saudosa flauta a Noite acorda,  
E Venus compassiva lhe desata  
Dos olhos entrelaçado a ceuta rende.  
Mil Amorinhos sem sapões, sem facho,  
(Nem onde vós estais careceni d'elles)  
Vão aqui e ali por entre os raios.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,  
Ouvi com ledo rôsto as preces nossas.

Dai-nos breve chegar, vereis cantadas;  
E iremos outro dia erguer altares  
De cada vosso chôpo à sombra amiga,  
Tendo-lhe em roda uma vistosa grade  
D'auréas canas com murtas revestidas;  
Em vossas ondas lançaremos rosas,

E puro leite, e saboroso vinho.  
 Porque tardais, ó Náides esquivas?  
 Turba innocentie de inaneubos cindo  
 Bem merece o favor dos sacros Númes.  
 Nós não vamos em lenhos alicorosos,  
 Rogando as nubes com soberbas velas,  
 Co ferro a lampenor nas bravas dexteras;  
 Levar da guerra a fúria aos outos portos,  
 Lançar em fogo os bosques, e as cidades,  
 Para voltar aos mares tormentosos  
 Co'um ponco do metal, que gera os crimes:  
 Nós vamos procurar vizinha praia  
 Para tir, e beber de Maio em honra;  
 Vamos c'ionrues de verdura, e lirios,  
 Cantar ao som da flauta a Natureza,  
 Dançar no meio de innocentes gostos,  
 E longe dos mortaes, viver ditosos,  
 Poucas horas sequer, na paz dos campos.

Ouví, Ninfas do placido Mondego,  
 Ouví com ledo rasto as preces nossas.

Terra, terra: éstas árvores das margens,  
 Que dia nos tão passado sobre as frontes,  
 Convidão a colher sua folhagem?  
 Saltai, colhei os mais viçosos ramos,  
 Feça-se um toldo, que nos roube à calma.

A'vante! adeos. ó Driades, sacai-vos  
 Em doce paz; o trabalho vos fecunde;  
 Arche voeso raios no estio vs aguas  
 Tão abundantes, como as lenhas hoje.  
 Nós vamos celebrar o mez das flores,

Quando voltarmos vos daremos graças.  
Avante! não cessais, alegres cantas!  
Cantai: eu vos ensino um canto novo.

Das Filhas de Nereo a mais formosa  
Poi Galatéa candida, e rosada.  
Por seus olhos azuis moeço de inveja  
Agláia, irmã de Ártemis; a curta boca  
Ciúmes acendeo no peito d'Egle,  
Bem que da boca d'Egle um doce beijo  
O seio pagaria ao rei dos Nomes;  
E Eufrosina, entre os Dzezes celebrada  
Pelos aureos anéis da longa trança,  
De Galatéa a trança roligava.  
E o seio! o seio turgido e nevado;  
Mais nevado que a espinha em que se torbão  
Na frente de um cachopo as erespns vagas;  
O seio era melhores que o teu, ó Cípria!  
Treze vezes florida a primavera,  
Depois que aura sinal gozava a Ninfas,  
E ja no mar, no céo, no mundo inteiro  
Das bellas todas reunava a bella,  
E ais e louvores a seguição sempre.  
Nereo, chamando-a à funda gruta um dia,  
Assentou-a nos trémulos joelhos,  
Ao hombrão lhe lançou paterna dextra,  
E beijando-a lhe dia. — “ Assaz he tempo,  
“ Filha, de rematar da infancia os brincos.  
“ Tu conheces seu rosto, ; e não conheces  
“ Que he preciso fugir a turba insana,  
“ Que te rodeia, que te chama bella?  
“ Crê tu nas ens de um pai, de um pai no afilho?  
“ Quanto mais suas sallas te agradarem,

" E mais seus modos lisongeiros vites,  
 " Mais perdidos serão. Cabe a meus annos  
 " Dar prudente conselho á tenra idade;  
 " Perdoa-me, acantelli-te a innocencia.  
 " De meus delírios o lúbrico rebanho,  
 " Desde hoje apaseentur he teu criadado:  
 " Não convém à belleza ociosa vida. ,,—  
 Disse, e pôz-lhe na mão, como a pastora,  
 Cajado de cornal com ponta d'otro;  
 Entregou-lhe o rebanho, e conduzindo-a  
 De seus mares a um placido retiro,  
 — " Fica, pastora, aqui, lhe disse o Velho,  
 " Vir-te hei ver muita vez. ,,— Rio-se, e deixou-a.

Alguns dias ali viveo contente  
 Com seu rebanho n equorea pegureira.  
 Ora entre as moutas dos coraes ramosos  
 O levava a passear os braudos límos,  
 Ora ao marinho cão deixando-o entregue,  
 Iria colher das perolas na conchas.

Uma tarde de Maio, quando aos braços  
 De Thetis via que o sol lha descendia,  
 Ouzou sair do fundo, e foi sentar-se  
 A gozar do espetáculo dos bosques  
 Na alegre entrada de uma verde gruta.  
 Nas ondas por acaso enão nadava  
 A cis gentil de encantadores olhos:  
 Vio-o, e visto, calou seu canto alegre;  
 Sóltia um suspiro, e se pestinha, e cória.  
 Do paternal preceito iudicada,  
 Quer na gruta esconder-se até que parta  
 Das ondas o bânciebo; cis se arrepende, ...

Ja não quer ocultar-se, e quer que a veja.  
 D'entre a verde do mar o níveo corpo,  
 Que os olhos cega, e o coração cativa,  
 As proporções, a leveza, a graça,  
 Com que agora se oculta, agora assoma,  
 E em modos mil as posições varia;  
 Tudo, tudo a delem. De quando em quando,  
 Sem conhecer que o faz, se lhe aproxima;  
 As tranças, que trazia ao vento soltas,  
 Sem saber o porque, se parte e lança  
 Sobre os homens de neve, e sobre o reio:  
 Consulta no mar lito a propria imagem;  
 Quer mais bella tornar-se, e mais não pôde.

Cançôdo de banhar-se o Maço embaixo  
 Vinha a praia gauleando: ella astustada  
 Come a grutas: ali cosa, ali descosa;  
 Quando o mancebo, quando o pai lhe lembra:  
 O bello nadador não tarda muito,  
 Entra na gruta, onde largara as vestes...

Amigos, vós parais como esquecidos!  
 Deixaís que o lenho na corrente desça?  
 Ah! volta ao trabalho; e por castigo  
 Não ouvireis do alegre canto o resto.

Noso me inspira agora esse mormúrio,  
 Com que a Fonte das lagrimas se lança  
 Da arpeada turza ao rio aberto.

Junto à fresca malta d'este ribeiro,  
 Onde gezou em seculo remoto  
 O mais ditoso par de amors animos,

Meu estro agora plácido volta  
 Por entre os cedros, e os feras; e prestes;  
 E ora ao lago pacífico se atoja,  
 Ora da fonte nos penedos pouza.  
 Conivoso não existe o vosso amigo;  
 Gira sór d'aqui no sítio umbroso,  
 La conversa co'n Mosa, aprende, e canta  
 Gratas histórias dos passados tempos.

Uma noite de Maio Inez formosa,  
 Ao pallido clareo da argentea lua,  
 Com seu Pedro fiel aqui vagava.  
 De seu candido amor primeiro fruto,  
 Lindo, qual dos Amores o mais lindo,  
 Um tenro filho, que a sellar começa,  
 Co'a pequenina mão á māi seguro,  
 A passos designaes a acompanhava.  
 No dextro braço do gentil consorte  
 O alvo braço despido entrelaçando,  
 Languidamente a bella se apoiava.  
 Traja da cor da neve, ornão-lhe astangas  
 Rúbidas rosas que reveste o musgo:  
 Sob um vén rasgo e sólto arfão dois peitos,  
 Que estremo, que maliza, e que perfuma  
 A flor, que he d'entre mil só digna d'elles,  
 O amor perfeito em fresco ramalhete.  
 Pelo silencio, e paz da noite amiga,  
 Nos extasis de amor arrebatados,  
 Ebrios ambos do nectar da ternura,  
 Vagueando em seu esmo, respiravão  
 Todo quanto prazer nas almas cube.  
 — “Inez, dizia Pedro, olha estes cedros,  
 “Que doce murmurando agita o vento!“

" Olha as aguas do tanque , onde tão elata  
 " Se está das Ceos à Lua reirrando !  
 " Onde o rumor das ondas transparentes ,  
 " Que vem brotando da cavada penha !  
 " Cara Inez... ah ! ealemo-nos ; escuta  
 " O amante resinxot como gorgearia !  
 " Não o sentes mui proximo ? quem sabe !  
 " Talvez que em seu jardim celebre agora  
 " Ao lado de uma espesa os seus prazeres :  
 " Se assim he, resina perfume , ó flores ,  
 " E vós levai-lho , resídos da noite ,  
 " No instante em que Hímeneo tem de ajuntal-los.  
 " O minha Inez , não serinda possivel  
 " Confiamos á luz nossa ventura ,  
 " Beu dizer , sou de Inez!... - N'isto o manebo ,  
 Apertando a seu peito o braço d'ella ,  
 De beijos lhe inundava a mão nimosa .  
 Em silencio e euidosa a Linda Castro  
 Parava contemplando os ceos , o esposo ,  
 E unindo a regia dextra ao seio oppreso ,  
 Dava a resposta n'um fiel suspiro .  
 — " Oh ! (dizia depois) que Deos contrário  
 " Ao terno amor , á candida innocencia ,  
 " Por peito , ó doce encanto , a separar-nos ?  
 " Quão melhos fôra haver nascido em eloqas !  
 " La , tendo por imperio um só rebanho ,  
 " Lãs por purpura , e flores por diadema ,  
 " Pedro fôra pastor e Inez pastora .  
 " Teu solo quantas lagrimas nos cesta !  
 " Mas se fosse teu solo um manso outeiro ,  
 " Doerá um parreiral firmar em columnas  
 " Das que dão fruto e flor , saude , e agrados ,  
 " Não cortaria em meus sonhos o remorsu ,

" Teu coração ninguem me disputaria,  
 " Não se encobrirá o meu amor. . . . - " Oh césta,  
 " Cessa" ( Pedro lhe diz interrompendo-a): —  
 " De que servem, querida, essas lembranças?  
 " Se te adoro, que temes? se me adoras,  
 " Que posso eu mais querer? Virtudes tantas,  
 " Ratos dous quales os ecos em ti resumem,  
 " Não são para jazer na escuridade;  
 " Dos reis, da ténus avós te poem na estrada,  
 " Para iluzires nos correntos dias,  
 " Como astro de bondade entre os humanos.  
 " Gozeimos do prazer. Olha esta noite  
 " Como he formosa, minha Inez; não tornes,  
 " Eu te peço por mim, por ti, por esse  
 " Fruto do nosso amor que te he tão caro,  
 " Não tornes a açoijdar taes pensamentos.  
 " Queres tu, minha amada, a curta noite  
 " Dar emprego melhor, mais proprio d'ella?  
 " O nsiente ao pé da fonte nos convida,  
 " Vem-me outra vez cantar os mangos versos,  
 " Onde quasi exprimiste o enlevo d'ambas,  
 " Quando a primeira vez nos vimos juntas  
 " Também de noite, e n'esse sitio mesmo. "

Disse, e Inez imprimiu-lhe nos labios  
 Co a meiga curva boca um longo beijo,  
 — " Vamos, responde, apraz-me esse meu canto,  
 " E agradar-te,inda qnais; partamos logo. . . —  
 Diz, e ja leva no collo q seu filhinho.  
 Forceja o pai sustar-lhe o doce pezo,  
 Ella a ninguem o cede: — " O meu menino  
 " He meu, lhe diz; quando eu tiver meninas,  
 " Dar-tas-bei, desde ja chonra-lhe luas;

“ Pertence o filho à mãe, e ao pai a filha. , —  
 Sorriindo com ternura o lindo Amante,  
 — “ Ser-me-ha dado, lhe diz, que de teu filho  
 “ Ao menos colha uns beijos que me deve,  
 “ Ou hei-de só com os teus ficar contente,, ? —  
 — “ Se los deve meu filho, eu vou pagas-los , ”  
 Inez responde, e lhe pagou mil beijos.

Chegados são nos bancos do rochedo.  
 — “ Ia do sol o calor inorre na pedra ;  
 “ Para assento, nem mister ser estufada.  
 “ Não rias, o broendo hão de ser ramos ;  
 “ Parte parta Inez, nenhum mais próprio , ”  
 Voa ao proximo cedro, os ramos corta,  
 Alasta-os sobre o marmore, e reclina  
 O infantinho, que pôsta à loba fronte  
 No maternal joelho, eis adorânce.

Abaixo no praiel delicioso,  
 Não podendo parar nem desviar-se,  
 Como homem, que formosa feiticeira  
 Prende e agita n'um círculo encantado,  
 Vaga o Príncipe á lux voluptuosa  
 De lus por entre arvores. Desponta  
 No ermo silencio o canto namorado !  
 O suave da voz, o doce estilo,  
 A musica tocante, a frase miriga.  
 Alhego-no de si, todo elle se foge:  
 Não conhece onde esth, quem hi não sabe,  
 No celhos do prazer, em que se abissava,  
 Só vê brilhas Inez, Inez só ouve ;  
 E qual se nunco em braços a apetâra,  
 E virgem melindrosa o céo benigno

Lha houverá ali chovido aquella noite,  
 Arde e delira em sofridos desejos.  
 Já não sabe conter-se, o fim do canto  
 Já não pode esperar; "O' minha, exclame,  
 "O' minha... e sem findar, pois não encontra  
 Nome que exprima o que lhe serve na alma,  
 Von a abraça-la tem poder falar-lhe;  
 A voz com loucos beijos lhe interrompe,  
 Quer dos labios sorver-lhe os sons divinos:  
 Mas ella rindo, e a boca desviando,  
 Que a deixe terminar lhe pede a custo.  
 — "Sim, acaba (responde), Inez, acaba," —  
 E emtanto lha beijando o collo, o seio.  
 Depois, como ante Nume, ajoelhando,  
 Suspensa a contemplava espaço longo;  
 E depois no regaço o ídolo acceso  
 Lhe punha, caido em ninho de delicias,  
 E no cesto esperar crescia o sogn.  
 Só vós caladas arvores no emlanto  
 A canção namornda onvindo estavais  
 Da mui ditosa Inez! Caíno expirava  
 A derradeira nota, estremecendo  
 Acorda o mago, alterado surge,  
 E tomando á cantora a mão submissa,  
 — "Vamos, lhe diz, a lua vai descendo,  
 "O tácito poente a chama ao sono:  
 "Oh quão leve entre nós foge esta noite!  
 "As auras pela telva estão dormindo,  
 "Pendem cois sono as arvores seis cumes,  
 "Do largo tanque as aguas nem se encrespão.  
 "O rouxinol que ha pouco gorgeará  
 "Ja também se calou: sabes a causa?," —  
 — "Talvez lhe empeça a voz, responde a bella,

“ Teimoso furto de continuos beijos. , , —  
 — “ Não, não, responde o amante, agora oculto,  
 “ Co'a doceil compaixiva em quente abrigo,  
 “ Aperta o rouxinol de amor os laços.  
 “ E nós Inez! ali toma o teu menino,  
 “ Talvez não tarde a aurora, no leito vamos,  
 “ E do fresco da noite ali zombemos.

Em lâm chegámos! e' o ligeiro impulso  
 Bate a pran no enres, o lenho treme,  
 Tremem com elle de seu tólido os folhas.  
 Salve ameno lugat, que as Grécias píram!  
 Glória no sacro arvoredo, que dissimile  
 Sobre a calma do vale, a sombra fria!  
 Glória ás auras, que prezas n'este sítio,  
 Daí Driades pur mão aos troncos d'ellas,  
 Agitam com susurro a massa enorme  
 Da folhagem suspensa! honra aos que brincão  
 Furos ruídos do sol sobre o terreno,  
 Mal que um favonio ilies descobre a entrada!.  
 Eterno amor ás aves, que em seus raihos  
 A vinda nossa a gorgear celebrão!  
 Paz ao deserto, onde cominosco as Musas,  
 Esquecidas de Pimpla, se contentão  
 De precher de alegres canticos os ares!

A' festa, á festa! Reuni-vos todos,  
 Vinde colher as fugitivas horas:  
 Como saga que passa, ou flor que murcha,  
 Pega mais não voltar, se escoa o tempo.  
 A' festa, amigos! Oh! n'estu eminencian  
 Eis ja pronto um altar! ei-lo erigido  
 Com largas fitas de pintados flores!

Ante elle o cosmaninho, a marta, as rosas  
 Te não curta distancia o chão lapidão;  
 Heras, e lírios candidos o toldão:  
 De heras e lírios adornai as frontes.  
 Ajoeilhai: lá sobe a Divindade!  
 Silêncio! paz!.. Retumbe pelos echos,  
 Sem mistura de voz, o som das flautas.  
 No coração, no espírito me chocem  
 D'estro divino elécticas centelhas.  
 Ja me sinto mudado em branco cisne!  
 Cereai-me: eu vou cantar; calem-se os ventos!

Voa invisível das Hemonias serras,  
 Tu que no Xanthe as aureas tranças lavas:  
 E se he tua, qual Roma suppozero,  
 Esta a melhor porção da floren quadra,  
 Do captor de teu mes protege a audacia.

D'entre os filhos da imensa eternidade,  
 D'entre esses doze Irmãos, que repartido  
 Tem por sua influencia o anno inteiro,  
 Maio foi sempre o mais gentil de todos:  
 Qual dos cachos o Deus, e o Deus das setas,  
 Goza brincando eterna mocidade.  
 As Gracas infantis, e a Formosura  
 O criaram nos ecos com o proprio leite.  
 Mal que o mundo surgiu do horrendo cálio,  
 Veio formar-lhe os seus primeiros dias,  
 E Maio foi da terra a fresa autora.  
 Em mimos escondendo a magestade,  
 He Maio o pai, e o rei da Natureza:  
 Qual em soberbo paço, anda nos bosques;  
 Ou, qual em solio, nos outeiros verdes.

Se assenta, ao lado da risonha Flora,  
 Compõe-lhe o seu cortejo Auras, Favonios,  
 Que das plumas azuis fragrância espargem  
 Furtado ha pouco ás pudibundas rosas.  
 Em seu reinado insolita doçura  
 Exhala o canto dos volantes bandos,  
 E canoro parece o bosque inteiro.  
 Em seu reinado os prados floreantes  
 Só curão de ostentar perfume e cores:  
 E a Ninfá as vezes longas horas fica  
 A meditar na escolha dos ornatos.

Co'a folhagem densissima susurra  
 O bosque annoso a celebrar-te, ó Maio;  
 Susurra a celebrar-te o rio, a fonte.  
 Com serena alegria o sol derama  
 Vasto oceano de luz no grego espaço.  
 A pompa da manhã, da tarde o brilho  
 Tem não visto matiz d'ouro e de rosas,  
 E côr de fogo sobre um céo de leite.  
 Toda patente a alborada de estrelas,  
 Toda brilhante a prateada lua,  
 Te dão, como os do Elio, alegres noites,  
 De importuno calor desafrontadas,  
 Chéias de encanto, da saudade amigos,  
 Gratas a um tempo no coração, e no estro.  
 Aqui, e ali os rouxinões se executão  
 Longas horas e'os echos portando.  
 Gira, vagouça pelas fracas trevas  
 Dos pílaios o lustroso bando:  
 Reson em cada aldeia alguma fronta,  
 E em torno d'ella os camponeans danção:  
 Bala no aprisco impaciente o gado

Ai poucas horas, que à manhã precedem,

Como lie doce o seu mez, benigno Maio !  
 Alegra-se o viandante ao ver nos campos  
 Do verde trigo as uséculas searas .  
 Iguaes a um rusto lago , onde os favonios,  
 Nascidos ioda ha pouco entre as florestas ,  
 Aprendem a encrespar as verdes aguas.  
 Aqui a par de um campo , onde começa  
 O milho a despontar, desprega aos ures  
 Com vaidosa soberba altas bandeiras  
 De outros milhos o exercito infinito.  
 Ostentando riqueza alem menção ,  
 Entre a argentea folhagem pendurados  
 Cachos de flor , os olivaeis secundos.  
 Os pomares de frutos se carregão ,  
 Que ja sem medo aos furacões, e ás chuvas ,  
 Com úncia a cür , e a madureza esperão.  
 As aves da manhã , quando resão  
 Com longo canto pela immensa altura ,  
 Se aprazem de os olhar ; e ás vezes descem ,  
 E vem pouzar nos entredados ruídos ,  
 O futuro sustento ali festejão :  
 Tal de annos onze uma pequena virgem  
 De adoradores mil se vê cercada ;  
 Bem que á sua belleza ioda lhe saltiem  
 Terno expressivo olhar , globos de neve ,  
 Voluptuoso desejo entre suspiros ,  
 Buscada enseite , graciosas falas ,  
 Rodeão-na coitudo , adivinhando  
 Pelo botão fechado a flor aberta.

Mas, ó Maio , o seu mez não brilha estéril !

La se ergue o laranjal e' os frutos d'ouro;  
 Dezes limões, e amborosas limas,  
 D'entre a larga folhagem descobrindo  
 A amarellada tez e o forte aroma,  
 Prendem sentidos considerando no setto;  
 Ri-se entre as maia a alegre cetejeita,  
 Que ainda que no gôsto a muitas cede,  
 Mais que todas seduz co'as vivas bagas;  
 A ginjeira com ella aposta encantos,  
 Mas apenas gostada, a palma he sua;  
 Iguais a um coração em cor, em forma  
 Os suaves morangos ja maduros,  
 Contentes da humildade, estão dormindo  
 No fresco seio da materna planta:  
 D'ali, se vêm um zefiro acorda-los,  
 Olhão em roda as pampinhas vinhas;  
 E vendo como os pequeninos cachos,  
 Que a fronte cingem do celeste Bromio,  
 E um dia grato brilhamõ nas mesas  
 Mudados no licor, que geta os risos,  
 Do nativo terreno apenas se erguem,  
 Zonibando riem da vaidosa audacia,  
 Com que somem no ceo posoposo cum'e  
 Arvores tantas menos utéis que elles.  
 Por toda a parte as desveladas hortas  
 Co verde alegre das crescidas plantas  
 O suor do colono estido pagando;  
 Seu terreno sulcado esta coberto  
 De imensas prodacções, que vnu nas mesas  
 Ser precioso sustento, ou grato níuho,  
 E ora entrar na chorpana, ora nos Paços.

Em teus dias, ó Maio, as velas solta

Seja inedo o nauta pelo vasto oceano,  
 E olhando puro o ceo, de leite as ondas,  
 A cujas furias escapou nadando,  
 Sobre a popa da nao regendo o leme,  
 Pensa na esposa, nos filhinhos pensa;  
 Proinetteu-lhes voltar; nem ja receia,  
 Maio, siado em ti, ser-lhes peijudo:  
 Sobre a cana do leme encosta os braços,  
 E ou sólta em grande voz grosseiros versos,  
 Ou costumada musica assobia  
 Olhando a estrada de alvejante espuma,  
 Que d'nm e d'outro lado a proa foge.  
 Brinca nas aguas, e ou se esconde, ou salta  
 De vagos peixes prateada turba;  
 Na verde superficie as Ninfas dançao,  
 Da tarda noite nas caladas horas,  
 Das estrellas á doce claridade.

Mas eu quero soltar mais altos rôos,  
 Trazer ao mundo incognitas verdades.  
 Um teus dias, ó Mño, os Pâsios bosques  
 Virão nascer os trefegos Amores!  
 Num valle opaco, onde buscando o fresco  
 Costumava dormir entre mil flores,  
 La teve a Deoza o seu secundo parto.  
 Apenas sobre a alrouita verdura  
 Cipria depunha um pequenino alado,  
 Logo o via nos ceos voar, sumir-se:  
 Tal dos Amores o soberbo genio!  
 Quando cunçados de brincar nos ares,  
 Um passatempo a terna Mai pedião,  
 Tu lhes foste ensinar pelas florestas  
 A formar arcos de flexiveis ramos,

E despedir, sem nunca errar, seus golpes.  
 Tu lhes mostraste os resinosos troncos,  
 De que havião formar brillantes fachos.  
 Tu mesmo entre elles companheiro e mestre,  
 Pelos campos as flores procuravas,  
 Com que doces prizões tecer devia.

Tudo em teus dias no universo adora;  
 O sexo, a idade, as condições não livrão.  
 Entre o rebanho, que amoroso bala,  
 Aurooso prítor canta ou suspira;  
 Ternas gorgâo no gevoredo as aves;  
 Rugem ardendo de desejo as seras;  
 Suspiros augo às arvores, e nos ventos;  
 Abrem o seio às virginzinhas flores,  
 E Venus os secunda, e mais se tornão.  
 Em cada gruta, em cada bosque às Ninfas  
 Uma emboscada os Sátiros aprestão.  
 Em bellezas mortaes emboscido,  
 Canta em rustica voz novos atores  
 C'roado de pinheiro o Deos da Arcadia,  
 E ante a Ninfá gentil mudada em canes  
 Pelas canas da flauta os sons varla  
 Com ar alegre, que perjuro o torna.  
 Sensível para o Sol se volta Clieie;  
 O Sol na terra outras bellezas busca,  
 E outras acha, que o peito lhe cativão,  
 E suzem que mais tarde a Thetis desça.  
 Entre os astros as Pléiades luzentas  
 Com saudade sens thalamos recordão:  
 Junto d'ellas o Touro inda parece  
 Magis lembrado da sonnosa Europa.  
 Mais placida resulge a Cípria estrella;

Dissereis que saudosa indaga os sítios,  
 Onde contigo, venturoso Adonis.  
 Passava as noites do fornoso Maio:  
 E quando foge, a Aurora se envergonha,  
 E cora por voltar tão cedo ao mundo;  
 Pois quem ha que não saiba os seus segredos?  
 Quem de Cesalo a história não repele?  
 Em cada tronco um disticho de amores,  
 Ou dois nomes se lem, como enlaçados.  
 Uma sombra, uma só não ha nos campos,  
 Onde Amor não recorde, ou não prefare,  
 Ou não veja presente uma vitoria.  
 Foi, Maio, foi teu mês que no Rei das sombras  
 Fez que deixasse o sempiterno cálios,  
 Para roubar a encantadora esquiva,  
 Do flóreo campo de Rrua ornato, e Denza.  
 Foi, Maio, foi teu mês que ouvio primeiro  
 Diana a suspirar, arrepender-se  
 De ser das virgens tutelar Deidade. .

Graças ao teu poder, e ao teu influxo!  
 E's tu que a tir convidas graciosa  
 Minervum um pouco a abandonar sens livros (a).  
 Quem pôde resistir-te? e infini te cede,  
 Toma-te pela mão, para que a levei  
 A divagar em teus vistosos campos;  
 O ar de meditação troca em agrados,  
 E vê contente abandonar-lhe a édite

(a) Em Maio se poem o ponto nos Estudos da Universidade, que eu n'aqueles tempos cursava. Só os que por ali tem passado, podem entender o alvoreço com que he recebida.

De teus alunos juvenil caterra,  
 Que alvoracada aos patrios lares voa.  
 Sim, Maio, eu voarei aos patrios lares!  
 Mas cuidas que jamais distancia ou tempo  
 D'este dia a memoria hão de apagar-me?  
 Não: onde quer que os fados me conduzão.  
 Sempre te hei de cantar, sempre c'roado  
 De teus altares me verás ministro:  
 Mas d'esta sociedade, e d'estes brincos,  
 Isto quanto a noite se adornar de estrelas,  
 Nunca à lembrança volverei sem mágoa.

De generoso vinho enchei-me o copo,  
 Que de mirre grinalda ornado quero.  
 Imitai-me tambem. Por este, 6 Maio,  
 Sunvissimo licear, pai da alegria,  
 Por este, digo, cuja taça empunho,  
 Juro ante o ceo, de teu altar em frente,  
 Que um anno só não deixará meu estro  
 De exaltar tua glória, e a minha amada,  
 A Deosa tua nai, a Primavera.  
 Reformai-me outra vez a funda taça.  
 Em honra a vós, formosas moradoras  
 D'este ameno lugar, esta se esgote.

Aguardai, cabe agora o sacrificio;  
 Vou-me a buscar a vítima, que a trouxe  
 Oculta e prezada batel na pôpa.  
 Eis-me, abri-me caminho! eu solto as oras;  
 Para a santa ablucção trazei-me um vaso.  
 Silencio! fallo ao Deus! — “ Sejao-te receitos  
 À vida, e leve espírito do prezo  
 Que tenho n'esta gaiola, o qual eu vale”

Por todos nós agora te dedico,  
 E dedicado entrego ás livres Parcas.  
 Digna lie de ti formoso ave formosa  
 Como esta; pintasilgo ativo em canto,  
 Garrido em cõres, no brincar esperto,  
 Mestre em tirar do cristalino poço  
 Com o balde de aveia sua bebida;  
 Outro melhor nunca girou nos bosques.  
 D'esta estação n'um dos primeiros dins,  
 Segundo o meu costume antes da aurora  
 Saí a espirrecer nos campos verdes,  
 Ouvir das aves os primeiros cantos,  
 E aquecer me sentado sobre a relva  
 Ao primeiro calor do sol nascente.  
 Banhei o rôsto n'um remanso puro,  
 Colhi as floresinda hui pouco abertas;  
 E co'a mente serena, e possuido  
 Da amor do campo, e dos campostres gostos,  
 Voltei de novo ao lar. Junto á jauella  
 Por onde largo sol ja vinha entrando,  
 Fui sentar-me a passear em vás delicias.  
 Eu sonhava acordado! ah nos meus sonhos  
 Não via mais que bosques e pastores,  
 Rebaghos, fontes, costelas choupanas!  
 Dono me cria d'um torso pequeno  
 Mas pingue, de uma choça pequinha.  
 Mas alva, entre negueiros, rodeada  
 De alvos cordeiros nedecos e alvas pombas.  
 Eis que afoitando um rdo, esta azevinha  
 Me entra por cima; ao seu gorgorio acorda,  
 Pois junto a mim pouzava gorgoleando.  
 Ouves, Maio, este som, com que parece  
 A pytorar adejando o que te conta?

Ouves? repara bem: tal modulava  
 Quando amoroso a vizitar-me veio.  
 Ganhando confiança a pouco e pouco,  
 Saltou-me para o hombro, e de improviso  
 Prezo se viu na minha mão fechado.  
 Quiz debater-se, em vão; pôr, carpio-se,  
 O bonito corsagãozinho lhe batia.  
 Beijei-o, puz lhe mesa; o seu ventura  
 Nada acceitava, anciando só fugir-me.  
 " Conheces-me bem mal, pobre iníocente,  
 Lhe digo; essa gaiola he teu palacio.  
 Não carcere; eu teu servo e não tirano.  
 Servo e palacio um dia de experiençia  
 Talvez los faça amar; se não, prosetto  
 Abrir-te a porta e libertar-te os vóos. ,  
 A janella da minha a estancia d'elle  
 Penduro; os oureos gumes e a clara linsa,  
 Cama solha entre ramos floreantes,  
 Vista de campo e céo por toda a parte;  
 Mas livres um de agdr, outro de tiros,  
 Manso, mansinho ás grades o assizerão:  
 Comeo, bebeo, cançou. " Pois que tu cañas,  
 Volezinho silvestre, em nossa casa,  
 Juntos e amigos ficaremos sempre.  
 Tu serás de meus dias a harmonia,  
 Eu tua providencia; a fonte e a messe  
 Te virá procurar, dar-te-hei florestas  
 La dentro em teus penates de cortiga,  
 E porque longe tudo, nina consorte  
 Virgem, bella, fogueira, e cujos filhos  
 Serão só teus, e como tu formosos. ,  
 Desde então ledo vive, e tanto aos mimos  
 Se acostumou domesticos, e tanto

À alinada entendo, que lhe abro a grade  
 Fronteira aos céos da apura, aos bosques amplos,  
 E nem bosques nem céos lhe dizem - fogo. -  
 Da liberdade que lhe acena á porta  
 Se despede cantando, e empoleirado,  
 Reizinho em casa sua, a mim e a ella  
 Nos compara, e lhe dia: " Aquelle humano  
 Deos foi que para mim creou tacs ocios! ",

" Ilo esta, ó Maio, a vítima que trago  
 Ao sacrificio ten! perco um amigo!  
 Com esta mimosissima grinalda  
 De sensitiva lhe circunda o collo,  
 Para sinal da dor que me comprime.  
 Vamos, venha o punhal, que eu limpo o pranto.  
 O' céos! .. quanto me custa! Ilo sacrilegio  
 Qualquer demora mais: ânimo agora,  
 Sandoso, coragem! .. Veneeste, ó Maio!  
 Veneeste! consumou-se o sacrificio!  
 O su prezo aq pé cortei de um golpe,  
 Lancei-o no ar; vana; nem ja o ouvimos.  
 Foi rever seus antigos companheiros,  
 Sua amada, seu bosque, e o seu alvergue.  
 Oh! como será doce embrenho no sócio  
 Que julgára perdido, apinhada  
 Pnpear parabens n alada tribo!  
 Oh tu lhes disse então do amigo o nome,  
 Que vezes te bejei de madrugada  
 Por me acordares co' o sunse canto,  
 Para trocar o leito pelo grato  
 Passio da manhã, d'oncde trazia  
 Para a tua gaiola hastes de flores.  
 Ouvirá ledo a esposa a ledo histori,

E a contará depois aos teiros filhos.  
 Talvez que em meu passeio indo algum dia,  
 A festejar-me, em torno a mim se junte  
 Cheia de gratidão toda a família,  
 Tu ineu amigo, a tua esposa, e prole.

Dispersionai-vos, bebei, cantai, amigos,  
 Ride, e dançai, porque invejoso o tempo,  
 Co'as cãs na fronte, e o coração gelado,  
 As horas do prazer furta nos mancebos.  
 Mas ai de nós, que o perfido voando  
 Ja nos fugiu co'a encantadora tarde!

Desgamos no batel: adeos à Lapa,  
 Adeos, sien-te em paz; e cedo espere  
 Ver de novo juntar-se à sombra tua  
 Da Natureza os candidos Amigos.  
 Deixai as varas, gracejemos antes,  
 Não compre trabalhar, para fugirmos  
 De um bosque sacro à Alas, e sacro às Musas.

**FIN DO CANTO PRIMERO.**

A

# FESTA DE MAIO

## POEMETTO

### CANTO II.

D'essa garrafa de cristal dourado  
 Duas taças me encherá. Venha a primeira:  
 Esta se esgote da amizade em honra.  
 O' divino licor! se o puro nectar,  
 Que Hebe formosa a Jove ministrava,  
 Com tão competir podesse no menor,  
 Jove lhe perdoaria o seu descuido,  
 Nem dos bosques Ideos arrebatado  
 Ganimedes gentil voára aus Nubes.

Dai-me, dai-me a segunda. Em honra agora  
 Do celeste prazer, que nos encende,  
 Este líquido fogo no peito envio.  
 Graças ás maos, que à terra afortunada  
 Deram em hora boa estas videntes!  
 Graças a Bacchus, no protetor, que tanto  
 Desses lhes prestou! Graças á turba  
 De alegres raparigas, que levantão

Os cachos ao lagar em largos cestos !  
 A vós mancebos rusticos e alegres,  
 Que aos pés calcastes as cheirosas uvas !  
 E a ti, lenho feliz, em cujo seio  
 Os sagrados toneis se transportâo  
 Desde os campos de Chipre aos campos nossos !  
 Do eclestes persuine ébrios as Ninfas  
 Te acompanhâo na veloz carreira ;  
 Continuamente as velas te enlunâo  
 Com halito propício os frescos ventos ,  
 Que lá brincavão pelas ferteis vinhas ,  
 Faceis eriando, e colosindo as uvas :  
 E o mesmo Baccho (eu não vos minto, amigos :  
 Ah ! dai-me a taça , os labios se me secão);  
 Baccho em pessoa , o vencedor das Indias ,  
 Invisivel na pôpa revirava  
 O leme diretor eo'a mão divina.  
 Dai-me á pressa outro copo: outro: mais cinco :  
 Mais um que eu tolha Peho, e nove ás Musas.  
 Sinto o meu coração desfeito em gôalo !  
 Ah ! por piedade rodeai-me todos ;  
 Quando entre amigos bebo , um só não basta.  
 Para me encher atropelados copos .  
 A cada qual de vós uma saude  
 Quero fazer ; mais uma a cada Ninfá ;  
 Aos Numes todos , que na terra habitão ,  
 Aos Numes todos , que dos ecos nos olhão ,  
 A todos que no Elízio nos esperão ;  
 Farei uma saude a cada voga ,  
 Que desde a Herminea Serra (\*) aos mares corre ,

---

(\*) Antigo nome da Serra de Estrela d'onde nasce o Mondego.

A luna, a cada estrella, a quanto existe.  
Do mais vivo prazer me volvo em braços !  
Itio, e respiro magicas delicias !

Gelos, que em serras coronis as fontes,  
D'onde as urnas os Náïdes inclinão  
Para mandar-nos de tão longe as aguas,  
Derretei-vos em subitas correntes :  
Brami de roda dos Hermíneos lagos,  
Venios da tempestade ; as outras nuvens  
Reuní, condensai : retumbe ao longe  
O ronco do trovão pelas florestas,  
E o monte enorme em seus abismos trema.  
Tudo em chuveiros se desata o polo :  
E cedo (oh ! praça aos céus !) e cedo o rio  
Vença o leito, e com impeto revolva  
Tropel ruídoso de espumosas vagas.  
Sem poder contrastar-lhe a fúria imensa,  
Perto da margem sem poder ganha-la,  
No escuro turbilhão de idojo tremos.  
Quando a aurora assomar, ja muito longe  
Nos verá pelo Atlântico engoloshos.  
Do enseitado batel voltando a proa  
Contra as vagas nustras, candidas telas  
Presentaremos no ligeiro Boreas.  
Em dia bonançoso . e mar de rosas  
Iremos sein temor, elões de assombro,  
Gozando entre as equoreas Divindades  
Scenas de Maio no ceruleo campo.  
Cedo veremos verdejando e rindo  
O alto Cabo surgir na extrema ponta  
Da Lusitana terra : erguendo nos arcos  
A nnutica celeuma, alvoragados

Poremos no occidente o vago lema  
 Para afrontarmos as Titâneas plagas.  
 Entre a Barbaro solo, e o solo Hispâno  
 Passaremos cantando o Estreito, donde  
 As Colunas ergueo famoso Alcides.  
 Pelos ventos Hesperios ajudados,  
 Movendo assombro ás céulas Nereidas,  
 Costaremos, voando, em outros dias,  
 Mediterraneo, tua longa estrada.

Nossos astros serão por entre as ondas  
 O astro de Vênus luminoso, e claro,  
 Ariadne, a esposa do contente Bromio,  
 E os Tiadareos Irmãos, cuja concordia,  
 Cuja amizade nos será de exemplo.  
 Eolo prenderá com mil cadeas  
 Euro o nosso contrario: as verdes ondas,  
 Ourindo de Trilão troar o buzio,  
 Sem furia, sem fragor do barco emôrbo,  
 Chéas por cima de altejante espuma,  
 Saltarão quaes no prado os cordeirinhos.  
 Que, meus amigos! receais procellas?  
 Procellas contra nós! Assaz os Nomes  
 Nas almas sabem ler; nós demandâmos  
 Chipre, votada aos candidos prazeres:  
 Do vinho a Deora, a Deoza dos amores,  
 Os Nomes da amizade, eis nossos astros;  
 Que havemos de temer? Não, não me importa  
 Que o ar, que o peço em fúrias se revolva:  
 Por entre a serraçao, por entre a morte,  
 Voaremos a rir de Chipre aos campos,  
 Quaes na barea da Estige um dia iremos  
 Dos lagos avernaes ao grato Elísio.

Não ha que recear. Daí-me outro copo ;  
 Outro bebei, e onvi-me. Amigos fados  
 Da ilha encantadora no melhor astio  
 Nos hão de conduzir : ja cuido vê-la ?  
 Um cíes em meia lua, um cíes não grande,  
 Ja nos hospeda na conchiosa arca :  
 Unidas penhas de elegante aspecto  
 O anfiteatro deleitoso fórinão :  
 Todas se vestem de verduta, e flores,  
 Todas tem fria gruta, ou doce fonte.  
 D'outras fontes, que entorno enchem os ares  
 De um desigual, suavissimo murmúrio ,  
 Umas descem chovendo entre os penedos ,  
 Outras em larga encheute se arremegão ,  
 Sem o musgo occultar, de rocha em rocha ,  
 Té que bacias espumosas saltão.  
 Aqui um mirto, alem uma roseira  
 Coroa a entrada das pequenas grutas ,  
 Ou lhes forma seu tôlido, ou quasi as cobre.  
 Por toda a parte melindrosos nimbos  
 Se ouvenipiar; por toda a parte adejão  
 Co'o sustento no bico as ternas aves.  
 D'esta folhagem se levanta o metro ,  
 E vai pouzar na proxima folhagem :  
 Quicixa-se n'uma gruta Filomela  
 Quando Progne sentida eleva o canto.  
 Prezos aos troncos Zéfiros intumurão ;  
 Auras, dos valles proximos correando ,  
 Das invisíveis azus nos derramão  
 Almos efluvios de cheirosas flores.  
 Vede assentos, que a mão da Natureza  
 Nos rochedos abriu, que a mão do Tempo  
 Cobriu, amaciou com verde estofo ;

Aqui se tem as Ninfas assentado  
 Pelas tardes de Maio muitas vezes,  
 Para gozar os brincos dos Amores,  
 Que ora lutão na areia, ora apostando,  
 Se arrojão de mergulho aos verdes mares,  
 E aparecem depois nadando e saindo.

Vamos: por esta parte o céus nos deixa  
 Na Ilha penetrar: comoda entrada  
 Nos off'rece este portico de murtas.  
 Dezozes! que vamos vêr! Salve com vezes,  
 Bosque soñbrio, magestoso, immenso!  
 Do desmedido Atlante a espadaa enorme  
 Não, não he quem sustem o eterno Olimpo,  
 E's tu, sagrado bosque; a vista humana  
 Chegar não pôde a tenuis soberbos cumes!  
 Serias, dilúcios de ondulantes folhas  
 Sobre columnas mil, que o raio assustão,  
 Se agitão sobre nós. Longe, ó profenos!  
 Vales, erremos pelas frescas trevas!  
 Além, se não me engano, o sol penetra.  
 Corramos. Oh prazer! oh maravilha!  
 Eis um retiro aos Numes consagrado,  
 Incognito aos mortais, de encantos fértil!  
 Ta que vizitas cada dia o mundo,  
 O' Sol, ;que outro lugar no mundo encontras,  
 Onde com mais prazer teus raios lunces?  
 Vede este prado, cujo fundo escondem  
 De Hibleas flores animadas riuvens;  
 Olhai sem guardador pingues rebanhos  
 Lieres saltando nos outeiros verdes:  
 Vede encostas de pampas cobertas;  
 Fontes à sombra de uixores sagradas;

Jardins fechados de cheirosos muros  
 De altos lilazes, de azareiro e cedro; .  
 Tanques no meio, onde em repuxo aos ares  
 Voam do bico de marmoreos cisnes  
 Argenteas linsas, que no ar se erizão,  
 Mil arcos, mil abobadas formando,  
 E em fresca chuva veem mover os lagos!

Que ditoço paiz! não sei que sinto  
 No meio agora d'estes sons campestres ,  
 Respirando balsamicos vapores ,  
 Em escura habitação, entre os amigos ,  
 Longe dos homens, da innocencia ao lado!  
 Abraçemo-nos. Sim: desde hoje unidos,  
 Seremos d'este sítio os habitantes.

D'esse ribeiro na fecunda várzea ,  
 Ali , onde hospedagem graciosa  
 Presta ás aves do ceo pequena selva ;  
 Ali , onde estendidos pela grama  
 Junto ás novilhas candidas, repouzão ,  
 Co'a cornigera fronte entre as papoulas ,  
 Manhos touros , que o jugo inda não virão ,  
 Ali se vos apraz , se apraz aos Deozes ,  
 Vamos pois construir nossas moradas.

Do Genio do lugar primeiro em honra  
 Cumpre fazer os libações , e os votos ;  
 Venerar, depois d'isto , a turba agreste  
 Das Niasas do paiz; e culto , e nome  
 Dar ás fontes , aos campos , e ás collinas  
 D'estas gentis, incogaitas paragens.

Vede faias aqui, pinheiros, cedros;  
 Abatci-os, recei nossas cubanas.  
 Formemos uma aldeia: a cada alvergue  
 Juntemos um jardim, que no fundo banhem  
 Do claro rio as fugitivas aguas.

Nao falte o culto ás sacras Divindades.  
 A' obra, á obra! o templo se levante  
 Nobre, proprio de nós, digno dos Deuses  
 Com paredes de cedro á luz vedadas.  
 Deixemos a vaidade altas colunas,  
 Cúpulas d'ouro, abobadas suspensas  
 Em meia altura da extensão dos ares;  
 De trémula parteira uni teto vasto.

Ponde no topo o altar da Natureza,  
 De nossa adoração primeiro objéto:  
 Firmada sobre um globo, como o nosso,  
 Uma estatua genial figure a Dgoia,  
 Virgem, bella, risonha, assavel, nua,  
 Guardando lhe o pudor sendal ligeito:  
 Colar de flores lhe atavie o collo,  
 C'rosa de frutos lhe circunde a fronte,  
 Diversos ramos as madeixas ornem:  
 Tenha n'uma das mãos celeste chaiva;  
 Penda da outra, e por seguro fio,  
 O Genio do prazer, que as uzas bala  
 Para robar-lhe no cobigado scio:  
 Cerquem-lhe o pedestal em turba inmensa  
 Homens, fetas, volateis, nadadores,  
 E quanto emfuso por seu influxo existe:  
 Vejao-se à volta os poderosos Genios,  
 Que a seu sabor os elementos movem,

Salamandras, Ondins, Sifos, e Gnomos.  
D'esta arca no ledo se verão pendentes  
As flautas nossas, pois lhe são votadas.

Sobre outro altar a Deosa de Cithera,  
Não de marfim, nem marmore talhada,  
Mas de alva cera das abelhas nossas,  
Feita por nossas mãos encante a vista.  
Quero-a nua de todo: ao seio amime  
Entre os braços de neve o filho alado;  
E co'a ternura languida nos olhos,  
Cinho para o beijar lhe estenda os labios,  
Curta tornando, como a d'elle, a boca.  
As trez Irmãs de Amor pequenas, bellas,  
Como invejando do menino a sorte,  
Forcejem por trepar da Mãe ao collo,  
Em quanto o Irmão travesso a vir prender  
Co'us delicadas mãos lança-las fura.  
Duas tuchas de Amores opinhadq,  
Se ergão d'aqui d'ali: tenhão por terra  
Os arcos, e os sarpões; na dextra empunhem  
Fachos, que hão de brilhar nos festos dias,  
Por nossas mãos com sacro lumo accesos.

Desfronte d'esta, na patede apposta,  
Outro brilho voltado á Primavera.  
Ali se mostre a Deosa, cuja veste  
Um manto seja de tecidas flores;  
De flores o toucado; a planta nua  
Sobre floreo torrão firmada alveje:  
Durnia a sens pes o nuringero carneiro;  
O Maio, filho seu, leilha em seus braços,  
Igeal em perfeições á Mãe formosa,

Alado como os Zéfiros e Amores,  
 Que os Amores, que ~~ao~~ Zéfiro inaia lindo.  
 Tenha na dextra um raimo florecente,  
 Onde pouzen pintadas borboletas;  
 No esquierdo braço um cabazinho grave,  
 C'os doces frutos, que em seu mez se colhem,  
 E a sis pareça á Deozia appresenta-los;  
 Mas a Deozia, estendendo a mão de neve,  
 Como que busque o grávido cestinho  
 Titar de sobre o seio, onde elle o punha.  
 De Favonios um bando se reparta  
 Aos dois lados do altar, em cujas dextras  
 Ponhamos bem singidas cornucopias  
 Chinas d'agua, onde flores se conservem.

Atrio cercado de sombrios lauros  
 Ilheja na frente do sagrado aleijar.  
 Por tres frondosos porticos se passe  
 Do templo ~~ao~~ atrio: entorno d'elle avult m,  
 Dos laureiros à sombra, as Deozas nove,  
 E o Nume protetor da equoren Delos.

Um de nós cada mez será por sorte  
 Da sacra estancia o sacerdote, e o guarda.  
 Ficarão a seu cargo os feitos dias,  
 Dos altares o culto, os hinos sacros,  
 E a proteção dos ninhos melindrosos,  
 Que as ares formarão do teto em volta:  
 Para que nunca violados sejam,  
 Santa hospitalidade, os teus direitos.

Da nossa oldêa ás proximas crimpas  
 Varemos de cultura uteis desvelos.

Vertumno, e Ceres, e Pomona, e Flora  
 Huo de favonear trabalhos nossos,  
 E em sustento pagar nossas fadigas.

Ricas hortas, dulcissimos pomares,  
 Doiradas inesces, pampinosa vinhas  
 O celleiro commun nos terão cheo.  
 Da ociosidade val não será filha  
 Nossa innocent e solidia riqueza.  
 Algun de nós ao trato dos rebanhos  
 Seus cuidados dorá: que importa o mundo?  
 Vida de nossos pais! vida dos campos!  
 Quem te coincide humilde, e vergonhosa?  
 Vive o pastor no seio da innocentia;  
 No meio da pobreza he rico, e folga.  
 Enquanto os grandes entre escravos gemem,  
 Canta o pastor entre o rebanho, ou dorme,  
 Fiado em seu amigo, em seu rafeito:  
 Nem ~~so~~ menos que ho leis sabe nos campos.  
 São seus dias cadées de prazeres,  
 E seus prazeres innocentia todos.  
 Não cala seu amor, canta-o nos bosques  
 Em alta voz, ou goza-lhe os delicios.  
 Ao transmontar do sol volta a seus lares;  
 Conta á porta o rebanho, e junto ao fogo  
 Vai co'a cêa frugal entre os amigos  
 Restaurar o vigor para o trabalho.  
 Repouza em paz sobre o macio sono  
 Enquanto alguma luz no ceo não raja:  
 Não ha cuidado, que lhe rompa o sono;  
 Se acaso sonha, os sonhos não lhe perdo,  
 Pintão passados bens, ou bens futuros,  
 E volta ao mesmo quando nasce a aurora.

Vergonhosa ésta vida ! Ú desgraçados,  
 Corai no meio das grandezas vossas;  
 Se o pastor conhecesse o vosso estado,  
 Nem de olhar-vos sequer nem se dignava.

No regoço feliz da natureza,  
 Ao lado da ventura, os dias nossos  
 Serão a imagem dos doitados dias.  
 Como os primeiros pais da especie humana,  
 Viveremos frugais entre a abundancia,  
 Ricos sem pompa, sem vaidade sabios,  
 Socegados sem leis, sem armas fortes.  
 Não de mil vezes os campestres Nomes,  
 E o sacro Povo, morador do Olimpo,  
 Comprazer-se de olhar a nossa aldeia.  
 Ao romper da manha, ser ilhes-lha doce  
 Ver-nos todos sair dos proprios lares  
 Co'a alegria na face: uns diligentes  
 C'os instrumentos rusticos nas dextras;  
 Outros seguindo seus bois, tornar-se aos campos;  
 Outros guiando para os ferteiis pastos  
 Longa tropa lanigera balante.  
 Ser-lhes hn doce o ver como trabalhão  
 Todos no bem coníum, sem que se esculem  
 Do mal e tem os nomes perigosos.

Quando o gallo doméstico na aldeia  
 Soltar no melodia o canto agudo,  
 Corremos à mesa: unidos todos  
 De um bosque á sombra nos calmosos tempos  
 E junto ao fogo quando reine o frio,  
 Não veremos deante a rica prata  
 Com vivo resplendor cegando os olhos;

Nem dourados cristais, nem porcelanas,  
 Cuja louca ambição furiosa arrasta  
 Taislos loucos mortaes, dignos de pranto,  
 D'entre os braços dos seus aos fóreos mares,  
 E em fragil pião, que rodeia a morte,  
 De longinquo paiz os leva aos portos.  
 De facil construção vermelho barro  
 Futá nossa baixella; e caros trunhos  
 Fundos, polidos, de jasmim c'rondos,  
 Servir-nos hão de o rúbido salerno.

De nossas hortas vegetaes gostosos,  
 Os teus dons, ó Pomona, e os teus, ó Ceres,  
 O mel puro e doirado, e o branco leite  
 Bastão assaz da Natureza aos filhos.

E que? algum de nós conha o que vive  
 Ouraria vibrar da morte o louce?  
 O ouro sôfredor, cuja fereza  
 Para servir-nos se abateo no jugo;  
 O topo, o nosso amigo, e o nosso escravo;  
 Que sem ter parte alguma em nossos gastos  
 Sonhava parte nas fadigas nossas;  
 Que armado pelas mãos da Natureza  
 Podia, se quizesse, oppôr-se aos fracos,  
 Que a paz, que a liberdade oução roubar-lhe,  
 Depois de longo, aciltador serviço  
 Deve . . . (oli pejo! oli furos! oli sacrilegio!)  
 Caír ás vias do barbaco assassino,  
 Para quem só visco! por quem mil vezes  
 Coberto de suor, cheio de espuma,  
 Co'a fronte baixa, sem moçir ao menos,  
 Quemado pelo sol, até sôfria

Duro, ferreto aguilhão se fraquejava !  
 Qual onz ~~rin~~ ensanguentar a dextra  
 Na mansa ovelha, da innocencia imagem ;  
 Que inenpaz de offendre, nunca rebelde  
 Aos brados do pastor, seu proprio leite  
 Entre sens filhos e elle repartia,  
 E até para cobri-lo as lás lhe dava !  
 Lindos filhos do ar, ternos cantores,  
 Que innocentes voais pelas florestas,  
 Nos prazeres, no Amor gastando a vida,  
 Filhos do ceo, modelos, que adorámos,  
 Não temais habitar nos campos nossos.  
 Se o aço, se o falcão por estes sítios  
 Passar alguma vez, vinde, eu vos peço,  
 Vinde-vos esconder em nossos lares,  
 Da vossa timidez sacia guarido :  
 Se nos virdes passar nos sítios, onde  
 Entre os ramos, à sombra vos agrada  
 Divertir gorgeando a terna esposa,  
 Que muda, e carinhosa esconde, e aquece  
 Entre as azas sens filhos pipilando,  
 Se nos virdes passar... oh ! por piedade  
 Não fujais, proseguí vossas cantigas ;  
 Sois como nós da Natureza filhos ;  
 A Mai commun vos deu a liberdade,  
 Sustenta-vos, bem como nos sustento :  
 Sois fracos, tanta basta ; e nós não somos  
 Nem tiranos, nem perfidos, nem baixos  
 Para abusar da fraca : he jus. terrivel !  
 Se para vos matar compete no homem,  
 Para o homem matar compete ao Tigre.  
 Não : vivei entre nós, como entre amigos :  
 Somos todos ituráveis : ercos, e setos,

Redes, e visco, passatempos torpes,  
Não usa quem adora a Natureza:  
Seião entre nós nefandos crimes.

Se um dia à caça algum de nós (os Deuses  
Affastem para longe o agouro horrendo),  
Se um dia à caça algum de nós corresse:  
Cuberto de suor, do sede extinto  
Prata aos céus que discorrer os duros campos;  
Curve-o das armas o terrível peço;  
Não ache onde empregar da morte as furias;  
Seus próprios cães os membros lhe lacerem  
Té que as entranhas vis ao sol descubrão,  
E rôlo arqueje o coração perverso:  
Semivivo, rugindo, ardendo em raiva,  
Ventre pedregos se revolva, e espume,  
C'os olhos ja sem luz, cheios da morte,  
Pallido o rosto, enxanguinada a coxa;  
Té que, mugindo em subita voragem,  
Se rasgue a terra ao detestável peço,  
E no fundo o arroje dos sulfuroos lagos.  
E se o malvado consumir seu crime,  
Se as mãos tingir no sangue do inocente,  
O rio onde correr para banha-las  
As ondas atropelle, e volte à fonte,  
Fique attonito o monstro, e o leito sécco;  
E quando sobre o fogo os misericordis  
Membros pozer, que o sangue inda gotejão,  
Que inda tem no tremor de vida n'ñ testa,  
Chêas de horror e de piedade as chainas,  
Deixando intacto o funchre cadaver,  
Com medonho estampido abandonando  
N'um momento seu lar, se ergão aos ares

Para chover no algoz, torna-lo em cinzas.

Mas vâ longe de ~~nós~~ o quadro infame!  
 Somos frugais, e simplices; e basta  
 Olhar-nos para ver nossa virtude.  
 Sim: que a lavrada seda, o ouro, as telas,  
 E dos insanos cortezaos a pompa -  
 Não nos ha de cubrir. No inverno algente,  
 Contra os rigores da estação nublosa  
 Usaremos da lá que nos revista,  
 Sem que do artista a dextra insultadora  
 Lhe desfigure o crd, lhe mude o aspélio:  
 Se no outono reinar do inverno o frio  
 Voltaremos à lá: na primavera  
 Basta o candido linho: emfin no estio,  
 Deixe-me em paz, ou seus ouvidos serte  
 Quem no corruto coração somente  
 De prejuizos vãos enterra impura! )  
 No estio, amigos meus, com vosco fallo,  
 Serenos todos nus: rião-se eimbora  
 Os perversos, que ao vício costumados,  
 Até na natureza encontrão vício.  
 Sim, andaremos nus; nus se mostráram  
 Os pais, e as mães do mundo em tempos d'outo,  
 Nus vaguão da America nos bosques  
 Da Natureza não corrutos filhos,  
 Nem os tinge o rubor, a cér do pejo,  
 Que o pejo nasce se a innocencia morre:  
 A Innocencia, a Verdade, as Graças bellas  
 Pintão-se nuas: nuas pelos bosques  
 Errão os Niños: d'entre as ondas nua  
 Venus casu de encantos rodeada:  
 Seu Filho, qual nasceu, se mostra ainda:

E todos nós, dizei, como nascemos?  
 Quando, depois de trabalhosas dores,  
 Nos engem nossas unhas aos ternos peitos,  
 Tecidas vestes sobre nós encontrão?  
 Não; se o tempo o exigir cubra-se o corpo;  
 Se o tempo não requer, porque insensatos,  
 Vãos, inuteis incomodados buscâmos?

Prazeres me pedis, dou-vos prazeres:  
 A musica suave, a dança, os versos,  
 Dos bons ditos o sol, carreiras, lutas,  
 Tecer grinaldas de camprestres flores,  
 Fresco, e inumúrio de favonios, e aguas,  
 Os ternos sons de aligeros cantores,  
 Da natureza o estudo, as grotas d'ella,  
 As formosas manhãs, as bellas tardes.  
 Iremos navegar pelo ribeiro  
 N'este mesmo batel; a branca lua  
 Deante nos irá para guiar-nos:  
 Os ventos dorinharão pelos euteiros:  
 De um, d'outro lado as arvores ao longo  
 Das socegadas margens, docemente  
 Se ouvirão susurrar de quando em quando:  
 O astro da noite ledo e scintillante  
 Se verá na corrente em longa estrada:  
 Echoes repetirão nossas cantigas:  
 D'entre um canovial a Filomela  
 Se ouvirá gorgando convidar-nos:  
 Com mil olhos de luz o céo da noite  
 Que yet nossa alegria ha de alegrar-se.  
 Alguin campestre Fauno, que aturdindo  
 Com voz imensa e silenciosa margeia,  
 Seus apneias contat da sante ás Ninfas,

O canto estrugidor alguns momentos  
 Suspenderá, de assombro arrebatado.  
 Se tivermos calos tolne-te a proa  
 Sobre uma ilhota de vermelha areia,  
 E encalhando o batel salta-se ás ondas;  
 N'uma noite encalmada um banho fresco  
 Nos consola, e refaz: ali se julga  
 Acima estar da natureza o homem;  
 Vive em novo elemento, em cujo seio  
 Revestido se crê de essencia nua.  
 Ao brando frio os membros poneo a pouco  
 Se conformão, se afaçam, se contentão;  
 Dissipa-te o temor, e a voz anciada  
 Um momento depois se resserena.  
 Todo o vizo prazer então começa:  
 Ora apraz o nadar contra a corrente,  
 Ora girar nas águas escondido,  
 Ou c'os olhos na lua ir descançado  
 Em parte oculto, em parte descuberto,  
 De costas, ao som d'água, escorregando.  
 De quando em quando um toma pé no fundo,  
 Assemelhando o busto de uma estatua  
 De marmore polido, que se eleva  
 Fronteira á lua, u solitaria brilha;  
 Os companheiros de redor o cercão,  
 E com muito clamor sobre elle atirão  
 Co'as plantas, e co'as mãos ondas sobre ondas.  
 Elle grita, elle ri, jora, e promette  
 De os punir, de vingar-se; então se arroja  
 A's ondas outra vez, e os segue, e os urge,  
 Chove sobre elles desmedidas rugas.  
 Co' festival combate o rio ferre,  
 Perturba-se a corrente, os echos bradão,

Oh como he doce um banho entre mancebos !  
 Um ri contando uma engraçada história,  
 Outro grita, outro canta, e todos folgão.  
 No fundo desigual talvez se encontre  
 Dormindo alguma Náiade entre as conchas;  
 Sois mortaes? e que importa! humano he Páris;  
 He Páris um pastor, gora entretanto  
 Ternos abraços da immortal Enone,  
 Que deixa por goza-lo a propria foice,  
 E vem sentar-se entre um rebanho humilde:  
 E ai de vós, se das Ninfas não moverdes  
 Os puros corações para a ternura!  
 Mulheres não as ha nos campos nossos,  
 E vazia de amor a vida he nada.  
 Redobrai a atenção, pois devo agora  
 Falar em baixa voz, porque receio  
 Que as formosas Mondágides me escutem;

O mesmo coração, desejos, gostos,  
 Que tem nossas mortaes no peito ocultos,  
 Tem as Ninfas também: de exemplos quantos  
 Se não pôde cingir esta verdade!  
 Sobre as ares de Amor todas offrecem:  
 Os ais do adorador nenhuma offendem,  
 Comprezem-se de ouvir que as chamão bellas;  
 E a gloria prezao de enxugar o pranto,  
 O pranto que elles sôs nos arranejão.  
 Se nos ouvem crueis, se esquivas fogem,  
 He porque insana lei de atroz costume  
 Lhes ordena o fugir, lhes insinua  
 Que he delito em seu sexo a natureza;  
 Mas contra a natureza em vão combatem  
 De cega educação fataes abusos!

A māi universal ou cedo ou tarde  
 Vence, triunfa, e no triunfo leva  
 O sexo encantador já inanulado.  
 Todas oppõe sabida resistência,  
 Mas sempre não ceder: por nós combateem  
 Seu mesmo coração e a natureza,  
 Que auxílio ineficaz jamais nos forão.  
 ; E não sabeis que enquanto desdenhosas  
 De nossos ais parecem offendidas,  
 Quais se as mordesse venuusta serpe,  
 Tremem, recéão que ao temor cedunhas,  
 E frouxa timidez nos fuste os armas?  
 Ioda que ostentem ríspida esquivança,  
 Agrada-lhes a guerra, e ocultos votos  
 Fazem a Amor para ficar vencidas.  
 Implorar-lhes perdão he ultraja-las;  
 Contra elles ser audaz he ser-lhes cara,  
 He dar-lhes bens, poupando-lhe a vergonha.  
 Mas a regra primeira, a grande, e tudo  
 Entre as regras de amor, he o artifício.  
 He vasta a gredação de sentimentos  
 Da innocencia à ternura. Em cume altaiva  
 De alta montanha, cujo nspéto assombra,  
 Tem seu templo a Ternura, onde cercada  
 Das Graças, dos Prazeres, dos Amores,  
 Eneanta os corações benigna Venus:  
 He fôrgoso galgar tudo a montanha,  
 Subir de rocha em rocha, e p'risgo em p'risgo  
 Para se entrar no deleitoso alegaçar.  
 Quem pretender poupar um passo ao meusos,  
 Quem saltar pretender, perde o jo ganho,  
 Para mais não surgir baquda em terra.  
 Amor azas nua tem, como se pinta;

A curtos passos, devagar só andar.

Começaremos offertando ás Ninfas  
 Sobre altares campestres, levantados  
 Das ervores á sombra, ao pé das fountes,  
 Ou nas grutas do fresco, ou sobre onteiros,  
 Pestões, grinaldas, passarinhas; frutos,  
 E capellas de búzios e de conchas,  
 Mais brilhantes, mais belas do que o Itis.  
 Formaremos cantigas, em que nós echos  
 Dos campos, entre a lida repitamos  
 As perfeições, os méritos, os novos  
 Das Napéias, das Urfades formosas,  
 Hamadriades, Naiades, e quantas  
 Filhos da Natureza a terra habitan,  
 Para formar com dextra occulta e sábia  
 Do rústico o prazer, do vate o encanto.  
 Isto, é a nossa virtude, e a vida nossa.  
 Laboriosa, honrada, alegre, e quasi  
 Igual á vida dos campestres Deuses;  
 Disponho para nós seu terno peito.  
 Talvez que ponco a ponco minorado  
 O casto susto de encontrar humanos,  
 Não fujão de mostrar-se a seus cantores,  
 Se eu descerças junto de um cedro antigo,  
 Ou de uma faia, ou reclinar a fronte  
 Sobre a raiz em parte descoberta  
 De uma oliveira, ou castanheiro antigo,  
 Datei genças á Urfade, que habita  
 No tronco benfeitor, que me faz sombra;  
 E d'elle a amavel Urfade sniado  
 Virá sentar-se ao lado meu na celva.

Depois que pouco e pouco transformado  
 Se houver em confiança o pejo, o suslo,  
 Mudaremos de estilo: em nossos versos,  
 E só, e de contínuo a formosura  
 Em logo nos portá do estro as neas.  
 Hão da sorrir-se e comprazer-te, e muitas  
 Suspenderão em seu caminbo os passos.  
 Ile lei sem exceção; domina em todas  
 A sede, a gloria de chamar-se bellas.  
 Mas bellas tão somente heis de chama-las,  
 Sem sabor-lhes de amar: depois de effeitos  
 A ouvir a narração de seus encantos,  
 Dizei-lhes que por certo as rochas mesmas,  
 Os troncos, e o erystal das frias aguas  
 Ardem cativos de bellezas lantas;  
 Que o sol com mais prazer detem seus olhos  
 Nos campos d'ellas, só por ver seus rostos.  
 Se virdes que um sorriso gracioso  
 Vos recompensa o canto, nudacin, amigos!  
 Avante um paizo, e n'este paizo cumpre  
 O segredo buscar. Desdo esse instante  
 Não lhes falleis deante das maes Ninfas;  
 Buscaí até que os socios vos não ouçño.

Suppõe tu, caro António, encontrar-te  
 (Esta suposição perdece Aleippe)  
 N'um bosque solitario, onde vaguêa  
 Quem te faz delitar em novo incendio.  
 Se ella está pensativa, “ Oh venturoso  
 O objeto, lhe dirás, em que te occupa  
 Tua imaginação, formosa Ninfá!  
 Se eu o fosse!... ai de mim! porque resolvo  
 Loucas esp'râncias, se chorar sú dero? ”

Se a vires sobre o espelho da cascata  
 Com brancas rosas coneectando as tranças,  
 Qual sôbra o teu ribeiro o fos Alcippe,  
 " Feliz unha das mimosas flores,  
 Feliz rosa ; Júlio, ainda que perdes  
 Ao pé das grães d'ella as grães tuas! ",  
 Se puser sobre o seio as melindrosas  
 Roxas flores do amor, dirás : " Que inveja!  
 Por ver vós um momento eu dera a vida! ",  
 Mas isto em meia voz, para que julgue  
 Que não lhe por te ouvir que assim fallaste.  
 Não se irritou? prosegue, e de novo perdo,  
 " Permite-me. (dirás com os ingenuos,  
 Cheio de timidos) permite, ó Niula,  
 Que eu te torne mais bella, e te compenha  
 Estas flores, que um pouco se demandam.",  
 Se ella o permite, a occasião não percas:  
 Se ella hesita e se cala, não reconsa;  
 Compõe-lhe o ornato no formoso seio,  
 E sorrindo, lhe diz : " Alguem no mundo  
 Existe que não ame as proprias obras?  
 E' sta obra, que'sndei, me agrada tanto! . . . ,  
 N'isto beija-lho o seio, e deixa as flores.  
 D'aqui avante o mar ho ja tranquillo,  
 Propicio o vento, e mui vizinho o porto:  
 Ja de piloto o lenho não carece;  
 Quanto offreco amor luda he ja vosso.

Ja vejo sobre os céos das nossos campos  
 Todo o dia brincando em roseo coche  
 Pelas pombas tirada a amavel Cípria:  
 Coroada de louro, ei-la contente  
 Entre palmas, que sombra lhe denamão !

Ei-la por toda a parte saégdindo  
 Do misterioso cinto encantos e' gostos, 12  
 Delicias, tudo um fin que obriga a' dor. 13  
 Mudado em branco cisne; ou rúbia d'olho, 14  
 A trocar pela terra o sacro Olimpo { 15  
 Desde então mais idosa hé-nossa aldeia, 16  
 Mais risinhos sens. bellos arribaldeis: 17  
 Ela misterios de amor era qualquier gruta, 18  
 Em qualquer solidão brincão prazeres.

Eis os frutos de amor, que desabrochão! 19  
 Ja os vejo das bellas entre os liragos; 20  
 Qual pequeno botão nascido apenas 21  
 Da rosa ja perfeita no lado brilhante, 22  
 Ei-las co'o proprio leite a sustenta-las; 23  
 Taes coino descreveo nos magos versos 24  
 Francilia, Musa de meu patrio Rio; 25  
 A doce amiga sustentando o filho, 26  
 Igual a Venus com. Amor nas brocos. 27  
 Eu as vejo, depois de usados tudos, 28  
 Soltar de si os cintos azulados; 29  
 Em dois troncos prender as pohtas ambas, 30  
 Abri-las, deixar dentro entre mil flores, 31  
 Depois de o ter beijado, o tenro Infante, 32  
 Para ser dos favonios embalado. 33  
 Eu as vejo nos troncos encostar-se 34  
 Co'as mãos na face, e os olhos no innocent, 35  
 Juntrudo nos sons das aves em seu ninho 36  
 Ternos cantos, que os filhos ndormeção. 37

Ja co'a turba infantil reegece a aldeia:  
 Succedeis ao silencio alegres brincos,  
 Gostosos passatempos se preparao,

De nossos bens o número se aumenta.  
 Vai crescendo em razão, crescendo em força  
 E'sta gente feliz, que os Cíprios valles  
 Como os Amores, como as Ciras, honra,  
 Creados longe do tropel das cidades,  
 Puros no coração, que vinguem busca  
 Semear de illusões, de prejuízos,  
 Educados na paz, sem ver tiranos,  
 Sem ouvir discorrer pedantes sabios,  
 Té das Sciencias ignorando os nomes,  
 Tendo destinos, que excedendo os nossos,  
 Não hajão que invejar os puros dias,  
 Que cegamente se nomeão d'ouro.  
 D'ouro! ai d'elles se o ouro entao se visse!  
 Mais nocivo que o ferro, a temsaçõa  
 Terra o sumio nas maternas entronhas,  
 Sobre leitos de pallido veneno.  
 Quando o Genio do mal o trouxe no dia,  
 Chêns de esombro, de tropel correndo,  
 Fugião so'a Justiça almas Virtudes;  
 E pelas fundas minas, que o guardavão,  
 Surgiu do patio inferno a perseguir-nos  
 Chusma de Vicios, e raivosas Furias,  
 Que os Vicios inspirando, os Vicios punem.  
 Se alguma vez os descendentes nossos,  
 Quando o terra pacíficos reíperem,  
 Encontrarem com ouro, um grito soltem;  
 A aldeia se revira ardendo em raios,  
 Qual se dos bosques férvido saisse,  
 Igual ao raio, o bruto d'Erimantho;  
 E o pallido fulgor da mara infesta  
 Vão longe sepultar nos verdes mares.  
 "Monstro contrário a nós, devorado

Pelo mestre do mar, que em suria venceu ,  
 Dirão todos em chusma; e saeegados  
 Tornarião a lavrar seus festeis campos.

Que iden pelo espirito me adeja  
 Chida de luz, de encantos rodeada ?  
 Ja vejo pelos ares scintillando  
 Os sachos de Hlmeneo. Ja pelas mas  
 Vestidos de alvo linho, e coroados  
 De fresca mangerona os moçot correm ,  
 " O'Hlmeneo ! Vem Hlmeneo ! ", gritando.  
 " O'Hlmeneo ! Vem Hlmeneo ! ", respondem  
 Os campos d'echo em echo ; e pelas casas ,  
 Chidas de galo, e da esperança as virgens  
 " Vem Hlmeneo, o Hlmeneo ! " repetem.  
 As mas do verdura estão juncadas ,  
 Listões de flores coroando as portas  
 Enchem os ares da composio cheiro :  
 E os meninos, que as casas nã precebem  
 Do confuso prazer, vao transportados  
 Correndo em chusmas, e batendo as palmas ,  
 Gritando, " O' Hlmeneo ! ", La deuce, a posse  
 O Nume sobre o altar da Cípria Deoza !  
 O venturoso par la vai sobindo  
 Por entre a multidão, que alleita o mede .  
 La chega ao sítio destinado nos votos.  
 Sacerdotes nã ha : da aldêa os velhos  
 Os cercão de sedar. La se abraçârão ! ..  
 Ile curto o voto seu. " Juro adorar-te  
 Enquanto a doce amôe tiver no peito ,"  
 Unindo o seio no seio, e face à face,  
 Depois se beijarão por largo tempo ;  
 E o blusia da alliança, o catinhero

Filho de Uruia os cingirá dos mítos,  
Que da Vénus, e Amor as frontes urmão.  
Depois alguma de nos se erga e'raado,  
Para falar d'esta maneira no povo.

“ Nasce o Amor para encantar os homens,  
Não para ser dos corações tirano.  
Menino ama o brincar, e quer ser livre.  
Cura o tempo as feridas que elle furmo:  
Depois de alio clarão, que cega os olhos,  
Seu saílo, pouco e pouco enfraquecendo,  
Vem por sim a apagarse: a Natureza,  
Nada produz que não sucumba á morte.  
Os animaes, os flores, os arbustos  
Têm curta duração: vai manso, e manso  
O tempo destruindo altas montanhas,  
Gasta-se o esfolho c'o bater das ondas,  
Succede a lua ao sol, a noite o dia,  
Uma estação perde, outra renace:  
Tudo he mortal na terra, e mais que tudo  
As humanas paixões insulta a morte:  
Succede ao rijo o prantio; á dor prazeres;  
Ao odio amor; ao terno amor a raiva.  
Eu vi mortaes assélos n'um só dia  
Nascer e terminar, qual nasce e muere  
N'um só dia de abril a rubra rosa.  
Dilosos part' amai-vos extremosos  
Enquanto a natureza vos consinta,  
E oxalá que o consinta em largos annos!  
E oxalá que de vós o que entre os mortos  
Primeiro desengançar, sinta regadas  
Pelos olhos do saílo as mudas cinzas.  
Feliz quem n'um só fogo arde constante;

Feliz, mas raro como os negros cisnes !  
 E ha loucos, e ha perversos, que ante os arns  
 Juram guardar unha constancia eterna !  
 Cegos, que a natureza desconhecem,  
 Ou zombão d'ella escorregendo os votos.  
 Juro-se amar sem fim, e on tarde ou cedo,  
 Sem fim, e sem tempos se detestão !  
 Juro-se amar sem fim ! Mal que resoa  
 Debaixo das abobadas o voto,  
 Calcando o arco nos pés com ar maligno.  
 O pobre Amor retira-se chorando  
 Desta afronta cruel ; pois sua glória,  
 Seu prazer, e seu timbre he ter valível.  
 Crepitando em faiscas deradeiras  
 Se apaga o facho, que debalde agita,  
 E emidno espalha venenoso fumo,  
 Fumo, que obriga a lágrimas eternas.  
 Entre pios e agouros desgraçados,  
 Ao leito nupcial os acompanha  
 Entre alegre e assustada a meiga Venus,  
 Co'as serpes do cabello desgrenhadas,  
 Mas indo sem silvar, detrás os segue  
 Impaciente a rabida Discordia.  
 De flores se coroa a lucta mesa,  
 Voao-lhe em roda as graças, e o saletno,  
 E riso, e consuão de enrenitos chén.  
 Mas ah ! cedo os pesares, e os suspiros,  
 A desesperação, e as vãs querellas,  
 E a desordem, e os lágrimos rodéao  
 Os lares do prazer ; a scena infausa  
 Não rara vez negro punhal termina,  
 A viúvez, o luto envolve o leito !  
 Mas vós, ditoso par, sóis, cujos labios

Não proferirão temerario voto,  
 Folgai, vivei nos braços da ternura,  
 Melindrosa ternura, que não morre  
 Se lhe não lação vergonhoso jugo.  
 Para amar-vos ficeis por largo tempo  
 Sede amaseis, ou sede virtuosos  
 Porque a doce virtude he sempre amavel.  
 Se o fogo se acabar, voltaí no templo,  
 A prender novo objeto em novos laços. ,,

Ouvindo este discurso o povo inteiro  
 O applaude em baixa voz, e a Mãe das Graças  
 Se canta o hino, que remata a festa.  
 O resto d'este dia he dado aos jogos,  
 Gasta-se a noite á roda das fogueiras  
 Em musicas e em danças variadas.

Engano-me, ou queixosa a Natureza  
 Escuto suspirar! não, não me engano!  
 Ella suspira, e pede-nos vingança  
 D'ontra injustiça, que lhe faz o mundo.  
 Ouvei, e concordai: sabeis que muito  
 Em número nos vence o amavel sexo.  
 Se a Mãe universal não gera um ente,  
 Que não consagra a minor; e a lei sagrada,  
 Que obriga a propagar a propria especie,  
 He lei universal, que abrange a todos,  
 Com que jas, por que horrenda tirania  
 Privadas d'Himenes suspirão tantas?  
 Não: cada esposo esposas enumere,  
 Té que uma só scia Ihalamo não fique:  
 Todas d'est'arte viverão contentes;  
 A honra de ser Mãe pertence a todas:

Cresce a aldeia, não brada a Natureza;  
 Infelizadas não são as que proemão.  
 Os prazeres de amar, de ser amados:  
 Não se ouvirá que um barbado veneno  
 Dera a mal a seu filho indo na ventura;  
 Ou que um ferren punhal, ou lago infame  
 Logo ao nascer lhe terminaria os dias;  
 Nem Venus coraria vendo offertar-se  
 De ternura venal corujos mimos.

Quao bellos enterráu nossos momentos,  
 Longo, e tão longe dos polidos povos!  
 Quasi Numes na vida encantadoras,  
 Até na duração quasi peremos  
 Rivas do povo habitador do Elysio.  
 O fio d'ouro da existencia nessa  
 Inteiro volverá no fuso as Farcas.  
 Com pé tardio a inevitável Deora,  
 Que o Mundo despovoa, e bebe o planto,  
 E acompanha a saudade entre os ciprestes,  
 Sem terror, e sem fouse, e até sorrindo,  
 Sem que o procedão tem fatuos ministros,  
 Nos levata de nuzo e a curtos passos,  
 Cotoados de cão para o sepulcro.  
 Mas, amigos, quem sabe? as Cíprinas Ninfas,  
 Se o fado o não tolher, talvez nos mestrem  
 A verde planta, que no cerúleo reino  
 Deo mais um Nume, transformando a Glauco.  
 Semideozes então, nos tornaremos  
 De nosso aldeia os sacros protetores!  
 Mas não: a lei da morte de lei terrível,  
 Que rara vez os Numes quebrantavão.

Ele fôrçoso morrer!.. Longe os temores!  
 Ele fôrçoso morrer, morra-se embora.  
 Não faltarião dulcissímos transportes,  
 Prazeres o ternura ao lance extremo!  
 Sobre o funerel leito o moribundo,  
 Ja sem cor, ja sem força, e quasi extinta  
 Em sens olhos a luz, e a voz nos labios,  
 Erguendo a fraca dextre acena, e chama  
 Cadam junto a si; vai despedir-se  
 Para o sono sem fun! Sobre as heranças  
 Que ha de recommendar se não tem nada?  
 Nada excede a virtude, e os instrumentos  
 Com que a terra favorece. Sua cabana  
 Vai ter outro senhor; as flores suas  
 Implorão no jardim desde este instante  
 D'outro cultor a prôvida tutella:  
 D'outro, sim; cuja mão todos os dias  
 Irá de madrugada aos sacros manes,  
 Pendurar sobre o tumulo orvalhado  
 Uma grinalda de ortaliadas flores.

Ele abreinda uma vez seus fróxos olhos,  
 Onde começa a derramar-se a noite,  
 E da seus labios tremulos, por onde  
 Ja põe a oculta morto a mão gelado,  
 Soltia chão de assélo a voz, que expira,  
 Os seus amigos, e seus filhos chama:  
 Os seus amigos mudamente o cercão,  
 E não mostram-lhe as lágrimas proueadas:  
 A luz da lâmpada contemplão  
 Quanto a hora fatal ja se approxima.  
 E seus pobres filhinhos entrelaço  
 Num canto da cabana estão sentados;

Dos amigos no gesto, e nas maneiras  
 Ler seu destino impacientes buscam,  
 E ottanitos, e tristes nem se atrevem  
 A falar, a fazer qualquer pergunta,  
 Porque os não lancem d'este sítio lbra:  
 Mas olham-se entre si co'um ar tão meigo,  
 Lastimoso, innocent, que podera  
 Desfazer de piedade a propria morte,  
 Se o fado não contasse os nossos dias.  
 Seu Pai, que os adorou, quer indo vê-los,  
 Lançar-lhes a sagrada, última bengão,  
 Ver seu pranto, gozar dos seus afagos,  
 Quer chaina-los. A voz faltou de todo!  
 E deixando cair de lado o rosto,  
 Soltou da vida o desdadeiro arrancô.

Ao profundo silêncio altos clamores  
 Sucedem n'um momento; e o pranto, e os gritos  
 Por toda a parte na cobrada edão.  
 Os meninos confusos se levantão,  
 Ouvam a nova, attention no cadáver:  
 Ourigado o cabello, o sangue frio,  
 Pallido o rosto, e vacillante o passo,  
 Fogein para o jardim, por onde os segue  
 A imagem de seu Pai, no suslo envolta.  
 Qual o vírão ha pouco, o tem consigo!  
 Dos parreiras as sombras os perturbão,  
 Vem nos troncos das ávores fantasmas.  
 Não buscar o luto do rio à borda;  
 Mas lembrão-se que ali todas as noites  
 Presentão com elle: ésta lembrança  
 Os leva a perseguir: e em tudo encontrão  
 De um Pai tão caro o aspetto, que os assustâ

Pela aldeia se espalha a insustável noite  
 E parece que a morte em cada casa  
 Arvorara um troço! Dominava em todos  
 A dor, que se desfaz em pranto e gritos;  
 Dir-se-hia que furioso, insuperável,  
 Hia de teto em teto um vasto incêndio.  
 Depois que um pouco em lúgubres transportes  
 A dor se evaporiou, por toda a parte  
 Soou louvores do chorado amigo.  
 Cada um lhe encarece uma virtude,  
 E de cada virtude exemplos contou.

O Justo dorme em paz: mas entretanto  
 Ninguem dorme na aldeia. Ovoio-se o gallo  
 Cantar, quando expirou da noite em meio:  
 Torna o gallo a cantar na madrugada;  
 E em contínuas vigília discorreterão  
 As longas horas, que à manhã precedem!  
 Torna o gallo a cantar na madrugada,  
 A aurora quer nascer; enchem-se os ares  
 De uma luz, que ao luar excede um pouco.  
 Do ninho suspendido em nossos títos  
 A andorinha já râe; vóo cantando  
 Defronte agora das janellas nossas  
 Para nos saudar, pois entre o dia.  
 Ja dos céos pelos fluidos espaços  
 Circula a eotovia, que não cança  
 No longo canto, ou desmedido vóo:  
 Ja o rumor das arvores e fontes,  
 Que da noite na paz costuma ouvir-se,  
 Vai fugindo com os tremulos estrelas;  
 Torna a alegria ao mundo, e ao campo as cores:  
 Mas a alegria d'entre nós se longe,

O campos todos para nós bem lato.  
 Ja se ouvem resar da aldeia as portas,  
 Ja sáe, ja se reune o povo intenso.  
 O ar de meditação douina em touros,  
 Todos trazem de pranto tocadas  
 As recentes ginaldas, que levarão.

Em plantas aromaticas entolto,  
 Do alvergue, ha pouco seu, la vem seindo  
 O deplorado amigo: ao cacto péto  
 Submettem qualro os hombros vigorosos.  
 Bengãos, bengãos ao Justo, em cujo aspéto  
 Por entre a pallidez inda resumbrão  
 Mansa inocencia, affélos generosos!  
 A Jeita marcha á turba consternada  
 Rompein com baixo tom sonoras flautas,  
 Que de triste alvorço o peito agitão.  
 Apóia elles, o funchie caduveo  
 Dos Anciãos vai precedendo á chauspa.  
 Estes, leonto inclinado, olhos em terra,  
 Vão aspirando, e a vista lacrimosa  
 Lanção de quando em quando ao doce amigo,  
 Que os precedeo na região da morte.  
 Em seguida, modestos se confundem  
 Os mancebos, de teino corados,  
 Co'as bellas raparigas, que parecem  
 Mais formosas co'a languida tristeza:  
 Elles cantão em eco os longos echos  
 O como a quanto exíto abrange a morte;  
 Ellas em som mais doce a voz levantão,  
 Para mostrar como a existencia curta  
 De prazeres doiar-se so' ipenos dava.  
 Vão depois os meninos inocentes

De ambos os sexos em confuso bando:  
 Levão em suas mãos para o sepulcro  
 Pequenas oflações; pomos, e flores,  
 Taças de leite e mel, de vinho e d'água  
 Tomada em fonte viva antes da aurora,  
 E de barro churibulos não grandes.

Já se chega ao lugar sagrado à morte:  
 He um valle sombrio, onde se abração  
 Mil arvores diversas, onde habitan  
 Meigas filhas do eco, canoras aves:  
 Reveste fresca relva a terra fria,  
 Pallido musgo os carcomidos troncos.  
 Aqui fróceos favonios indejando  
 Pelas solhudas grimpas, docemente  
 Só se ourem suspirar: aqui mais terna  
 Derrama a aurora o pranto matutino;  
 Mais terna geme a noite; e mais delicias  
 Na alma gera o luar por estes campos.  
 He fechado o lugar de mil rochedos,  
 Por onde algumas fontes se deritão  
 Com tacito ruíor, que inspira os sonos:  
 Pelas profundas, tenebrosas grutas,  
 E sobre os ngudissimos rochedos  
 Crê-se ver a esculpias sagrados mames,  
 Em fronte voz, que as auras assemelha,  
 Cantando os gostos da passada vida.  
 La não geme a coruja, ou pia o mocho:  
 Reina era vez do terror branda sandade,  
 Terna melancolia, encanto, enlevo  
 Dos corações, das almas bem nascidas.

Que estrondo he este pelo chão da morte?

São as ferreas enchiadas, que se alternão  
Para formar do eterno sono o leito.  
Agora cresce a dor na despedida.  
La chega, la se arroja, la se esconde  
Da Mai universal no seio um filho !  
“ Paz no homem de bem ! ”, dizem de roda  
Os velhos, e religião-se chorando.  
“ Leve te seja a terra ! ”, os luócos gritão,  
E partem derramando-lhe folhagem.  
Chega a turba infantil, seus dons offrece,  
E vai juntar-se á multidão, que torna  
Aos trabalhos de novo á sua aldéa.

Mas ah ! qual d'entre nós terá primeito,  
Caros amigos, de fechar seus dias !  
Quaes chorarão no tumulo silvestre ?  
Talvez eu vos preceda, e vú saudoso  
Ver na Tenárea porta o Cão trísauce,  
Na Estige nebulosa a barca horrenda,  
E do Elysio paiz os gratos campos,  
La onde os vates do universo inteiro,  
Ja Nomes, em república se unirão.

Mas não pensemos n'isto : he Mai agora  
Que devemos cantar : nós o jurámos.  
Recomponde na fronte as vossas c'roas ;  
Ergummo-nos, enchei de vinho as taças ;  
E ante o Ceo, ante a Lua, que nos cuva,  
Entre os Favorios, e as fofissoas Ninhas,  
Que escondidas nas ondas nos rodeão,  
Saudemos novamente o alegre Mai,  
Jurando que desde hoje em nossas liras  
Ha de escutar cada anno os seus louvores.

O' Maio, eu fallo; escuta-me. " Por este  
 Liceo de Bassareo, que me accebat;  
 Pelos Filhos gentis da branca Leda,  
 Que pela nião a nós te conduzitõo;  
 Por tuas flores, com que estau soberba;  
 Por tuas fontes, zéfiros e bosques;  
 Por teu ceo gracioso; e por ti mesmo;  
 E pela tua amiga, a minha Musa,  
 Juro de consagrar enquanto viva,  
 Todo o teu mes ao ten louvor, e ás festas. ,,

FIM DA FESTA DE MAIO.





NOTAS

A'

**FESTA DE MAIO.**

---

CANTO I.

*Pag. 201. verso 4.*

Das Filhas de Neto a mais formosa  
Foi Golatéa candida e rosada.

Como das bagatelas que forgadamente temo se meado por alguns d'esses Jornaes, que lhe o mesmo que escrever em folhas e atira-las ao ar, algumas haja que não mereçam de todo perder-se, estat me pareceo i-las recolhendo a meus livros, por qualquer modo que fosse, achando cabida, para não ser como a Sibilla de Cumas, que em uma vez se lhe demandando com os ventos as folhas que tinha escritas, já para sempre tirava d'ellas o sentido; nec pquere in ordine curat. Por isso traz-

lado do Num. 5 do Jornal dos Amigos das Letras, todo o seguinte Anexo (\*).

*Antonii Feliciani de Castilho,*

## GALATEA: CARMEN.

### ADVERTENCIA PRELIMINAR

*O V. M. H. A. S. A.*

O fragmento latino que se vos oferece, sob o título de Galatea, be huma tentativa e nada mais: e quem me quizesse haver a ostentação, não só mostraria quem pouco me conhece, mas ainda com atrocissima injúria me aggravaria. Discorridos são hoje mais de dez annos, depois que, desejoso de ressarcir lembranças de conhecido com as Romanas Musas companheiras e alegria de minha infância; me dei ao passatempo de metrificar em latim, ja os pensamentos que primeiros me ocorrião, ja algum episodio de minhas proprias obrinhas; sendo assim, que esta fabula de Galatea a transladei do Poema da Festa de Maio, no meu livro

(\*) Por esta occasião me importa fazer um anuncio ao Publico. Fa-lo: declaro que se esse Jornal inesperadamente acabou, não foi minha a culpa, nem comigo de nenhum dos sócios, mas somente dos acionehmentos,既に publicos como privados da Sociedade: com elia nunca tive opções alguma relações de modo as onerosas e de trabalho, que eu tivesse emtido com muito gosto. Todos os sócios a sabem, mas interroga-me que a minha toda a gente, para me salvar de quaisquer desagradadas reclamações.

da Primavera. Sei bem que não há hoje, e especialmente por cá, leitores para o latim, sendo á final chegado o prazo de, com razão e sem o mínimo escrupulo, se poder chamar tal língua morta e enterrada: sei mais que, ainda mal, não respondem estes meus versos ao que eu anciára que elles fossem; e nem valem mais que uma boa parte dos ali impressos na custosa Coleção de Poetas do nosso Padre Reis; e com tudo, a despeito d'estas duas tão fortes razões, e tão valentes para me deverem dissuadir, convém eu que tão pobre couza-se d'esse á estampa. Será, segundo muitas vezes se escreve em Prologos, para incitar engenhos a fazerem melhor? não. Pois será, como também em Prologos se usa de escrever, para que os Aristarchos me ensinejo o que, o como, e o por onde devo corrigir e melhorar? nenhos; que não sei eu de um só que se hoje ocupe com semelhantes vaidades. Como portanto me livrarei da desinerecida taxa de presunçoso? confessando, como também em Prologos se costuma, mas d'esta vez com verdade, que o faço por obedecer a dezejos de pessoa, com quem muito me importa estar em tudo bem.

## GALATEA

*Carmen, ex Lusitano Latine redditum.*

Assiduis, juvenes, proscindite flumina remis,  
Dum vacat et picto latus juvat ire phasculo;  
Lotereaque meo vestrum fallente laboreni  
Carmine, Romanas percurrant pollice chordas.

Néréidas inter quondam pulcherrima Nymphas  
Nympha fuit Galatea maris: cui lilia mixtūs  
Ore rosis, flavæque comæ, roseique labelli.  
Cæruleoque oculi placido fulgore micantes,  
Et sinus albenti in ecopulis albentior unda.  
Qualem nec Paphiis habuit qua regnat in atriis.

Tertia post decimam vernantis tempora brumam  
Floruerant, postquam vitali vocibus altra  
Nymppha: nec in terris, aut cælo, aut sequore lato  
Est quæ formosis ausi contendere formam.  
Multi illam juvenes, multi petiere deorum,  
Undique blanditiis et laudibus insidiantes:  
Nulli illi juvenes, nulli placuisse deorum.

Hanc pater undisono sub gurgite in antra vocavit.  
Amplexumque dedit, tremulisque sedere coegit  
In genibus, tales fundens post oscula voces:  
" Filia, tempus adest pueriles linquere ludes.  
" Non te pulchra latet, qua subjici omnia, forma;  
" Tene latet quantu fugiendi viribus, instant  
" Qui toties, laudesque ferunt, gressusque sequuntur  
" Crede patris canis ei amori crede paterno;  
" Quod plus obsequiis, quod plus sermone placuerit  
" (Parce senti juvenem patri non grata inveniunt)  
" Hoc magis incutæ protendit retia formæ,

“ Filia tempus adest pueriles linquere ludos;  
 “ Sit tibi cura meos posthac delphinas in undis  
 “ Pascere, perque salum deformes ducere phocas;  
 “ Non bene pigra quis igoavia convenit annis.”

Dixit: et e patro discepta coralia ponto,  
 Cuspide inaurata, pastoria monera, virgam  
 Tradidit, atque pecus natæ communis habendum.  
 Est ritides inter. Nareus quibus insperat, undas  
 Valle locus tutus, nec divo pervius ulli,  
 “ Hic maneras, dixit, le cæpe deinde revisam.”  
 Attulit, nalamque pater sine teste reliquit.

Haud semel ignifero radiarant lumine cutus,  
 Phœbe tui, dum lœta pecus Galates matinum,  
 Gurgitis inter opes, viridanti paverat alga.  
 Interdum æquoreis linquens armenta molossis  
 Ibat, et in calathos modo vinctas murice conchis,  
 Et modo lucentes baccaſ contenta legebat.  
 Ver erat, et pietos zephyris inuleotibus agros,  
 Mense tenidebat tellus letissima Mayo;  
 Aureus in liquidæ Sol brachia Thetidos ibat  
 Descere iuxta mari, solum conſcendere littus  
 Asia fuit virgo, non sic seditura sub undas.  
 Summis petens scopuli viridi sub rupe recessit,  
 Unde fretum, terraque lubens circumspicit omnes.  
 Illic sedet, et pascens animos novitate locorum;  
 Micatur facilesque oculorū fert oīndia cīreum.  
 Ut mediis vidiſ formosum fluctibus Aein  
 Äquora jactantis fragantem cano lacertis,  
 Versibus abstinevit, versus nam forte canebat;  
 Erubuit, turbata rilet, suspiria ducit;  
 Nunc subeunt jussis, subeunt horramina patriis;  
 Jam cupiat tutis fugiendū immergit undis,  
 Nec potis est cupiens, et littore perdita inharet;

Nunc libet et tacito caute latuisse sob antro.  
 Donec arenoso mutarit littore fluctus  
 Discedensque puer securam liquerit oram:  
 Pariter inde fugae, astit, mavultque videri.  
 Corpora, cæruleas inter eandem lymphas.  
 Quam numeris perfecta suis! quam fortia puluis  
 Devectantur aquis! quam multa est gratia narmi!  
 Quam bene suffuso sua membra liquore teguntur.  
 Quam bene disperso nudantur eburnea punto!  
 Cuncta tenent oculos, in eundem Nympha moratur.  
 Interdami propria sensim vestigia ponit,  
 Nec propiora tamen fieri vestigia sentit.  
 Quisque prius sparsis solitaverat aura capillis.  
 Nescia cur singat, vel collo dividat apie.  
 Dividit illa tamen, studioque indulget ibani.  
 Hinc littus petit, ac vultus speculator in unda,  
 Et quoniam ipsa sibi pulcherrima tota videtur,  
 Pulchrior exoptat sieni, fructaque laborat.

Interea juvenis, jani, fessus nase, redibat,  
 Et prope jani fulvas manibus tangebat arenas:  
 Illa fugit, trepidatque, et rupe reconditur ima.  
 Hic latet, et volis contraria vota rependens,  
 Non patris horatus, et nunc reminiscitur Aein,  
 Et subet, et pallit, nec vultibus hæret in isdem.

Haud mora: nudus adest, antrumque Simethius intrat  
 Acis; ut abjectas repeatat sub sequine vestes.

Quid remi occidere, quid à cessatis amici?  
 Nonne retro refugisse ralem, dumque ora tenetis,  
 Avisam in portus sentilis abiit reliatos?  
 Instaurate opus, ac totis incumbite remis:  
 Quo poenas detis, dicitis oībil amplius addam.

## CANTO II.

Pag. 237. versos 15 e 16.

E que? alguns de nós contra o que vive

A questão, se cism ou não se lhe de o homem alimentar de substâncias animais, tem sido muitas vezes, e com opostas sentenças, debatida por filósofos, poetas, naturalistas e médicos. A afirmação e a negação acháram para argumentos já uso e consenso de povos em todos os tempos, já razões intrínsecas tiradas de nossa própria conveniência. No assunto que inquieta larga escritura, e em que a qualquer seria fácil dissentir eruditamente. Voar-lhe-hei pelas sumidades.

Aquella vagga tradição, que em todo a parte permanece, de uma primitiva idade do mundo, inocente e felicissima, entre as couzas de que reza, aponta sempre o não se comer de animal algum, sendo só de frutos, hervas, leite e mel. De outro modo se não podião sustentar; conforme parece pelo encioníssimo Gênesis, os moradores do Éden, não só homens, porem todos os viventes. Quadrava o preceito e tornava o uso pelo menos à humana natureza, que ainda agora, se a bem espreitarmos na infancia, ou antes de alterada por contrários hábitos, se afflige e revolve com o aspéto do sangue e morte. Verdade br, que depois da queda de nossos primeiros pais, neis o Testamento velho neis a noso, tornão a proibir as carnes; mas to-

ques da mesma nativa complixão para com os animais não lhes faltão, dos quais pelo menos se deduz por bom discurso, que se os tivermos de cairer, ainda ali nos devemos haver com a possível mansidão, poupando crueldades escuzadas, como são, e se costuma, atormentar-los na agonia por lhes refinar o sabor, e açar, montear e pescar por passatempo e pelo mero gosto de malfazer. Lê-se nos Proverbios, segundo a versão dos Setentis: *Justitia misericordur animas jumentorum suorum; visceris autem impiorum crudelitas.* — O que justiça faz de se apiedar da condição dos seus brutos; mas as entranhas dos ímpios não se apiedam de nenhuma couza. — No Exodo: *Non coques hædum in lacte matris tuae.* — Não cozias o cebrito no leite de sua mãe. — He dito para ser ruminado, pelo mimoso dô allelo que recende. No Deuteronomio: *Si ambulans per viam, in arbore vel in terra uiduam avis invenieris, et matrem gallinam vel cuius decuper incubantem, non tenetis enim cum filii sed abire patieris, ut bene sis ibi, et longo vixit tempore.* — Se o caso te depayar no caminho, quer em arvore quer no chão, um ninho de ave, e a mãe existir a agasalhar os filhos ou os ovos, não a tomejeas os filhos, senão que em dor bora, deixe-a ir, para que boa estrada te venha, e sirvas largos annos. —

Entre os Santos Padres, que não os depositários e discípulos do espírito christão, alguma couzinha poderá citar que autorizasse es-

te genero de piedade. Sabida he a de que usou S. António, uma vez para com uma lebre, outra para com um passarinho. Tertulliano se maravilha de que entre christãos, os haja que se accommodem a ser carniceiros: *necio an dolentum an erubescendum sit*; — não sei, diz elle, se mais he para se haver lastima, se vergonha. S. João Clericosthomo escrevia, que se não podia ser santo sem uma extremada suavidade de afféios, e muita vehemencia de bem querer, não só nos nossos, mas alhás nos estranhos, em tanta maneira que até aos brutos animaes abranga essa mansidão. (Homil. 29. na Epist. ad Rom.) E dizia bem, que nas vidas de tão poucos santos resplandecem es protótipos. S. Francisco de Assis resguardava os cordeiros que lheho passavam perto, pagava e soltava as sedadas das píxes e os viveiros das aves. Mas não apreendemos mais, por não enjocar filósofos, digo filósofos de nossa terra, dos que nos assalibam filosofia de torna viagem, porque os lá de fora já deixaram muito para traz a sim piedade.

Não he porém necessário ser christão, sendo que basta ser homem, para repartir com os brutos do tesouro da charidade, de que muitos d'elles usão a seu modo; não só para com os homens, mas para comosco. Sendo assihi que é de modo maltratão, são elles de índole muito mais benigna: em Inglaterra, segundo se diz, nem ha cão que ladre, nem besta que escoccinhe: em não sei qualha de recta, achar-

são os primeiros descobridores, em aportando, (segundo encontrei na Escolha de Viagens por John Adams) serem tão cortezas as aves de que toda era chéia, que não fogião dos novos hóspedes, antes os festejavão e se deixavão pôr a mão; semelhantemente vio que da ilha das Gargas aponta João de Barros Dec. I Lib. I Cap. 7, donde “ como não erão traquejadas de gente (us gargas e outras aves), ás mãos tomaraõ (os marinheiros de Nu-nu Tristao) tanta quantidade d'ellas, que ficou por relâscio ao navio. ” Dos leões he corrente entre os naturalistas não perseguirem, mas equivarem-se dos perseguidores, embrenhando-se cada vez mais pelos seus setores adeitra, sendo alias mui leves de domesticar, & fulgando de acompanhar, como rafeiros inquietos, a tróco de qualques esmolada de pão, por largo espaço de leguas. Muitas são em toda a parte, mormente em África, as serpentes, que uamoradas do holm gazalhado, trocam seus muiros pelas peuzadas humanas; e n'ellas se hão como boas coimadres da família. O cavallo do Arabe he o coniubernal e primeiro amigo de seu dono: um boni Arabe na morte do seu cavallo dixeria de se expressar pouco mais ou menos como Middlewy e o suspechi no Elegia. Muitos prezos tem logrado domesticar monhos e ratos, até o ponto de, no meio das asperezas do seu segredo, se poderem esquecer por muitas horas do seu desamparo, crueldades e injustiças humanas. No pateo da residencia parochial de S. Mamello da Castanheira do Vouga,

todos os dias a horas certas vínhamos acudir ao albergue e cera que lá nossas pombas despatizávamos, todos os passarinhos da vizinhança, que já trazíam os filhotes correntes, que nos vinham comer aos pés, por saberem (porque os brutinhos sabem muito mais do que nós outros cuidámos) que n'aquelle casinha da solidão moravão amigos seus, e nunca tiveram ouvido ruído, nem enxergado rede no pequeno arredor do templo e passaes solitárias. (a) Se a tudo isto e o muitos outros exemplos se lheçar conta, alguma verdade se achará na affirmativa poetas, que no discurrir da idade de ouro, no mesmo tempo que se os homens edificarem degenerando em cruéis, se farião as seras tornando bravias e desabidas.

Em todos os tempos, e até por fôra e muito longe d'essa religião cedatidosa, houve quem bem entendesse como os nossos conterrâneos n'este orbe, iconilas nossos em siver, sentir, predecer e acabar, com sangue e coração como nós, com amors, prazeres e filhos como nós, bebendo como nós no imponente vaso do pai, comum o mesmo ar, a mesma luz, as mesmas águas, e comendo caminharão á mesma mesa do universal banquete, podendo quando muito servir-nos de pasto; mas fôra d'ali, qualquer

---

(a) Em podendo ser, publicarei um volume de poesias, que lá encontro escritas à aquela bora antiga da solidão, onde quando viajando e cozinhante, na residência de meu irmão Augusto Frederico.

injúria que se lhes accrescentasse, seria horrifica profanação e violação da natureza. Plutarcho e Quintiliano referem, que os Athenienses castigarião severamente algumas sevicias commettidas contra animaes. O Alcorão espalhou por todos os povos, que largamente sentiram, muita d'esta benignidade: raro Mahometano deixará de matar a fome ao cão de seu inimigo. Na China passa esta beneficencia muito adéante. Quo no-lo diga em seu estijo chão o nosso Fernao Mendes, ou talvez o Jesuita que em seu nome, e por um modo tão rijo de creser, compilou tantas e tão preciosas notícias do Oriente, inui desacreditadas em tempo, ja hoje em parte mui abonados de verdadeiras. Padre ou marialheiro, diz assim: (falla de uma feira que no rio de Balampina, em caminho de Nanquim para Pequim, se faz com mais de duas mil ruas de barcaças, nas quais ha para vender tudo a que no mundo se pode pôr nome.) "Ha também outras embarcações em que os homens trazem grande soma de gayolas com pastarinhos vinos e tangendo com instrumentos musicos dizerem em voz alta à gente que os ouse, que libertem aquelles cativos que são criaturas de Deus, a que muita gente acode a lhes dar esmola com que resgate daquelles cativos os que cada um quer e os lança logo a avoar, e toda a gente dando húa grande grita lhe diz, pichan pitanei culão vocazi, que quer dizer, dize lá a Deus como cá o servimos. Ha outros homens que noutras embarcações trazem grandes panellas cheyas de agos,

em que trazem muitos peixinhos vivos que não nos rios nãas redes de malha muito miudos , também pela mesma maneira vem brandando que libertem aquelles cativos por serviço de Deos que são innocentes que nunca pecaram , e que também a gente dando sua esmola comprão daquelles peixinhos os que querem e os tornam logo a lançar no rio , dizendo noyle embora , e lá diz de nijin este bem que te fiz por serviço de Deos . E estas embarcações em que estas coisas se fazem a vender não se há de contar por menos somente de cento e duzentas para cima .

Na India são n'esta virtude extremosissimos . Alguns viajantes tanto encarecerem a conta , que chegão a afirmar haverem por lá , ainda no seculo passado , hospitales para as mais desquietosas servandijas , como piolhos , pulgas e pioverejos .

Pôsto que tudo quanto até aqui tralho trazido , possa parecer um desvio do principal proposito , não o he , por quanto d'estes infelizes cordiosos asséios he que se tem em p'litie derivado a abstinencia de carnes , observada por muitas pessoas , comumuidades , seitas e povos : em parte digo , porque em outros diversos fundamentos tem também estribado , como veremos .

E pois que a ultima que tocámos foi a India , a elle tornemos , levando por exploradur e lingua , não algum estrangeiro ; de que

outros se contentão mais , mas um patrício nosso , dos varios que para tal officio se podem tornar : he Duarte Barbosa , e diz :

" Ha neste regno (de Guzarat) outra sorte de Gentios , que chamaom Bramanes , estes nom comem carne , nem pescado , nem nechua coua que mora , nem maluom , nem nienos querem ver matar , por aly lho defender sua idolatria ; e guardacio isto eui tamanho estremo que ha couia espartosa , porque myntas uezes acontece leuarem-lhe hos Moutos hiellos , e passarinhos uiuos , e faserem que los querem matar perante eles , e estes Bramanes lhos compram e resgataom , dando-lhe por eles mynto mais do que ualem , por lhe saluarem has uidas , e soltalo. Se tambem El Rey , ou lo gouernador da terra , tem alguau homem , por culpas que cometese , julgado na morte ; ajuntuouse eles , e compramno ha justica , se lho quer uender , para que nom mora ; e tambem alguns uiouros pedintes , quando querem auer esmolada des-tes , tomaom muy grandes pedras , e daõm com elas egisima dos ombros e barigas , coiso que se quiserem matar perante eles , e porque ho nom saçnom , lhes daõm myntas esmoladas , e que se unom em pas; outros trazem sequas , e daõm-se cõelas cutiladas pelos braços e pernas , e para se nom matarem lhes daõm myntas esmoladas ; outros lhe uem has portas ha querer lho degolar ratos e cobras , ha hos quais eles daõm mynto dinheiro por ho nom fizerem , e desta maneira saõm dos Moutos mynto apreciados ."

ados; estes Bramanes se acham no camphô algau golpe das formigas, acredam-se buscando por hondr passar sem has picaretas. E em suas casas de dia queam; de dia nem de noyle acendem cand-e, per caso de alvns mosquitos hños trem, meter ao fume da candeas; e se lodaçia tem grande necessidade de acenderem de noytes tem hñia alentem de papel ou de pano agorriado, pera cosa nechua viva poder ir morrer dentro no fogo; se estes etiam muyos piolhos, uom los mataom, e quando los muyto aqueixaom mandam chamar los homens que entre eles vivem, que tambe om suom gentios, e eles los laom por de santa vida, e sao q como imylas, obediendo em muyta abstinença por reverencia dos seus Deoses; estes los calugio, e quantos piolhos lhe liraom pecinus en suas cabeças, e los criaom com suas carnes, em que direm fazerem muy grande seruigo ha seu Idolo, e asy guardam hñus e outros com muyta lempreança ha ley de nom matarem; estes Gentios sao mui delicados e lempreados em seu comer; sens manjates soom leites, manteiga, açuquear, e aros, e muytas conservas de diuersas maneiras; seruem-se muyto de coysas de fruyta e ortalica, e deruas de campo pera seus manjares; honde quer que uiuem tem muylos ortas e pomares. ,,

Na Historia de Alyiore, lê-se que em Bengala, quando a violencia da fame a devastou em 1774, consumindo-lhe obra de tres milhões d'almat, fôrão em muito grande numero os

Índios que antes quizerão deixar-se morrer à  
minguar, do que acabar comigo comer carne de  
animais.

Frequente e antigo he na Índia este antojo, e tão notorio, que não ha por que alogar o discurso com mais exemplos. Bem podia proceder isso em parte da vegetavel abundancia e es-  
pantosa cultura d'aquelleas terras, e de alguma  
especial compleição do clima, ou natureza ou  
costumes dos moradores, ou algumas outras  
circunstancias, segundo as quaes os corpos se  
dessem melhor com os pastos leves e frugais:  
vivia depois a religião consagratar por dogmas  
seus os conselhos da higiene, como com vinho,  
toucinho e abluções acontecendo em muito ori-  
ente n' conta da lepra: para melhor incutir o  
preceito cerca-luchia de fabulas amigas da  
imagination do vulgo, como a encarnação dos  
Deozes em corpos de brancos, e a transmigrac-  
ção das almas humanas por diferentes sortes  
de viventes até parar no racen: matarias estas  
de que as historias e perigrinações fuisse larga  
menção. Dos Iudios poderão tomar por mão  
a trença os Egipcios, os quacs, tendo mo-  
endores de solo não menos liberal, devendo  
tambem perdoar grandemente nos animais, em  
quem reverenciaão suas Divindades, ou san-  
tuarios ambulantes que d'ellas forão: e con-  
firme-me na suspeita a conveniencia, que ja  
de algum tempo deve ter sido notada, do bat  
Apis do Egito com a vacca ainda hoje sagri-  
da dos Iudios. Do Egito provavelmente trou-

de Pitágoras para a Itália, em tempos de Numí o Sétio Tullio, e sua morte coincide com a defensão do uso das carnes. Não pegou a invenção, se não foi em alguns escravos fanaticos de tamanho mestre; e nem filósofos pelo tempo adiante a sustentaram, nem poetas se valeão d'ella, afóra Ovídio nas metamorfoses, e só como narrador; e mais não deixava de ser secunda e bem assombrada crença para poesias. Não pegou, porque não vinha própria à índole do solo ou ao temporeamento dos Itálos, ou, o que he mais certo, porque encontrava os antiquissimos usos de umas gentes, que primeiro tinhão sido pastoras e depois guerreiras.

Na Ilha da Palma, acabão os nossos, quando descobrião, conquistavão e amansavão aquelle arquipélago, (senhorio traspassado depois em Castella, mas padrão glorioso do nosso Infante D. Henrique) serem mantimento dos moradores hervos, leite e mel. — Com este particular exemplo me acóde a memória, mas alguns outros e-melhantes de outras ilhas me parece ter achado pelas historias, de quem não ficou nem sia a lembrança preciza.

Com a propagação da fé christã renunciou religiosa a abstinência na Europa, por motivo não de brandura, mas de mortificação. Apresentão Ordens numerosas de religiosos, praticando só de homens, logo também de mulheres, que renunciando todos os carnais deleites

para melhor apurarem os do espirito, toman-  
do o exemplo dos primitivos eremitas que se  
abastavão com as herbas, raizes, frutas silves-  
tres, e aguas dos montes, não só coctarão per-  
tas demônias na quantidade do sustento, não  
só o estreitão com regia de jejuns, mas em  
varios de seus institutos o expurgarão de todo  
animal terrestre ou volatil, não consentindo,  
quando muito, senão em algum marisco seco  
e fraco, para regalo das festas. E he para notar  
como ainda os mais rígidos observantes logra-  
vão sande inteira e robusta, e chegavão ao ul-  
timo dia da velhice: mens tunc in corpore sano.

Annos ha que me recordo de ter achado em  
uma Gazela de Lisboa, estor-se creando em  
Manchester uma seita, que por filosofia desen-  
dia tomas qualquer sustento animal. Era no-  
ticia de Gazeta, não afirmarei que tivesse pé,  
e se a tere, não sei em que parou.

In que estamos com Ingleses, fallemos de  
Franklin. Este homem, a quem a probidade e  
o juizo fizerão filosofo e liberal, enão a devas-  
sidão e o estouamento, tendo lido, di-lo el-  
le, o libro em que Tryon recomienda a di-  
eta vegetal, determinou-se em a observar. Vo-  
lo por obra, e limitando-se em arroz e ha-  
tatas, e às vezes ainda em menos, como pse-  
gas, bolacha ou pão, com uma gota de agua,  
não só futton da seu salario (era ainda então  
compositor de imprensa) com que poder con-  
quistar litros, mas do seu tempo excessoentou

para estudos o que as refeições e digestões lhe poderão consumir; faz progressos proporcionados à clareza de idéas e fortaleza da percepção, que são o fruto da temperança no comer e beber. Seguiu constante por algum tempo, não pouco, ali que chega á ilha de Block, assiste a uma pesca, revolveu-se-lhe nas entranhas as maximas do sén Tryon, dà por gênero de assassinio aquele maior vivente, que nem tinham feito nem eram capazes de fazer o mínimo mal. Poem-se os mortos no lume, crende o guizado; o filósofo nesse tempo gostava apazinhadamente de peixe; entra pelo nariz a tentação, estremece a filosofia, e em boa hora lhe acode com uma bullia de composição, lembrando-lhe, como ao alvar e limpares d'aqueles peixes, lhes vira dentro do luxo outros peixinhos mais pequenos. "Pois que he isto," diz elle entre si, "se vós uns, e outros vos comeis, porque não hei de eu também comer-vos a vós?" D'essa hora e com esta palavra se lhe quebrou o fadário; o que não hem prova, acrescenta o bom humor, seimos nos maiores racionais; sabendo, como sabemos, nela pretextos plausíveis para quanto nos pôde dar gosto.

Outro autor muito famoso de nossos dias, Ruyjui, era igualmente sobrio. A Senhora Marquesa d'Alorna, que muitas vezes o teve a jantar, me contou, que nunca o viu comer mais que algumas poucas hertas e fruta, nem beber senão água. Era, observava ella, como um coqueta das Ninfas, custando a crer como

com aquellas refeições de idillio se poderem sustentar tantos nervos d'alma e do pensamento.

Se depois de autores de livros se pôde citar quem não sabia ler, em Grada, lugarejo da Bairrada, vivia um moço que eu conheci, o qual nunca provou vacca. Perguntado a causa, não era religião; nem filosofia; nem ceticismo natural, mas efeito de um vehementíssimo e ansiado amor que tinha aos bois, com quem se creara, com quem vivia, intrava; e dormia parades incias. Rustico era, e sem o cuidar discutia e fallava colho o Sabio de Cheronea; quando dizia, que por tanto quanto o mandotinha, não venderia nunca o boi quem seu serviço envelhecerá.

Afóra os monges, filosofos e amigos dos bois, ha ainda uma grande quantia de homens, puro comedores de vegetaes em quasi todo o anno : sao os moradores das serras e aldeias pobres, a quem a estrechez de sua fortuna mal da licença para chegarão á carne por entendo e paschoa, e poucas mais vezes e só escassimamente, no peçando, visita inqui rara em terras mesquinhais do sertão. De choupanas hei eu, e quisí de inteiros lugares, pelas abas da Serra do Caramulo, onde oito annos vivi, que de pouco mais se sustentão que do pão de centeio e milho, batatas e alguns legumes ; e estes resperissimos banquetes, em que só pelo de maus fallece o agro vinho verde de serra

montes, trazem-os contudo tãois sijos e slos no trabalho, do que ns grandes ucharias aos uiimosoas das cidades.

Acabarei estes exemplos com o que melhor conheço, que he o meu. Quando eu copipei estes versos da *Pesta de Maio*, era como ja no Ante-Prólogo disse, todo Geissnétero: trazia a alma toda a nadar no coração empupado com os mais brandos afféitos do mundo, como cosa a boiar em vaso de leite: amava-as plausas e traiava-com elhas como com entes sensitivos; todos os entes sensitivos amava-os como amigos e companheiros: tinha fantasia pronta, que muito ajuda em todo o genero de bem querer; esta me revelava de contínuo e me aliviava de suas fabulas e cõdes a particular vida e chelvimo mundo de cada inseto; e porque esse seu mundo e vida dizia tanto com o meu, e o comunum de seus substâncias interessas com o comunum das substâncias interessas dos homens, acontecia que imaginando-me ora guilo, ora passaro, ora borholéta, tinha aprendido uma perfeita, e se dizê-la posso, egoista charidade para com todos elles. Ovi debater a questão do uso das carnes: as razões affirmativas pedião ter mais força, mas as negativas diziam com o meu gosto; he meia persuasão; carnáme tão bem, que logo medei, se não por convencido, por persuadido: e como persuadido e convencido escrevi-os versos, que por isso nos indiferentes e de contraria sentença, devem parecer, coisa em verdade só, sobrejor, exagerados e declamatorios.

Era o escrito fruto de minha opinião; mas esta, como acontece, se robustou por elle, e até tal ponto se confirmou, que do que até ali não paisáro de poetica theoria, institui fazer prática minha em toda a vida, renunciando qualquer genero de alimento animal. Por duas vias se fazia de mal o tenta-lo, ja porque em couza tão excluado do geral não deixarião de cair estranhezas e zombaties, ja porque tanta sobriedade entre quem a não usava, era genêro de martirio continuamente renovado. Mas contra estes dois contrastes prevaleciam outros dois argumentos: primeiro, minha consciencia, que repugnava banquetes de sangue: segundo, o prenuptio em que estava, de que as faculdades da alma se havião de adelgaçar e crescer onde o corpo fosse favorecido da paciencia. Mettendo Pitagorico aos vinte e tres d'Agosto do anno de 1892, tendo sido gastos os mezes, que desde a saída da porta decorrido n'esse, em acabar de me resolver e aparelhar para tão grande fagulha; e permaneci na observancia do voto até vinte e tres d'Agosto do seguinte anno. Achei o noviciado, e em lugaz do professar, despedi-me. Tive malhas razões; e ainda que pouco se me havia de dizer agora do que se podesse dizer á excesso de um individuo, que n'esse tempo tinha o bicho que eu hoje tenho, e da qual, segundo as theorias dos medieus, não conservo hoje nenhuma sô particular, sendo en un, vivo e junto; elle entro, morto e disperso por todo esse mundo: todavia, porque ainda lemos communar um leye, sólaz,

que lie o nome, quero lançar pontualmente na balança do juizo dos meus leitores os scus porques; e bons ou maos, ferão estes. — Primeiro: que a abstinencia de uma só pessoa não poupara quinse unica existencia de animal. Segundo: que era presunção ridicula o desquitarse um seculo, por alguns argumentos, de uma opiniao e uso quasi universal, sendo assim que todos os homens, guerreando-se entre si por crengas religiosas, persistencias filosoficas, por principios de politica e sciencias, por modas e gestos, todos se conformavao no comer das carnes. Terceiro: que realmente era obstinacao o desconhecer como a natureza nos não aparelhou só para comer e digerir vegetaes. Quarto: estes-nós ella dando nos próprios animaes, que uns de outros se sustentao, uma prova de ser menos escrupulosa do que Pitagoras e a poesia. Quinto: que elle propria os multiplica á proporção do que uns a outros devem tragar. Sexto: que se ella faz com que cada passada, cada pedra que moveinos, cada gola de agua que engolimos, cada fruto ou folha que aproveitamos, cada sopro que inspiramos ou expiramos, cada movimento emfim que fazenmos, ainda dos mais indispensaveis para a vida, a destaca a milhões e milhões de entes conhecidos, e a numero talvez ainda maior de desconhecidos, não ha porque mostreia a grande peccado, o aumentar-mos por nosso bem a lista com mais algumas unidades. Setimo: que o adelgacamento e crescimento de minhas faculdades intellelugas que eu esperara

d'aquelle mais leve nutrição, não só se não tinha verificado, mas antes o contrário sucedera, ponto que de diversas causas podesse pendur o successo: e por muito tempo me ficou o costume de, quando via versos fracos e desengraçados, dizer: Devião estes de ser compostos por quem não come nemão hervas. Outavo, ultimo, e não love motivo: que ainda que poueo dado ás delícias da gula, o cheiro e presença de melhores iguarias do que as minhas, de dia em dia me tentava mais, e quando sucedia achá-mo entre gente alegre e em mesa de festa, as ondas de tentação, que eu forcejava dissimular o melhor que podia, cresciam e redobravam com os motejos dos circunstantes, que bem poderíam ter sal, mas não quer adubasse as minhas insôssas herbas.

De todos os varios antecedentes deduzo, que sem embargo das objeções, autoridades e exemplos, o uso das carnes se ha de ter por lícito, por ditirambico o que lá fica no texto: mas que fora do caso de necessidade ou clara utilidade, e além do ponto em que essa necessidade ou utilidade pararem, toda a servicia contra viventes he immoral, injusta, insensata, e digna de muito grande castigo.

E tanto isto assim he, que, porque todo o carniceiro de officio contrarie um almoço e nos modos alguma couza de cruento e de tigre, em muitas partes se tem por infame. Em Portugal, nenhum mechanico honrado e de conta ac-

ceitaria um tal para sogro ou genro, ainda com grosso cabedal de renda ; nem de boca plebea pode arir nenhia afrontosa injúria que o nome de magarese. Em Inglaterra não os admitem jurados em causa crime. Na principal ilha das Canárias encontrarão seus descobridores, que os nativos, com viveream a lei de sua rudeza selvagem, " havião por couta mui torpe esfolar alguém gado, e n'este mister de magareses lhes servião os calivos que tomavão ; e quando lhe estes faleciano, huseavão homens dos mais baixos do povo para este officio, os quaes vivião apartados da outra gente e não os comunicavarão em aquelle mister " (Barro. Dec. I. L. 1. C. 12.) — Bem hajão os ingleses, que formão sociedades para proteger animaes, e abençoado seja o ingles Deputado Martin, que para lhes fazer bem, se arrosta com os escajneos dos príquentos. Bem hajão os allemandes, que em seus empregos não perdendo multa municipal aos que, no levar rezes pelos caminhos, na travessão dentro de si na albardadura, ou tão hidamente ns. apinhão dentro em carros. E bem hajn a nossa Camara, quando conseguir desterrar o esquendalo do afrontoso trato que nossos carreiros dão a seus bois, como ja desterrou n altroz e immorai matança dos porcos perante os olhos do povo.

Quero rematar com uma reflexão, que ja acima podéra ter cabido, mas que por desejar da-la por conselho, pd-la onde melhor se recomendassem, muito de industria deixei para

o fechó. Vai o dito a pais e educadores, a quem toca. Nada importa mais, do que assaz cedo os meninos a uma grande suavidade de costumes : assim foi criado o bom Montaigne. Se os eu tivesse, parecer-me que tambem assim os criaria; e bem bons frutos lhes havia de colher na minha velhice. Primeiro que tudo, parecer-me que me conformaria com Rousseau em os não alimentar desde o leite senão com vegetaes, por entender como elle, serem estes mais accommodados a suas naturezas, e mais proprios para fisicamente os survizar e humanaçar. Mas não quero agora averiguar isto que pertence a medicos; outro he o meu alvo. Não consentira ja nais que presenceasse em espetaculos de atrocidades ou injustiça; e quando a minha má estrela lhos presentasse, procuraria alea-los com boas razões, mais de assertos e lagrimas que de raciocinios. As urbanas corridas de touros e as aldeanas festas de alanceamento de pombos, frangos e patos, como couzas aniquissimas e nacional feição, ao respeito; mas não levára la os meus leninhos, que são mui branda cera para qualquer bom ou má cunho. Se de alguém lhei fosse insinuada a correntissima abusão de nossos provincianos, de que em casa que devasta ou maltrata os ninhos do seu beirado, tudo vai para traz e de força se ha de aguardar por enterramento, calára-me, porque achò razão a Fontenelle em dizer, que se na mão tivesse fechadas todas as verdades do mundo, Deos o desendesse de a abrir.

*Magnanima menzogna, or quando e il vero  
Si bello, che si passa a te preporre?*

Dar-lhes-hia, da Historia natural poetizada, tanta luz, quanta bastasse para levarem grande interesse nos fados de cada individuozinho que respira: um raio de tal luz pôde bastar para pôr-sim a muita dureza que protinha de cegueira. Conheci e tratei com um parocho de fôra da terra, que desgostoso de que viva sua freguesia, rapariga nova, não podesse reparo em maltratar animaes, a chamon brandamente, explicou-lhe como tudo que era nascido devia ter algum entendimento, capacidade para dores e prazeres, parentes, amigos e affeções. Com isto só a fez outra, e tão outra desde essa hora, que onde depois se lhe fazia de mister dar morte a uma pomba ou gallinha, ainda que em seu pateo não fossem criadas, ja o coração se lhe confrangia, tremião-lhe os pulsos, e chegada à execução, não corria mais sangue da ferida, que mal acertava, do que lagrimas de seus olhos. — De mim mesmo me parece agora, que se escrevi os versos a que me refiro, e em commenta-los me alargo tanto, e uma e outra couza de tão boa mente, de tudo deve ter sido raiz a criação, em tudo excelente e n'esta parte bem empregada, que meu pai se emerou em dar a todos seus filhos.

Outra couza fizera eu principalmente; era commetter-lhes o traço e tutela de alguns animaes caseiros, a quem podessem chamar seus.

Neste exercicio aprenderião a ser observadores, vigilantes, servidores, tomarião com o gosto da propriedade o amor do trabalho, havendo-se ja por algum modo como pais de famílias; costumbar-se-hão a acudir, prevenir o rincar; tomarião para toda a vida o gosto de amparar fracos e desvalidos, e de não ver um qualquer indivíduo, sem logo compor na imaginação a historia completa do seu viver, do seu padecer, do seu precizar.

Da efficacia de tal methodo, e tão simples, e tão formoso, tenho eu uma muito amavel prova de minhas portas a dentro. Uma mulher, toda boa, toda eximiosa, tomou unicamente a peito o vingar-me da natureza; cerca-me do contínuo, contô um anjo, de amor e de luz; empresta-mu olhos para eu ver o mundo e as obras dos seculos; tira dcante dos meus possos todos os espíritos no caminho da vida; inventa-me um encantamento novo para cada minuto; diz-me e faz-me entender como a verdadeira felicidade se não compõem de grandes pedaços, mas sim de atómozinhos que de longe se não podem perceber; repele-me e persunde-me que nasci para as Almas e para o amor, e não para a política, nem para os odios, serve-me, vela-me e defende-me como a filha, ama-me como a esposa, zela o meu nome como o de irmão; lançou a sua vida na minha vida, o seu pensamento no meu pensamento; existe pelo meu amor, morreria se lhe faltasse. Quem lhe ensinou tão generosa, tão nova benevolencia?

quem lhe deo tantos segredos de fazer felizes as suas avós e primas, a sua amiga, e alguns livros, unica sociedade da cella, onde desde tenu annos verdes a Providencia lhe estava guardando e aperfeiçoando (\*).

*Pog. 248. verso 18 e seguintes*

O mesmo coração, desejos, gastos,  
Que tem nossas mortaes no peito occultos,  
Tem as Ninfas tambem &c.

Por estes versos começa uma torrente caudal de couzas rãs e doidas áceras das mulheres;

(\*) Tudo isto, que eu julgara para sempre nulo, passou! Aprouve a Deos mostrar-me só de relance a felicidade! Pouco mais de dois annos à illustre e digna sobrinha da Nicolau Tolentino de Almeida, a Senhora D. Maria Isabel de Paixão, Coimbra Portugal, se sacrificou toda a felicitar-nos: o Pai de todo o amor e de toda a violéncia a abanhou logo para o seu reio: era aquella um Anjo que faltava no céu. Fala Nossa no poema, vê como se achava feita quando ella já me não escreveria, sendo a espalhada, mas alguma se comprazia de me ouvir díctar. Quando o seu fim era já inevitável, todos o sabido se talvez ella mesma, e eu copiava ainda com largos traços de fortuna. O mesmo advirto quanto às mais Notas e acrescentamentos d'este Livro, que tudo estará pronto (incluindo só algumas poucas notas que não fiz nem já farei) antes do fatal dia um de Fevereiro passado: dois se inscrição estranhamente no Post Scriptum do Prologo. Se outrem odo tivesse enverrado essa data, e me não advertisse da imortalidade em que oral intromido estou, ainda agora a podera eu ignorar: esse dia, os dias e os seguintes não tiverão para mim nenhuma râa ou de lux, nem de sono, nem de alguma outra das couzas que estrecham os dias. — 1º de Maio de 1837.

e relações dos dois sexos, que ora mais, ora menos luta, se vai alongando até pag. 254. Apezar de se devolver por leito de quasi proza, e por entre margens para meu gosto mal assombradas, bona seria que por elles nos poderíamos ir detendo a pescar, e a examinar algumas das coisas mais graúdas que vão na chéa: serião questões agradáveis de ociosa filosofia, mas prometi no prologo despreza-las; perdoar-lhes-hemos, deixá-las ir seu caminho. Passei a seu salvo as regras de namorar á antiga; a arte não de amar mas de enredar e colher, como o são quantas com título de axiar se tem escrito; a poligamia, menos de Mahometano do que de Tupinamba; o divócio e ulteriores nupcias dos divorciados e divorciandas; a botecuda nudez dos sexos &c. La se avenha como poderem todas essas puerilidades com seus inimigos, que se de minha Musa nascerão, muito há que eu e ella as desherdámos. O meu ponto agora lie assentar boas pazes para sempre com as damas. Todas minhas Obras, não só esta, *Cartas de Echo*, *Amor e Melancolia*, *Noite do Castello*, *Criunes do Bardo*, me devem ter perante ellas representado cavalleiro descosteado de desleal poesia. Tempo lie de mudar de corea, abjurat o erro, e para merecer o perdão, que ellas de pure boas concedem antes de pedido, romper lângas em favor de sun fama, não só contra inimigos, se os podem ter, mas contra num proprio, pelas ter aggravado. Ile via Nota estreita atena para tão singular duello: mas enhora, que para outro dia e campo desafiado fica o eu man-

cebo desatinado e alvivo d'outro tempo por mim grave, reflexivo e respeitoso; o eu ver-sejador por mim pensador; o eu academicº e solteiro por mim casado e recolhido; emfin por mim conhecedor do terreno do combate o eu ignotante d'elle, a cuja face ja n'esta hora a remesso a luva, e lhe digo "Meniste, e mercé de Deos e de minha Dama, provar-te-hel., Mas pois que he forgado ficar para outro dia a pendencia, aqui não farei mais do que um pouco ensaiar-me para ella, campeando soltamente e esgremindo nos ares.

Nenhuma couza tem sido mais experimentada ao mundo e mais vezes definida que o amor, nem huma ha tão mal e imperfectamente comprehendida como o amor. Filho do amor dos homens, unico de que os homens podem falar; o das mulheres ha ainda mais incomprehensivel, e certamente muito mais espartoso, quando verdadeito. O que pretende dar regras de amor, como alguns outros fizendo antes de mim, e como eu proprio supponho que pretendi, assemelha-se ao astronomico, que tendo endoidecido a forga de ter velado as noites a observar os astros, presumi-se, riscando orbitas com o lapis, constrangê-los a segui-las: as esferas e os astétoes caem do nada nos abraços de Deos, resplandecem com a sua luz propria e misteriosa, vão-se ora afastando ora aproximando de seus centros pelo caminho que sua natureza lhes ordena, eclipsão-se na hora prescrita, desapparecerão quando Deos fôr serrido; sem que em tudo isso haja que-

ser, escolha, presciencia, ou conhecimento de nossa parte. Amamos uma mulher, e certa mulher, porque temos de a amar; porque ha necessidade sua e nossa que a amemos; amamo-la pelo modo quo a natureza quer e não outro, não ha uma ação mas uma paixão: se a premio o premio ha gratuito, se o pague ha injusto o castigo, porque não recâem sobre voz effeito de eleição. Ama-se uma mulher, repito, sem o procurar, sem o cuidar, sem arbitrio, a despeito da razão, da vontade e dos votos, como á rosa, como á lua, como á harmonia, como aos sabores dos frutos deliciosos. Para elles se vai como os rios dos montes para os vales, como a chama para o céo, como a pedra do ar para a terra, como o incenso para os peitos da alma, como o coração para o prazer. N'estas occasiões tudo em nos ha extraordinário, e se o posso dizer, sobre-natural: sentimo-nos forças que não possuímos para querer, seguir, abraçar e terer: o pensamento se torna infinito, porque o objéto que procuramos, como uma metade nossa que nos foge, nos apparece infinito. Por dentro d'aqueellas graças físicas, de que os sentidos se namoram, imagina-se um mundo estranho e ilimitado de perfeições, de que se namora a alma: ali se deseja tudo, quanto ha capaz de embellezar a vida; o desejo ha logo esperança, a esperança certeza, a certeza delírio, e novamente desejos; e quem porá limites a desejos, a delírios, a esperanças? O abrangimento do infinito da Divindade em um corpo humano não ha misterio que o pior não saiba muito bem entender. He

aqui o lugar de confessar que a este sobre-humano conceito, que da mulher amada se faz, mil vezes corresponde plenissima realidade.

Por mais que a natureza se aprimore em modelar, tornear, cortar, amparar, bruir, bafejar e endear o físico da mulher, as suas graças, o seu mérito, o seu ser de mulher não são esses dotes, sujeitos ao tempo e dependentes de um ar, assim como nas flores não são mel as pétalas rístosas e coraadas, o cheiro suave e atrativo, que o sol e o vento attenuam e desbaratam. Diz-se que as feiticeiras têm o seu encantamento em um novelo; o novelo do feitiço das mulheres está no seu coração e no seu espírito, que n'ellas he também coração. O coração da mulher não mora desengadadamente reclinado no peito como o nosso, por toda sua alma esvoaça perdido de amor, gozando de amor, como uma ave mui e feliz por todos os ramos de um bosque de primavera: sente-se lhe o frêmito das azas, ouve-e-lhe a harmonia em tudo quanto diz, em tudo quanto cala, no que faz como no que deixa de fazer, no que pensa, recorda ou espera, nas lágrimas e no riso, no ensaio e no contentamento, na vigília e no sono. O coração lhe está á porta interior de cada sentido recebendo as impressões; para elle e por elle vêm, para elle e por elle ouem, para elle e por elle presenciam a natureza, comunicação com ella e comunicao. Um sopro divino formou a alma do homem, a da mulher de um beijo delicioso deve ser formada.

Este affeto, esta dogura, esta, quero eu dizer-lo, feminidade da mulher são de tão alta natureza, tão estremes de liga, tão independentes do homem mesmo para que a providencia a destinou, que me parece ainda despojada de sentidos, poderia amar vehementemente como os espíritos angelicos. Que será quando os sentidos confluem, para atear com sua materia inflamavel este fogo celeste? ; quando a Vestal, afiontando todo o futuro, deixa apagar no altar da Deusa de sua infancia a luz virginal que velou por tantos dias e noites? ; quando na turbagaõ insólita d'estas trevas desconhecidas, se entregou toda e com todo seu futuro ao ente que a implorou como Disindade, e que ella sube e sente em si tornara feliz por cima de todas as felicidades? ; quando numa vez enceuou prazeres, cujo maior encanto para ella he dia-los recebendo-os, e não os receber sem no mesmõ tempo consumir mais de um doloroso sacrificio? Oh então he o amor do amor! o affeto, que ja em profundeza não podia crescer, cresce em superficie, e trasborda todo e para toda a parte, como um perfume abundante; então he que sem voz pronunciou o sempre; que sentiu apertar-se-lhe nas entranhas a indissolubilidade do consorcio, porque o amor de fantasia se fez realidade, de desejo destino, de suspiro veulo gloria; a tudo tem ja direito porque ja deo tudo, não pode desejar ser de outrem porque a outrem não teria tanto que dar. E he esta a grande diferença da mulher ao homem, e do amor ao amor: o della tem

um abono e cor de eternidade, o nosso um elemento e uma cor de tempo. Podera ser emblema do nosso, uma nao alterosa e possante, surta em uma bahia atraivel, mercadejando e folgando com a terra, empavezando ufania de flauomulas e galhardetes, aferrada ao fundo do mar com uma unha de ferro, mas podendo de uma hora para outra arranca-la ou picar a amarra, desfraldar as velas que sempre estao prestes, e rogar atravez de todas as ondas, por cima de todos os abismos, a mercadejar e folgar no extremo opposto do mundo: enquanto a semivil astica, como barquinha contente e desambiciosa, seita para os ocios de sua enseada, coroada a popa ora de flores abertas ora de esperançaos verdes, sem deitar nebulosa nubora, nao foge nunca d'entre aquellas margens conhecidas; por entre ellas vai e veio avoejando de continuo, levando e trazendo sempre comodos e alegrias, sem curar que de sua barra em fôra boja outros mares, n'esses mares outras bahias; delicia-se na sua, onde tudo a festeja e saûda par seu nome, onde se entende com todos os ventos, todos os refugios conhece para o dia da tempestade. O amor do homem, com os sentidos satisfeitos aquila vez se satisfaç e adormece; como o frizão dos Jogo; Olímpicos, que chegando apoz violenta carreira atocar na meta, surdo ate ás votes da gloria que o esporou, se esticava para repousar ou para morrer. O amor da mulher, satisfeitos os sentidos, se testa, resurge mais puro e extremoso, mais vivaz e

prometedor; semelhante ás plantas, quando desfalecidas nos afrontamentos do verão se dessedentão com a chuva de uma nuvem que passou, e vigorosas reserdecem para embalsimar os ares de seu valle. Uma de muitas razões que para esta diferença podem concorrer, he que n'essa hora adquirio a mulher direitos, o homem contraria obrigações; as obrigações perdem, os direitos agradão, as obrigações limitão e apoueão, os direitos accrescentão e engrandecem. Tocarão-se os papeis na secua, o seguidor esquia-se, a perseguida segue. O amor do homem he só amor, o amor da mulher he amor e amizade: elle, porque pertence ao mundo, à gloria e a tantas outras paixões, só tem meio coração, meia vontade, meio tempo para dar á sua companheira; esta, separada do mundo pelo mesmo mundo e pela natureza, por isso mesmo mais raramente necessivel a outras paixões, dá ao seu amigo todo o coração, toda a vontade e toda a vida; dar-lhe-hia se podesse mais vida, e mais coração; mas não mais vontade: com elle, por elle, é para elle existe; na propria ausencia o tem presente; e quando cessa de abraçá-lo, he para se gozar de o ter abraçado, e cuidar como logo o abraçará de novo, e volverá a ser d'elle amada, fazendo-o feliz.

Tal he o theor da natureza: tem exégeses e numerosas. Corações ha de homens, que sem ser esterminados, não desdirão n'um peito feminino; e corações de mulheres, que talvez-

bem nascidos e bem fadados, mas torcidos depois pela educação, quebrados pela sociedade, corruptos pelos exemplos, meteem as satiras, denunciadamente geraes, com que os autores de sua degeneração todos os dias lhe põem ferrete; mas essas, mais infelizes do que culpadas, os desgraçados que as pintam e condenciam, eu pinto a mulher amante, a mulher perfeita, a mulher mulher, a mulher como a concebi, como a conheço, como a adoro. Foi esta a que Deus fez e temperou de poesia e harmonia lá na origem do mundo, quando viu que não era bom que o homem vivesse só. Esta he a que depois de nos dar a vida, no-la suaviza e apurá; no-la multiplica em entes novos; no-la adega nos momentos detrâdeiros; nos ama ainda, quando ja não sonhos; dá sens beijos amorosos a uma pedra, porque do nosso nome lhe conserva uma leira; e consummando o seu destino de amar, felicitar, sacrificiar-se, ajoelhada na terra, nos visita no mundo das sombras, estreitando o seu conmecto com os ecos que a esperam, para nós só os invoca, e depois de nos-lhos ter dado em amostra no tempo á fôrça de amor, á força de amor nos grangêa na eternidade.

Custa a crer como um ente, que he metade da nossa especie, que das duas he a mais amavel metade, a mais carinhosa, em tantas coisas tanto igual para nos atrair, mas com tantas diferenças de nós para se nos unir ainda mais, que se tem desfeitos de nós os re-

cebe, e nos da em troca, sem o envidar, tantas das virtudes que possuímos, custo, digo, a crer como um talento, a quem sua própria fragilidade devia tornar inviolável, pode ver-se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos séculos, alvo e emprego das críticas mais desabridas, e mais grosseiras calúnias. Divindade extraordinaria, a quem seus próprios ministros e sacrificadores insultam adorando-a, e que de cima de seu altar, frágil mas eterno, inalterável em sua mansidão, derrama sobre bons e maus a felicidade! Que a filosofia as injuriasse não espantará. La Bruyère foi cruel para com elas, Larochefoucault furioso, nenhum d'elles justo, nem sequer francos: a filosofia não anda sem os filhos, e todos sabem como os dão a esse triste ofício, são pelo demais almas secas e incapazes de avaliar bondades, entendimentos sem olhos de imaginação, únicos próprios para julgar da verdadeira beleza; homens enfim eremiticos, rusticos e ignorantes no meio da sociedade; e puma remate de suspeição, já alongados pelo iaverno da vida: da-se a filosofia o que as mulhetes já não querem.

A poesia não tem sido menos descomediada: a poesia, que d'ellas é para elas nascida, cujas Divindades foram com razão pelos antigos fabuladas em forma feminil, como as Gráças; como os Genios de tudo quanto ha amável na natureza, a poesia, a seu não grado, lhes tem sido rebelde todas quantas ve-

zes os poetas, por de sobrejo amantes e zelosos; precezão desubafar desgraças verdadeiras ou fantásticas: a lira acostumada a lhes entoar se-  
raticamente não louvores senão hinos, ressoam execrações, ás quais respondem numerosos ecos; porque onde o numero dos ingratos e indignos era grande, não podia o dos maltra-  
tados e queixosos ter pequeno: e d'ali nascem  
tão essas civis guerras da literatura a favor e  
contra o sexo, guerras batallhadas nas salas e  
saraços, nos passeios e romagens, nas reuniões  
das comadres e nas academias, desde o  
Japão ate Portugal, desde os séculos da area  
diluviana ate os nossos dias, em que o amor  
cede à política, e as questões das mulheres,  
às questões dos ministerios: *Factus est repente*  
*de cælo sonus, famquam aduenientis spiritus ve-*  
*hementer . . .* Ali vinha ja querendo-se inten-  
tometer o meu demônio meridiano: apage!

Para as grandes pelejas de que faltava, se  
despejaria todos os arsenaes da mistica theo-  
logia, da metafísica, da história sagrada e  
profana, das fabulas e anecdotas, da fisiologia  
e novellas. Ficou largamente juneado o campo  
de cadáveres em folio, em quarto, em octavo,  
em doze, em dezescis, em trinta e dois, em  
sessenta e quatro; de pergamimbo, de marro-  
quin, de seda, de taboa, de papelão, de car-  
neiro, de papel: desfuntos quasi todos sem  
aumenta, e cujos nomes, se os houvesse de cum-  
pilar, encherião maior livro do que este. Depois  
do derramamento de tantos rios de tinta, qia-

da pende a mesma questão; ainda até no fundo mundo se tem de trazer para ella coisas que pareçam novas; e as cinzas de Lucrecia, Dido, Phryne, Sapho, Aspasia, Arria, Cornelia, Osmia, Heloiza, Christina, Catharina, Maria Thereza; as cinzas das que habitaram cazaes, batins, palacios, mostairos; as cinzas de Ninotis, Gotoritias, Babilosticas, Espartanas, Atticas, Romanas, Africanas, Boteendas, Amazonas bellicosas, Indicas Bailladeiras, Viuvas Indostanicas, continuaram a ser revolvidas, pisadas e adoradas por modos sempre diferentes, e quasi sempre cegamente, até á consummação dos séculos. A mulher física principia a ser conhecida, a mulher intelectual sê-lo-há, a mulher moral he o infinito.

A mocidade, quadra da vida em que reinam os mais encontrados ventos, em outras a maior vassalla e tributária do sexo, he, follando, escrevendo, e talvez pecando; a sua maior detractora. Uma conversação de mancebos, embora amantes, não se detém senão em rebaixar o mérito das mulheres: nascidos os disléreis das pedras de Deucalião e etiados ás tentas das lobas. Qual pode ser a causa d'esta mais que montezinha seriedade? Será inveja á superioridade da modestia? será desprido de vencidos? não; essas vitórias, e ainda essas superioridades em virtudes, que não são as distintivas do nosso sexo, facilmente se perdoam. He a causa o mesmo natural instinto, que faz que os soldados em tempo de guerra, ser-

ando erite as armas á fogueira ociosa do seu rancho, encareção as derrotas do inimigo, e lhe assaqueem fraquezas que não tem, para n'ei proprios acrecentarem animos e determinação para as futuras pelejas.

Pacil lie carecer das loucuras da idade que ja não temos, ou que ainda não temos; blazona-se d'isso, mas não lie virtude: carecer podem dos vicios proprios dos nossos annos seria virtude, mas tão rara lie, que o despoigni-la deve merecer vénia dos sizudos. Era eu em toda a força de minha adolescencia, quando ente coelaneos e a seu conteúdo, cantava em meus versos desatinados os fracos e imperfeições de algumas mulheres, como fracos e imperfeições de todas ou da minor parte. Da falsidade que n'isso havia me corria, mas muito mais do ponco delicado tom do meu cantar, porque se me figura agora delito ainda muito mais grave, do que attribuir-lhes defeitos, o pintar-lhos inamavelmente: a graça lie o seu primeiro mérito, injuria-las graciosamente ainda não lie de todo injuria-las. De muita nüvem se desafronta, e de nui grande carga respiro um coração confessando suas culpas, mormente quando pelas confessar se torna a entrar absolto e regenerado na estima e benevolencia das dominadoras do mundo: quasi te folga, como me está sucedendo, de ter tido a culpa; para merecer a vénia esaborear a reconciliação:

Transfuga dos arraines dos levantados, ás trin

cheiras d'ellas me recolho, não só com as ar-  
 mas com que as guerreiai para as defender,  
 mas com viva bandeira para chamamento e  
 reunião de outros. Ressuscitaria, se pudesse,  
 para o meu novo campo todos os bem nascidos  
 espíritos das idades coralleiras e corzeas, pa-  
 ra procurarmos salvar da ultima ruína o feni-  
 cil imperio, que de dia para dia vai sendo  
 entrado, talado e engolido da Política; sero  
 monstro em que tão mal assenta no me feminino! E se o conseguissemos, se os mogos que  
 deixáramos os alféus pelos debates, as socieda-  
 des pelos clubes, os versos e cartas apaixonadas  
 pelos jornaes frios e praguejados, quisessem vol-  
 ver a seu natural ofício de amar, de agradar  
 e divertir-se, jecomo se não amaciaria esta bru-  
 teza quasi cínica de nosso tempo illuminado,  
 em que se não sabe ler! A propriâ Liberdade  
 lucraria, porque os seus nervos e verdadeiros  
 espíritos vitais não são outros sendo as virtu-  
 des e as bondades; e quem como as mulhe-  
 res, nos poderia ainda atrair da praça onde  
 se briga, odia e persegue, para a casa onde  
 se quer bem e se folga, para a easa onde atá  
 á ultima velhice nos educâmos, para a casa  
 onde de bondades e virtudes nos dão elles a  
 todos os momentos exemplos vivos e formosi-  
 simos? Tellus, et domus, et placens uxor! Oh se eu pudesse molhar este meu pen-  
 samento, como me está florejando na alma! dizer com palavras a mulher como a sei no  
 meu coração!.. mas feminina he a mão com que  
 escrivo, e como dezenharia ella o seu retrato?

Pag. 261.

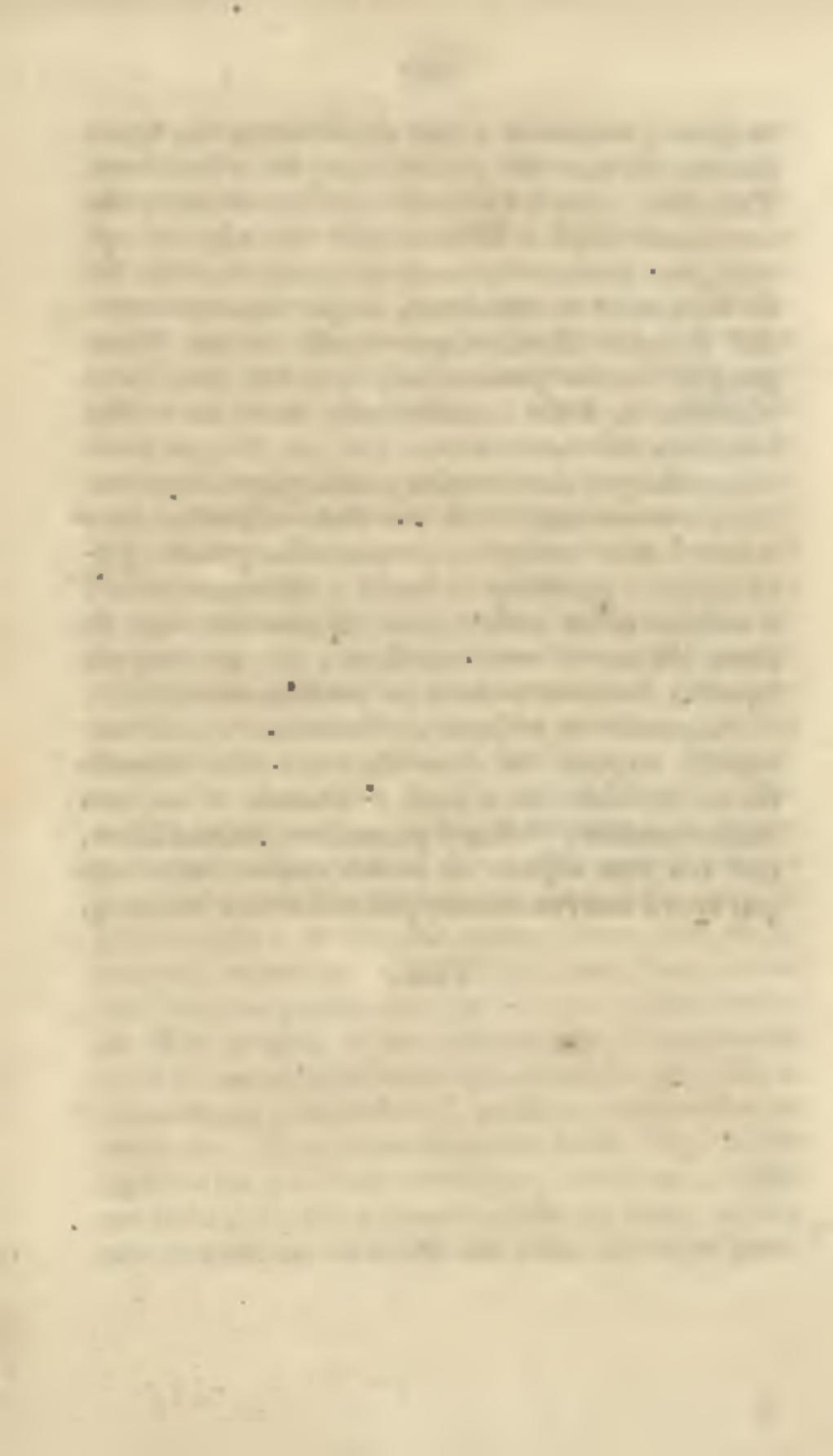
FIM DA FESTA DE MAIO.

Se o fim de qualquer obra he a sua coroa, custaria a achar obra tão mal coroada como esta Primacera. Dos quatro Poemas he a Festa de Maio o falso, não contribuindo pouco para isso o seu estirado comprimento: e da Festa de Maio a falsima parte he sem dúvida a segunda e última. Boa e mui fertil era n'idea primitiva, na qual, mas só na qual, mui casualmente me encontrei com o alemão Gerschenberg no dithirambo que traz título Chipre. Desenculvo elle a sua, posto que em prosa, como poeta mui valente: desrimei eu, e enfaqueci a minha em pabliissimos versos (era tempo que na maior parte dos dias compunha trezentos e mais) que bem podérao, sem detrimento de pensamentos, ser reduzidos ao terço do seu numero. Ja poderei parecer importuno com tanto repetir confissão das minhas falhas; mas antes isso, do que se diga que eu as crio ou capo, ou com tantos annos vinda não caí em as coelecer embalmente. Quem a este meu cortar pelas proprias roupas chamas-se assentação, muito se enganara comigo: censuro-me, não para atalhar alliões ceusuras; menos para provocar desezas aos que sempre folgão, quer em bem quer em mal, de encontrar as opiniões dos que escrevem; mas censure-me e em todas minhas couzas marca seu

preço, para que os agora principiantes lá ao  
 deante se não queixem de mim, como eu pu-  
 dera agora queixar-me de outros, com cujos  
 livros me crei. Consciencia e Verdade, ainda  
 em mequinhos letros, devem de ser escrupu-  
 losamente agraviadas: tem uma e outra alguma  
 causa de tão divinas, que por mais dolorosas  
 sacrifícios que de nós lhes façainos, na los pr-  
 gão com íntima satisfação. Certo he que fa-  
 zendo o que en faço, se corre perigo de vir a  
 um grande dissabor, como he, depois desince-  
 ramente confessados os defeitos, saírem os nes-  
 cios na arte de criticar, e que nunca uma só  
 finha escreverão, aproveitarem-se cobardemen-  
 te de tnes revelações, vozen-las como dese-  
 brimertos sens, e viugando-se de sua propria  
 esterilidade, triunfar miseravelmente dos des-  
 enidos, sem nem huma menção das boas partes.  
 Ja isso por mim passou depois que disserei  
 aceren da invenção da Noite do Castello. On-  
 de tal se escreveo, quem o escreveo, e colto  
 o escreveo não o direi, que não quero em li-  
 vros meus andar cartteando dementes para a  
 posteridade, se he que meus livros tem de la  
 chegar, como cá chegarão alguns bem ruins  
 dos tempos ultaz. E a final, que valem semel-  
 lhantes pregões e tnes pregóeitos, comparados  
 com as suas duas maiores inimigas que são a  
 verdade e a consciencia! podéra acrecentar a  
 vergonha. Ein meu conceito nuda. Por tanto  
 sigão elles por seu caminho, onde se afogão  
 em lodo, e todos lhes cospem na face; e eu,  
 que nem sequer ordenho em aseaz de conta para

os odiar, continue a dar documentos do unico  
merito de que me prezo, que he n'endura.  
Para dar culto á Verdade e á Consciencia, não  
sacrificarei aliadas famas, que me não perten-  
cem, mas pela minha rasgarei aforito: fat-lhes-hei  
de meu sujeito intellecual, o que de seus corpos  
diz Bernão Mendes que fazião la em Timo-  
googoo certos penitentes, que em processoes  
públieas se hião espedaçando ante os carros  
triunfaes dos seus idotos, e por sim se arre-  
necessarão por deante das rodas, para serem ta-  
lliados e esmagados: a que todo a gente, como  
refere o bom perigrino, com uma grande grita  
dezia: pachiloo a suria; que quer dizer:  
a minha alma com a tua. E decendo logo de  
cima do carro um sacerdote... se chegava  
áquelle bemaventurado ou malaventurado...  
e ajuntando os pedaços e as cabeças... os mos-  
trando ao povo de cima do mui alto cobrado  
do carro onde hia o idoto, decendo n'um ton  
muito sentido: "Rogai peccadores todos a Deus,  
que vos faça dignos de serdes santos como este  
que agora morreu em sacrifício de cheiro suave.",

FIM.



**MAIS PRIMAVERA.**

ANNUAL REPORT

OF THE STATE BOARD OF  
EDUCATION.

FOR THE YEAR ENDING JUNE 30, 1887.

PRINTED FOR THE BOARD BY THE STATE PUBLISHING COMPANY.

AT THE STATE CAPITOL, BOSTON,  
1887.

PRICE, FIFTY CENTS.

## ADVERTENCIA.

Os trez següentes Artigos vem, intitulados *muitas mudanças*, trasladados da *Guarda Avançada*, Jornal campeão da *Ganha e da Raiva*, como todos os d'esse tempo, sem exceção, em unico; Jornal exagerando, e muitas vezes injusto sem querer, como o serão sempre os redigidos por almas novas e ardentes, sinceras e poctiras, inexpertas e temerárias, que presumem que uma revolução pôde realizar os filantrópicos sonhos de um solitário; Jornal em si mesmo de que eu fui collaborador, quando vivia para a política, ainda que não da política, e do qual perante minha consciencia me recordo com pesar mas sem peijo, porque talvez sey males e grandes males, não aspirando senão ao bem. Tanto he verdade, que só a moderacão he capaz de dar frutos abençoados! Relêa-se o meu Prologo do *Tributo Portuguez*. Aqui não quero accrescentar mais nada sobre matérias, sim importantíssimas, mas que eu ja dou todas por um malnquerzinhos dos campos. — Sáem pois os Artigos substancialmente os mesmos. Pena será, se passando agora tanto tempo depois de escritos, os que por la estão espectadores das couzas públicas os acharem muito mais applicáveis aos presentes dias; e ainda maior lástima, se para o deante não vierem a perder boa parte de sua verdade.

Reinado com o louvor, que no Prologo dei-

xei prometido , de meu mestre e amigo o  
Snr. Antônio Ribeiro dos Santos : fragmento  
copiado do N.º 2 do *Jornal dos Amigos das  
Letras*. Se a alguém parecer que não cão este  
sob o título de *Primavera*, paciência ; recebão-  
no como Nota , agazalhem-no como filho de  
gratidão. Para mim recende elle muita prima-  
vera de puericia , e de um jardim das Musas.



# MARÇO

(PRÉCÍPIO DA PRIMAVERA)

Eis aqui os primeiros dias da graciosa estação. Das flores lhe chamarão os poetas; melhor poderão chamar-lhe flor do anno. A terra, como viuva aiuda verde que se enfeita para novas bodas, a terra pelo sol repassada de amorosa quentura, vendo-o volver a alegria, depois de lhe haver por tanto tempo fugido, arreia-se de todas suas galas, esperançosa sortil por entre a sua grinalda florida, embabe-se em perfumes, acerca-se de musicas voluptuosas, e suspira brindamente dentro nos arvoedos recuvestidos, nos valles alegrisados, pelos margens dos rios outra vez serenos. Com razão foi a Primavera consagrada dos antigos ás Musas e Gráças: com razão se escolhão as suas resperas para o Pontífice Maximus accender o novo fogo, que devia durar todo o anno: com razão os pais de nossa língua derão a esta parte do anno um nome feminino, e os pintores apparencias de formosa moça; enquanto Estio, Outono e Inverno pela aspereza, pela força, pela gravidade, pertencem a outro sexo. Cada fonte se aliza em um espelho; cada pedra se veste em assetito aveludado; e cada lhasca nua se desaperta n'uni rumalhete: tornão-te os bosques outras tantas repúblicas populo-

sas, cujos eindados, lisres como os virações, voão, cantão, brincão, acrieião-se, despasso-se, eduçao a sua prole bafejada do ceo, e parecem não respirar senão o prazer da independencia, da ternura e da melodia. A natureza revoca á vida innumeraveis especies de animaes de que o Inverno só continua o germen; ás outras infunde, com os pássaros, um contentamento, uma ligeireza, uma atração, que o Inverno lhes havia roubado ou amordido. Do ceo cheve fecundidade sobre tudo que he vivo; e tudo o que he vivo sue trajado de festa, e por toda a parte encontra mesn que Deos lhe astigalha, carregada de sua abundancia com luxo, magnificencia e formosura.

A humana especie não podia em tão geral favor ser esquecida, nantes foi o seu quinhão de todos o mais largo. O amor, que para nós não tem uma estação exclusiva, n'esta entretanto se nos desenvolve com recrescida atividade: he porque o proprio nr, empregnado de elementos vitais, nos está corando aos peitos uma extraordinaria energia: he porque tudo em de redor exemplos são que nos cativão: he porque o alvorço e festa do univerio convidão o coração a gozar: he porque no florit da rosa dos jardins, muita e muita rosa esmorecida se reanima nas faces da belleza: he porque a voz da mulher então sue, não sei como, ainda mais doce; e tanto ellas mesmas senti o saber a sentem, que em toda a parte em que as horas e circunstancias do seu canto não andão

agentadas das artifícias da moda, insensivelmente se achão a cantar, e este novo retratiro parece n'ellas umas necessidade, como he nas ares da primavera. Dir-se-á que a natureza nos manda as flores nos dias em que o amor nos instiga a oferecê-las.

Mas os feiticos da Primavera não se limitão nos da recreação e amor. Um medico vos dirá que he ella a estação da saude; um sabio a do vigor mental; um navegante a do princípio de confiança nos seus mares: o artifice a saúda como a que abre a porta a longos dias; o pastor como a mãe da abundância; o agrícola vê as esperanças do anno despatrizidas por suas terras, por suas vinhas, por seus pomares. Ah! só os homens das cidades, tristemente condenados à fadiga e ao luxo, quasi não encontrão a primavera no seu anno! Para esses reduz-se a mais algumas horas de luz, e a um pouca mais serenidade em um céo sem horizontes. Se ao menos se podesse essa serenidade refletir nas nossas almas!... mas os redemoinhos das novidades, os raios das intrigas ambiciosas, o frio do desalento e enregadas nuvens ao longe esterilizão tudo, e se uma ou outra flor de esperança nos desalirocha a medo, lá está logo a reflexão, filha do conhecimento dos homens, que a faz com um sopro desaparecer. O anno dos nossos destinos leve um inverno bem longo e rigoroso: n'ele sulcamos a terra para semear liberdade e ventura, adubamo-la com o nosso sangue e corpos de nos-

ses irmãos, regámo-la com o nosso suor e lágrimas; e agora que nós e nossos filhos esperavamos ao menos a florescência que nos augurasse frutos para o futuro, a Deos approuve de outro modo, e uma torrente de iniquidades, que não quer parar, continua a assolar a terra de nossos avós.

## ABRIL.

Este mês, assim designado por abrir o seio da terra á fecundidade; consagrado desde a infância de Roma á Deusa da formosura, á Mai das Graças, Amores, Jogos, he o primeiro que ouça, por debaixo ainda das últimas inverns chuvosas do inverno, sair e folgar com seu manto verde, e bordado de flores. O dia da sua entrada era para os nossos antepassados uma festa popular, menos estrepitosa que o Carnaval, de que parecia imitação; mas também mais inocente e serena. Ignoro ■ esse costume o herdádo elles de nações mais antigas, com quanto dos Romanos o não houvessem, de quem tantos outros lhes vieram. Tão pouco me recordo de haver tido alguma origem histórica nos brinquedos rituais do primeiro de Abril; mas sabido hei que elles existiram em nossa terra, e ainda hoje se lhes conservam os restos, mormente pelas Províncias. O dinheiro pregado nas ruas, as cartas, e presentes de lógo, a pedra que chamavam das agulhas, a Idra de Judas, e outras quejandas bagatelas para rir, estão entretendo n'esta hora bastantes dos nossos aldeões do norte.

As lembranças velhas tem para mim muito grande saudade, e dogura; due-me o coração quando vejo ir-se perdendo estas seculares tradições que a ninguém fazem mal, ainda que

nascidas em berço de superstição, e que de bom  
tinham o transportar-nos a tempos savidos, e  
remotos, ou a tempos mais remotos ainda, e  
ignorados. E que lie o que as apaga, e fica  
em seu lugar? O ódio, poltiza, e desgraças.  
Oh! donde estaria um poeta amado dos sentidos  
e da innocencia, que se afessa em tais mortei-  
veros? Fastos do nosso bogo Portugal? Nôs direi-  
da coesusão descontrolada do presente, nôs im-  
jariamos esse obra como sonha relquia em ter-  
ra de infeliz; variarmos um tris, não mas brilhan-  
te, entre ruídos de tormento. Para exercitar  
algum bom engenho a nôs dar; ihe que  
eu começo, e continuarei sempre a recordar  
os seus dias proprios as nossas antigua-  
llias: o que farei com muita avidez, porque  
d'aqui a alguns annos, o investiga-los, será ja  
tasse. Assim os pintores Italianos se des-  
leitão copiando as restos anortecidos das  
inturas a fresco que sobre-vivem no grande  
império, e os antiquarios trasladão avidamen-  
te os entolados livros das cidades soterra-  
das, antes que de todo se desfação em pó.

## MAIO.

He a apparição d'este mez uma festa da natureza, em que sempre os homens se alegrão: quizeramos poder tributar-lhe algumas flores pelas tantas que nos elle concede. Não tememos o seu encanto d'aquillo que sendo sensivel a todos não carece de ser deserto. Zéfiros e rosas, solas e rosinhas, abelhas e borboletas, a terra toda verde, o ceo todo azul, as noites começando a fugir como envergonhados de esconder as alegrias da natureza, objetos tão que ainda que desde a origem do mundo se apresentem sempre novos, já se tornaram lugares communs nas descrições da poesia. Voltemo-nos para as recordações: embalamos e adormecamo-nos com elles por um pouco a espirito martirizado das absurdos e crueldades d'estes inhos tempos, em que ja se não crião fabulas risonhas e innocentes, coloridas pela imaginação, animadas pelo amor.

Forão os homens antigos os que idolatravam a concordia, para melhor a insinuarem á terra, collocarão nos astros a sua imagem brillante, e ao signo de Maio chamarão o signo dos Genios. Elles forão os que sensíveis aos encantos das Artes, consagraro este mez a um Deo, que vivificando a natureza pela luz e calor, presidia com a Lira na mão aos prestigiosos artifícios que a embellecerão. Almas petrificadas

ha ali, para quehi estas saudades do mundo antigo são frivolas, comparadas com um artigo de gazeta; para nós he delicioso andar megalhando pelo oceano dos séculos, e não voltar a assentas-nos na nossa Ilha escabrosa e estéril, sendo carregados das cores, das pétoras, das riquezas formosissimas, que se em não produzem. O fundador de Roma dedicou nos menores (Juvenes) o mês de Junho; era essa a idade que lhe fazia ganhar vitórias, mas já primeiro havia consagrado o Maio aos velhos (Maiores), porque seroz como era, Romulo experimentava o alféio que nos atrairá para com o antigo. Passemos por alto Festas misteriosas da Deusa Bonu, celebradas pelas Romanas no princípio de Maio, em todo o segredo dos Pernates e seu testimonio de vaidade; visitas das Vestas ao Pontífice Máximo e principaes Magistrados da Republica; contemplemos a expiação dos Leoures, pois que usos nossos imparecem ter d'abi recebido origem.

A meia noite levantava-se o pai de famílias, bia-se descalço, calado, e cheio de terror santo, à fonte, dando por todo o caminho amuadados estalos com os dedos para asfugentar os genios maus. Iava tres vezes as mãos, e tornando-se para casa, viaha atirando uma a uma, por cima da cahega e para traz de si, fatas negras, de que trazia chão a boca, e atilculando tres palavras — com estas fatas intercagalo a mim e aos meus: — o que por nove vezes repetia, sem olhar para traz, para não es-

pintar o espírito que vinha apanhando as fadas negras. Tomava água por uma ou duas vezes, batia n'um vaso de bronze, e para conjurar a sombra a lhe largara casa, por nove vezes repetia — *Sahi, ó meus paternos.* — Eis provavelmente d'onde provierão estes sustos vagos que ainda se dão a sentir nos homens rústicos no princípio de Maio; eis uso de se repartirem e comereem cestinhas secas para evitá-los que o Maio se apodere de nós. A imaginação do bom povo perdeu de vista essas larvas, mas o medo que elas produziram lhe feiou-he uma especie de moeda, que saída como está de passar de mãos em mãos, ainda conserva a sua valia.

Outros costumes de Maio tem o nosso Portugal, a que folgáramos que alguém escavasse e descobrisse a raiz; sendo certo que na história a devem ter. O Maio pequenino, que seguido de todas as crianças do bairro, corre entretido de flores, as suas da cidade, ao som de um canto nítido e uniforme; aquellas miúmosas Maias não arraiadas e honradas, que ás orla dos caminhos se encontrão comprimindo os passageiros; aquell'outro estilo, já talvez hoje passado, de se deitarem n'um mesmo leito um casal de crianças inocentes, para se lhes cantar em todo um como epitafio, ou itova de suas bodes; os descanhos amotados dados com a viola n'esta occasião pelos aldeões às suas escolhidas: não provirá tudo isto de alguma ja perdida lembrança de cultos da Deosa

Maia? É a usança de ornar com flores Mairas as portas e interior das casas, não será reflexo distante dos festejos Romanos á Deusa Boa?

A religião, que para si tomou ornato de tantas joias do Paganismo, não se desdenhou também de perfumar este mês. Em muitas freguesias, pelas nossas provincias do norte, o bom Parochio vai banter no princípio de Maio a bandeja de rosas que entre os devotos se distribuem e se comunhão, porque esta flor abençoadã traz felicidade. — Vem depois aquellas tão esperançosas, tão cantadas e tão sabidas Ladinhas de Maio. — Hoje os enriponezes de França vão plantar o seu Maio á porta das pessoas honradas da sua freguesia: os Ingleses renovão de certo modo as antigas *Vigilias de Venus*: os Gregos, como se os seus poetas d'outro tempo os inspicasssem ainda, e a era das Elegias tornasse a reviver, vão descantar amores e pendurar grinaldas nos umbrais das suas inclinações: e os moradores de Roma, segundo nos foi dito por quem lá foi n'essa terra deaudades, ainda agora se reunem na fonte de Egeria a respirar as delícias da natureza, debaixo d'aquelle ceo de tanto amor, que não a pensar em Numa e na grandeza antiga dos Romanos, de que a elles só veio em herança a terra coberta de muitas ruínas.

{ Para que servem todas estas memórias, nos estúdios perguntando os insaciáveis de Política?

e nós não lhes sabemos responder senão que a nós estes pensamentos nos fazem muito bem, e que aos amigos de passatempos inocentes se não lhe de prohibir o que a ninguém faz mal. Deixai-nos ser algum dia do anno semi-pagaos. São ns superstições da Política ambiciosa as que empeçam a felicidade, mas estes graciosos prejuízos de nossos pais e nemhum couza do mundo danão. E de mais, se havermos de dizer toda a verdade, a sc, que a estes pobres erros acompanha, costuma trazer consigo muita piedade religiosa, e n'ella alguma docura moral, que nem sempre vai por onde vni a desenganada Filosofia. Diloso d'aquelle engenho que podesse trazer outra vez ao mundo a inocencia que nás lá ficou no paiz das fabulas! mas interromper um sonho de poesia quando se julga que a felicidade vem apoz os nossos passos, voltarino-nos, como Orfeo, para a abraçar, e vermo-la fugir e desapparecer n'um ai, e um mundo de realidades dolorosas estender-se immenso deante de nbs, oh! isto he muito triste!

## ACERCA DA PESSOA DO Sr.

*Antonio Ribeiro dos Santos.*

Pôsto que o escrever de Varão tão conhecido dentro e fóra d'este Reino, qual foi o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, já possa a muitos parecer escusado, o detrar de o fazer, mais que seja por alto, nem a oportunidade da occasião me consente, nem menos me consentiria o gosto, que sempre do referir essas memorias me resulta; por quanto na primavera de minha vida, e primeira manhã de minha poesia, foi que a boa de minha fortuna me deu conhecer este Nestor de nossa Literatura, que já entao, ao cabo da sua longa e proveitosa carreira, ornado de muitos meritos de sciencias e virtudes, respeitado e apontado de longe, pouzava sereno e imponente, aguardando pela sua hora, á beira da eternidade.

Que fosse nascido nas terras do Douro, d'onde lhe pronye tornar nome de Elpino Dariense; que fizesse com bons mestres seus estudos; que se tornasse, lendo na Universidade de Coimbra, um de seus mais lustrosos luminares; que na Igreja e no Estudo ocupasse mui subidos empregos; que fosse o amigo e centro de quantos bons engenhos em seu tempo florecessão, não faltará quem o escreva entre seus outros muitos louvores. Tão pouco me deterei

dispartindo entre a Jurisprudencia, a Historia, as Antiguidades, a Literatura, e a Poesia o opulentissimo catalogo de suas Obras; cuja maxima, e por ventura optima parte, ainda ate agora nao viu a luz. Não hao de ser nulos tão debeis como as minhas os que revolvo tanto trofeos, nem em tão pequeno espaço como este coubera retratar completo Homem que abrangeu duas idades, bem fazendo-lhes suavemente a unir pela outra; anticipando em meio do seculo passado o gosto, o apuro, a filosofia d'este nosso; transplantando para o presente o estudo, a boa le, o saber do passado; e legando ao futuro tesouros que andou descen-cantando das antiguidades remotissimas. Meus arremessados são meus delezios, e mais seguros, que só quero levar meus leitores a com este bom velho encetarem conhecimento.

Corre a primavera do anno de 1814 ou 15, que eu certo o não sei. A morada de Elpino, que em um dos mais desafrontados altos de Lisboa está formosamente situada, longe do bacio, como bem enbia à sua indole pacifica e genio estudioso, he um templo de Musas, religiosamente vedado nos olhos e vozes de profanos, isto he dos ináos e ignorantes, unicos de todos os entes para quem sun porta e animo não erão hospedeiros. Por aquellas salas, gravemente ataviadas á laia dos nossos antigos, de sedas e arrazes, alegorias, treinós, capaldas e soberbos quadros dos mais perigrinos pintores, reina o silencio, e uma lembrança dos

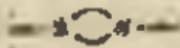
antigos e abundosos tempos de nossos avós, que tanto conformia com os nobres e portuguezes pensamentos de suas poesias, as quais se raras vezes voam sublimes, nunca, nem por sombras, desnivelaem da boa moral e da filosofia. Aqui o bom Elpino nos recebe cordialmente, a meus irmãos e a mim; os filhos do seu amigo são seus amigos, os estudiosos das Musas portuguezas e romanas são os seus amores. O ancião, que ainda entre sabios poderá ter ouvido como oráculo, remoça-se conversando com meninos, apouca-se para que o melhor comprehendão, ensina-lhes a moral e o estudo com quantas flores sabe; do centro da gloria lhes ensina por onde se abre o caminho que para lá conduz; e pelo grande espírito e persuasão com que fala, talvez consigue crear algumas rebententes vocações literarias. Outras vezes nos convida para a bibliotheca, suas delicias, e nos acompanha com a alegria na boca. Os seus olhos, como que ao fim de tanto ler ja quizcassem descansar para seio pre, não lhe alumião o caminho; e semillante áquelle grande Bardo Ossian, a quem velho e cego, piedosa conduzia a moça Malvina para os logares usados de sua inspiração, no hombro de uma menina, sua afilhada e leitora, segurava o bom de Elpino uma das mãos, enquanto com a outra arrimada a um bordão, palpava o caminho, e se ajudava em seu quebrado andar.

Era a bibliotheca o íntimo retiro d'este ermitão do Parnaso, fugida para longe das cr-

sas, posto que tão quietas, e frescamente assentada em meio de muitas socalhas, verduras e aromas de seu jardim, hortas e pomares. Grandíssima cópia de livros, longamente procurados e custosamente juntos, e entre os quais se estremavão no numero e riqueza os Gregos, os Romanos, e os antigos Portuguezes, ali estavão juntos, entre os susurro estudioso das ramos e os cantares descuidados dos passaros. Um Apollo de marmore com a sua lira em punho, parecia estar-se mui bem cabido e contente no meio d'aquelle seu alcagar, cercado de tantos seus enjores, servido por tão venerando Sacerdote. Lembranças são estas que trago colhidas de minha infancia, e que transplanto para aqui, por não querer que se perção.

A quelle Homem, n'aqueles tardes, e de baixo d'aquelle této, devo a grande veneração que ainda hoje consagro aos meus livros latinos, não poucos dos quais mos deu elle proprio; e tocados de suas mãos poéticas, me inspirão ainda agora poesia e virtude, até cerrados, e n'elles consigo que me hajão de servir de pranchas, com que n'este pélago de freneticas e descompostas innovações, me não deixe, como tantos que mais valião do que eu, totalmente sossohitar. Nos seus ouvidos indulgentes lançava não só as principias dos meus versos, mas ainda as tragas e esperanças de ohras que borbulhavão de uma scribe virgem do quatorze annos. Escutava elle tudo com desvella da benevolencia, umas vezes apontando-me men-

lhores caminhos ou mais fáccis, outras desvian-  
do-me de commettimentos maiores que meus  
annos e forças; agora revelando-me regras, lo-  
go insinuando-mas com exemplos, com que sem-  
pre fiel e muito a ponto lhe acudia a memoria.  
Não hc verdade que ha em tudo isto um não-  
sei que, por onde o que o praticá não pôde  
menos ser de um grande homem? Oxalá meus  
esforços melhor houvessem respondido a suas  
diligencias, ou me não houvesse elle desampa-  
rado no começo da carteira, para a qual ape-  
nas me aparelhou!. Sim, porque embora me  
hajão a vaidade, o gratidão pede que eu pu-  
blique, foi este Pontifice das Musas que me  
iniciou no seu culto, e no seu paternal enthu-  
siasmo me disse — Tu serás poeta. — Scena  
digna de um pincel eloquente: um ancião co-  
roado de louros, e cego como Ilomero, engran-  
do ao culto da mais bella das Artes, um me-  
nino cego como elle!



## INDEX.

	Pág.
<b>A</b> nte-Prologo . . . . .	5
Prologo . . . . .	25
<i>Post-Scripsum</i> . . . . .	47
Epistola à Primavera . . . . .	49
Dedicatória a minha Irmã . . . . .	61
Duas Palavras de Introdução . . . . .	63
Epistola . . . . .	67
O Dia da Primavera Poemetto . . . . .	75
Dedicatória a minha Mão . . . . .	77
História da Festa da Primavera . . . . .	79
O Dia da Primavera Canto I A Manhã . . . . .	95
O Dia da Primavera Canto II A Tarde . . . . .	111
Notas ao Poemetto antecedente . . . . .	131
Nota 1. <sup>a</sup> ( <i>Elmano e Flinto - versificação esdruzola e aguda &amp;c.</i> ) . . . . .	131
Nota 2. <sup>a</sup> de Augusta Frederica de Castilho . . . . .	162
Os Cantos de Abril Idillio . . . . .	167
Dedicatória a meu Pai . . . . .	169
Advertência . . . . .	171
Os Cantos de Abril . . . . .	173
Nota ao Idillio ( <i>Excerpto de alguns versos da primeira Edição do Idillio, rejeitados n'esta segunda</i> ) , . . . . .	186
A Festa de Maio Poemetto . . . . .	189

Dedicatoria ás Senhoras da Lapa dos Esteios . . . . .	191
História da Festa de Maio . . . . .	193
A Festa de Maio Canto I. . . . .	199
— Canto II. . . . .	225
Notas á Festa de Maio . . . . .	263
Nota 1. <sup>a</sup> ( <i>Com a tradução para latim dos amores de Galatea no Cant. I da Festa de Maio</i> ) . . . . .	263
Nota 2. <sup>a</sup> ( <i>Pecúduo para com os animais — alimento animal &amp;c.</i> ) . . . . .	269
Nota 3. <sup>a</sup> ( <i>Em desagravo das mulheres</i> )	291
Nota 4. <sup>a</sup> ( <i>Sobre o 2.<sup>a</sup> Canto da Festa de Maio</i> ) . . . . .	305
Mais Primavera . . . . .	309
Advertência . . . . .	311
Março ( <i>Príncípio da Primavera</i> ) . . .	313
Abril . . . . .	317
Maio . . . . .	319
A'cerca da Pessoa do Sr. Antonio Ribeiro dos Santos . . . . .	324

167

## FIM

# Lista de Assignantes.

S. M. F. A Rainha D. MARIA II.  
S. M. I. A Duquesa de BRAGANÇA.  
S. A. R. O Príncipe D. FERNANDO Augusto.

A. A. A. Moreira.  
Ab. M<sup>a</sup>. J. Paiva Manoel.  
Abraão Weelhouse.  
A. Carneiro.  
Achilles De Pereira.  
A. Eustáquio da Silva.  
Ag.<sup>to</sup> de Castro da Gama  
Lobo.  
— José Pereira.  
— Raiz da F. Soares.  
A. J. R. Leitão.  
Albino F. de Figueiredo.  
Conselh.<sup>o</sup> Alexandre Alb.  
de Serpa Pinto. 4 Ex.  
Alexandre Lehmeier.  
D. Alvaro.  
Amaro Coutinho Pereira.  
Anacleto José da Silva.  
André Junquim Ramalho.  
— Perez.  
A. Neves de Sequeira.  
Angelo Augusto Martini.  
D. Anna C. Góimbaro.

D. Ana Ifig. da Valle de  
S. e Melozeas.  
— Lecinda Mont.<sup>to</sup>.  
— Ludovina.  
— Margar.<sup>ta</sup> Fiota-  
tuosa de Al.<sup>o</sup>.  
— Victoria da Ro-  
cha Torres.  
Anônimo. 2 Exempl.  
Anselmo J.<sup>o</sup> Braamcamp.  
Ant.<sup>o</sup> Adolfo Ferr.<sup>o</sup> Sar-  
mento. 16 Exempl. —  
— Adriano da Mata F.<sup>to</sup>  
— Ag.<sup>to</sup> Per.<sup>o</sup> Lacerda.  
— Alves Souto.  
— Aluísio Jarvis d'A-  
rougura.  
— Augusto Gonçalves.  
— B. de Brito e Ca-  
oba.  
— Caídos e Silva.  
— C. da Costa e Sousa.  
— Coelho Bragante.

Ant.<sup>o</sup> da Costa Paiva, 130  
*Exempl.*  
— Duz d'Arevedo.  
— — Monteiro.  
— — Rodão.  
— Diniz Couto Valente  
— Ezequiel d'Aguia.  
— F. Mag.<sup>o</sup> Couto  
— P. Mendonça Arcaes.  
— Frz. Alves Fortuna.  
— Florencio Reixa.  
— Fr. Alv. Guimaraes.  
— Freire Castello Br.<sup>o</sup>  
— da Freitas.  
— Gond. S.<sup>o</sup> Monteiro.  
— G. Barreto de Pina.  
— Gomes Lima.  
— Glz. d'Alm.<sup>o</sup> Rino.  
— Gneifao Belo-Per.<sup>o</sup>  
— Guilherme da Costa.  
— Henrique Doria.  
— Jacinto Santarem.  
— Joaquim de Abreu.  
— Cons.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Joaq.<sup>o</sup>  
— da Costa. Cav.<sup>o</sup> 6 Ex.  
— Joaq.<sup>o</sup> Reis Junior.  
— — — da Silva.  
— — — Teix.<sup>o</sup> S.<sup>o</sup>  
— J. d'Oliveira Lima.  
— José d'Avila.  
— J.<sup>o</sup> Boty da Cunha.  
— Ferr.<sup>o</sup> de Sousa.  
— Glz. Basto.  
— — — Duarte.  
— — — de Oliveira.

Ant.<sup>o</sup> J.<sup>o</sup> de Oliveira e S.<sup>o</sup>  
— — — R. Guim.<sup>o</sup> Ex.  
— — — de Sá Calvello.  
— — — da S.<sup>o</sup> Milheiros.  
— — — de Sousa Martins.  
— — — Teixeira Leal.  
— — — da Vaz.<sup>o</sup> 20 Ex.  
— — — Leite Pereira Lobo.  
— — — Lopes de C. Alm.<sup>o</sup>  
— — — Louz. Coelho. 5 Ex.  
— — — Luiz Nog.<sup>o</sup> e Freitas.  
— — — M. d<sup>o</sup> R. Abeanches.  
— — — Vargas.  
— — — M.<sup>o</sup> d'Almeida e S.<sup>o</sup>  
— — — de Campos.  
— — — Pereira.  
— — — L. M. Queiroz.  
— — — Machado.  
— — — Thorat Lemos.  
— — — Martins dos Sabios.  
— — — de Mello Breynor.  
— — — N. Roiz. Caucella.  
— — — Nunes dos Reis.  
— — — Pedro de Carvalho.  
— — — P. X. O. A. R. Leite.  
— — — Pereira de Paris.  
— — — Portfrio de Freitas.  
— — — Ramos Azev.<sup>o</sup> Maia.  
— — — Rib. Azev.<sup>o</sup> Bastos.  
— — — Ribeiro de Faria.  
— — — Sald.<sup>o</sup> R. Albuq.<sup>o</sup>  
— — — Samp. X. Casqueiro.  
— — — dos Santos Monteiro.  
— — — de Sá Per.<sup>o</sup> Samp.  
— — — da Silva Bastos.

- Ant.<sup>a</sup> da Silva Leitão.  
— S.<sup>a</sup> Monteiro. 2 Ex.  
— Solero S.<sup>a</sup> Falcão.  
— Thonias Aquino S.<sup>a</sup>  
— Vicente de Sousa.  
— Vieira de Carvalho.  
A. P. Ardisson.  
A. P. B. de Galdanha.  
A. R. Sealy.  
Assembleia Lisbonense.  
— Portugeuse.  
Associação Civilizadora.  
Augusto.  
— Frederico Ferr.  
Dr. Augusto Lavit. 3 Ex.  
Augusto Maria Desmou.  
— Victor Sabbo.  
Aureliano J.<sup>a</sup> de Moraes.  
Ayres Sá Nogueira. 3 Ex.  
— da Silva Coelho.  
Balthesar Lopes do Ca.  
lhotos e Menezes.  
Bandeira — Ex-Governan.  
dor do Castello. 4 Ex.  
Barão d'Arganha.  
— de Ruivoz.  
Barnabé F. Paula Alaide.  
Bartholomeu dos Martíres.  
Bento Alão.  
— de Almeida.  
— G. Brito Taborda.  
— Guilherme Klingle.  
ofer. 3 Exempl.  
— J.<sup>a</sup> Teixeira Penna.  
— de Moura Portugal.
- Bento Pereira.  
Bernardino J.<sup>a</sup> dos Santos.  
Bernardo José de Miranda.  
Busch.  
Dr. Gabriel Teix. Morais.  
Caet.<sup>a</sup> Alberto Orlando.  
— J.<sup>a</sup> Alves d'Araujo.  
— José M.<sup>a</sup> de Sena.  
— Xavier Diniz.  
C. Almeida.  
Camillo da Silva Ferraz.  
Candido José Roiz Vieira.  
Cap.<sup>b</sup> Engenheira Carv.<sup>a</sup>  
Carlos Augusto Poppe.  
— Gould. 5 Exempl.  
— de Sá.  
— Vieira da Silva.  
Carneiro.  
Castro Almeida.  
C. F. Altavilla.  
Christovão M.<sup>a</sup> dos Santos.  
Cipriano A. Lib. Freire.  
Cipriano Dom. Viana.  
C. Lagrange.  
D. Clara Clorinda Lopes  
Pereira de Vasconcellos.  
Clem.<sup>a</sup> A. O. M. Alm.<sup>a</sup>  
— Augusto Bolonia.  
D. Clementina Adelaide  
da Silva Monteiro.  
C. Massa.  
C. M. Caula.  
Conde da Conha.  
— do Luviares.  
— de Melo. 6 Ex.

- Conde de Villa Real.  
Condega de Belmonte D.  
Jesouimz.  
\_\_\_\_ de Mello. 8 Ex:  
\_\_\_\_ de Villa Real.  
Cosme José Dias. 10 Ex.  
Daniel Cesar S.<sup>a</sup> Pottaz.  
\_\_\_\_ Sotelo Caio dos S.<sup>os</sup>  
D. A. R. Varella.  
David Ubaldo S.<sup>a</sup> Leitão.  
Diogo Ant.<sup>a</sup> de Sequeira.  
\_\_\_\_ Aug. C. Constantino.  
\_\_\_\_ P. S<sup>r</sup>. Bandeira.  
Domingo Garcia Peres.  
Domingos Fr. Santos Lins.  
\_\_\_\_ Monteiro de Al-  
buquerque e Amaral.  
\_\_\_\_ Ribeiro de Faria.  
\_\_\_\_ dos S.<sup>os</sup>  
Duque da Terceira.  
Duqueza da Terceira.  
C<sup>r</sup> E. C. C. F. Fortado.  
Eduardo Federico Loy.<sup>r</sup>  
Emilia C. de Pigueiredo.  
D. Emilia Martinini.  
Epifanio Fr. do Miranda.  
Ernesto Adolfo de Freitas.  
\_\_\_\_ M. N. Montenegro.  
\_\_\_\_ José Ferreira.  
D. Faustina M.<sup>a</sup> das Do-  
minações Simões.  
F. C. de M.  
Feliciano Alm<sup>r</sup> da Vidal.  
Fernando Affonso Giral-  
de de Mello e Sampaio.
- Fernando Théod. Araujo.  
F. L. Bettencourt.  
Figueiredo. 18 Exempl.  
Philippe Folque.  
Fortunato José Barreiros.  
\_\_\_\_ N. M. e Mello.  
D. Francisca de Noronha.  
Frat.<sup>r</sup> Abrantes.  
\_\_\_\_ Adrião Pereira.  
\_\_\_\_ Alfonso da Costa  
Chaves e Mello. 12 Ex.  
\_\_\_\_ Alves Souto.  
\_\_\_\_ Alm.<sup>r</sup> Reiza.  
\_\_\_\_ Ant.<sup>r</sup> de Pinho.  
\_\_\_\_ Corqueira. 8 Ex.  
\_\_\_\_ F. S.<sup>r</sup> Freixo.  
\_\_\_\_ dos Santos.  
\_\_\_\_ de Assis Almeida.  
\_\_\_\_ Alm.<sup>r</sup> C.<sup>r</sup>  
Real.  
P. Francisco d'Assis Biga.  
Frat.<sup>r</sup> Heitor P. Almeida.  
\_\_\_\_ Candido Mend.<sup>r</sup>  
\_\_\_\_ da Castro Freijo.  
\_\_\_\_ C. Jodice Samora.  
\_\_\_\_ da Conce<sup>r</sup> Soares.  
\_\_\_\_ Dias Brandão.  
\_\_\_\_ Eduardo Andrade.  
\_\_\_\_ Fabião do Mend.<sup>r</sup>  
\_\_\_\_ Gaspar Lehmann.  
\_\_\_\_ Gomez Loureiro.  
\_\_\_\_ Joaq.<sup>r</sup> da Cunha  
Travassos Cast<sup>r</sup> Branco.  
\_\_\_\_ da Fonseca.  
\_\_\_\_ dos Santos.

- Fran.º J. e de Freitas.  
\_\_\_\_ J.º de Sousa Nunes  
\_\_\_\_ Tavares Junior.  
\_\_\_\_ Luiz de Sousa.  
\_\_\_\_ da Mai dos Homens  
\_\_\_\_ Annes de Carvalho.  
\_\_\_\_ M.º C. Pimenta.  
\_\_\_\_ de Negreiros.  
\_\_\_\_ M. Silver.º Menezes.  
\_\_\_\_ de S. Brandão.  
\_\_\_\_ de Maria Coelho.  
\_\_\_\_ M. Walsh. 4 Ex.  
\_\_\_\_ Nunes da Silva.  
\_\_\_\_ Paula Costa Feijo.  
\_\_\_\_ Seg. Lemos.  
\_\_\_\_ S.º V. Boss.  
\_\_\_\_ V. Campos.  
\_\_\_\_ Zozatté.  
\_\_\_\_ P. Taboada Junior.  
\_\_\_\_ P.º de Magalhães.  
\_\_\_\_ Rain. d' Andrade.  
\_\_\_\_ da Silva Falcão.  
\_\_\_\_ Vieira S. Barreiras.  
Frederico Aug.º Martha.  
Fructuoso Dias Mendes.  
\_\_\_\_ de Paiva Card.<sup>4</sup>  
F. Z. Fer.º d' Ar.º 5 Ex.  
Dr. G. Gentazzi.  
Gabriel Frah.º Ribeiro.  
\_\_\_\_ Lopes de Lima.  
G. A. Pereira de Souza.  
Gaspar dos Reis e Souza.  
\_\_\_\_ Schmidler.  
D. Genoveva Victoria da  
Rocha Farinho.
- D. Gervasia Joaquina de  
Sousa Falcão.  
Greg.º Mag.º Collaço.  
Guilherme Iguacio Basto.  
H. D. Wems.  
Henrig. J. Passos Chaves.  
Hermano Estanisláo Ot-  
tandi.  
H. Hodgson. 10 Exempl.  
H. J. Moser.  
H. O. Blaya. 2 Exempl.  
Honorio Ces. Alendonça.  
Ignacio Cabral Azez da  
Silveira Barros.  
Vice Almirante Ignacio da  
Costa Quintella.  
\_\_\_\_ José de Sá.  
\_\_\_\_ P. Q.º Emaus.  
D. Ignez Raim. Prado.  
D. Hdefonso Olheiro.  
Isidoro H. C. Semedo.  
Izidro Costa.  
Jacinto de Freitas Oliveira.  
\_\_\_\_ José de Mattos.  
\_\_\_\_ José de Sá Lima.  
\_\_\_\_ de Sousa Falcão.  
\_\_\_\_ — — — — — 2  
Exempl.  
Jacinto Pereira de Carvalho.  
J. Bento Pereira.  
J. B. Massa.  
J. B. S. L. de Almeida  
Garrett.  
J. C. Bastos.  
Jeronimo José da Silva.

Jeronimo Per.<sup>o</sup> Vaseone.<sup>o</sup>  
— — — da S.<sup>a</sup> Cardoso.  
J. P. Danin.  
J. P. Passos.  
J. P. R. S. de Azevedo.  
J. F. Thomaz.  
J. G. Toussaint.  
J. J. A. Redondo.  
J. J. da C. J.  
J. J. Loureiro.  
J. J. Manill.  
J. M. Chaves.  
J. M. F. Dias.  
J. M. S. Freire.  
João A. de S.<sup>a</sup> Queiroga.  
— A. Lobo de Moira.  
— Anastacio Simões.  
— António Biga Nunes.  
— — — Colasso da S.<sup>a</sup>  
**2 Exempl.**  
— — — Marques.  
— — — Pereira.  
— Bap.<sup>o</sup> da Costa.  
— — — da Cunha Ferr.<sup>o</sup>  
— — — e Mafans.  
— — — Sabo Junior.  
1<sup>o</sup> João Baptista da S.<sup>a</sup>  
João Bpt.<sup>o</sup> S.<sup>a</sup> Malafaia.  
— Bento da Cotta.  
— Bouifaio Guimaraes.  
D. João da Caniata.  
João Cuelho de Gibraltar.  
— — — da Silva.  
— — — Dias X. do Loureiro.  
— Ferr.<sup>o</sup> Azev.<sup>o</sup> Junior.

João Ferr.<sup>o</sup>. Camp. 10 Et.  
— — — dos S.<sup>as</sup> S.<sup>a</sup> J,  
P. João Franc.<sup>o</sup> B. Langa.  
João Gomes Relvão.  
— — — dos Santos.  
Dr. João Gonç. Miranda.  
D. João Gonç. M. Robalo.  
João Guilherme Caldeira.  
— Ignacio Corvo.  
— Januario V. Rezende.  
— José da Assumpção.  
— — — Ferr.<sup>o</sup> de Sousa.  
— — — Freites Aragão.  
— — — Machado Ferr.<sup>o</sup>  
— Lameira M. V. Lobos.  
— Lourenço Ferr.<sup>o</sup> Braga.  
**Exempl.**  
— Luiz de Sousa Falcão.  
— — — Talone.  
— Mamede de Araú.  
P.º João Maria Cardeira.  
João Maria Feijó.  
D. João Martins Falcão.  
João da Matta e Silva.  
— Mend. A. Barbarino.  
— Neves Gomes Eliseu.  
— Nogueira Gandra.  
— Nunes da Silva.  
— Pedro Coelho.  
— — — Heitor Alcânt.  
— — — Nol. Cupha.  
— Pet.<sup>o</sup> Queiroz Basto.  
**20 Exempl.**  
— — — Silva Fonseca.  
— — — Procopio Tavares.

- João Sacerdota Botte Cor-  
 te Real. 2 Exempl.  
 — da Silva Falcão.  
 D. João Silva Pessanha.  
 João da Silva Setúbal.  
 — de Souza Falcão.  
 — Vie.º P.º Maldado  
 — de V.º N.º de Vasconcelos.  
     Coticia de Barros.  
 Joaq.º Xavier da Maia.  
 — Ant.º Aguiar. 5 Ex.  
 — — Barbosa Torres.  
 — — da Costa.  
 — — da Fonseca.  
 — — Tenreiro.  
 — — Vidal da Gama.  
 — — Augusto Burlanha-  
     qui Moreira.  
 — — Bartolo de Castilho.  
 — — Comida Moreira.  
 — — Felix Moreira 6 Ex.  
 — — Francisco Danini.  
 — — Gomes V.º Gaio.  
 — — José Bernatdes.  
 — — Costa Macedo.  
 — — Costa Portugal.  
 — — da Cunha.  
 — — Dias Lopes de  
     Vasconcellos. 5 Exemp.  
 — — Figueira.  
 — — Gaio.  
 — — Lobo.  
 — — Marques Caldeir.  
 — — Julio da S.º Ferreira.  
 Cons.º Joaq. Larcher.
- Joaq. Lucio Arribes M.º  
 — das Neves Franco.  
 — Pedro Abreu Lima.  
 — Romão Lob.º Pires.  
 — — da Silva Cordeiro.  
 — — da Silva Machado.  
 — — Torquato Alvares Re-  
     beiro 6 Exemp.  
 — — Victor S.º Gormão.  
 — — Urbano de Sampaio.  
 D. Joaq.º Castro Fons.º  
 Jorge Oom.  
 José Anastasio Pereira.  
 — — Antônio de Almeida.  
 — — — — — de Castro.  
 — — — — — Cob.º d'A-  
     zevedo Gentil.  
 — — — — — Mello Almeida.  
 — — — — — da Silveira.  
 — — — — — Soares M.º dos  
 — — — — — d'Arlo Coutinho V.º  
 — — — — — Machado.  
 — — Aug.º Correa Leal.  
 — — Bernardino Frazão.  
 — — de Brito.  
 — — Caetano Rebello.  
 — — Cândido Alz. Torres.  
 — — Barata Assujo e Lima.  
 — — Carlos Cerveira Vol.º  
 — — — — — da Costa P.º  
 — — — — — Guimaraes.  
 B.º José Cesar da Silveira.  
 José C. M.  
 — — do Coração de Jesus.  
 — — Crispim da Cunha.

José Ed.º da Silva Alves.  
— Ennes.  
— Ezeq.º da Costa Ricci.  
D. José Felix da Camara.  
P.º José Fernandes de Oliveira.  
v.º Leitão Gouv.º S Ex.  
José Ferreira da Silva.  
— Firmino de Loureiro.  
— da Fonseca.  
— — — Véiga.  
— de Freitas Oliveira.  
— Gonçalves Aires.  
— Gregorio Talote.  
— Homem de Fig.º  
P.º J.º Ign.º H.º Mira.  
José Ignacio Puna e Assiz.  
Dr. José Joaquim de Carvalho.  
José Joaq.º Castro Lemos.  
— — — D.º Cordeiro.  
— — — Noronha.  
— — — dos Reis.  
— — — Reis. Scure.  
— — — da Rosa.  
— Lopes Vieira.  
— de Loureiro e Alm.º  
— Loureiro Vianna.  
— Luiz de Brito.  
— — — Madure Junior.  
— Manoel de Almeida.  
— Antº Corrêa Lacerda.  
— — — de Matos Barata e Lima.  
— — — Oliv.º Mach.  
— Maria Condeixa.  
— — — da Costa.

José Maria Crujeira.  
— — — Desso.  
— — — Esteves.  
— — — Fr.º Almada.  
— — — Gango.  
— — — Grande.  
— — — Mor.º Bergara.  
— — — Negueira.  
— — — Paganino.  
— — — P.º R.º Lessa.  
— — — P.º Castro S.º  
— — — Rosado.  
— — — Segur.º L.º mos.  
— — — Sergio Ponseca.  
— — — da Silveira.  
— — — Silv.º Estrella.  
— — — Strauss.  
— — — de Vilhena Pereira de Lacerda.  
— — — de Mello Breyner.  
— — — Melquiades Leger.  
D. José Miguel Noronha.  
José M. Q.  
— das Neves Mascarenhas e Mello.  
— — — Silva.  
— Palmeiro Tenreiro.  
— Pedro de Carvalho S.º  
— — — da Silva.  
— P.º Faria M.º Costa.  
— Penny.  
— Pimenta Calça.  
— Pinheiro Caldas.  
— de Prado Fraguero.  
— Raimunda Bella.

- José Ricardo P<sup>r</sup> Cabral.  
— Roiz, da S.<sup>a</sup> Vianna.  
— dos Santos Nazareth.  
— Servulo Costa e S.<sup>m</sup>  
— Silverio da Fonseca.  
— Silvestre de Andrade.  
— Sousa Falcão Senior.  
— — — — — Junior.  
— Tello Mag<sup>rc</sup> Collaço.  
— Vaz Araujo Veiga.  
José Victorino Freire da  
Fonseca Cardoso.  
— — — — — Zuzarte Coe-  
lho da Silveira.  
Jovencio Pedroso Oliv.<sup>m</sup>  
J. Paulo da Silva.  
J. P. N. X. da L. Brito.  
J. P. R. G.  
J. R. Blaneo.  
J. R. Matoco.  
J. R. Pinto.  
K. Pinto.  
L. A. M. Brandão.  
L. J. de Gouveia.  
Leandro Capistrano d'Al-  
meida Piqueiredo.  
Lourenço de Almeida.  
— — — Justiniano Lima.  
— — — M. Telles Mattos.  
L. T. H. de Brederode.  
Luziano S. Carr.<sup>m</sup> para si  
e seus amigos 40 Ex.  
Luiza Mathey.  
Luiz A. Bello Reis Junior.  
— Antonio de Freitas.
- Luiz B. Ribeiro Viana.  
— Caet.<sup>o</sup> Guerra Santos.  
— C. Alm.<sup>da</sup> Botelho.  
— da Costa Pereira.  
— — — — — Pinto.  
— Joaqm<sup>o</sup> de Sampaio.  
D. Luiz M.<sup>r</sup> da Camara.  
Luiz de Mello Breyner.  
— — — — — Costa.  
— Miguel d'Azevedo.  
— O. da Costa.  
M.<sup>a</sup> Alves do Rio Junior.  
— Antonio Rodrigues.  
— — — — — Vianna.  
— Bento Rodrigues.  
D. Manoel da Camara.  
M.<sup>a</sup> de Castro Pereira.  
— — — — — e Silva.  
— Coelho Bragante.  
— Felix Oliv. Pinheiro.  
— Ferreira Borges.  
— Francisco Dias.  
— — — — — das Neves.  
— Gonçalves Lomba.  
— I. Conha Meneses.  
— I. Moreira Freire.  
— Joaq.<sup>m</sup> Cardoso Cas-  
tello Branco. 2<sup>o</sup> Ex.  
— — — — — Forrey.  
— — — — — Freire.  
— — — — — Moreira.  
— — — — — Pereira Silva.  
— — — — — Santiago.  
— José Cordeiro Galho.

- M.º José Esteves Campos.  
— — — da Motta.  
— — — Maria da Rocha.  
D. Mel M. Sousa Falcão.  
M.º Per.º Lima Tavares.  
— — — Ramos.  
— — — Rui Costa Salgado.  
— — — dos Santos.  
— — — Thomas S.º Meneses.  
— — — de Vasconcelos.  
— — — Urbano.  
Marcellino Ant.º Moraes.  
D. M.º B. C. Vilella.  
— — — C. S.º Falcão.  
— — — Carlota Vidal Ga-  
ma Lobo.  
— — — Carmo Guimarães.  
— — — C. Guimarães.  
— — — Clara Braamcamp.  
— — — F. Paes de Mattos.  
— — — H. Sousa Falcão.  
— — — José Ozório.  
— — — J. Sanches Brito.  
— — — Luiza d'Albuquerque.  
que. 2 Exempl.  
— — — Magdalena Sousa.  
— — — Manoel Vidal da  
Gama Lobo.  
— — — M. Silva Falcão.  
— — — R. Sousa Falcão  
Icereri.  
— — — Vieaneia de Mello.  
— — — Xavier Falcão.  
D. Margarida Silva Ma-  
chado Figueiredo.
- D. Marianna C. Ribeiro.  
— — — — G. Pereira de  
Braga.  
— — — — Notonha.  
— — — — — da Silva Ma-  
chado Figueiredo.  
Marquez de Fronteira.  
— — — — do Saldanha.  
M. F. da Costa.  
Miguel Ferreira da Costa.  
— — — — Fran.º Saldanha.  
— — — — João Coelho.  
— — — — Joaquim Pires.  
— — — — J.º Okeello, 2 Ex.  
— — — — M.º Gomes de An-  
drade e Leirós.  
M. J. M. Dautas, 2 Ex.  
M. T. H. de Brederode.  
N. H. Klingelhousei. 3  
Exempl.  
D. Nicasio Canete y Blo-  
ral.  
Nicolão Maria Nobre.  
Nicolão C. P.º Queiros.  
— — — S. James.  
Nuno José Gonçalves.  
Pedro A. N. Domingues.  
D. Pedió Cunha Meneses.  
Pedro Jacome de Calher-  
ros e Meneses.  
— — — José de Oliveira.  
— — — M.º Costa Almeida.  
— — — Paulo Ferr.º Sousa.  
— — — — Vasconcelos.  
— — — — P.º Moraes Saem.º

- Bacharel Pedro dos Santos Freire.  
Pedro de Silva Ferraz.  
— de Sousa Cardoso.  
P. G. Tousaint.  
P. M. Lagan. & Exempl.  
Prior da Magdalena.  
— de Marv.<sup>a</sup> de Sant.<sup>ea</sup>  
— du Milagre de Sant.<sup>ea</sup>  
Quintino Teixeira Carr.  
D. Quiteria da Silva Machado Figueiredo.  
Rafael Antonio de Brito Pimenta d'Almeida.  
— Archanjo de Carvalho e Irnão.  
Roberto Wanzzeller.  
Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara.  
— José Dias Lopes de Vasconcellos.  
— Límpio Rav.<sup>ea</sup> Pereira de Lacerda.  
Rosa Coelho de Gibraltar.  
D. Rosa Dinguiña Lopez Pereira de Vasconcellos.  
Sebastião André Xavier.  
— Casqueijo Vieira Gago.  
— — de Gargamela.  
— — J. Villaça Gama.
- Sebastião Xavier Botelho.  
Servulo M.<sup>a</sup> de Carvalho.  
S. J. de Gouvea.  
Silviano Christão Barros.  
Simplicio Moura Mach.<sup>do</sup>  
Tertuliano Turibio Lobato Pinto Ferreira.  
D. Thér.<sup>a</sup> Hedeviges Leite de Moraes Castilho.  
— — Maria Botelho.  
— — Miquelina Alves de Sousa.  
— — Theodora da Solidade Martins.  
— — Xarit Botelho.  
Thomaz Aq.<sup>a</sup> S.<sup>ea</sup> & Ex.  
— — Pinto Saavedra.  
— — Rufino Monteiro.  
Thoiné A. Fenz. Roso.  
Teicato Francisco Carr.  
D. Vasco Guterre Cunha.  
Vicente Altavilla.  
— — Pires da Gama.  
D. Vicente Sequeira Meneses.  
Victorino José Gomes.  
— — Manoel de Oliveira Mascarenhas.  
Visconde do Porto Covo.  
& Exempl.  
Vital Jorge Maia Castilho.

